



1902-SETEMBRO-1952

O MALHO



MODA E BORDADO EM SUA NOVA FASE • MODA E BORDADO EM SUA NOVA FASE • MODA E BORDADO EM SUA

DE Paris PARA VOCÊ...

modelos de vestidos
sugestivos
fascinantes
muito elegantes!
criados pelos mais
famosos figurinistas
parisienses
COM EXCLUSIVIDADE!



MODA e BORDADO

UMA PUBLICAÇÃO DA S. A. O MALHO
RUA SEN. DANTAS, 15 - 5.º ANDAR



e ainda

conselhos de beleza
receitas culinárias
decorações
e muitas outras
seções uteis!

A REVISTA QUE É UM FIGURINO... O FIGURINO QUE É UMA REVISTA!

Já em 1902 AS BOAS DONAS DE CASA SABIAM
ESCOLHER O MELHOR CAFÉ...



Econômico e delicioso, o Café Predileto está a venda em latas de 1 quilo e pacotes de 1/2 quilo de **NOVA EMBALAGEM** oferecendo, nas latas ou nos pacotes, o rendimento e a qualidade de uma fabricação perfeita, inteiramente mecânica. Em seu armazem, exija Predileto, para maior economia em cada pacote... e maior qualidade em cada xícara!



CAFÉ PREDILETO - O PREDILETO DE TODOS

O MALHO

MENSARIO ILUSTRADO

Edição da S. A. O MALHO

Diretores: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

OSWALDO DE SOUZA E SILVA

Preços das Assinaturas

Seis meses Cr\$ 30,00
Um ano Cr\$ 60,00
Número avulso Cr\$ 5,00
Número atrasado Cr\$ 6,00

EM TODO O BRASIL

Redação e Administração
RUA SENADOR DANTAS, 15 —
5.º andar — Caixa Postal 880 —
Teleg. 22-9675 e 22-0745

End. Teleg.: O M A L H O
Rio de Janeiro
BRASIL

ANO L N.º 152
SETEMBRO — 1952

NÚMERO COMEMORATIVO
— DO CINQUENTENARIO —

PREÇO DESTE
EXEMPLAR:
— CR\$ 10,00 —

A IDADE DA TERRA

O sábio professor Frederik Hechet e sua assistente Edith Krupa, de Viena, afirmaram que a Terra existe há já um bilhão e setecentos e trinta e cinco milhões de anos... ou talvez mesmo há um bilhão e oitocentos e vinte milhões de anos.

Chegaram a essa conclusão mediante a avaliação da idade das rochas e minerais, segundo a quantidade de matéria rádio-ativa que contêm, método conhecido com o nome de urologia rádio-ativa.

Experiências anteriores, do mesmo gênero, tinham dado resultados aproximados: portanto, os cientistas estão em acôrdo no afirmar que depois de sólido, nosso planeta já viveu cerca de dois bilhões de anos.



"O MALHO" NO PARANÁ

ACHA-SE A FRENTE DA REPRESENTAÇÃO DA S. A. "O MALHO" E DE SUA CADEIA DE REVISTAS NO PARANÁ, A NOSSA COLABORADORA,
D. EUGENIA MATTOS COUTINHO.



Jorge AZEVEDO

apresenta às terças-feiras
às 21,05 horas na
RÁDIO GUARANI
DE BELO HORIZONTE
1340 QUILOCICLOS

"VITRINE LITERARIA"

QUE FOCALIZARÁ NESTE MÊS RONALD DE CARVALHO, ADELMAR TAVARES, JUDAS ISGOROGOTA, OLAVO BILAC E ALCEU WAMOSY ATRAVÉS DE VIBRANTES RADIOFONIZAÇÕES DE SUAS VIDAS.

ALTO PATROCÍNIO DOS LABORATÓRIOS ENO-SCOTT

*Uma legítima
consagração...*

O apurado bom gosto de uma elite consagrou os perfumes franceses como os mais finos e raros... Esse mesmo agudo senso de seleção, peculiar aos que se distinguem pela elegância, deu aos cigarros Hollywood uma insuperável tradição de alta classe.



cigarros

hollywood

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ



Grande Hotel PRESIDENTE

Rua Pedro I, 19 - Tel. 52-4004
Junto à Pça. da Independência
Rio de Janeiro

XAVIER - J.L. 3

LEIAM

Ilustração 'Brasileira
DE SETEMBRO

A TRAÇÃO ATÔMICA — Dizem os físicos que se os cristais que compõem os metais se ligassem uns aos outros com a mesma força com que se juntam os átomos individuais, um cabo de aço de um centímetro de diâmetro suportaria com segurança uma carga de duzentos e oitenta e oito mil quilogramas, em vez dos vinte e um mil e seiscentos que pode suportar, caso seja constituído de numerosos fios cuidadosamente entrelaçados

TRIGO PRÉ-HISTÓRICO — Na região de Sussex, na Inglaterra, membros da Sociedade Arqueológica Brighton, descobriram um celeiro de trigo construído há cerca de vinte e cinco séculos, antes da fundação de Roma, em plena Idade do Bronze. De uma tumba enterrada no assoalho, foram retirados cinco quilos de trigo, sendo uma amostra enviada a um perito em cultivos pré-históricos para ser examinada. Os trabalhos de escavação prosseguirão por mais três anos naquele local, onde foram encontrados outras relíquias desses tempos remotos.



**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

○ melhor presente para o Futuro ○

Uma caderneta da

CAIXA ECONÔMICA

(Garantida pelo Governo Federal)

Depósito Popular 4% ao ano

Juros Semestrais

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

DO ESTADO DO RIO

Sociedade Madeiras do Sul Ltda.

RIO DE JANEIRO



AVENIDA RIO BRANCO, 108-8.º andar s/804

Telefone: 42-1340



**PINHO SERRADO
E BENEFICIADO**

CAIXAS DESARMADAS

**CUNHETES PARA
MUNICÃO E
EXPLOSIVOS**

Focalizamos o livro "BÔLOS ARTÍSTICOS" de Dolores Botafogo, que têm sido o maior sucesso de livraria, nesse genero. Em todas as esferas sociais a dona de casa, têm imenso praserem festejar as datas queridas dos

seus filhos, esposo, pais e amigos! Com esse livro ela terá ao alcance das mãos um verdadeiro professor que ensinará

como armar um lindo bôlo, com idéas originais, colorido e ornamentação adequados.



CAMARADAS

O senhor de Cosseul, que fôra amante da famosa Ninon de Lenclos, ficou despeitado quando esta, aborrecida de seus carinhos,

trocou-os pelos do célebre dançarino Pécourt. Certo dia encontraram-se os dois rivais na casa da mundana. Pécourt usava uma roupa muito semelhante a um uniforme militar, o que fêz com que o conde, para ridicularizá-lo, indagasse:

— Cavalheiro, em que corpo serve o senhor?

— Eu? — respondeu Pécourt, afastando-se com dignidade. — Eu atualmente comando o "corpo" em que vós também já servistes, durante algum tempo.

Contas de trapaça

EM todos os países, o empregado autorizado a despesas de representação ou de viagens, apresenta periodicamente ao seu empregador uma nota dessas despesas. E o empregador, geralmente, não examina com minúcia essa conta, mas reembolsa seu empregado, até generosamente. Isto é tão comum que nos Estados Unidos a nota de despesas se chama pitoresca e tradicionalmente "swindle sheet" ou seja "conta de trapaça"...

O nome pegou, e é agora usado em qualquer vislumbre de menosprêso ou diminuição. Passou ao léxico da língua. Faz lembrar — no inverso — uma outra palavra, e esta língua portuguesa, que, porém, depois de muito usada, geralmente deixou de ser empregada no sentido primitivo, mas ficou para significar a segunda acepção, a da "trapaça, intrujice, ladroei-ra, etc.". É a palavra "tratante". No principio, eram "tratantes" tôdas as pessoas que "tratavam" de negócios. Mas o fato é que "tratavam" com tanta falta de escrúpulo alguns, que a palavra "tratante" passou significar apenas o "negociante ladrão"... E agora se se chamasse a um negociante ou "tratador" de qualquer negócio de "tratante", a gente passaria um mau quartô de hora.

TAPEÇARIA BRASIL

CONFORTO — DISTINÇÃO — ECONOMIA
Decorações Modernas - Rua 7 de Setembro, 171 - Fone: 43-3002
VENDAS À PRAZO

NO CENTRO

à Av. Presidente Vargas, 509

...e onde quer que estejam os seus interesses no Rio, há uma agência do nosso banco a seu serviço. ★ De 9 às 18 hs. sem interrupção.

BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S.A.

Centro — Abolição — Bandeira — Castelo — Catete —
Copacabana — Irajá — Madureira — Meier — Penha —
Ramos — Santa Cruz — Tiradentes.

INCORPORAÇÕES

FINANCIAMENTOS

CONSTRUÇÕES

COMPANHIA

--DE--

Importações Industrial e Construtora

C. I. I. C.

INCORPORAÇÕES

JÁ REALIZADAS:

Edif. PRINCIPE: Av. N. S. de Copacabana, (Esquina Rua Constante Ramos)

Edif. PRINCEZA: Rua Barata Ribeiro (Esquina Rua República do Perú)

Edif. BORBAGATO: Av. Presidente Antonio Carlos, N.º 201

Edif. CLARIDGE: Av. Presidente Antonio Carlos, N.º 207

Edif. CENTRAL: Av. Presidente Vargas, N.º 421

Edif. SANTO ANTONIO: Rua Conde de Lage (Esq. Rua Taylor)

- BAIRROS RESIDENCIAIS COM CONJUNTOS DE CASAS OPERÁRIAS EM:

REALENGO — CAXIAS

JAPERÍ (PARQUE JORDAN)

PAVUNA — CAMPO GRANDE

COMPANHIA BRASILEIRA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS

INCORPORAÇÕES

JÁ REALIZADAS:

Edif. MAGUI: Rua Souza Lima, N.º 48

Edif. GLÓRIAMAR: Av. Augusto Severo, N.º 92

Edif. POÇOS DE CALDAS: Largo Paula Cândido (Esq. da Rua da Glória)

Edif. DONA FÁTIMA: Rua Barata Ribeiro (Esq. Rua República do Perú)

Edif. FINÚSIA: Rua República do Perú

COMPANHIA IMOBILIÁRIA INDUSTRIAL E COMERCIAL

INCORPORAÇÕES

JÁ REALIZADAS:

Edif. CHOPIN: Av. Atlântica, N.º 1.782

Edif. PRELÚDIO: Av. Atlântica, N.º 1.782

Edif. BALADA: Av. Atlântica, N.º 1.782

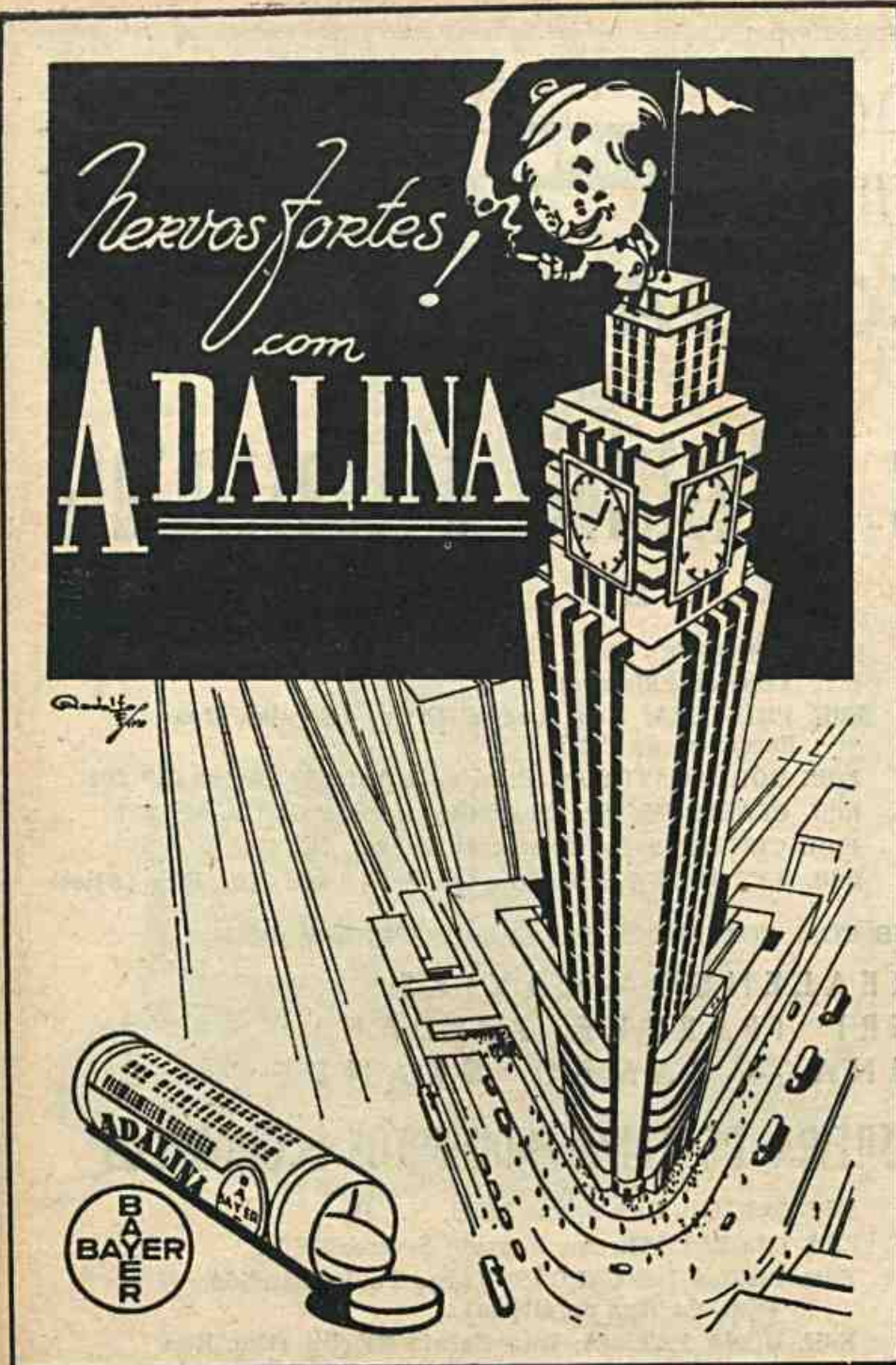
COMPANHIA IMOBILIÁRIA E COMERCIAL GÁVEA — PARQUE

LOTEAMENTO GÁVEA PARQUE — ESTRADA DA GÁVEA, N.º 142

- MAGNÍFICO BAIRRO RESIDENCIAL
- CONSTRUÇÃO DE CASAS RESIDENCIAIS

ESCRITÓRIOS:

**AVENIDA NILO PEÇANHA, N.º 155 — 4.º ANDAR
(EDIFÍCIO "NILOMEX") — TEL 52-0366 — (REDE INTERNA)**



"Castelo de Plumas"

Luiz Goulart, "doublé" de artista e poeta, enviou-me, com gentil "dedicasse" um exemplar do seu livro "Castelo de Plumas".

Goulart é um poeta moderno, que sabe fixar em imagens felizes, os aspectos da vida e os anseios da alma humana.

O seu livro é variado em metro livre, sem o hermetismo escolástico, sem rimas, e nele a idéia corre livre como a água de um riacho.

O "saltimbanco" é um poema humano, com uma quadra em rimas, em que o vate soube focar os ângulos opostos da vida no seu eterno dualismo: a glória e a dor.

"A dor" é um poema que lembra Oscar Wilde nos seus contrastes, no seu biformismo ideológico, em que Deus sorri e Satan gargalha.

Luiz Goulart é um poeta que sente a injustiça social, e, por isso, canta, em a sua lira, toda a angustia universal, com a intrepidez de um gladiador romano.

No aticismo da sua poética perfumada de violetas, o poeta canta as lindezas e a dores do mundo.

E' um vitorioso!

CLAUDINIER MARTINS

Banco Ribeiro Junqueira S. A.

SEDE: — LEOPOLDINA — ESTADO DE MINAS GERAIS. — FILIAL — Rua da Quitanda, 72 RIO DE JANEIRO. — AGÊNCIA — Rua Chile, 35 — RIO DE JANEIRO.

DEPARTAMENTOS: — Estado de Minas Gerais: — Argirita — Belo Horizonte — Bom Jesus do Galho — Caratinga — Francisco Sales — Inhapim — Itambacuri — Minduri — Morro Alto — Palma — Patrocínio do Muriaé — Pirapitinga — Porto Novo — Recreio — S. João Nepumuceno — S. Lourenço — Silvestre Ferraz.

Estado do Rio de Janeiro: — Areal — Barra Mansa — Cambuci — Campos — Cardoso Moreira — Carmo — Itaperuna — Miracema — Natividade do Carangola — Niterói — Pádua — Petrópolis — Porciuncula — Portela — Pureza — Rezende — São Fidelis — Sapucaia — Volta Redonda.

Estado de São Paulo: — Cachoeira Paulista — Presidente Bernardes.

Estado do Espírito Santo: — Mimoso do Sul — Muqui.

OPERAÇÕES: Depósitos - Remessas para o interior - Cobranças - Descontos - Cauções - Guarda de Valores.

A VIDA

Noiva pulcra do sol, entre galas e arminhos,
no holocausto do amor pela glória esponsal,
és a flôr estelar de celeste rosas,
arrastada no pé dos loucos torvelinhos.

Rosa do sonho, azul dos planetários ninhos,
ao cântico de luz do cavalheiro astral,
ergues, jovem, feliz, inspirada e aromal,
o calix do himineu no tálamo de espinhos.

E no êstase final de gênese em tumulto,
tombas ao limiar da tarde e do arebol!
e eis rui e rola no Orbe o cadáver sepulto!

Mas nas transmutações do lídimo crisol,
Phenix, ressurgirás na forma do teu culto,
áurea estrela floral, noiva pulcra do sol.

HILDEBRANDO MARTINS



CASPA! CABELOS BRANCOS!

use LOÇÃO XAMBU

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM A SUA COR NATURAL. ELIMINA A CASPA - ÊXITO GARANTIDO.

ADQUIRA O SEU EXEMPLAR ANTES QUE SE ESGOTE A EDIÇÃO
DO MAIS COMPLETO

VOCABULÁRIO TÉCNICO

P. J. BUECKEN

2.ª Edição
revista e au-
mentada de 5.000
novos termos!

Mais de 55.000
termos!

DE
UTILIDADE
PARA:

Estudantes de en-
genharia, de química
industrial, de eletricidade.
Arquitetos e engenheiros civis.
Técnicos de rádio, televisão e aeronáutica.
Mecânicos: Importadores, Exportadores. Físicos,
químicos, tradutores de trabalhos técnicos, etc.

PORTUGUÊS — INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO

976 páginas — Cr\$ 350,00

À venda em todas as boas livrarias

EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Milão: Av. 13 de Maio, 13 — 6.º andar — conj. 601/2

Caixa Postal 1617 — Tel.: 22-4090



PAIXÃO DE VELHO

Além de escultor, pintor e arquiteto Miguel Angelo Buonarroti foi também poeta, animado a isso por sua ligação com uma poetisa célebre — Vittoria Colona. E foi poeta de grande mérito, contando-se suas composições entre as mais belas da língua italiana. Apaixonou-se por Vittoria quando já era de idade muito avançada. Por isso, nosso Olavo Bilac, num soneto bellissimo, imaginou o velho gênio, desesperado de amor, desejando trocar tudo quanto possuía, toda a genialidade do seu cérebro e de sua mão, todas as obras com que enriquecera o patrimônio artístico da humanidade, a glória, o ouro, o poder, o pincel, o escopro, o camartelo, tudo, por um milagre — “morrer e renascer ardente moço, belo” e como o seu “David”, cheio de juventude, “aparecer sorrindo a Vittoria Colona”.

NOBRE DE FRANCE

PERFUME DA MODA
PERFUME QUE EMBRIAGA
FINO — SUAVE — DELICADO

Perfume que deixa
recordação e saudades
LOÇÃO — COLÔNIA — QUINA
Perfumaria Soberana Ltda.
ANDRADAS, 102 — RIO
Telefone: 23-2710



AGUA PURA
SAÚDE SEGURA
SO COM VELAS
ESTERILISANTES

SENUN

**Um por todos...
...todos por um**



Há empreendimentos que o homem não pode realizar isoladamente. A colaboração e o esforço conjugados são necessários nos mais diversos setores da atividade humana. Tomemos o exemplo de uma empresa, onde ocorrem problemas, como a proteção contra as incertezas do futuro, que só a união pode solucionar satisfatoriamente.

Foi pensando nesse imperativo social que A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL criou o seu plano de "SEGURO EM GRUPO", que proporciona ao pessoal de uma organização, através da união de empregados e dirigentes, todas as vantagens do seguro individual — segurança, amparo e tranquilidade — sob condições mais acessíveis.

Além dessas vantagens, o "SEGURO EM GRUPO" é isento de exame médico e carência, não está sujeito a descontos e impostos, oferecendo a milhões de homens um futuro mais garantido, proteção efetiva e permanente.

Consulte-nos, para todas as informações e esclarecimentos.

A EQUITATIVA
DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
Sociedade Mútua de Seguros de Vida
AVENIDA RIO BRANCO, 125 - RIO DE JANEIRO

ALTA MONTANHA

LIVROS E AUTORES

• RAUL DE AZEVEDO

A sátira constitui de certo um dos pontos altos dos talentos do poeta Heitor Pragner Fróes, médico e professor notável. Ele é um excelente bardo tocado de lirismo, e tem belos poemas, mas os seus talentos se desdobram também na ironia, pontilhada de graça. O seu livro do momento, ele tem muitos e bons, e *Meus poemas... dos outros* numa bela edição baiana. Traz prefácio do grande e admirável escritor que é Agripino Grieco aplaudindo, com justeza, a obra sadia.

Os epigramas felizes sucedem-se neste livro bem humorado, que mostra os valores desse homem de inteligência clara e cultura sólida que é Heitor Fróes, patenteando o seu bom gosto, o apuramento da linguagem, o verso bem feito, o sentido alto, a tradução feliz para o nosso idioma, de poemas e epigramas célebres de Martial, Ronsard, La Fontaine, Avers, com o seu soneto, Beaudelaire, Heredia, Kipling, Boiteau, Verlaine, e mais algumas dezenas de grandes nomes. E para outros idiomas faz a versão de poetas nossos, da língua portuguesa, Camões, Castro Alves, Raimundo Corrêa, Olegário Mariano, Gregório de Mattos, Raul Leoni, e tantos outros.

Esse autor ilustre coloca os originais em frente às suas versões, comprovando assim um merecimento incontestável. Grande poeta, magnífico e honesto tradutor, não traindo o "sentindo" dos autores, ele nos apresenta uma obra limpa e fidalga, selecionada, incorporada que fica na cultura brasileira.

Nome feito na literatura patricial, o sr. Heitor Fróes está de grandes parabens por nos dar um livro desta valia, que a crítica recebe festivamente para a continuação das glórias da Bahia famosa.

Alexandre dos Anjos, o escritor de *Proibição*, oferece-nos amavelmente o seu romance *Desajustado*. É um belo livro, que está constituindo merecido êxito. Espírito moderno, homem muito lido, este romance tem o problema das raças, através da observação e entendimento pessoal do autor. Romancista de recursos, conhecedor da boa linguagem, joga com as suas personagens dentro de diálogos felizes, numa trama segura. Os seus flagrantes

PÃO DE AÇÚCAR

O passeio das sensações! Sensação de orgulho pela obra científica do homem, dominando o espaço em uma via original e seguríssima. Sensação de patriotismo por se tratar de empresa exclusivamente brasileira. Sensação de deslumbramento na contemplação do panorama da cidade maravilhosa.

RESTAURANTE E BAR

O caminho aéreo funciona diariamente das 8 hs. às 22 horas, subindo o carrinho todas as horas e meias horas certas. Passagens: Cr\$ 6,00 até o Morro da Urca e mais Cr\$ 6,00 até o Pão de Açúcar. Gratis para crianças até 1,20m. de altura. Bonde: Praia Vermelha. Ônibus: para a Urca, ns. 13 - 47 e 106. "Urca N.º 13".

Informações pelo telefone: 26-0768



Um livro que é um
tesouro de encan-
tamento e bom
humor:

"A Namorada do Sapo"
de SEBASTIÃO FERNANDES
(2.ª edição)

Páginas alegres e empolgantes que prendem
a atenção de todas as crianças.

PEIDIDOS À S. A. "O MALHO" — RUA SENADOR DANTAS, 18
5.º ANDAR - RIO

Pequenos romances pelo Recombelo Postal. PREÇO CR\$ 10,00

LEIAM

Ilustração Brasileira



CENTRO LOTERICO
distribui verdadeiras fortunas
em bilhetes e epôlicas vendidos
em seu balcão,
na TRAVESSA DO OUVIDOR, 9

são bem desenhados, e as personalidades que vivem no livro se movimentam humanamente.

O escritor ilustre que é o sr. Dr. Alexandre dos Anjos nos oferece o seu segundo livro, que como o primeiro é um êxito marcante das suas brilhantes qualidades de bom romancista.

Um grande poeta nos oferece um grande livro, — Oliveira e Silva. *Uma estrela no amanhecer* é a confirmação dos seus talentos de poeta que nasceu poeta, além do prosador marcante e emotivo. Homem de profunda sensibilidade, o seu verso bem trabalhado, joelhado, é uma alegria sadia para o espírito.

Ele está em ascensão, desde as páginas sonhadoras da sua estréia com os *Cardos*, que saudamos então com entusiasmamos, com escalas vibráteis, em *Emoção*, *Horizonte*, *O poema da humildade*, *O voo interrompido*, até a glória definitiva de *Uma estrela no amanhecer*.

Ele tem a poesia espontânea que apresenta limada e escoreita, mas com uma profunda sensibilidade. Um exemplo da poesia fecunda e maravilhosa de Oliveira e Silva, *A porta aberta*:

A porta está intensamente aberta,
Horrendamente, absurdamente aberta.
Não sei se meu passo teria
Atravessando o seu limiar, um dia,
Em hora deserta.
Si minha dôr, ali, desabaria,
Desacordada, inconsolada,
Mas ficou o sinal de que, para sempre,
Não poderá voltar a ser fechada.
Porta desmedidamente aberta...
Tragicamente vazia!
Ou rebelde, bravía.

Serões e Vigílias é a confirmação dos valores dum dos nossos bons escritores Augusto de Lima Junior, um dos expoentes da Academia Mineira de Letras. Este seu bonito hino é dedicado carinhosamente aos seus nove netos, — a geração de amanhã. Poeta e prosador inspirado, estas magníficas páginas nos alegram e comvem muita vez. Um belo capítulo é de ecrito *Teoria e pratica da velhice*, assim como *Corpo e alma de Ouro Preto* *Quando os ipês florescem*, e tantos outros. Interessante o capítulo *Modernismos*.

Augusto de Lima Junior, um dos grandes nomes de Minas Gerais, escreve com simplicidade e elegancia, a a idéia alta. Este seu livro excelente, marca a continuação feliz dos seus exitos.

Outros livros, uma dezena, ficam aguardando espaço para deles nos ocuparmos.



O MEU SEGREDO!

O uso das PASTILHAS MINORATIVAS restituiu-me a alegria e bem estar. Esse produto é um laxativo suave para todas as idades. Siga o meu conselho e tome

Pastilhas **MINORATIVAS**
CONTRA A PRISÃO DE VENTRE

EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASELLA LONDON"
HORS CONCOURS

ARTIGOS PARA ESPORTES
Futebol, Basquetebol, Voleibol, Tênis e Patins —
Roupas de banho — Calçados Tênis e Encordoamentos de Raquetes.

CASA SPANDER
120 — RUA BUENOS AIRES, 120 — TEL. 23-5403
PEÇA CATALOGO GRATIS
REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL

Codeinol

ONTRA BRONQUITES, ASMAS, TOSSES, ROUQUIDÃO E COQUELUCHE

— nunca falha! —

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

(SOCIEDADE ANONIMA)



Todas as operações bancárias



Capital e Reservas

Cr\$ 76.000.000.00



Rua da Alfandega, 50

Telefone 43-2925

AOS SOFREDORES.

*Somente os metais bons lança o alquimista,
Ao calor do cadinho que transforma,
Enrubescendo, a lhe fazer a vista,
A matéria que dentro se deforma.*

*Que se dilue, do fogo, à rubra crista,
Mas que renasce em resplendente forma!
Dos máus metais, porém, a grande lista,
Desprezar toda, é sua sábia norma!*

*Assim é Deus. Este alquimista eterno,
Que escolhe dentre as almas — puras,
Formadas de metal bem doce e terno!*

*E p'ra levá-los do ouro, às sãs alturas,
As precipita então no rubro inferno,
Do cadinho da dor, entre as torturas!*

THOMAS BULHÕES

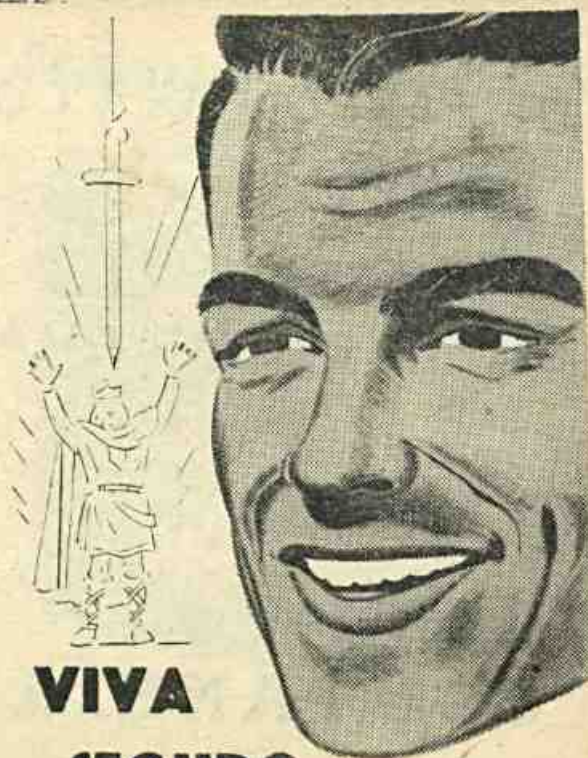
**Por mulher não se aborreça,
ÓLEO DE LIMA é pra cabeça!**



Seja também feliz
usando ÓLEO DE
LIMA, que amacia os
cabelos sem empas-
tar, facilitando o pen-
teado. ÓLEO DE LIMA
é um produto cienti-
ficamente preparado,
sem goma nem gor-
dura.



OLEO DE LIMA



**VIVA
SEGURO
DE SI MESMO!**

A segurança, na vida, depende do
equilíbrio espiritual.
Adquira esse equilíbrio atra-
vés da segurança de uma

APÓLICE DA MINAS-BRASIL

Companhia de Seguros
MINAS-BRASIL
SEGUROS DE VIDA

**Acidentes do Trabalho e Acidentes Pessoais
Incêndio - Transportes - Seguros Coletivos**

SEDE: BELO HORIZONTE — MINAS
RIO: AV. 13 DE MAIO, 23 — 23º ANDAR

REALISE O SEGURO DE VIDA
COLETIVO DE SUA FIRMA
NA CIA. MINAS — BRASIL

- FERRO PARA CONCRETO ARMADO
- ARAMES
- TUBOS GALVANIZADOS



COMPANHIA SIDERÚRGICA BELGO = MINEIRA



Escritório Central

AVENIDA AFONSO PENA, 981-3.º andar

Fone: 4-0220

Escritório Central de Vendas

AVENIDA NILO PEÇANHA, 26-5.º andar

Fone: 22-1970

RIO DE JANEIRO

SUTILEZAS PSICOLÓGICAS

A recusa daquele cavalheiro foi polida mas firme: — Sinto muito, — disse à moça que lhe queria vender bilhetes de um concerto em benefício de obras de caridade. — Não poderei assistir ao concerto, mas a sua finalidade é muito meritória, por isso, creio que lá estarei presente em espírito.

— Ótimo! — exclamou a jovem. ... E acrescentou: — Que cadeira quer que reserve para seu espírito? De 50 ou de 100 cruzeiros?

Amavelmente o cavalheiro respondeu:

— Reserve uma de 100.

A GRATIFICAÇÃO

UMA excursionista muito rica perdeu um cãozinho de estimação durante uma parada numa pequena cidade. Cnsternada, ela mandou para a seção dos "Perdidos e Achados" do jornal local um anúncio, prometendo a gratificação de dois mil cruzeiros a quem descobrisse.

No dia seguinte voltou à redação para ver se o anúncio tinha dado resultado, mas lá só encontrou um empregadinho.

— Meu Deus! onde estão as pessoas do jornal! — perguntou ela impaciente.

— Sairam todas, senhora, para procurar seu cachorro.

Cordura de Côco Carioca



Produto da

CIA. CARIOCA INDUSTRIAL

RUA 1.ª DE MARÇO, 6 - 10.º and. - Tel. 23-2010

Rio de Janeiro

Banco Mercantil de Niteroi S.A.

MATRIZ

RUA DA CONCEIÇÃO, 53 — NITEROI

FILIAL

RUA 1.º DE MARÇO, 29 — RIO DE JANEIRO

Departamentos em Rio Bonito e Cabo Frio

DEPÓSITOS — DESCONTOS — COBRANÇA

ADMINISTRAÇÃO DE TÍTULOS E PROPRIEDADES

CÂMBIO E COBERTURA DE CRÉDITOS



NUTRION é bom em todas as idades. Fortifica, nutre e alimenta. **NUTRION** contém ferro, arsênico e fósforo. Bom para os músculos, o sangue e os nervos.

Nutrition

FAZENDO UM BARÃO

POR ocasião da sua viagem ao Paraná, foi Pedro II hospedado em Ponta Grossa, por um fazendeiro rude, mas trabalhador e leal, o qual, ao oferecer um almoço ao monarca, fê-lo, sem maiores cerimônias, nos seguintes termos:

— Senhor Imperador! Eu podia ter mais alguma cousa; podia ter matado mais uma vitela, mais um peru; mas preferi assinalar por outro modo a vossa passagem por esta terra e a honra de vir a esta sua casa; libertei todos os meus escravos (cerca de setenta) e peço a Vossa Majestade o favor de lhes entregar as cartas de liberdade!

Este fazendeiro mostrava que nem sempre os senhores de escravos eram maus.

Ao chegar à Corte, levou o Ministro do Império ao Soberano os decretos distinguindo as pessoas que o haviam homenageado na excursão, cabendo ao fazendeiro paranaense o oficialato da Ordem da Rosa.

— Isso é pouco para esse benemérito, — declarou o Imperador; — faça-o barão.

— Mas, Majestade, — obtemperou o ministro — ele é quase um iletrado.

— Não será o primeiro, — tornou o Imperador; — e com a circunstância de que é um homem muito digno.

E imperativo:

— Mande-me o decreto fazendo-o Barão dos Campos Gerais.

INDUSTRIAS GRAFICAS "LUXO"



J. T. SALGADO

Rua Visconde Inhauma, 101

RIO DE JANEIRO

Tel 43-3292

Mudanças

LOCAL OU
LONGA DISTÂNCIA!

GUARDA - MOVEIS



GATO - PRETO

R. DA PASSAGEM, 120

TEL. 26-8899

A MAIOR ORGANIZAÇÃO NO GÊNERO

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

NO DISTRITO FEDERAL:—

RUA DA ASSEMBLÉIA N.º 31

Telefone: — 32-2274

— SERVIÇO BANCÁRIO —

RÁPIDO—EFICIENTE—SEGURO

— O —

DEPARTAMENTO DE DEPÓSITOS

é possuidor de perfeita organização e dotado das mais modernas máquinas existentes e está habilitado a

RECEBER DEPÓSITOS ou PAGAR CHEQUES

dentro de poucos minutos, e sem a menor espera.

AGÊNCIAS:

Adamantina
Amparo
Anápolis (Goiás)
Andradina
Araçatuba
Araraquara
Araras
Atibaia
Avaré
Barretos
Batatais
Baurú
Bebedouro
Birigui
Botucatu
Bragança Paulista
Brás (São Paulo)
Caçapava
Campinas
Campo Grande (M. Grosso)
Campos do Jordão
Casa Branca
Catanduva
Franca
Gália

Goiânia (Goiás)
Guaratinguetá
Ibitinga
Itapetininga
Itapeva
Itú
Ituverava
Jaboticabal
Jaú
Jundiaí
Lençóis Paulista
Limeira
Lins
Lucélia
Marília
Mirassol
Mogi-Mirim
Novo Horizonte
Olimpia
Ourinhos
Palmital
Penápolis
Pinhal
Piracicaba
Pirajui

Pirassununga
Presidente Prudente
Presidente Wenceslau
Quatá
Registro
RIO DE JANEIRO (D. F.)
Ribeirão Preto
Rio Claro
Santa Cruz do Rio Pardo
Santo Anastácio
Santos
S. Bernardo do Campo
S. Carlos
S. João da Boa Vista
S. Joaquim da Barra
S. José do Rio Pardo
S. José do Rio Preto
S. Simão
Sorocaba
Taubaté
Tietê
Tupã
Uberlândia (Minas)

Economise tempo e dinheiro tratando
seus dentes pelo sistema americano

DENTADURAS MODERNAS QUE
NÃO SE DESPRENDEM DA BÓCA

Mesmo nos casos mais desanimadores, aderência imediata, tanto na superior como na inferior. Oferecemos seguras garantias do trabalho executado. Correção de defeitos não demoramos com o serviço.

Pontes móveis (Roche) americanas em Royaloy, a preços populares. AS ÚNICAS QUE PERMITEM PERFEITA HIGIENE DA BÓCA. Não arranque seus dentes para chapa sem primeiro pedir orçamento para ponte móvel, executadas em DUAS VISITAS APENAS.

CONSULTAS E ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO.

Laboratório próprio dotado de maquinária e pessoal especializado em prótese de precisão. Em casos especiais Dentaduras em um dia apenas. Concursos em trinta minutos.

FACILIDADE DE PAGAMENTO
Obturações, Pontes em ouro, Raios X

CLÍNICA DENTÁRIA DO

Dr. N. Izidoro

Rua Elpidio Bôa Morte, 285 - Sob. — Tels.: 48-8765 e 48-1073
(próximo ao SAPS da Praça da Bandeira)

A apresentação deste anúncio dá direito a uma
CONSULTA GRÁTIS

A lenda brasileira da mandioca

ZATIAMARE e sua mulher. Kôkôtêro, tiveram um casal de filhos: um menino Zôkôôîê, e uma menina, Atiôlô. O pai amava o filho e desprezava a filha. Se ela o chamava, êle lhe respondia por meio de assobios; nunca lhe dirigia a palavra.

Desgostosa, Atiôlô pedia a sua mãe que a enterrasse viva, visto como assim seria útil aos seus. Depois de longa resistência ao estranho desejo, Kôkôtêro acabou cedendo aos rogos da filha, e a enterrou no meio do cerrado. Porém, ali não pôde ela resistir, por causa do calor, e rogou que a levasse para o campo, onde tampouco se sentiu bem. Mais uma vez suplicou a Kôkôtêro que a mudasse para outra cova, esta última aberta na mata; aí sentiu-se à vontade. Pediu, então, à mãe que se retirasse, recomendando-lhe não volvesse os olhos senão quando ela gritasse.

Depois de muito tempo gritou: Kôkôtêro voltou-se, rapidamente. Viu no lugar em que enterrara a filha um arbusto muito alto, que logo se tornou rasteiro, assim que se aproximou. Tratou da sepultura. Limpou o solo. A plantinha foi-se mostrando cada vez mais viçosa. Mais tarde Kôkôtêro arrancou do solo a raiz da planta: era a *mandioca*.

USEM PAPEL COUCHÊ NACIONAL
KLABIN

900 milhões de habitantes!

Segundo o Instituto Internacional de Estatística de Turim, o Brasil é o maior império territorial do mundo em terras aproveitáveis, podendo nêle viver, futuramente, 900 milhões de habitantes!

Em 2.º lugar, vêm os Estados Unidos, que comportarão 500 milhões, e em 3.º lugar a Rússia, na qual poderão coexistir 200 milhões de criaturas humanas.



Esse futuro ainda está longe...



...mas, já no presente, o imenso Brasil, com seus 50 e poucos milhões de habitantes e seus 8.500.000 quilômetros quadrados de superfície, tornou possível e indispensável a existência de uma empresa de aviação de comércio como a **Cruzeiro do Sul**, que, num quarto de século de atividade, se fez, pelo seu vertiginoso crescimento, o índice mais expressivo e o instrumento mais eficaz da grandeza nacional.

Serviços Aéreos
CRUZEIRO DO SUL



1927-1952

Rêde aérea cobrindo toda a extensão do território brasileiro, com derivações para a Argentina e a Bolívia.
Informações: Av. Rio Branco, 128 - tel. 42-6060 - Av. Nilo Peçanha, 26A - tel. 32-7000

Companhia de Seguros

ALIANÇA DA BAHIA

Seguros de Incendio, Transportes e Acidentes Pessoais

CIFRAS DO BALANÇO DE 1951

Capital e Reservas	Cr\$ 144.563.483,10
Receita	Cr\$ 137.873.010,10
Ativo em 31 de Dezembro	Cr\$ 241.966.649,00

Sinistros pagos nos últimos 10 anos Cr\$ 230.584.748,20

Séde: SALVADOR, Estado da Bahia

DIRETORES:

Dr. Pamphilo Pedreira Freire de Carvalho — Presidente
Dr. Francisco de Sá
Anísio Massorra
Dr. Joaquim Barreto de Araujo
José Abreu.

Agência Geral no Rio de Janeiro:

Rua do Ouvidor, 66 e 68

Telefone: 43-0800 —

Gerente: Arnaldo Gross

O TOPETE DOS ANTÔNIOS

Parece que é sina dos Antonios não terem papas na língua. E as vezes nem nos atos. Porque? Talvez porque o nome de Antonio vem de **Anthon**, que quer dizer Hercules em grego. Daí os Antonios, mesmo quando sossobrarem trabalhos do Nemeita, sobraram no seu denodo — Digo e provo.

Santo Antonio de Lisboa, na Basílica de S. Pedro, tendo o pontífice mandado que se piasse o lugar da parede onde estava pintada a sua imagem, para substituí-la pela de S. Gregório, não conteve os arrancos do temperamento e virou **bicho** com os seus destratores. Eis como Viera conta o episódio:

"Foi o caso, que subindo o pedreiro para picar a parede, levantou (diz a história) o picão, e dando o primeiro golpe **in capitis**, no capelo do Santo, êle despregou a mão pintada, e deitando a rodar o pedreiro, e o andaime com um fracasso, que fez tremer toda a basílica, meteu outra vez a mão na manga, e defendendo desta sorte o seu posto, ninguém se atreveu mais a tirar dêle. E o fradezinho menor, que não cede o seu lugar, nem a um santo, como S. Gregório papa, nem por mandato de outro papa: e que tanto que lhe tocam e o picam; dá com tudo a rodar; e que à primeira picada não espera pela segunda porque não sabe levar duas em capelo; pintado português será êle, mas Santo, isso não".

O JURAMENTO DO MÉDICO

O juramento de Hipócrates, apesar de sua antiguidade — 2.400 anos — constitue ainda para os profissionais um código de honra.

"Juro por Apolo, por Esculápio, por Higéa e Panacéa, por todos os deuses e deusas do Olimpo, os quais tomo por testemunha, cumprirêste juramento, segundo minhas capacidades e meu poder. Considerarei como pai aquêle que me ensinou a medicina; com êle partilharei meus bens, se êle precisar; ocuparme-ei de seus filhos como se fossem meus irmãos e se êles quizerem aprender a medicina, ensinar-lhes-ei sem remuneração.

Prescreverei aos doentes o regime que me parece mais conviniente e proibirei tudo que for nocivo.

Nunca darei veneno a ninguém que me peça.

Conservarei pura a minha vida e exercerei minha arte como homem de bem. O que eu tiver visto ou ouvido no exercício de minha profissão, considerarei um segredo que não deve ser revelado.

Se eu cumprir meu juramento seja a minha vida feliz e respeitada, no presente e no futuro. Se o violar aconteça-me o contrário.



Precisam de ar livre, vida sadia, horas certas de sono e alimentação adequada. E quando estiverem com tosse, ou atacados de bronquite ou coqueluche, precisam de **BROMIL**, o xarope gostoso. **BROMIL** é ideal para crianças. **BROMIL** solta o catarro, facilita a expetoração, dá alívio e bem-estar. Tenha sempre em casa um vidro de **BROMIL**, bom para o filhinho e para toda a familia.

Há quasi
UM SÉCULO
Milhares de homens
em todo o Brasil
preferem este
calçado

AGORA
elegante
modelos
de
estação



Calçado SOUTO

Conforto
máximo
Garantia
absoluta

BROMIL

CIA. INHAÚMA DE PAPEIS, PAPELÃO E ARTEFATOS

Fábrica de Papel e Papelão

Avenida Automóvel Clube, 361

EDIFÍCIOS PRÓPRIOS

ESCRITÓRIO CENTRAL

AV. AUTOMÓVEL CLUBE, 361

TELEFONES: 29-0735 — 29-3432 — 49-8421

END. TEL. "CINHAÚMA" —:— RIO DE
JANEIRO

FÁBRICA DE CAIXAS E CARTONAGENS
FINAS

FÁBRICA DE SACOS DE PAPEL E PRATOS
DE PAPELÃO

OFICINAS GRÁFICAS

AV. AUTOMÓVEL CLUBE, 361

ACORDANDO OS LORDS

Um lord letrado gostava de fazer conferência em Londres. Certa vez em uma de suas conferências ocupava-se de ciência. O assunto era árido para aqueles cavalheiros que preferiam as conversas dos bars e os jogos dos clubes.

Quando o orador percebeu que o sono invadia o auditório, deu um murro na mesa e disse:

— Vou contar uma anedota.

Todos riram muito e se dispuseram a ouvi-lo novamente.

Todos riram muito e se dispuseram a ouvi-lo novamente.

Mais duas vezes o sono chegou e o orador repetiu a mesma façanha e assim conseguiu o seu desejo — fazer-se ouvir até o fim.



HENRI IV EM PAU

PAU é uma linda cidade de França banhada pelo rio Pau. Tem um castelo histórico e é a capital do Bearn. Fala-se o "patois". É o berço de Gaston de Foix, de Henri IV e de Bernadotte, Marechal de França, que se tornou rei da Suécia.

Um dia o rei IV foi visitar sua terra natal. Foi recebido pelo *Maire*. Este tirou um pacote de papel com um longo discurso que levou cinco semanas a preparar. E assim começou:

— Não atiramos à sua chegada por 13 razões: a primeira porque não tínhamos pólvora...

O rei, risonho e condescendente:

— Estou satisfeito e não precisa mencionar as outras razões. Abraço a todos e louvo a sua bondade. Vejamos a cidade...

Ferragens Malta Irmão S. A.

Rua de São Bento, 30

Tele. 23-5900 — (rêde interna)

End. Tlegr. — "Maltirmão"

ESPECIALISTAS EM PARAFUSOS — PORCAS — REBITES —

MATERIAIS PARA ESTRADAS DE FERRO E OFICINAS



**ATÉ 100.000
CRUZEIROS**

O LIMITE DOS
DEPÓSITOS
POPULARES
COM JUROS

NA

CAIXA ECONÔMICA DO RIO DE JANEIRO

A Caixa Econômica elevou de 50.000 para 100.000 cruzeiros o limite dos depósitos populares com juros, movimentados nas tradicionais cadernetas azuis. Até o limite de 100.000 cruzeiros, os depósitos populares rendem juros superiores a 4 ½% ao ano, automaticamente somados no fim de cada semestre, aos saldos dos depositantes.

Os depósitos populares podem ser movimentados em qualquer das Agências da Caixa Econômica nos bairros, desde Santa Cruz a Copacabana. Basta que o depositante, ao abrir a caderneta, solicite a remessa de sua ficha de assinatura para as agências em que queira depositar ou retirar as suas economias.

Em caso de mudança de bairro e desejando fazer o movimento da caderneta na agência mais próxima da nova residência, o depositante pedirá à agência onde tem firma a transferência da ficha de assinatura para a agência do seu agrado.

Os depósitos e as retiradas são feitos em poucos minutos, com a simples apresentação da caderneta e da guia de movimentos, devidamente preenchida, conforme as indicações impressas. Funcionários diligentes estão à disposição do público para esclarecê-lo sobre qualquer dúvida no preenchimento das guias de depósitos ou retirada.

SOCIEDADE ANÔNIMA
MARVIN

•

Fundição e Laminação de metais e depósito de ferro,
aço e metais — Fábrica de pregos, parafusos, porcas,
dobradiças, fios, cabos de aço e de cobre, tachas,
rebites, e arestas de ferro, cobre e latão. — Canos de
chumbo e chumbo em lençol, fita e fios.

COBRE E LATÃO EM LINGOTES, VERGALHÕES,
— ARAMES, CHAPAS E TIRAS. —

•

FONE: 30-3800

Endereço Telegráfico: — MARVIN — RIO

Aven. dos Democraticos, 207

RIO DE JANEIRO



O MALHO surgiu quando as picaretas de Pereira Passos começavam a demolir alguns re-
dutos da velha metrópole colonial e na vida urbana se abriam clareiras para uma exis-
tência menos fechada do que a que herdamos do Império. A rua do Ouvidor continuaria a
ser por longo tempo a fora, a artéria favorita dos desfiles da elegância, o ponto das con-
versas de porta de livreria, à passagem obrigatória dos políticos e a sede da maioria dos
grandes órgãos de publicidade. Rasgou-se a Avenida Beira-Mar, o ponto de início da
arrazou-se o Castelo, alargou-se a Avenida Rio Branco — Central de início
vacina obrigatória, Oswaldo Cruz acabou com a variola e a febre amarela, desaparecem
os quiosques do barão de ibirocaí, os bondes de burros foram substituídos pelos elétricos,
os trens da Central passaram também a ser de tração elétrica, ergueu-se a estátua de
Cristo no alto do Corcovado, o Pão de Açúcar tornou-se acessível por um bondinho de
suspensão de um fio, Copacabana, Ipanema, Leblon, povoaram-se de arranha-céus, e a
população que era de pouco mais de seiscentos mil habitantes, ascendeu a perto de três
milhões. Duas revoluções graves precederam a de 30 que alterou profundamente a fisio-
nomia política do país e ainda não terminou a sua acomodação com os homens e as cou-
sas da Nação. Meio século, e a nacionalidade caminha para o futuro sem perder a noção
do passado. Uma comemoração como esta tem de ser, inevitavelmente, um acôrdo da sau-
dade com a esperança, a evocação do dia de ontem ligada à confiança no dia de amanhã...

O MALHO

SEMANARIO HUMORISTICO, ARTISTICO E LITTERARIO



Redacção: Rua do Ouvidor N. 125

NUMERO AVULSO 200 RS.

CAPA DO PRIMEIRO NÚMERO DE "O MALHO"

ESTA figura magnífica de hercúleo forjador, Crispim do Amaral, desenhando a primeira capa de "O MALHO", colocou o seu auto-retrato.

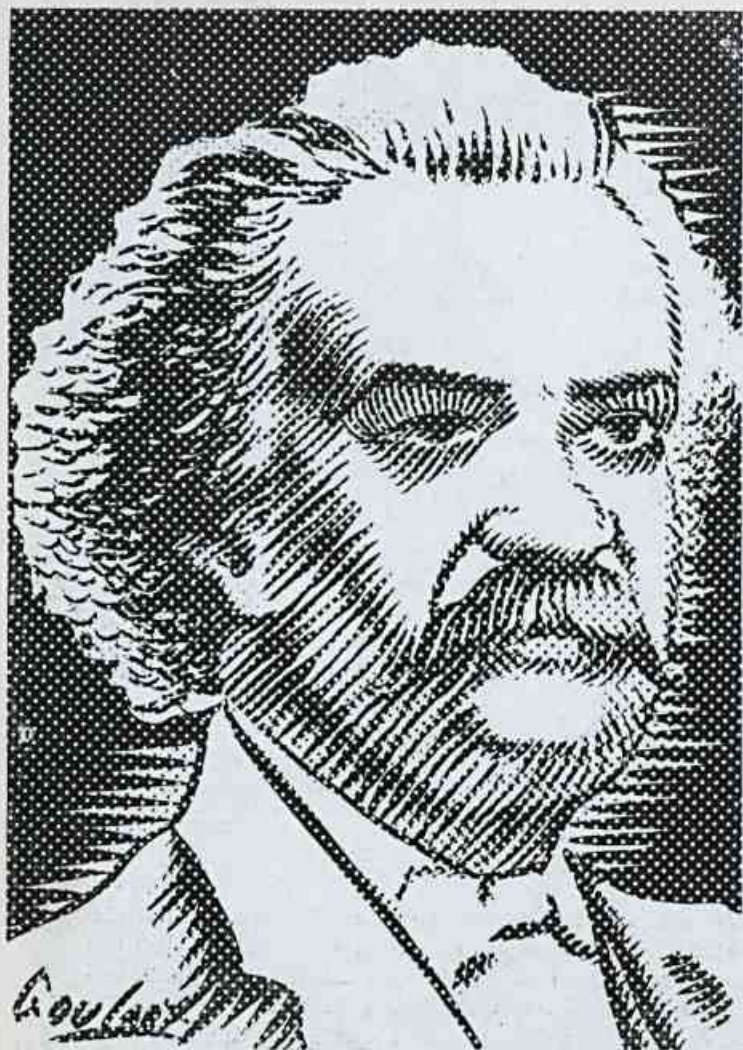
Na força do gesto e do traço, o grande desenhista aponta o roteiro humorístico, artístico e literário que "O MALHO" seguiria daquela data, 20 de Setembro de 1902, até hoje, 20 de Setembro de 1952.



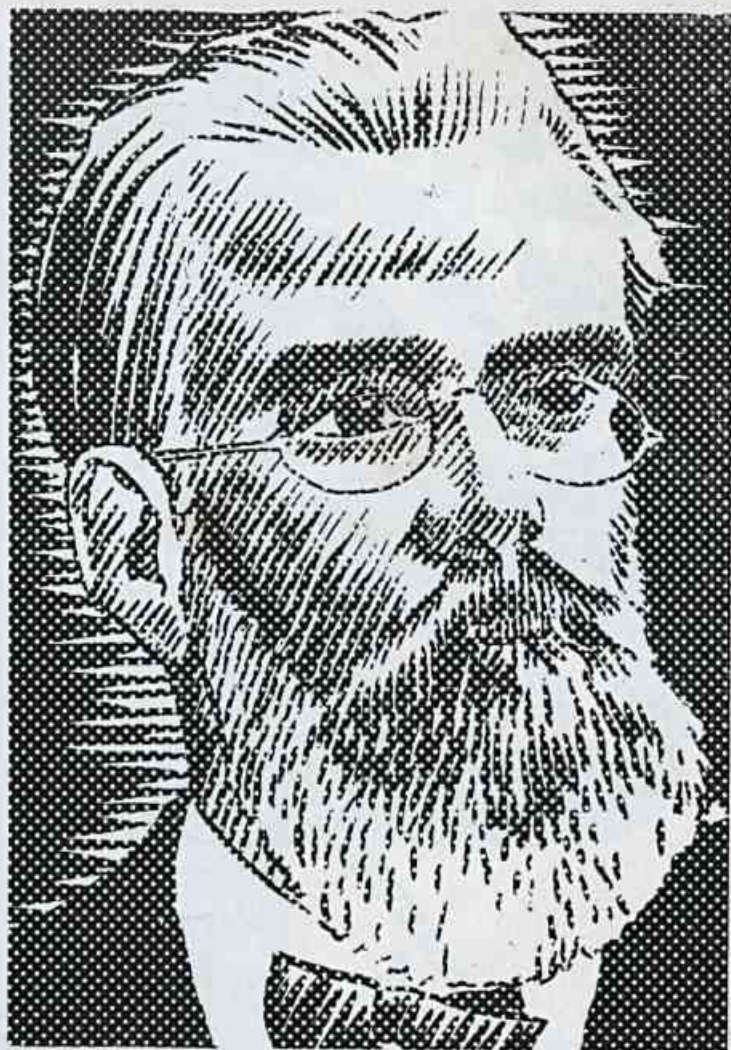
Biografia de O MALHO

O "O MALHO" nasceu a vinte de setembro do ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil novecentos e dois. Por pouco abria os olhos com o século que amanhecia. Mas ainda assim a sua data natalícia coincide com duas outras de importância, uma européia, a da tomada da Porta Pia pelas forças de Garibaldi e de que resultou a unificação da Itália; a outra local, carioca, pois a vinte de setembro também, naquela época, se festejava a antiga lei orgânica do Distrito Federal. Vinhamos, assim, com a responsabilidade de uma efemeride ilustre a nos marcar obrigações tremendas para com o público. E a verdade é que nunca desmentidos o bom conceito dos primeiros dias, desde aqueles tempos em que inaugurávamos uma atividade nova no mundo jornalístico brasileiro, sob a regência de Crispim do Amaral e de Luiz Bartolomeu de Souza e Silva, o primeiro um grande caricaturista que regressara de Paris onde brilhara e fizera escândalo com a irreverência de seu lápis audacioso, e o segundo um grande espírito de administrador que tinha sob o seu comando "A Tribuna", vespertino que dividia com a "A Notícia" as glórias da imprensa da tarde naqueles dias. Alcindo Guanabara dirigira a "A Tribuna" a que o senador Antonio Azeredo imprimia orientação política. Mas o que importa ao caso, neste momento é o "O Malho". Crispim do Amaral tivera de abandonar a metrópole francesa porque publicara um desenho desrespeitoso à rainha Vitória da Inglaterra. Nada menos do que a soberana eminente recebendo chineladas do general boer Paulo Kruger. Calixto Cordeiro que entrou logo para "O Malho" e continuou a obra de Crispim, informa que o desenho que irritou os ingleses e os levou a pedir a expulsão do caricaturista, era de Villete, um francês, e que o nosso patricio apenas o assinara para assumir-lhe a responsabilidade. De qualquer maneira, entretanto, que se tenha verificado o episódio, o certo é que Crispim do Amaral fora mesmo convidado pelo governo de França a deixar o território francês e nessa ocasião o seu nome era aqui objeto de vivos comentários. E "O Malho" começava a sua vida sob a regência desse mestre.

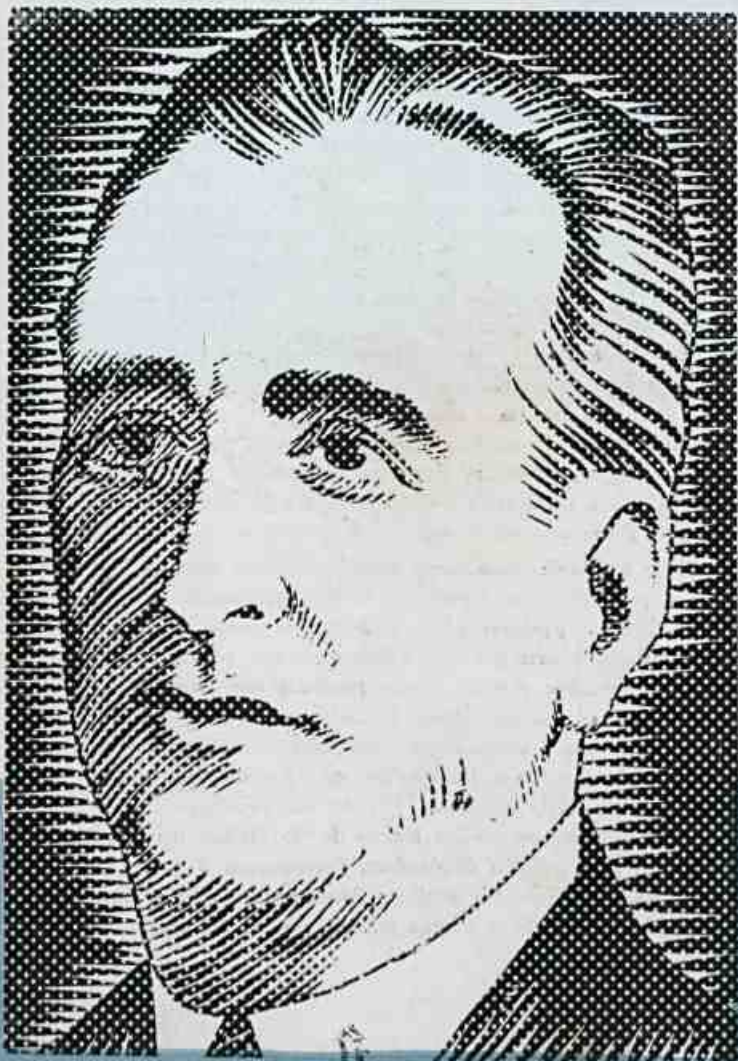
Muita coisa importante teria de acontecer nesse longo período de meia centuria. Em todos os acontecimentos sociais e políticos desse espaço de tempo era natural que "O Malho" entrasse com a sua crítica. Desde o governo Campos Sales até os que o sucederam, nenhum deixou de sentir os efeitos dos vesicatórios que aplicávamos aos acontecimentos nacionais através a caricatura e o comentário irônico. Nomes preclaros nas letras e nas artes teriam lugar destacado nestas páginas. Calixto e Raul, J. Carlos e Gil, Ramos Lobão e Storni, Yantok e Cicero Valadares, Ariosto e outros muitos caricaturistas de envergadura, e Angelo Agostini, que vinha da monarquia com a tradição de sua "Revista Ilustrada" e de "D. Quixote", passaram por aqui com traços luminosos. Um dia um presidente da Câmara dos Deputados pediu demissão do posto porque um boneco de "O Malho" lhe fizera sentir a influência misteriosa de uma força política dominadora. Referimo-nos à queda de Sabino Barroso, ao tempo de Afonso Pena, quando Pinheiro Machado impunha ao Brasil o seu império de grande caudilho. E Azeredo, seu lugar tenente era um dos inspiradores de "O Malho".



Crispim do Amaral



Alcindo Guanabara



José Pimenta de Melo

No início eramos apenas dois "O MALHO" e "A TRIBUNA". Mas logo em seguida vieram outras publicações da mesma empresa: a "Ilustração Brasileira" que já conta quarenta e três anos, "O Tico-Tico" e seu "Almanaque" para crianças e a "Leitura para todos", mensário nos moldes do famoso "Je sais tout" francês. A Luiz Bartolomeu sucedeu a firma Pimenta de Mello que acrescentou o número de revistas já existentes com mais estas: "Para todos", "Moda e Bordado", "Cine Arte" "Eu vi". Falecido José Pimenta de Melo a maioria das ações da Sociedade Anônima passou aos irmãos Antonio, Oswaldo e Luiz de Souza e Silva, sobrinhos de Luiz Bartolomeu, já ligados aos trabalhos da casa. Com essa nova direção que



Luiz Bartolomeu de Souza e Silva



Antonio Azeredo

permanece até hoje, cresceu o contingente de revistas de vários gêneros, e surgiram mais "Tiquinho" para meninos, "Cirandinha", para meninas, "Arte de bordar", "Biblioteca Infantil de o "Tico-Tico", "Biblioteca da Arte de Bordar". E os almanaques para a infância, e o "Anuário das Senhoras". Uma variedade imensa de revistas que se dirigem a um público espalhado pelo Brasil e por toda a América.

Cincoenta anos na vida humana representam um passo para a velhice. Na existência de um órgão de publicidade que procura estar sempre em dia com o presente eles são apenas um sinal de antiguidade cronológica porque as suas forças se renovam constantemente.

Antonio A. de Souza e Silva



MEIO século de clínica e meio século d'O *Malho*; meio século de trabalhos profissionais e meio século de alegria humana, carioca, eis a história destas páginas.

O *Malho*, fez muita gente sorrir; e meio século obrigou-me a trabalhar em torno de deveres profissionais. Era eu jovem e muita vez sorri diante dos grandes jornalistas e caricaturistas do Rio de Janeiro.

O *Malho* começou como semanário humorístico, na rua do Ouvidor, perto da parte final do encanto da nossa gente, que preferia a rua estreita, para a elegância das nossas distrações.

Em 1902 iniciava a graça, de caráter popular, dirigido por Crispim do Amaral, nordestino místico e gracioso nas chalaças caricaturais. Vieram depois Lobão, J. Carlos, Storni, Vasco Lima, Luz



Antonio Austresilo, num desenho de Alvaro de Barros.

MEIO SÉCULO DE BIGORNA...

Loureiro, Ariosto Duncan, Luiz Peixoto, Luis Sá, Guevara, Theo, Martiniano, Goulart, Karloff e alguns mais que encantavam com a graça e os chistes, os traçados delicados e maldosos.

O *Malho* não era somente das graças ferinas e mordases, em que Pinheiro Machado, Campos Sales e outros mais viam as personalidades feridas. A crítica não atacava apenas os homens públicos, focados pelos poderes; não! Muita gente pagava caro os domínios autoritários.

Luiz Bartolomeu e Azeredo, que fundaram O *Malho*, mostravam as falhas políticas do tempo. Os colaboradores eram elegantes e maldosos: João do Rio, Lindolfo Collor, Baptista Jor., Miranda Rosa, Eloi Pontes que aponta-

vam os erros fundamentais da gentilha ambiciosa. Vinha eu da Santa Casa da Misericórdia, e atravesso a rua do Ouvidor, na trajetória agradável da rapasiada estudantesca.

Lia eu O *Malho* sorria das caricaturas e ao mesmo tempo apurava o ponto dos escritores e jornalistas que mostraram em elegantes páginas as falhas nacionais dos homens ambiciosos e severos.

O *Malho* sorria mas ensinava a chorar, com altas lições, porque mostrava as linhas tortas dos partidos.

Vi renascerem grandes caricaturistas do momento; vi também apurados gostos de jornalistas.

Depois das minhas lições hospitalares passeava e sorria olhava para as moçoilas; lia O *Malho*,

ANTONIO AUSTRESILO
(Da Academia Brasileira de Letras)

e no fundo, como céptico, reconhecia as falhas e fraquezas dos que ambicionavam os poderes públicos da nossa querida terra...

A caricatura acompanhada de crítica, deu, a revista, formosura saliente, e o povo barato, e os homens de valor liam n'O *Malho* belezas e coisas estranhas, que o povaléo e os eruditos poderiam formular sorrisos misteriosos. ...

Hoje O *Malho* é outro: vestia-se de roupagem severas, caricaturais, políticas, sem a graça primitivo do garoto, de cinquenta anos passados, sem a popularidade violenta dos anos que se foram.

Também... cinquenta anos não são cinquenta dias, e atualmente as bancas de revistas estão fartas de figuras graciosas de mulheres provocadoras...





Herbert Moses, entusiasmado, fala com Oswaldo de Souza e Silva, nosso diretor, sobre a gloriosa vida desta revista.

CINQUENTA ANOS

O ONTEM: — "O Malho". E a capa de O MALHO, ampliada em cartazes, espalhados pelas ruas, ao tempo em que a mais larga das ruas era, certamente, a do Ouvidor.

O MALHO. Grande órgão político que derrubava Ministros e elegia, quicá, Presidentes da República.

Teatro em apogeu. Literatura pródiga.

E O MALHO perdurando através dos tempos, o grande O MALHO.

HOJE: — Nunca entidade alguma atingiu tão jovem, por mais contraditório que pareça, o seu cinquentenário. O meu — amigos — parece de ontem — iniciou-se com Antonio Azeredo e Pinheiro

Machado e o de O MALHO se consagra com Gustavo Capanema e Ivo d'Aquino.

A melhor prova de valor social é a qualidade de espelho perfeito do tempo: — são suas páginas a própria história de sua data. Hoje, os Souza e Silva, Antonio e Oswaldo, não envelheceram ao limite de 50 anos; ganharam ao contrário 50 anos de adolescência, na grande comemoração de admirável feito jornalístico.

Se pedissem a este reporter-mirim uma síntese dessa obra profissional tão característica e peculiar, eu diria bem alto, para ser ouvido nos jornais, no rádio e na televisão: **SENHORES! O MALHO CONTINUA A SER O MALHO.**

HERBERT MOSES
PRESIDENTE DA A. B. I.

OS POETAS DE "O MALHO"

E. VITOR VISCONTI

TENDO recebido Fonte de Aroma, o novo livro de versos da grande poetisa fluminense Amelia Tomás, cuidei de saber onde havia estreado a primorosa artista do verso. Então Amelia Tomás, me disse que aparecera no Rio, na Caixa de O MALHO, no tempo do Dr. Cabuhy Pitanga, que cuidadoso passava num crivo a produção dos poetas que surgiam. Falou-me dos seus coevos na Seção do Dr. Cabuhy, que eram, Olegário Mariano, sendo que naquê tempo o aedo de Últimas Cigarras assinava Olegário Mariano Carneiro da Cunha, o notável poeta Moacyr de Almeida, o acadêmico Ribeiro Couto, Mansueto Bernardi todos passaram pela Caixa de O MALHO.

Por minha vez tratei de fazer minhas pesquisas. Eu também surgi no Rio, através da Caixa de O MALHO. Em Maio de 1927 mandei meus primeiros trabalhos, que se intitulavam "Confissão" e "Identidade", dos quais dr. Cabuhy dissera que mereceram excelente nota. Aliás até hoje há muitas opiniões que afirmam que esses são meus melhores poemas. Eram os primeiros e naturalmente mais ricos de espontaneidade. Depois a filosofia deu à minha poesia maior profundidade, em prejuízo do lirismo. Mais tarde Cabuhy publicava em 17/9/27 meu soneto *Idealismo*, na página de honra da Revista, onde só apareciam os poetas de rigorosa forma parnasíaca, como Arquimedes da Mata, que era então o expoente da poesia na referida página. Depois apareceu Otoniel Beleza, professor em Minas Gerais, que até hoje mantém a chama da poesia e é muito conhecido na sua terra. Outro poeta muito nosso conhecido, o elegante Haroldo Daltro, de fim tão melancólico, para quem levava vida tão requintada. Lembro-me ainda de outros nomes do meu tempo como o do deputado fluminense Brigido Tinoco, aliás belo sonetista, como Matos Alem, Avelino Argento, Joaquim Kruz e ainda Souza Brasil, talvez seja o nosso conhecido Souza Brasil, político, diplomata e jornalista. E ainda Ide Schloentach, hoje, conhecida como colombina, grande poetisa de S. Paulo.

Enquanto viveu dr. Cabuhy Pitanga quase todos esses nomes se mantiveram em evidência, enviando os seus belos trabalhos. Depois morreu esse grande animador dos novos, que em sua bondade extrema se dedicava mesmo a ensinar a arte dos versos aos seus consulentes.

Curioso, que ele fizera muitos amigos e era comum no seu aniversário e pelo Natal as cartas de felicitações a que sempre respondia com todo o carinho. A sua morte encheu de tristeza os jovens aedos e muitos deixaram de mandar seus poemas para O MALHO.

Logo depois veio a ter ascendência Alvaro Moreira, na fase apaixonada do modernismo, e veio então um período de intolerância, dada a ortodoxia revolucionária.

Dr. Cabuhy Pitanga, que mais tarde consegue saber que era o professor José Lopes dos Reis, homem extremamente culto e bonachão, tinha da vida um conceito otimista, que o fazia querido dos novos. Nem sempre Dr. Cabuhy colhia somente flores. Havia os espinhos. Lembro-me dum Leandro Carapuça que lhe dirigiu, entre outros, uma sátira, entretanto mais infeliz do que seus versos líricos recusados pelo severo crítico. Eis um trecho da sátira:

"O' tu que tens de humano a trobaria..."

Não precisava mais nada, Dr. José Lopes dos Reis estava vingado. Bastava publicar tamanho repositório de asneiras para destruir o seu satirizador e assim o fez, dizendo que esse era o melhor castigo que poderia dar-lhe.

Mais o que dolorosamente constatamos é que a maioria daqueles poetas, que revelavam cultura, perfeição de forma e emoção sincera desapareceram em sua grande maioria. Qual a razão? As exigências da vida em consequência da terrível crise política econômica que logo de-

pois assolou o país em 1929 e veio culminar numa série de revoluções, que ameaçou tragar a pequena elite, que mantinha aceso o culto da arte e de nobres ideais? Teria sido porque as portas se fecharam aos novos? ou foi consequência da onda de cretinice que acompanhou a explosão do movimento modernista, onde tão poucos valores conseguiram se afirmar?

E eu pergunto melancólico onde estarão os esperanzosos talentos que comigo apareciam nas páginas acolhedoras de O MALHO?

Contudo não vai nas minhas palavras desanimo. Pois sinto que no momento vemos uma verdadeira renascença do entusiasmo pela arte e pela cultura. A geração atual poderá ser chamada de geração doirada pelo esplendor da força que manifesta. Poderia mesmo citar aqui grandes valores novos como Chiang Sing, Helena Montezuma, Ilka Sanches, Luis Goulart, Isis Figueiroa, Dilma Cunha de Oliveira, Selene de Medeiros, Rubens Pery, Jansen Filho, Antenor Fonseca, Arnaldo Brandão, são os novos de nossa época e um pouco antes, teremos os que ficaram do grupo anterior Amelia Tomás, Hecilda Clarck, Adalzir Betencourt, Julia Galeno, Maria Moniz, Philidore Faria, Dulce Monte Mor, Araci Dantas de Gusmão, Araujo Jorge, Pereira Reis Junior, Leopoldo Braga, Murilo de Araujo, Pádua de Almeida e tantos outros que continuam a escrever e a comparecer nas tertulias literarias, mantendo bem aceso o fogo votivo no altar da Poesia. Perdoem-me alguns

amigos e bons poetas que por acaso olvidei, pois estamos numa das mais brilhantes épocas da poesia e há muitos poetas. O êxito do salão de poesias da Uniter, do chá literário da Sociedade de Homens de Letras, a exposição de poesias realizada pelos novos do Centro Estudantil, Italia Fausta bem afirmam essa Renascença.

DR. CABUHY PITANGA
(Desenho de Goulart,





AS MEMÓRIAS D'O MALHO

Página publicada em o número desta revista de 17 de Agosto de 1933.

Mas nas memórias não acontece isso. Mesmo que o autor delas, depois de ter ocultado algumas partes, nelas introduza varias cousas falsas, o seu direito de escolha é muito limitado.

Parece que o livro de memórias mais celebre, que há no mundo, é o de Casanova. Si são verdadeiras ou falsas, ainda há quem dispute. Mas tudo nelas é coerente. A superioridade das memórias sobre os contos e romances está na sua probabilidade de conter muito mais verdade.

Ao lado das memórias de individuos, há que pensar nas memórias de certas instituições.

Dir-se-á que nesse caso não se deve falar de **memórias** e sim de **historia**.

Mas em muitos casos é talvez melhor usar aquela designação. Uma revista ou um jornal são frequentemente verdadeiras personalidades. Vivem uma vida especial.

A's vezes, alguém as funde com um certo intuito ou comercial ou artistico. Passado algum tempo, verifica que a creatura tomou uma personalidade, em que o creador nunca tinha pensado. E' um ser novo, que se ergue à sua frente, com uma intelligencia, com uma vontade, com emoções de que ele jamais cogitara.

— Como se fez isso ?

— Insensivelmente. O dono da revista terá, por exemplo, observado que ela não satisfazia este ou aquele círculo de leitores, que seria interessante atrair. Modifica-a um pouquinho nesse sentido. Pouco depois, traz a mesma observação em outra direção. Age do mesmo modo. Chega assim a desenvolvimentos de que ao principio não cogitara.

Vejam, por exemplo, o caso desta revista. Ela sofreu na sua evolução uma transformação completa.

Eu, que lhe vi os primeiros numeros, vendo os de agora exclamo assombrado: "Quem te viu e que te vê!"

Porque O MALHO nasceu com o intuito de ser um jornal de caricaturas. O que ele queria era zombar dos poderosos do dia.

Respondeu de tal modo a uma necessidade geral, que se tornou imediatamente a revista mais lida do Brasil inteiro: Ia pelos sertões a dentro. Não havia lugarejo em que não o acolhessem.

Mas o que nele procuravam era a sátira, a demolição, o ataque aos poderosos.

Pouco a pouco, entretanto, ela evoluiu. Ao principio, desde que o calunga representava uma idéia comica, agressiva, de qualquer modo caricatural, servia.

Mas, depois, isso passou a não bastar. Uma necessidade de arte foi crescendo ao lado da outra. Pediam-se calungas, mas que fossem obras de arte. E praticamente a Arte acabou por engulir a Critica, passou a ser a nota predominante. Tudo se admite, mas com a condição formal de ser belo, de ser bem desenhado, bem escrito.

E O MALHO de hoje é alguma cousa inteiramente diversa do O MALHO de outros tempos: uma revista perfeitamente à altura das melhores de França, dos Estados-Unidos, de qualquer outra nação.

O MALHO pode escrever as suas memórias com orgulho.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

O ano de 1933 parece que vai caracterizar-se na literatura brasileira por ser o das "memórias". Humberto de Campos abriu esse ano com o seu livro magnifico. Outros apareceram depois.

O interessante foi que o nosso publico parece ter descoberto, graças àquele excelente livro, que realmente

esse gênero literário é dos mais dignos de apreço.

E' bem evidente que nas mãos de um grande escritor não há generos máus. Ocorre porém, com as memórias um caso especial: é que elas, mesmo escritas por mediocres, são mais interessantes que, se esses mediocres, escrevessem romances, poemas ou outras cousas. São pedaços de vida, real, de vida que alguém viveu.

O romancista inventa, faz nascer personagens, que não têm realidade. O memorialista pode deformar um pouco essa realidade, sobretudo escondendo as partes más de sua vida e procurando pôr em relêvo as boas.

Não há, porém, nenhum que, empreendendo contar essa vida, não acabe por deixar trair-se. Em todo caso, ele trabalha sobre realidades.

E' verdade que o romancista, queira ou não, é também, em ultima análise, o que faz. Quando ele nos descreve um personagem, que julga estar inventando inteiramente, está, de fato, reunindo cousas de que se lembra, cousas d'aqui e d'alli. Mas, às vezes, ele reúne em um só personagem lembranças de muitas. E' mesmo essa a regra: cada grande tipo, que parece creado por qualquer escritor, é, de fato, um puzzle feito de pedacinhos, tirados de varios personagens reais.

O "83" de Luiz Bartholomeu

EUSTORGIO WANDERLEY

TODA tarde estava ele ali, na redação d'O MALHO, — que era também d'A TRIBUNA, — na rua do Ouvidor n.º 64.

Sempre de chapéu na cateia e com um cigarrinho fumegando na ponta de fina piteira, o Sr. Luiz

Luiz Bartholomeu

Bartholomeu era amigo dos senadores Pinheiro Machado, Antônio Azevedo, Lauro Sodré e outros tantos parédros da política de então. Muito inteligente ele os congregava ali, na porta da redação, em amistosa palestra. Por esse motivo A TRIBUNA, dava sensacionais "furos" políticos sobre vários assuntos de interesse partidário em geral.

ESPIRITO OBSERVADOR

Aparentemente distraído prestava ele atenção a tudo, principalmente aos reporteres d'A TRIBUNA e aos desenhistas d'O MALHO que tomavam mais café do que "notas" para as reportagens do dia seguinte, ou desenhavam menos do que passavam... Era, apesar dessa fiscalização, muito "nosso" amigo. Tanto assim foi que o Raul Pederneiras disse, certa vez, a um "nosso" colega de redação:

— Não seja tão egoísta chamando o chefe de Bartholo... meu, pois ele deve ser, e o é de fato: Bartholo... nosso.

Possuidor de admirável tino administrativo, lembrou-se de lançar, com Renato de Castro e o poeta Luiz Pizarini, uma revista para crianças. E surgiu O TICO-TICO. Foi um sucesso. Até Rui Barbosa o lia para os netinhos ouvirem, segundo ele próprio, confessou no Senado, quando, ao citar uma judiciosa frase, outro senador o interpretou:

— Onde V. Excellencia leu isto?..

E ele, serenamente, declarou:

— Li hoje, pela manhã, em uma das "Lições do Vovô" d'O TICO-TICO!

Data dessa época meu conhecimento com o Sr. Luiz Bartholomeu. Muitos o achavam um tanto... sério, ou ríspido. Eu não tive dele essa impressão.

PROFESSOR DE ECONOMIA... PRÁTICA

Por ser muito econômico, sem chegar à avarêza, é claro, ele desejava despertar em todos nós, jovens despreocupados e... gastadores, hábitos de poupança e de economia... dirigida, reduzindo a importância dos "vales" que fazíamos e lhe apresentávamos para o competente visto, que era representada por duas letras, parecendo o número 83, traçado a lapis azul, e que não eram mais do que as duas iniciais L e B do seu nome: Luiz Bartholomeu, sem o que o velho Caixa, Sr. Bahiana, não nos pagaria...

Quando lhe apresentávamos, por exemplo, um vale de cem mil réis, ele dizia logo, verificando a fabulosa importância com os olhos vivos por cima das lentes dos seus óculos e com sua voz fortemente nasalada:

— Para que tanto dinheiro?!...

Todas as semanas vocês retiram vales e mais vales, e o resultado é que no fim do mês, não terão mais nenhum saldo a receber!... Basta, por hoje, a metade...

E riscava os cem mil réis, emendando-os para cinquenta.

De sorte que nós já sabíamos: tendo o vale de ser reduzido a metade, era preciso ser feito com o duplo da quantia desejada: quem precisava de cem mil réis fazia um vale de duzentos, e, assim por diante.

CORAÇÃO BONDOSO

O seguinte episódio mostra a bondade do coração do Sr. Luiz Bartholomeu: um dos colaboradores d'O TICO-TICO — notando sua crescente aceitação e invejoso disso, — lembrou-se de editar também uma revista infantil para fazer concorrência a única que havia.

Para isso, como é natural, desligou-se d'O TICO-TICO.

Faltava-lhe, porém, o capital para enfrentar as despesas nos primeiros meses, antes de firmar, no conceito público, a rival d'O TICO-TICO, a qual — diga-se de passagem — era muito inferior à campeã das revistas infantis...

Resultado: fracasso após algumas semanas de experiência... O diretor da defunta revista escreveu, então, uma carta ao Sr. Bartholomeu penitenciando-se do "má passo que dera", pensando ser possível fazer concorrência ao TICO-TICO, e solicitando continuar ali com a sua colaboração.

E' claro que foi recusado o pedido.

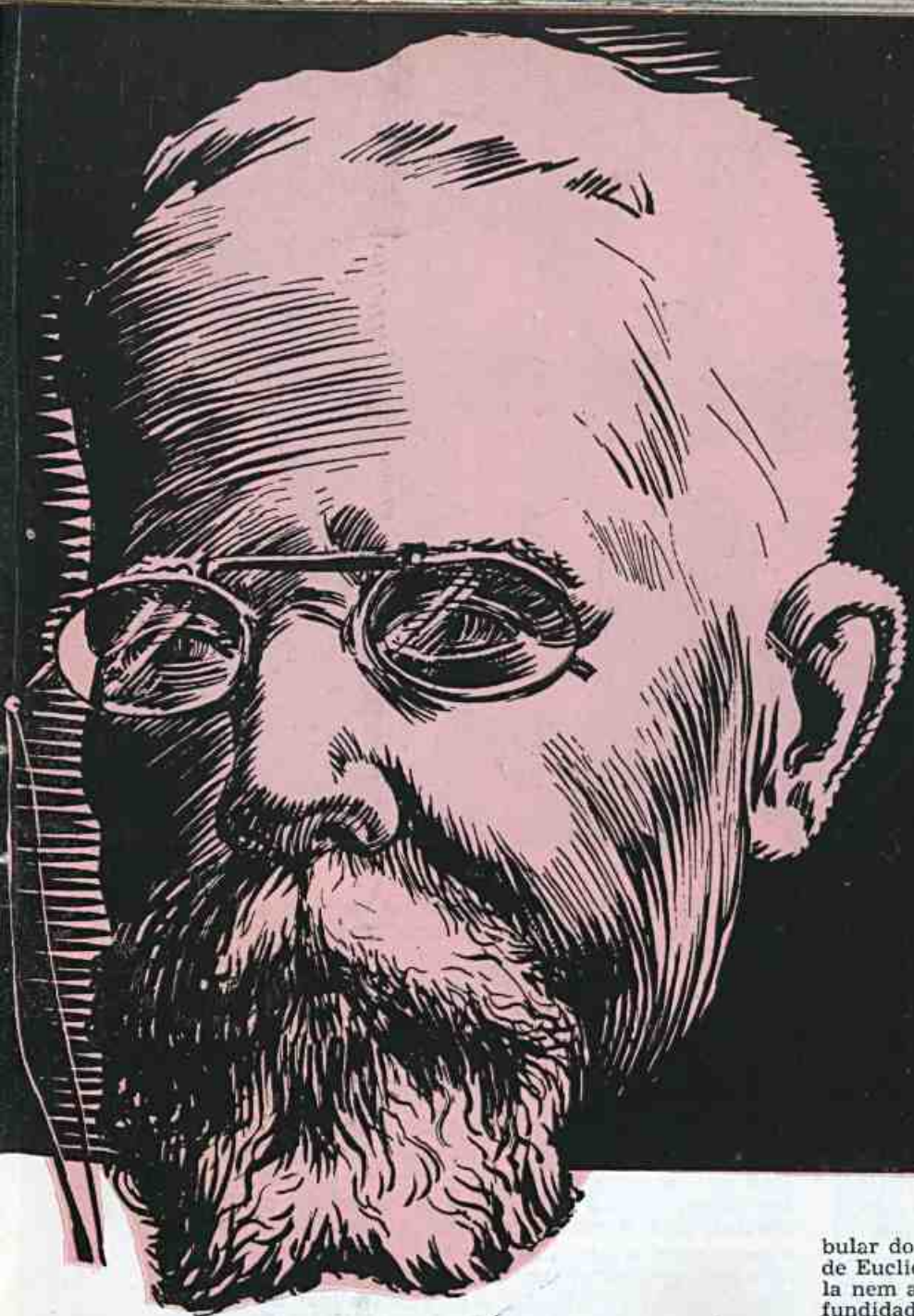
Não tardou, porém, a vir outra carta, e esta lamurienta, além de ameaçadora, pois, alegando sua má situação financeira, carregado de numerosa família, termina o missivista declarando que "se não fosse, novamente, aceito n'O TICO-TICO, daria um tiro nos miolos!..."

Ao ler isto o Sr. Bartholomeu ordenou:

— Respondam, em meu nome, a esse maluco dizendo que ele pode voltar. E explicou nervoso:

A sua assinatura





MEIO SÉCULO DE VIDA LITERÁRIA

(DEPOIMENTO DE
UMA TESTEMUNHA)

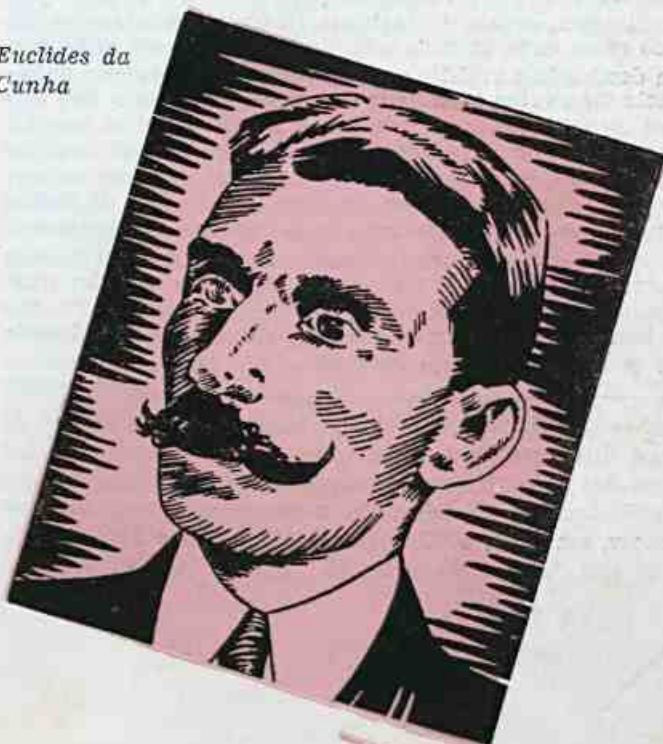
DE CARLOS MAUL
ILUSTRAÇÕES DE GOULART

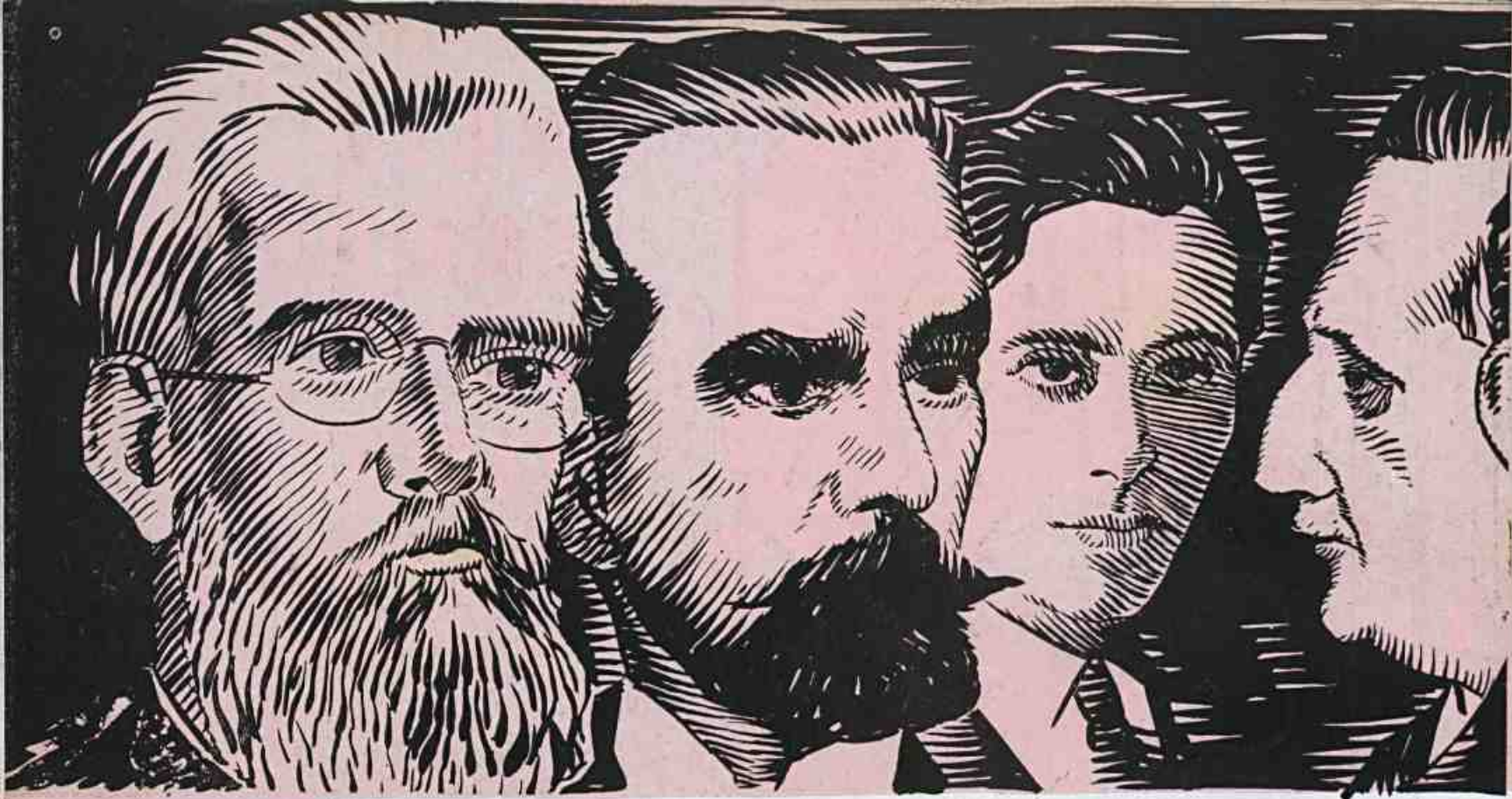
QUANDO "O MALHO" apareceu, em 1902, os primeira linha do campo literário se destacavam Silvio Romero, José Veríssimo, Araripe Junior e Me-deiros e Albuquerque, na critica, Machado de Assis, Aluizio Azevedo e Coelho Neto, no romance e no conto, João Ribeiro e Joaquim Nabuco no ensaio, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira e Vicente de Carvalho, na poesia, Artur Azevedo, no teatro, Alcindo Guanabara, Quintino Bocaiuva, José do Patrocínio e Rui Barbosa, no jornalismo, Rocha Pombo e Oliveira Lima, na historia. Na imprensa, uma das folhas de tradição, "O País", ostentava no cabeçalho esta epigrafe orgulhosa: "jornal politico, literário e noticioso", e a "Gazeta de Noticias" envaidecia-se por contar na sua lista de colaboradores famosos os nomes de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, além dos brasileiros que a honravam com os fulgores de suas penas illustres.

Em 1902 Euclides da Cunha irrompia como fenômeno telurico. Dava-nos "Os sertões", obra que teria, de pressa, o significado de um autêntico divisor de aguas, tanto pela forma quanto pela essencia, simultaneamente crônica de uma fase histórica, pintura de costumes regionais, clamor de indignação, retrato trágico de um mundo esquecido pelos governos que continuavam na posição colonial de voltados para frente oceânica e de costas para o interior da nação mal desbravada. Uma revolução na estilística, um desafio às normas clássicas. O fluminense teve imitadores eminentes em Alberto Rangel e em Raimundo Moraes, aquele principalmente no "Inferno verde" e este em "A planície amazônica", páginas inspiradas nos temas do setentrão bárbaro, já aflo-rados em "Contrastes e confrontos". Os discipulos, porém, apreenderam do mestre mais o rebuscamento voca-

bular do que o sentido social dos conceitos. A influência de Euclides da Cunha não teve as características de escola nem a marca da cópia servil. Desenvolveu-se em profundidade e suscitou intensa curiosidade para os assuntos diretamente ligados à terra e aos hábitos da nossa gente rústica. Pode-se atribuir a "Os sertões" a responsabilidade máxima pelos novos rumos abertos ao estudo do Brasil liberto de sugestões exóticas, desvencilhado de culturas de importação. Alberto Torres, alguns anos mais tarde, imprimiria a seu sinete de sociólogo em trabalhos de análise e de pensamento, procedentes, em parte, da fonte euclideana. O mesmo sucederia a Oliveira Viana, outro desbravador de itinerários nascido na velha Pro-

Euclides da
Cunha





vinça, também extraordinário pesquisador da vida brasileira e que tem nas "Populações meridionais do Brasil" um opulento veio de revelações que conduzem a finalidades indênticas às que foram sugeridas pelas observações e espantos do surpreendente autor do perfil moral do sertanejo.

Ao despontar desta centuria dividia-se o cenário intelectual em parnasianos, de inspiração puramente francesa, devotos de Heredia e de Leconte de Lisle; em remanescentes do romantismo em conflito aberto com os que proclamavam a supremacia das exterioridades formalísticas do metro e da rima, a algidez marmórea das estátuas; em restos do simbolismo que perdera, com a morte de Cruz e Souza, a mais sonora de suas vozes. O ídolo negro passará a constituir o aglutinador de um reduzido grupo que lhe exaltava a personalidade e lhe copiava os modelos. Até ao seu desaparecimento, Nestor Vitor, desinteressado opologista do genio dos "Ultimos sonetos", seria o centro desse culto, o pontífice que atrairia simpatizantes ao seu círculo.

Haviam perecido já as duas revistas de agitação: "A Semana" de Valentim Magalhães e a "Vida Moderna" de Luiz Murat, órgãos de significativa projeção e que se dedicavam no serviço de propagandas individuais com afeição e no elogio-mútuo. Ficaram desse movimento os que fundaram em 1897 a Academia Brasileira de Letras e nela instituíram, depois do Instituto Histórico, o primeiro núcleo sério onde se instalaria uma fortaleza da inteligência destinada a resistir ao materialismo absorvente dominante uma velha metrópole de mercadores. Nessa fase inicial de mil e novecentos liam-se ainda muito as novelas de Macedo, de Bernardo Guimarães, de Manuel Antonio de Almeida, Franklin Tavora, de José de Alencar, os versos de Casimiro de Abreu, de Fagundes Varela, de Castro Alves e de Gonçalves Dias, mas também conquistou a praça Machado de Assis, Coelho Neto, Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira. Começam a circular duas publicações luxuosas: "Kosmos" e "Renascença" que uniam ao apuro gráfico a solidez da matéria selecionada do Guanabara, Carlos de Laet e Rui Barbosa, despenda. A imprensa em que comandavam Patrocínio, Alcinder-se-ia depressa do tom personalista e dogmático de seus diretores para transformar-se em receptáculo dos ecos das correntes de opinião espicaçadas, e isso devido, particularmente a Edmundo Bittencourt que acabara de lançar, em 1901, o "Correio da Manhã" e a João do Rio que saíra da colaboração da "Cidade do Rio" para a

"Gazeta de Notícias" na qual desencadearia uma revolução dos processos técnicos do jornalismo da época. O Patrocínio do abolicionismo entrava em crepúsculo e morria em 1905. E Machado de Assis, antes de seu trépasse em 1908, ainda escreveria o "Esaú e Jacob" e o "Memorial de Aires", os derradeiros lampejos de um sol prestes a mergulhar na noite eterna.

As conferências literárias, no salão do Instituto de Música, eram a grande moda, gênero que nos vinha da França e que fascinava as platéias elegantes. Os mestres da hora, Medeiros e Albuquerque, Luiz Edmundo, João do Rio, Carmem Dolores, Alcindo Guanabara, Oscar Lopes, Coelho Neto, falariam de cousas graves ou frívolas, para o encanto de uma humanidade tranquila e acomodada, e Olavo Bilac diria da tribuna as "Quatro heroínas de Shakespeare" e o "Dom Quixote", maravilhosos ensaios de filosofia e de estética que lhe marcariam com signo de ouro a opulenta bibliografia. Essas palestras equivaliam a esplendidos cursos em que havia o que admirar e aprender de professores insígnies.

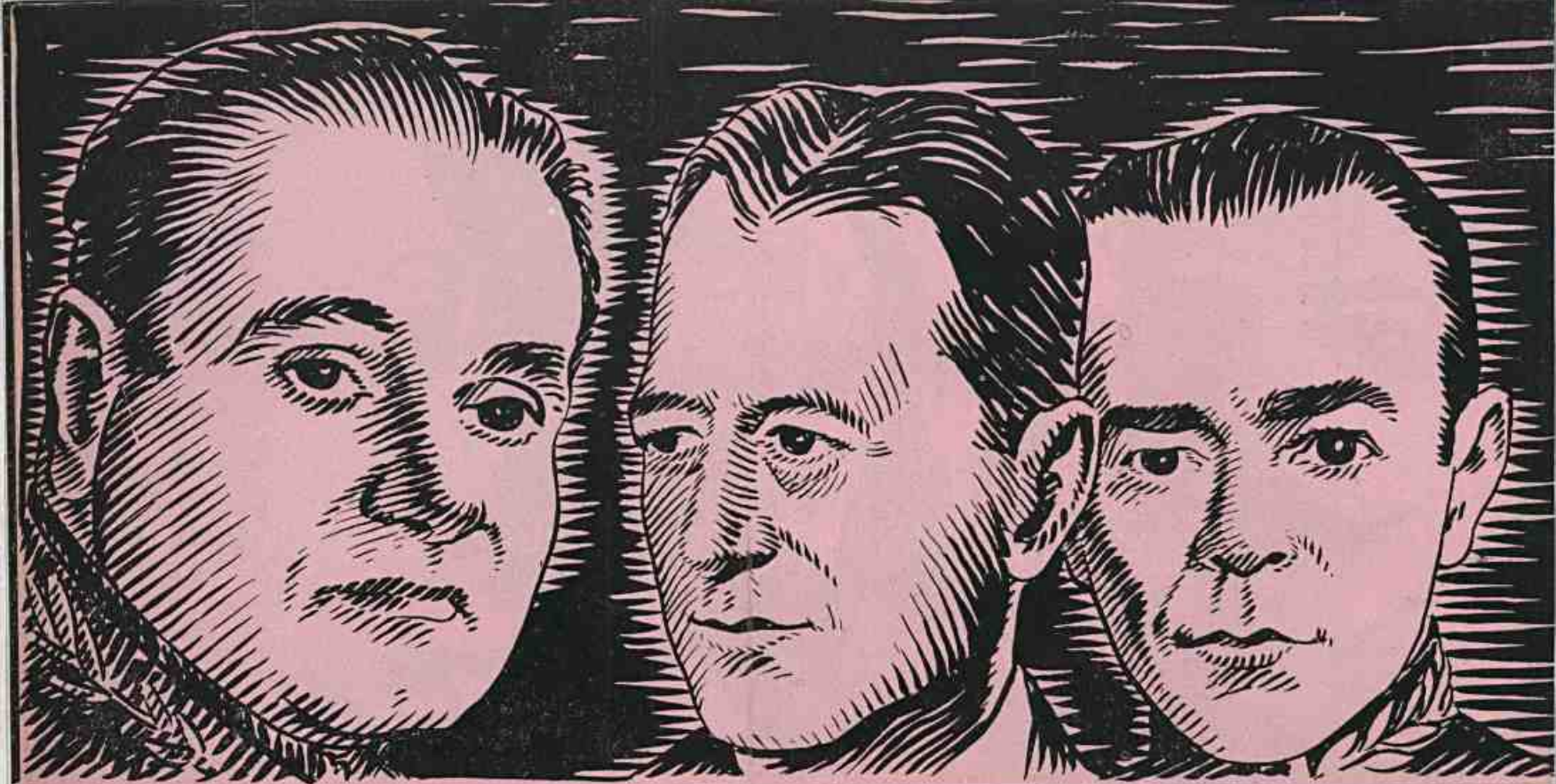
A Academia Brasileira reunia — ainda estamos no primeiro lustro do século — nas suas quarenta cadeiras um elenco representativo da nossa mentalidade. Raríssimos lá se encontrariam por outras razões que não as de seu próprio merecimento. E com menos de dez anos de existência ela se constituiu o fóco de fascínio da juventude que aspirava a consagração literária. Entidades congêneres despontariam pelo Brasil a fora congregando valores, e de entre elas se distinguiriam, pela capacidade de seus componentes, a Academia Fluminense de Letras, com trinta e cinco anos de ação fecunda e fulgurante, a Paulista, a Riograndense do Sul e a Baiana, todas no limite de suas possibilidades refletindo um esforço para a elevação do nosso nível de cultura. Nesse período assinala-se vários movimentos de propósitos renovadores. Um deles é o da Escola Evolucionista, em 1907. Alberto Nunes, um grande poeta de vinte e poucos anos, desfralda uma bandeira de reação ao que por aquelas alturas se denominava de subserviência ao parnasianismo anulador da personalidade, algo parecido ao que com o rótulo do Integralismo aparecera em Paris sob a direção de Adolphe Lacuzon. Lá pretendia-se que a arte não perderia em harmonizar-se com o cálculo integral. Aqui, entretanto, o que os moços preconizavam, também dentro de um ponto de vista que eles asseguravam de fundo científico, era a plena liberdade de criação do indivíduo sujeito às leis normais da evolução. O manifesto de Alberto Nuñez de que foram signatários, além do autor,



Pinheiro Viegas, Temudo Lessa, Amaral Ornelas, Teodorico de Brito, Leon Clerot, Amílcar Cardoni, J.V. de Paula Faria e eu, provocou debates e proporcionou um minuto de notoriedade à escola. Ao grupo de adolescentes se filiaram dois mais idosos, o baiano Viégas, fanático por Balzac e Sar Peladan, e o mineiro Teodorico de Brito que pouco viveria, deixando uma obra, em parte publicada e em parte inédita, que é das mais luminosas manifestações poéticas conhecidas em nosso meio. A preocupação dos evolucionistas era a de não se assemelharem a ninguém, não queriam ser senão eles mesmos, cada qual com características pessoais definidas, ao inverso dos parnasianos que padronizavam a sua arte por um molde que uniformizava os espíritos e lhes reduzia a comunicabilidade.

Desses, muitos morreram, e os sobreviventes não tiveram motivos para repudiar a idéia que lhes acalentara a alvorada e lhes propiciara asas para os remígios futuros. Entre 1910 e 1920 o campo da literatura foi constantemente agitado, ora pela aparição de poetas e escritores que a crítica festejava e se impunham desde logo à admiração pública, ora por iniciativas ideológicas que marcariam época e não podem escapar ao registro de uma resenha como esta que procura ser o mais fiel possível e com um mínimo de omissões involuntárias. Em 1908 o acontecimento culminante foi o nascimento das "Apoteoses" de Hermes Fontes. Era um poeta de vinte anos que rompia com as normas em vigor e se expandia em estrofes vasadas em ritmos novos. Os velhos o aplaudiram e celebraram-lhe as excelências das rimas. Em 1909 viria Agripino Grieco a ocupar as atenções dos críticos com as suas "Anforas", poemas reveladores também de um impeto renovador. Formosos versos, de imaginação ardente e volutuosa, apurados na linguagem e de intensa emotividade. Alcindo Guanabara, infenso aos assuntos poéticos, dedicou-lhe um artigo entusiástico, e Araripe Junior não lhe regateou apreço em longo estudo no "Jornal do Comercio". Em 1910 causava escândalo o prefácio de Agripino Grieco no meu volume "Estro", e Hermes Fontes animava os meus pendores revolucionários pelo verso livre então apenas adotado em França pelos simbolistas, mas diferente do que eu propunha para a poesia brasileira. Gonzaga Duque assinava essa feição e a louvava. Em 1912 empolgar-me-ia o norte-americano Walt Whitman. "Leaves of grass" teria para mim um sentido bíblico. Traduzi-lhe algumas peças. Mas o meu pensamento se voltava para o Brasil ignorado, para este mundo verde de mitos e de realidades desprezadas, na sua beleza intocada e no seu primitivismo emocionante. Em 1913 eu incitaria, em "A

concepção da alegria nalguns poetas contemporâneos", a juventude a entrar em contato com a terra virgem e moça, a cantar-lhe as graças aparentes e o esplendor natural. Preguei o "Titanismo" e Coelho Neto convidou-me a proferir na Escola Dramática uma conferência que teve por título "Do titanismo como base de uma estética nacionalista". Nesse entretempo viria do norte Gilberto Amado com a sua "Chave de Salomão" e os seus artigos sobre Rio Branco, Pinheiro Machado e Luiz Delfino, em que uma cultura variada se vinculava a um estilo fascinante. João do Rio, na "Gazeta de Notícias" saudaria ao recém-vindo "o fascinador" numa página antológica. E despontariam mais, como sinal da vitalidade daqueles dias, Humberto de Campos, com "Poeira", a "poeira de ouro" do conceito de Guerra Junqueiro; Celso Vieira, com as crônicas no "O Paiz", com o "Endymião" e uma série de labores que não se interromperia até ao pincaro de "Anchieta" e de "O Genio e a Graça", consagração de um mestre da prosa olímpica que enleva pela sonoridade de seu instrumento verbal e pela nobreza e elegância do pensamento. Ronald de Carvalho, que vivera em Paris, trazia-nos "Luz gloriosa", coleção de versos em que se mostrava um encantado pelas cidades flamengas, pelos cenários inspiradores de Rodembach e pelo intimismo de Albert Samain. E do extremo sul aportavam à metropole, com a lira afinada por um diapasão sugestivo, Alvaro Moreyra, Eduardo Guimarães, Felipe de Oliveira, e esse admirável e austero Homero Prates, com as suas "As Horas co-rodadas de rosas e de espinhos". Mario Pederneiras era um vate solitário a cantar as galas da sua cidade querida, um lírico a vasar nos seus versos límpidos as expansões de uma alma cheia de bondade e ternura humana. Osório Dutra abria caminho com impeto e denunciava o poeta soberbo e o prosador harmonioso que despertariam logo depois em dezenas de volumes magníficos. Théó Filho dava-nos os seus primeiros contos com prefácio de Silvio Romero, prenúncios do romancista vigoroso que triunfaria numa série de novelas psicológicas e de costumes citadinos. Passaria como um meteoro, mas deixando um sulco luminoso que não se perderia no esquecimento Moacir de Almeida de quem se salvaram para a posteridade os "Gritos barbaros" de indole condoreira, impressos depois da sua morte prematura. Muitos outros como Jarbas de Carvalho, Ildefonso Falcão, Padua de Almeida, Isidro Nunes, Lindolfo Gomes, Brant Horta, Jonas da Silva, Noraldino Lima, Amadeu Amaral, Heitor Beltrão, José Otília, Leal de Souza, José Felix, Laura da Fonseca e Silva, Marcelo Gama, Gomes Leite, Paulo Setubal, Caio de Melo Franco, Murilo Araujo, Francisco Leite, Rodrigo Otávio Fi-



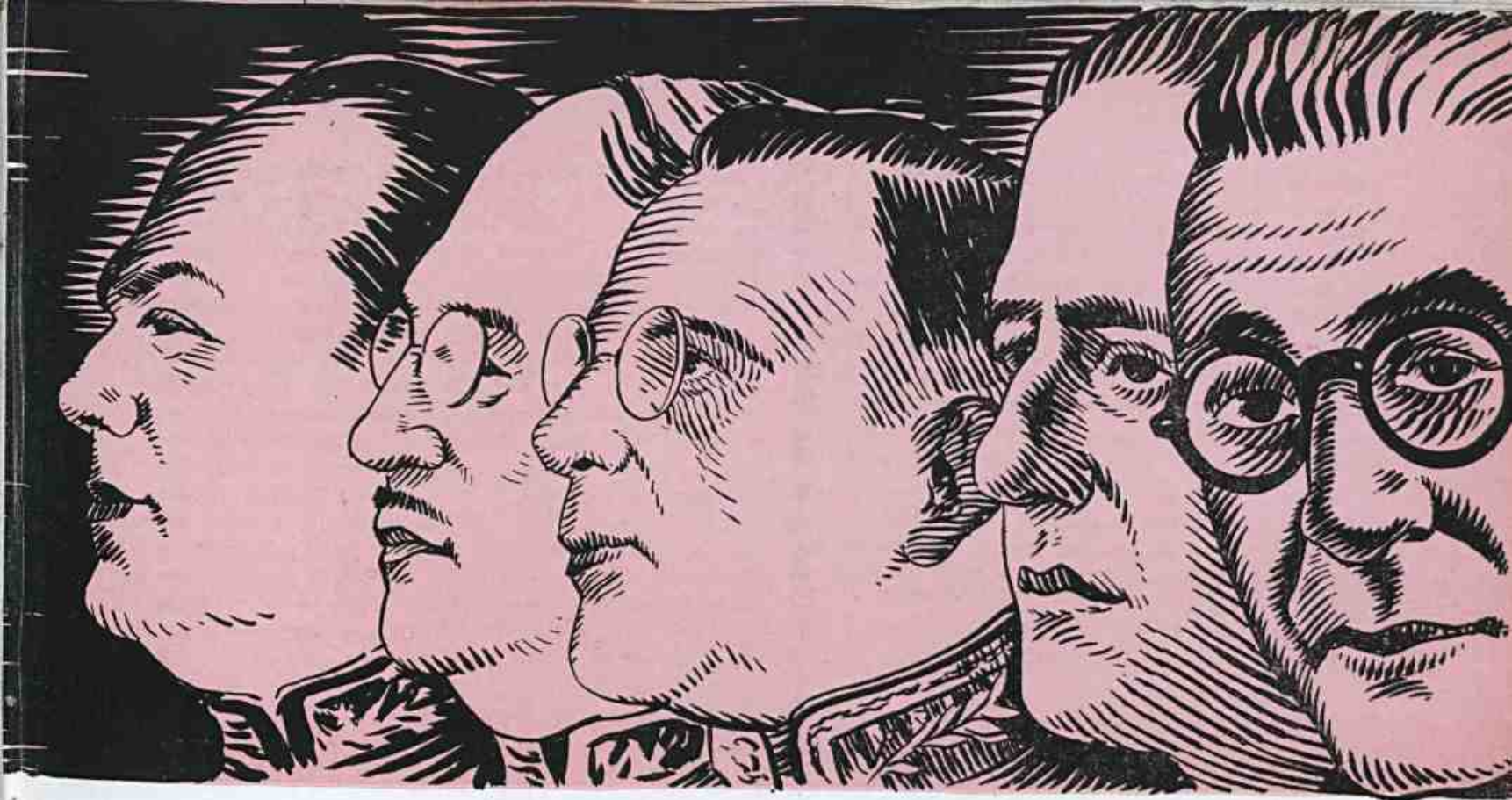
lho, Lincoln de Souza, Serafim Proença, Renato Travassos, Paulo Gonçalves, Francisco Galvão, Onestaldo Penafort, Paulo Torres, Virgílio Brigido Filho, Luiz Loureiro, Izimbardo Peixoto, Orlando Teixeira, Dilermando Cruz, João Pereira Barreto, Luiz Pistarini, Batista Cepelos, Julio Salusse, Eugenio Savard, seriam pontos de luz nesse longo período de meio centenário...

Raul de Leoni oferecia-nos na adolescência a "Ode a um poeta morto", canto votivo à glória de Bilac, e começava com os sonetos que constituiriam mais tarde a sua "Luz mediterrânea", Menotti del Picchia apresentava-se com os "Poemas do Vício e da Virtude", iniciando a trajetória que seria pontilhada de fulgurações com "Juca Mulato", "As mascaras", e alguns romances vigorosos. Lima Barreto, associado a José Veríssimo Filho, lançava a revista "Floreal" em que publicaria "As recordações do escrivo Isaias Caminha" e destacava-se depressa com o "Triste fim de Policarpo Quaresma", "Numa e Nífa", "Vida e morte de M. Gonzaga de Sá"...

Olegário Mariano, que já se manifestara aos quinze anos com as "Visões de moço", repontaria com mais força em "Angelus", "Evangelho da Sombra e do Silêncio", em "Últimas cigarras", e muitos mais trariam a sua mensagem poética a um mundo que a primeira grande guerra tumultuaria com os seus efeitos catastróficos. Quantos nomes de aparição fugitiva, como os que se perderam nos desvios da boêmia, e os que se refugiariam no aconchego provinciano, como Gustavo Teixeira, em S. Paulo, e Aristeu de Seixas, paulista de adoção e fluminense de nascimento, um constante exilado que persiste em se esconder com os primores de uma inteligência privilegiada no remanso da Ilha do Governador.

Anote-se mais a eclosão de Monteiro Lobato com os "Urupês" que Rui Barbosa atiraria para a notoriedade numa campanha política em que o citaria para reforço de argumentos de oposição. E Silvio Julio, estudioso dos assuntos ibero-americanos, com numerosos livros reveladores de profundos e sólidos conhecimentos de alto interesse para a cultura continental, vitorioso num concurso na Venezuela com o seu famoso "Cerebro e coração de Bolívar", e Domingos Olímpio com "Luzia-Homem", e Carlos Vasconcelos com "Desherdados" sacudiam o ambiente com a revelação de aspetos sombrios

da vida do interior. Rosalina Coelho Lisboa e Gilka Machado com o "Rito Pagão" e os "Cristais partidos", ambas com personalidade nítida e cada qual, no seu gênero, dona de intensa vibração, traziam o sinal da mulher a esse meio de tantas cogitações intelectuais. Chegasse, assim, a 1922, o marco zero do modernismo. Graça Aranha, que antes se impusera com "Canaan", capitaneia um movimento de rebeldia que é mais de natureza política do que propriamente literária, embora esta lhe sirva de massa de manobra. O acadêmico se insurge contra a Academia que ele ataca na sua cidaela, acompanhado de um grupo que se propõe a substituir o existente nas correntes do pensamento brasileiro. É um assalto vandálico que se abre com a "Semana de arte moderna" de S. Paulo, e inclui nas suas hostes escritores, poetas, pintores, músicos, na sua maioria de formação tradicional e que projetam abafar as vozes do passado e do presente com o alarido da sua invasão. Nesse acampamento se aglomeram e acotovelam Menotti del Picchia, Plínio Salgado, Cassiano Ricardo, Guilherme de Almeida, Mario de Andrade, Ronald de Carvalho, corifeus do bando. A eles se juntarão com o correr do tempo, elementos de todos os quadrantes do país, e a revolução política de 1930 lhes emprestará força material para uma publicidade persistente, porque aos seus serão confiadas posições-chave no governo. Três decênios durará a permanência dos modernistas na vanguarda dos acontecimentos, em luta aberta e acirrada com a guerrilha dos defensores da cidade invadida. No meio do caminho, os que trouxeram Marinetti ao Brasil para uma confissão pública de amor ao fascismo, se desligam da grei, e vemos, então, de um lado, nacionalistas extremados, com o integralismo, e comunistas de outro, obedientes à ideologia vermelha irradiante de Moscou. A literatura, nessas mãos, se transforma em instrumento de proselitismo. O romance toma feição que se intitula de social, e o social aí é o espírito de propaganda do credo russo, com a pintura de desgraças que seriam causadas pela ordem democrático-burguesa. Não se inova em literatura, porque o que predomina nos enredos é a pornografia brutal e sem disfarces do materialismo. Mario de Andrade pretende que a língua brasileira não é a que falamos e escrevemos, diferente da portuguesa por uma fatalidade normal que leva os povos a criarem os respectivos idiomas sob o influxo do meio físico e dos costumes, mas o cassange, o jargão da suburra, a corrupção dos vocabulos



e da sintaxe, o esquecimento da gramática. O modernismo é essencialmente subversivo. Acomete o que está de pé, e nada oferece em condições de suplantar ou de substituir o que deseja derrubar. Formam-se pequenos núcleos subsidiários com a gente moça que vem na esteira dos pregadores, mas não se aponta, honestamente, outra cousa que não seja a ostentação de vulgaridade, a insolência e o desrespeito como regra de conduta. Não há nessa corrente, que se presume com ímpetos de avalanche, um ponto alto merecedor dos títulos com que se adorna. Os que a ela se incorporaram, ou traziam o sinete do que se fazia regularmente antes do seu advento, e só por isso não perderam totalmente o direito à consideração pública, e se classificam no rol dos continuadores da tradição, ou não conseguiram revelar-se de acordo com a suposta doutrina geradora do pandemonio, e do número dos que se converteram em obscuros acolitos de sacerdotes do culto nefasto. Com ou sem o modernismo, José Americo de Almeida, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Plínio Salgado, Ronald de Carvalho, Manuel Bandeira, José Lins do Rego, para só citar uns tantos da falange, seriam recordados pelos que apenas lhes suportam o que não é simulação obscena, o que não traduz designios subalternos de corrupção do gosto e conspurcação da beleza, o que é a boa e a legítima literatura em prosa e verso. O preconceito da imoralidade como argumento decisivo para a traumatização dos leitores desprevenidos e incautos, não teve, no modernismo, capacidade suficiente para a contraposição ao que os modernistas apelidam de fetichismo da decência das intenções e da linguagem. A crítica esotérica de Tristão de Ataíde não bastou, na sua imensa generosidade cristã, — que importa em cumplicidade com os erros, equívocos e malícias da escola — para galvanizar o modernismo na sua vaidade de renovação. E tão insinceros foram os maiores do anti-academismo que quase todos penetraram na Academia Brasileira insultada e desdenhada, e lá se submeteram ao seu estilo convencional, e nela reverenciavam religiosamente os numes tutelares da casa...

Nada, todavia, é inteiramente inútil na face da terra, nem mesmo a monstruosidade que existe para contraste com a perfeição. O modernismo desempenhou um

papel de repulsivo que sacudiu a nação e a fez mais consciente do imperio das inteligências privilegiadas.

Uma nota isolada deve ser destinada à poesia popular que teve em Catulo o seu representante máximo e em Orestes Barbosa uma expressão nova e vibrante. O primeiro penetrou este século com os seus cancioneiros e se consagrou um mestre na poesia de índole sertaneja, admirável criação pela força dos símbolos e das imagens imprevistas, um autentico poeta dialetal que traduziu em ritmos barbaros as emoções do povo do interior do Brasil. E o segundo, que apareceu com "Água-marinha", uma coleção de sugestivos poemas de fundo romantico, teve, depois, as suas formosas canções postas em musica e cantadas com o mesmo sentimento com que outrora se repetiam os versos de Casimiro de Abreu e Castro Alves.

Outro acontecimento da nossa cultural foi a fundação da Biblioteca do Exército. Em quinze anos de existência tem ela divulgado no seio das classes armadas mais de duzentas obras, na maioria de militares, numa tiragem que ultrapassa a dois milhões de exemplares. Destacam-se entre os autores por ela editados, e subcrevendo obras notáveis de historia, de crônica, de geografia, de viagens, de sociologia e de assuntos técnicos, os generais F. de Paula Cidade, Valentim Benício da Silva, Tasso Fragoso, Genserico de Vasconcelos, Lima Figueiredo, Afonso de Carvalho, Bertoldo Klínger, os coroneis Salm de Miranda, De Paranhos Antunes, Jaime Ribeiro da Graça, Humberto Peregrino, Cavalcanti Proença, o brigadeiro Lisias Rodrigues, o tenente-coronel Adalardo Fialho, e numerosos outros valores.

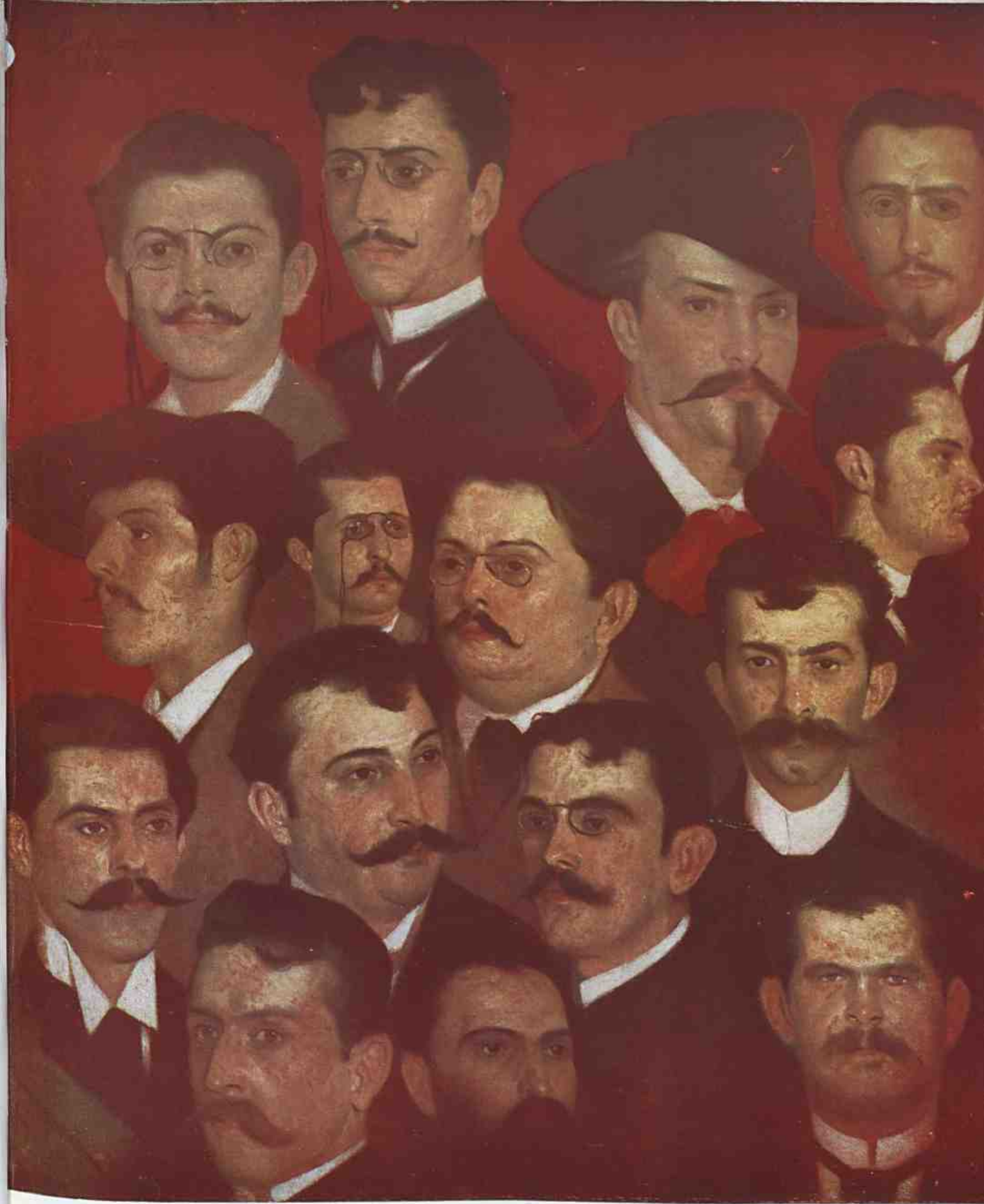
Este panorama de meio século de atividade mental pode ser contemplado à distancia e apreciado na obra de seus vultos eminentes. Em multiplos setores as individualidades representativas se distinguiram e distinguem, e disseram com brilho e profundidade da missão que lhes cabia desempenhar. Dos que emergiram de 1902 para cá, aqui e nos Estados, alguns fugiram do campo, muitos sobreviveram no terreno conquistado, e novos constróem com pedras de ouro os alicerces da sua grandeza. Per-

tencem às ultimas camadas surgidas nestes vinte e cinco anos mais proximos, Erico Verissimo e Viana Moog, o maior romancista e o maior ensaista vivo Gilberto Freire, Moisés Velhinho, André Carrazoni, Elmano Cardim, Austregesilo de Ataíde, Lacerda Nogueira, Arnaldo Nunes, Adauto Fernandes, Moacir Silva, Joaquim Ribeiro, Cecília Meireles, Almir de Andrade, Eloy Pontes, José Antonio Soares de Souza, João Dornas Filho, D. Martins de Oliveira, Gontijo de Carvalho, Luiz da Camara Cascudo, Luiz Goulart, Arthur Ramos, Paula Aquiles, Otavio Tarquino de Souza, Mario Matos, Klebe de Sá Carvalho, Lucia Miguel Pereira, João Pinto da Silva, Martins Fontes, Ibrantina Cardona, Elze Machado, Maria Sabina, Raquel de Queiroz, Sergio Buarque de Holanda, Wladimir Emanuel, Antonio Boto de Menezes, Augusto Cesar Veiga, Ademar Vidal, Augusto Meyer, José Geraldo Vieira, Celso Kelly, Osvaldo Paixão, Prado Kelly, Heitor Lira, Roberto Lira, Correia Pinto, Edgard

Sanches, Arthur Neiva, Helio Viana, Gastão Cruis, Aloisio Napoleão Frederico Vilar, Guimarães Rosa, Aureliano Leite, Daniel de Carvalho, Sergio Corolia da Costa, Eduardo Frieiro, Anibal Matos, Abgar Renault, Lucio Cardoso, Adelino Magalhães, Tasso da Silveira, Andrade Murici, Maria Sena, Abguar Bastos, Silvio Figueiredo, Inácio José Verissimo, Selench Medeiros, Dilemando Cox, Mauro Carmo, Odete Barcelos, Alfredo Elias Junior, Afonso Schmidt, Atilio Milano, Alvarus de Oliveira, Dante Milano, Helcio Pereira da Silva, e entre os componentes da Academia Brasileira Cassiano Ricardo, Peregrino Junior, Gustavo Barroso, Antonio Austregesilo, Ademar Tavares, Roquete Pinto, Pedro Calmon, Viriato Correia, Luiz Edmundo, Claudio de Souza, Menotti del Pichia, Manuel Bandeira, Osvaldo Orico, Clementino Fraga, João Neves da Fontoura, Getulio Vargas, Barbosa Lima Sobrinho, Afonso Taunay, Mucio Leão, Antonio Carneiro Leão, falam com eloquencia do esplendor mental da primeira metade deste seculo.

De pé: da direita para a esquerda: Carlos Maul, Leon Clerot e O. Muniz. Sentados: da direita para a esquerda: A. F. Cardoni, Alberto Muñoz e Themudo Lessa. (Foto de 1917. Os fundadores da Escola Evolucionista).





Coelho Neto, Olavo Bilac, Pardal Mallet, Medeiros e Albuquerque, Guimarães Passos, Alberto Silva, Artur Azevedo, Ferreira Coimbra, Alberto de Oliveira, Aluizio Azevedo, Raul Pompéia, Luiz Murat,

Artur Rocha, Lúcio de Mendonça e Urbano Duarte — vistos por Rodolfo Amoêdo, numa tela pertencente à coleção do Professor Antônio Austregésilo.

MEIO SEculo DA ACADEMIA

1 9 0 2 -- 1 9 5 2

Por CELSO VIEIRA

Em 20 de Setembro de 1902, quando surgiu "O Malho", a Academia era uma criança de cinco anos de idade, sem domicílio. Hoje, é uma grande senhora, cinquentenária e opulenta. Reside num palácio de estilo francês — le Petit Trianon — como a rainha Maria Antonieta — e possui nos tectos ou em prédios, solidamente, vários milhões de cruzéis.

Quase todos os fundadores, na maioria jovens, ainda viviam naquele ano, com suas letras em flor. Os mortos eram apenas quatro — Urbano Duarte (sucessor Augusto de Lima), Visconde de Taunay (sucessor Francisco de Castro, logo depois Martins Junior, e afinal Souza Ban-

deira, sobrevivente), Luiz Guimarães (sucessor João Ribeiro) e Pereira da Silva (sucessor barão do Rio Branco). O que impressiona e sobressale nesse primeiro lustro é o zelo da Academia em procurar valores máximos para a sucessão dos fundadores.

Joaquim Nabuco, em 1901, aconselhava o critério de selecção académica dos expoentes a Machado de Assis: "Você sabe que eu penso dever a Academia ter uma esfera mais lata do que a literatura exclusivamente literária. Nós precisamos de um certo número de *grands seigneurs* de todos os partidos. Não devem ser muitos, mas alguns devemos ter, porque isso popularisa as letras".

Ora três anos após, fixando-lhe as diretrizes, o Embaixador ausente do Brasil como seu advogado na pendência de limites com a Guiana inglesa, voltava à ideia exponencial: — "A Marinha não está representada em nosso grémio, nem o Exército, nem o Clero, nem as Artes; é preciso introduzir as notabilidades dessas vocações, que também cultivem as letras." Ulteriormente, seria Jaceguay o representante da Marinha, Dantas Barreto o do Exército, dom Silvério Pimenta o do Clero. Poderia ter sido Rodolph Bernardelli o das Belas Artes, mas até hoje não tivemos no quadro da Academia um escultor ou pintor com algumas letras ornamentais.

Sempre cauteloso e discreto, Machado de Assis respondera a Joaquim Nabuco: — "A sua teoria das superioridades é boa; os nomes são dignos; eles é que recuam". Presentemente, não recuam; avançam.

Circunscrita por enquanto às letras, sem preocupação mundana de expoentes, a primeira idade da Academia é uma infância maravilhosa na sua pobreza e no seu nomadismo.

Pobre, ainda não tem uma sede, um pouso modesto para

Monumento a Machado de Assis, de autoria do escultor Humberto Cozzo.





Edifício do Silogeu Brasileiro onde viveu a Academia na ala fronteira do Passeio Público mais de dezoito anos: de Julho de 1905 a fins de 1923. Na sessão de despedida da velha casa, disse Afrânio Peixoto: "Se as coisas vêm e sentem, este solo, estas paredes, estes tetos saberão que não somos ingratos e lá adiante não os esqueceremos."

os voos. Nomade, realiza eventualmente sessões preparatórias na sala da *Revista Brasileira*, a sessão inaugural no Pedagogium, á rua do Passeio, sessões ordinárias no Ginásio Nacional, edifício do Externato, na Biblioteca Fluminense, á rua do Ouvidor, e as sessões solenes, de recepção, uma no salão nobre do Ministério do Interior, outra no salão heráldico do Gabinete Português de Leitura. Como lhe falta dinheiro para locação de uma sala, a despeito da modicidade dos alugueis, funciona habitualmente no escritório do advogado Rodrigo Octávio, 2.º secretário geral, á rua da Quitanda n. 57, e os frequentadores são verdadeiros gigantes intelectuais.

Toda a maravilha consiste nesse esplendor mental, oposto a essa pobreza, inquieta e erradia, sem numerário, sem casa. O nucleo solar das letras indigenas desponta no zenite, contra as leis naturais, que nos traçam cada dia as leis de ascensão e declínio do sol.

Então, culminavam as letras nacionais, envolvendo com a ciencia e a arte, os processos novos da fase naturalista.

Vinham do romantismo de 1830 e do naturalismo de 1870, flores inconcebíveis para o nosso clima, inverosímeis na literatura embrionária da América do Sul. Revogadas as influências arcáicas e seculares, coloniais, desde o aparecimento do *Guarani* brado vitorioso da nossa autonomia literária, preponderaram daí por diante, irrealizáveis os modelos do genio francês, começando por Chateaubriand. A própria Academia não era senão uma variante, neste hemisfério, da Academia Francêsa — a casa de Richelieu.

Se admitirmos, por excepção, na obra de Machado de Assis, o influxo de alguns espíritos ingleses — Sterne, Thacheray, Charles Dickens, — tudo o mais, ou quase tudo, reflete o pensamento e o gosto da França na Academia, onde o próprio Joaquim Nabuco, apesar da sua formação, política e socialmente britânica, ainda traz no contorno das frases o cunho do aticismo de Renan, indelevel, nos conceitos de *Pensées detachées* um pouco dos moralistas franceses. Com a poesia de Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira imperava o parnasianismo da escola de Leconte e Heredia, por vezes o simbolismo parnasiano de Beaudelaire, outras vezes o lirismo das *Feuilles d'Automne* e das *Contemplations*, de Hugo, traduzido em poemas de Raimundo, alteado na legenda áurea de Bilac — *Le poète est cise-*

leur, le ciseleur est poète. Com o romance de Aluisio de Azevedo, fortemente, abrange-se o realismo da escola de Mendan. Zola estava para êle, afinal como Flaubert para Eça de Queiroz.

In.pregnada assim de francesismo, a Academia terá logicamente, um dia, a sua elegante moldura francesa no Petit Trianon.

Andes disso, porém, vão decorrer vinte e um anos (1902-1923), e até 1905 perdura o nomadismo em que se armam as tendas no dominio alheio, se efetuam na casa alheia as sessões ordinárias ou solenes.

Não obstante, desde 1900, existia um vago decreto, sob n. 726, assinado por Campos Sales, Presidente, referendado por Epiácio Pessoa, Ministro do Interior, autorizando o Governo a dar instalação permanente á Academia em prédio público, para cultura e desenvolvimento das letras nacionais.

Rodrigo Octávio dizia na sua Memória histórica de 1901 que esse decreto legislativo, não sendo um acto de batismo, fora sem duvida um acto de confirmação do instituto. Deste modo, antes da idade sacramental, veríamos crismada a Academia no seu terceiro ano de vida errante, ao ar livre.

Só em 1904 o Governo Rodrigues Alves, graças á boa vontade do Ministro José Joaquim Seabra, amigo dos intellectuais, secretariado e persuadido habilmente por Mario de Alencar, deu-lhe a permanencia do espaço vital numa esquina, entre a praia da Lapa e o Passeio Público num vetusto edificio, que o Barão de Ramiz Galvão, helenicamente, denominou "Sylogeu Brasileiro". Caberiam no Silogeu, feliz denominação, consagrada, pelo uso, vários centros de estudos, entre os quais sobreleva o Instituto Histórico e Geográfico.

Era impossível á Academia, porém, habitar com as suas letras gloriosas uma casa, sem móveis. Para os adquirir, sabe Deus como, despendeu todo um ano. Enfim, aos 31 de Julho de 1905, mobiliado o seu espaço vital, garantido o seu lugar ao sol, realizou a primeira sessão no Silogeu, uma sessão ordinária em casa própria.

Nesse miradouro das velhas árvores do Passeio Público e das ondas de Guanabara adoleceu a Academia, sob o prestigio de uma constelação mental, que era a dos fundadores, valorizada em alguns casos pelos sucessores. Ali estavam personificados todos os generos literários com a mesma relevancia dos maiores nomes da literatura brasileira — Gonçalves Dias, Castro Alves, José de Alencar, Felecido o visconde de Taunay em 1889, dis-

criminamos ali o romance de Aluísio Azevedo, Graça Aranha e Xavier Marques; a novela e a fantasia de Coelho Neto e Garcia Redondo; a poesia de Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira, fazendo-se apenas sentir a ausência de Luiz Delfino; a história nos ensaios de Oliveira Lima e a cronologia das efemérides do Barão de Rio Branco; a sociologia etnográfica e a sensação estilística de Euclides da Cunha; a oratória de Rui e Joaquim Nabuco; a filosofia jurídica de Clovis Bevilacqua; a crítica de Silvio Romero, José Veríssimo e Araripe Junior; a variedade estética de João Ribeiro, Medeiros e Albuquerque, Afonso Celso; os estudos de Magalhães de Azeredo, Pedro Lessa e Alcides Mala; o orientalismo das viagens de Luiz Guimarães Filho; o jornalismo de José de Patrocínio, Alcino Guanabara e Felix Pacheco; o folhetim de Arthur Azevedo e Urbano Duarte; o conto e a crônica de Paulo Barreto. Acima de tudo, literariamente, vemos na presidência da fundação, como no fulgor de uma síntese, o romance, a novela, o conto, o poema, o teatro, a crítica e o memorial de Machado de Assis. Impecável, com ceptismo e o desencanto aliados à brandura e polidez, foi ele o grande senhor das letras do Silogeu até 1908, quando expirou. Quinze anos depois, instalada a Academia no palácio doado pelo Governo da França, reprodução arquitetônica do tempo de Luiz XV em Versalhes, o Petit Trianon passaria a ser para todos nós, do mesmo modo, a casa de Machado de Assis.

Mas antes disso, em 1917, a imprevisível Fortuna, senhora de tantos caprichos da antiguidade e tantas surpresas modernas, surgiu magnificamente à porta do Silogeu com o testamento de Francisco Alves nas mãos,

quase cinco mil contos de reis para a Academia, tão pobre ainda na véspera, e de repente milionária.

Carlos de Laet, a esse propósito, fez uma adaptação maliciosa das suas reminiscências católicas. Na igreja primitiva os calices eram de pau e os sacerdotes de ouro. Esperava o mestre da ironia que o inverso não ocorresse na Igreja literária, subitamente enriquecida.

Com o seu lastro de ouro e as suas poltronas azuis celebrou a Academia, em 18 de Dezembro de 1923, uma sessão memorável — a sessão inaugural da nova sede. Não lhe faltavam agora comodidades e ornatos: móveis adamascados, estatuetas e quadros, relíquias, três belíssimos vasos de Sèvres, oferecidos pela França. Pouco e pouco, entretanto, levados pela morte, ausentavam-se da Ilustre Companhia os mestres admiráveis. Do antigo e do novo predio, sob as grinaldas mortuárias, saíam para a necropole os imortais. Um por um, iam desaparecendo os gigantes da fundação, insubstituíveis na sua grandeza. Quando assomou um Oliveira Vianna, entre os sucessores, vem ao nosso espírito a ideia de uma ressurreição.

Imortalizados pela sua obra, que haviam feito dentro da Academia esses gigantes? Alguns discursos e alguns números do Boletim. Eles planejaram a gramática e o dicionário da língua nacional, e reforma da ortografia, e um dicionário bibliográfico. Mas ficaram sem execução todos esses projetos, e muito depois deles é que sobrevém o acordo ortográfico, assinado, por duas vezes entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa.

— “Nada pode fazer o maior genio do mundo, se o não ajudam as circunstancias, já o dizia Napoleão, e aju-

O “Petit-Trianon”, à Avenida Presidente Wilson, sede atual da Academia Brasileira (Palácio doado à Academia pela França em 1923).



dados pelas circunstâncias, digamos, os menores podem realizar, algumas vezes, o que elas impossibilitaram aos maiores artifices, dotados de qualidades titânicas.

Veja-se agora, exemplificando, o que lograram atualizar os recém-vindos, nomeadamente Afrânio Peixoto com o seu dinamismo, e a série de publicações ora colecionadas sob o nome do laborioso iniciador. Em literatura: as *Primeiras Letras*, cantos de Anchieta, mais o diálogo de Jean de Lery e trovas indígenas; as obras completas de Gregório de Matos em seis volumes (*Sacra, Lirica, Graciosa, Satirica*, dois tomos, e *Ultima*); o *Compendio Narrativo do Peregrino da América*; o *Uruguai*, de Basílio da Gama; o *Florilégio da poesia brasileira*, de Vernhagen, anotado e esclarecido pelo saudoso Rodolfo Garcia. Em história: o *Tratado da terra do Brasil* e a *História da província de Santa Cruz*, de Magalhães Gandavo; a *Viagem ao Brasil*, de Hans Staden; os *Dialogos das Grandezas do Brasil*, pela primeira vez publicados em livro. Dos anais da Companhia de Jesus: *Cartas do Brasil*, de Manuel da Nobrega, com anotações de Vale Cabral, eminente bibliógrafo; *Cartas avulsas* (1556-1568); *Cartas, informações, fragmentos inéditos e sermões do Padre Joseph de Anchieta*, colecionados por Vieira Cabral com o prefácio de Antonio de Alcantara Machado; *Os Jesuítas do Brasil e da Índia*, inédito, por José Caeiro.

A biblioteca dos patronos compõe-se actualmente dos seguintes volumes: *Gonçalves Dias*, *Castro Alves*, *Alvares de Azevedo*, *Junqueira Freire*, *Arthur de Oliveira*, *Porto Alegre*, *Tobias Barreto* e *Francisco Otaviano*; a dos membros efetivos da Academia compreende os estudos acerca de Euclides da Cunha, Luiz Guimarães Junior, Luiz de Mendonça, Arthur Azevedo, Raymundo Correia e Vicente de Carvalho. Foi composto ainda o esboço bibliográfico de Francisco Alves, bemfeitor da instituição.

Em doze tomos, até 1948, acham-se publicados os discursos de recepção académica, e os elogios académicos de Silva Ramos, Graça Aranha, Santos Dumont, Luiz Carlos, Alfredo Pujol e Constancio Alves. Os anuários vão desde 1935 a 1951.

Editados pela Academia tivemos ainda os oitenta números da sua *Revista*, monumental colectânea entre os fastos da nossa vida literária; os *Sonetos brasileiros*, de D. Alvaro de las Casas; *Estudos e Orações*, trabalhos de Celso Vieira na presidência de 1940; *Efemerides* actualizadas até 1940, de José Vicente de Azevedo Sobrinho; *Machado de Assis*, algumas notas sobre o humor, por Alcides Maya; *Santo Antonio*, de Constantino Alves, e *Ensaio*, de Xavier Marques; duas séries de conferências, reunidas sob a epigrafe — *Panorama da literatura estrangeira contemporânea* e *Arquivo Camoniano*.

Tais edições honram as letras indígenas. E alargou-se o prestígio social da Academia, como desejava o nosso primeiro Embaixador em Washington. De países europeus e americanos chegam-lhe convites e apelos, mensagens e aplausos, testemunhos de estima, palavras carinhosas e consagradas. Até mesmo de Roma vem para ela a benção e a medalha de ouro do Sumo Pontífice, como velu depois da Abolição a Rosa de Ouro para Dona Isabel.

Além de escritores e poetas, ou mesmo como poetas e escritores, nesse período aureo, pertencem á Academia; embaixadores, barões,

ministros de Estado e ministros do Supremo Tribunal Federal, governadores, nobiliarcas do Vaticano, príncipes da Igreja, um almirante, um marechal, uma celebridade mundial, Santos Dumont, e o próprio Chefe da Nação Brasileira. *Excusez du peu...*

Era a Academia um salão, no dizer de Afonso Celso, e o primeiro salão intelectual da sociedade brasileira, ou melhor, da sociedade latino-americana, pela qual não tardou a ser, com efeito, copiada em academias da Argentina, do Chile, do Uruguai, do Peru, etc., quando a Academia Real da História, de Madrid, somente produzira neste hemisfério a da Colombia. Batem-lhe á porta visitantes e conferencistas notáveis, alguns de fama universal, como Anatole France, Georges Dumas, Georges Duhamel e Jacques Maritain, franceses; Emil Ludwig e Hermann Keyserling, alemães; Stephan Zweig, austriaco; Guglielmo Ferrero e Marconi, italianos; Salvador de Maderiaga, espanhol, Julio Dantas, português. Em cinquenta anos celebrou a Academia condignamente, não raro brilhantemente, os centenários de Dante, Balzac, Cervantes, Anatole France, Emile Zola, Machado de Assis, Tobias Barreto, afóra outros, estrangeiros ou nacionais. E ainda o centenário da restauração de Portugal. E até o da Companhia de Jesus.

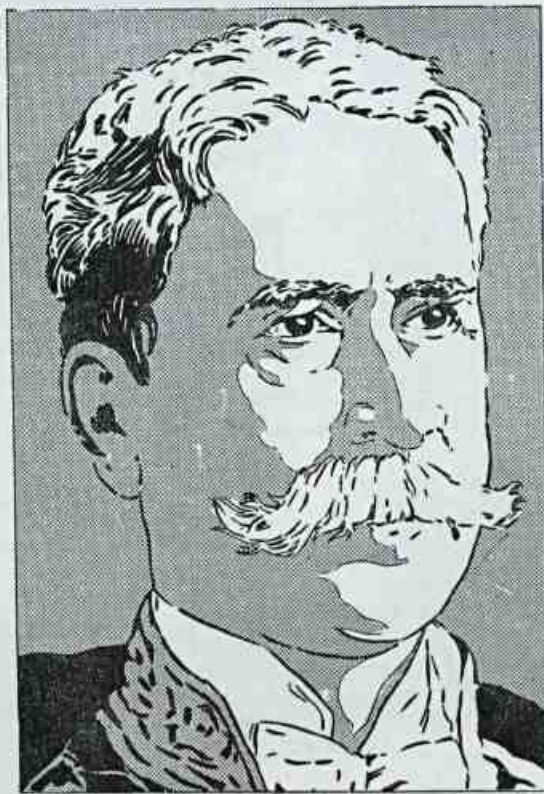
Mas a lei dos eternos contrastes rege também as vidas coroadas de soberbos triunfos. Nesse erudito cenáculo, a despeito da inscrição latina e ambiciosa — *Ad Immortalitatem*, — vemos com frequência as tochas de uma camara ardente, em que se converte para todos os imortais (?) a sala das relíquias. Dramaticamente, por outro lado, chegam notícias confrangedoras: o suicídio de Raul Pompeia, o assassinio de Santos Chocano, sócio correspondente, em Santiago do Chile, o assassinio de Euclides da Cunha, no Rio, a instantanea morte de Paulo Barreto *dentro da noite*, dentro de um automóvel, como se os títulos das suas obras lhe prenunciassem o final. Roberto Simonsen, fulminado, pende sobre a cópia datilográfica do seu discurso no Petit Trianon.

Os academicos passarão, mas a Academia perdura. Se a de França lhe foi o modelo, seria ela, por sua vez, a de outras instituições académicas, estaduais ou continentais. Não se petrificou num esteril academicismo, denunciado pelas vozes revolucionárias e acusadoras da *Semana Moderna*. Ao contrário, fez um trabalho considerável e exerce uma fascinação irresistível, tanto assim que os próprios modernistas quinquagenários lhe requestram os votos e lhe ocupam as cadeiras, vistosamente se retratam com o espadim e os bordados de ouro do 1.º uniforme, sob a pluma branca do bicórnio de veludo preto.

Que os velhos se resignem, depois disso, á grande lei dos ciclos e das metamorfoses, á sucessão evolutiva das formas e dos nomes.

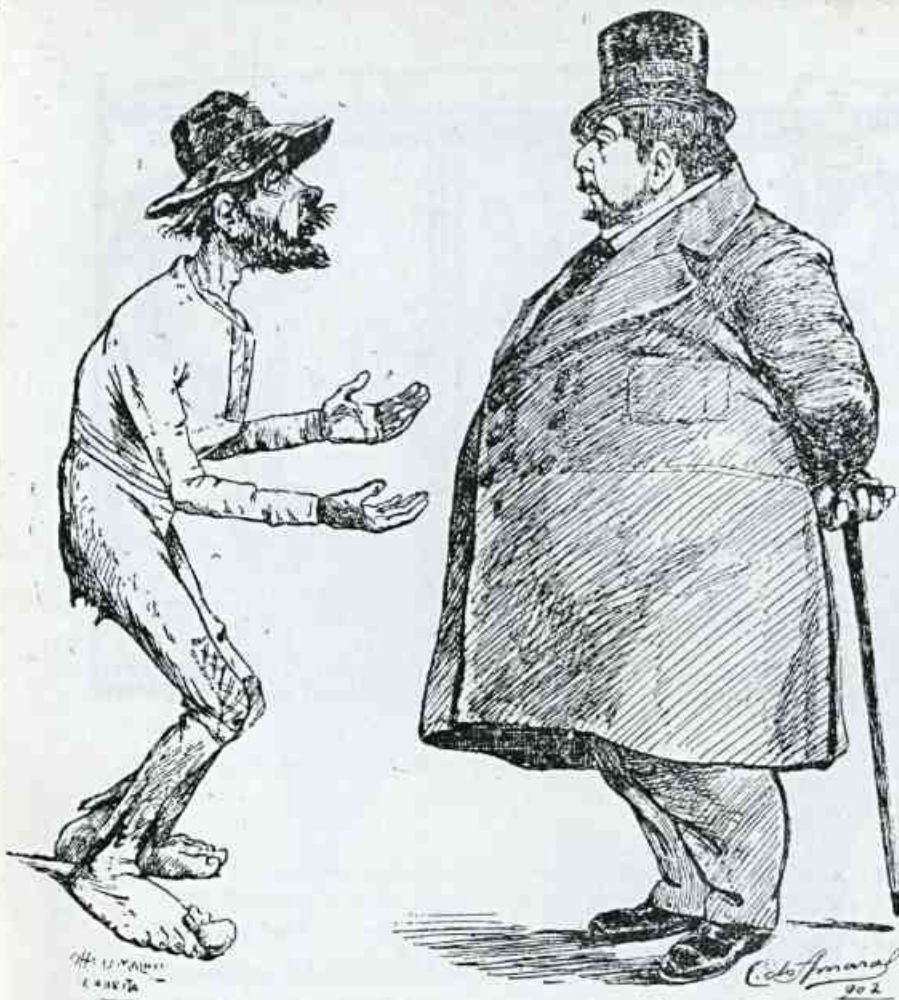
Desde o alvorecer, mais luminoso, esteticamente, do que lhe tem sido o meio-dia, a instituição foi sempre o lugar da mocidade, segundo as palavras de Machado de Assis na sala do Pedagogium, em 20 de julho de 1897: — Não é preciso defini-la. Ideada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova, e naturalmente, ambiciosa".

Poderemos talvez acrescentar que, se o academicismo da metropole teve alguns



J o a q u i m N a b u c o

(Cont. no fim do número)



O OPERARIO — S. Comendador, estou até esta hora sem botar nada no estambo. V. Ex. me dá um cobrinho.
COMENDADOR — Olha, filho, aqui onde me vês, com os camarotes da Darclee a 150\$000, eu ainda estou pior do que tu...
 (Charge de C. do Amaral, publicada em o n. 2 de "O Malho", em Setembro de 1902.)

Meio século de caricaturas

A. CESAR VEIGA

se, com Prudente de Moraes, uma restauração da ordem civil em prazo, que ainda quase quintuplicado, em nossos dias, não conseguimos apagar os vestígios do desmonte estrutural do último recomeço nacional semelhante, ocorrido em 1930.

Já o segundo quadriênio, o de Campos Sales, viera estender à ordem econômica-financeira a realização estrutural, que Prudente desboçara na ordem política.

Foram essas duas tarefas cumpridas, que permitiram surgisse afinal o Brasil pela primeira vez como país e povo entre as demais nações e não como simples domínio, feudo ou quinta de um soberano ou dinastia européia na América.

Teve então a Nação o seu autêntico primordial Governo, que sob critério democrático, escolhia pelo merecimento e segundo as necessidades nacionais os indivíduos para os postos administrativos ou de realização, bem como concedida a confiança, a iniciativa e mesmo a autonomia deliberativa e executória a quantos empreendessem o desenvolvimento progressista e a evolução cultural do País.

Foram assim, possíveis, não apenas o aparecimento, como os êxitos de Oswaldo Cruz e Santos Dumont, Francisco Passos, Frontin, Lauro Muller e, afinal do próprio Ruy Barbosa.

Nesse quadro social histórico surgia "O Malho", revista inicialmente de crônica e crítica ilustrada política, inaugurando a caricatura em substituição do

O "Malho" nascendo em 1902, surgia com o alvorecer de uma verdadeira Nação. Anteriormente, em realidade-objetiva, tínhamos sido, tão só, um feudo paternalista, (o Império) que sucedera a outro pre-renascença, quase de todo medieval ainda (a Colônia ou América Portuguesa) e, imediatamente antes, com três quadriênios de República, um povo sem estrutura, que procura instituições e fisionomia.

O Império nos dera apenas a possibilidade, o exercício e, pois, o respeito ao poder civil, um tanto cívico e pouco assimilado. Mas embora incarnada em pessoas, a Família Imperial, em cópia transplantada do modelo europeu, essa cultura política, que jamais seria nossa, porquanto não se formara aqui, servira e muito para evitar o caudilhismo militarista ou pretoriano dos heróis do momento, que infestará outras colônias sulamericanas em seus prodromos.

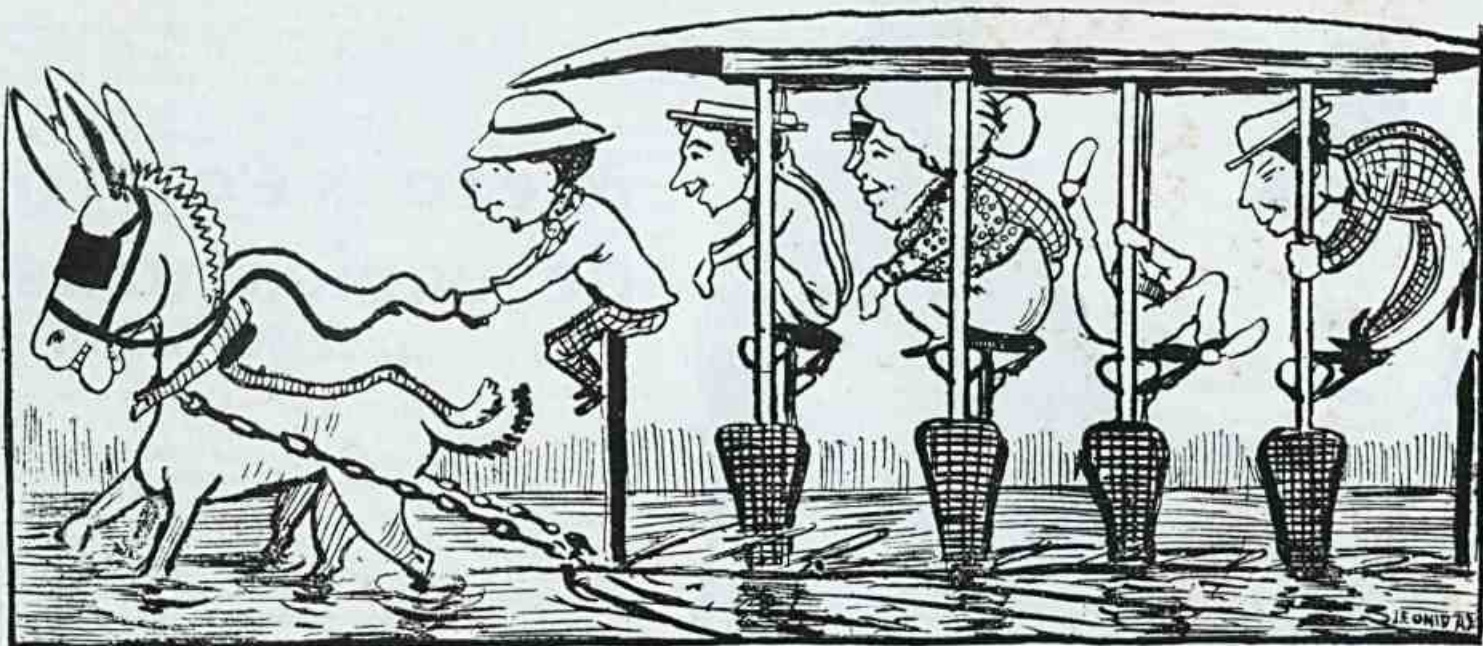
No mais, fora uma cultura da fachada e para alguns. Permissiva e não funcional. Individual e não social. Ostentatória e nunca produtiva ou realizadora.

E tanto assim, tão pouco evolutiva auto-elaborada e interativa ou integrada, que com a primeira transformação política, a queda da monarquia e ascensão da república, imergiamos no caudilhismo militarista no tenentismo incipiente, que constitui a improvisação inicial, de qualquer grupo humano amorfo, para a vida coletiva, pretendidamente social.

O primeiro quadriênio civil da República, conseguira, porém, nessa primeira cri-



A REFORMA MUNICIPAL — Agora o que vai valer no distrito é o executivo. Já vêm vocês que nós estamos muito bem. Nas eleições é executivo pra frente!
 (Charge de K. Lixto, aparecida em o número 27 de Dezembro de 1902.)



ECOS DA INUNDAÇÃO — Como se viaja de bonde na Capital Federal, depois que a engenharia é a principal preocupação dos nossos administradores... É preciso quanto antes a invenção do bonde... submarino. (Charge de Leonidas — "O Malho" de 25 de Fevereiro de 1905).

desenho humorístico da "Revista Ilustrada", de Angelo Agostini e vários e pequenos outros hebdomadários ou mensários, de existência efêmera, que apontavam precariamente em nosso sempre retardado País, de imprensa reprimida, proibida, perseguida ou deturpada.

Curioso que da mesma forma qual se documentam através de uma revista, como esta, para "malhar" os nossos deslises e também enaltecer nossos bons eventos, os fatos marcantes de uma comunidade humana se estampam em sucessão frisante na recordação de contemporâneos, mesmo desde infantis, conforme me sucede.

Lembro-me, assim, como entre assustado e estremunhado fui alçado ao colo, numa janela de prédio ainda existente na atual Av. Marechal Floriano para vêr (?) "como se vaiava em despedida um homem direito que apenas fizera bem ao País". Era Campos Sales, que deixando o governo, embarcava para São Paulo, num carro que o transportava à gare, então da "Central", num amontoado de gente em torno que o aplaudia e iluminava a fogos de bengala, enquanto uma turba hululante disparava mais distante, atirando coi-

1.º DE MAIO — A FESTA DO TRABALHO

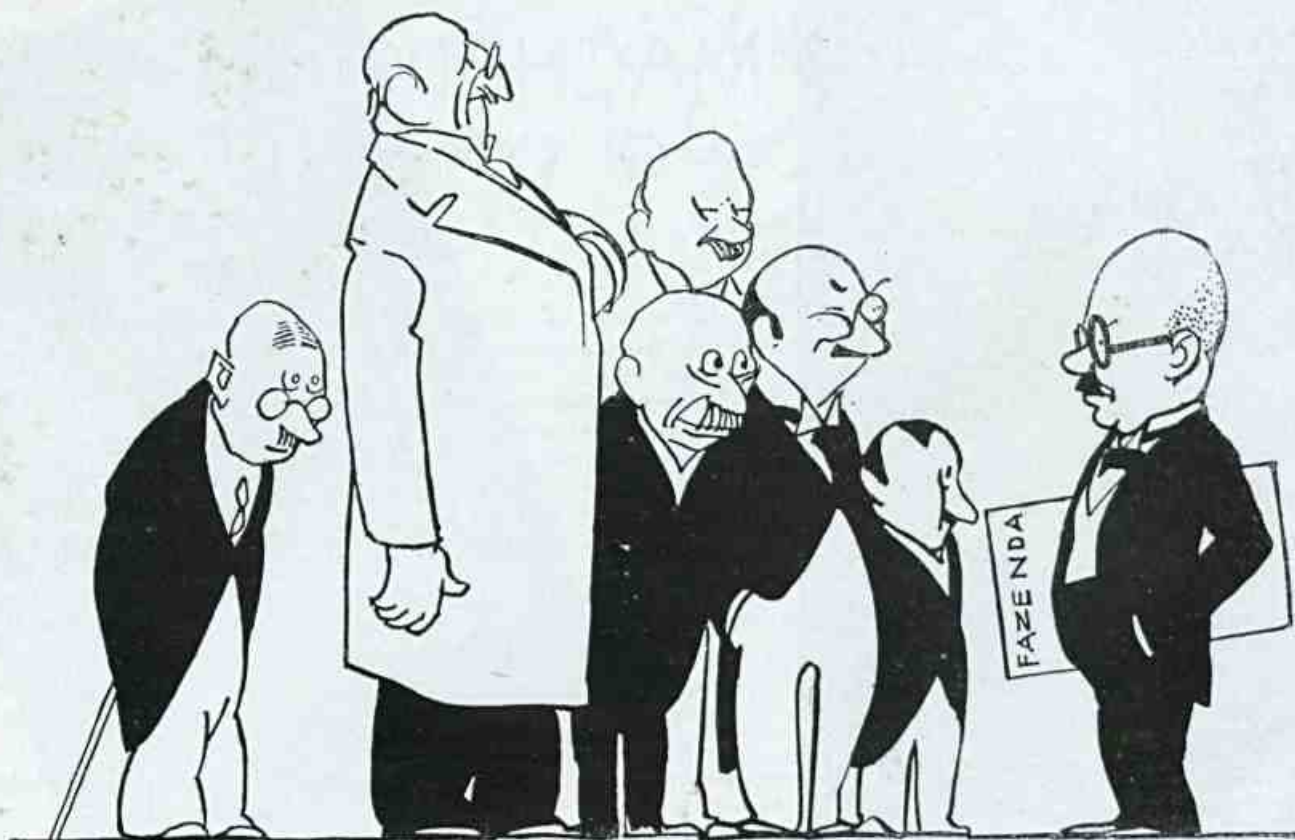
A CRISE E A POLITICAGEM: — Anda daí! Vem festejar a tua grande data!

O TRABALHO: — Festas? !... Se eu estou desempregado!... Se vocês me apertam cada vez mais!...

ZÉ POVO: — É isso mesmo! E de duas uma: ou essas megeras o largam ou o pobre diabo morre mesmo asfixiado!

WENCESLAU: — Restos da "urucubaca", que é preciso varrer fora...





O C A M B I O

ZÉ MARIA — Não sei mais o que fazer para evitar a queda do câmbio.
UM DOS COMERCIANTES — É deixá-lo chegar ao chão. Do chão não passa.

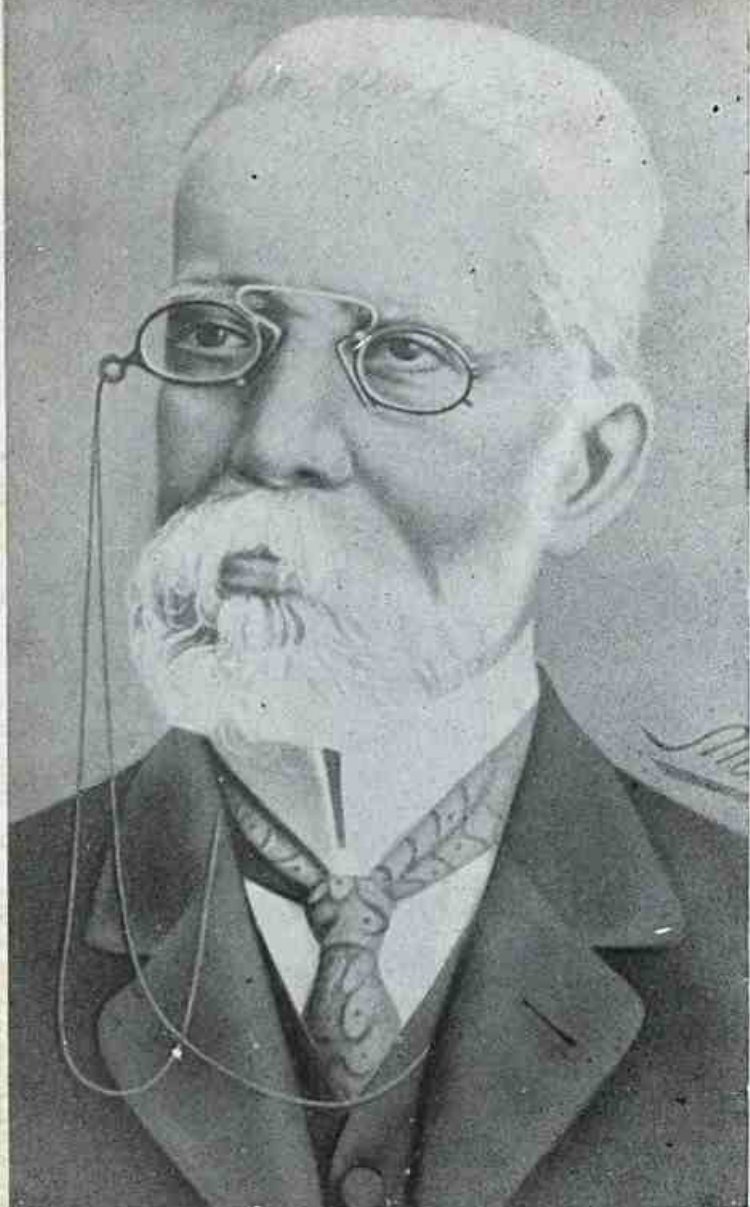
(Charge de Luiz Peixoto, publicada em o número de "O Malho" de 16/5/931.

sas em direção ao veículo. Se a frase consagrada da ação do governante me ficou pela repetição posterior de minha mãe, que pretendia e conseguira incutir-me uma lição de proibidade política, a impressão ou percepção pessoal do fato também não se apagou, ainda que menos discriminada na mente. Outra reminiscência indelével, como todas as culminantes na primeira infância, que não sofrem processo conflitual de repressão, para se tornarem recalques ou complexos, quando vivências penosas esquecidas, é a do "quebra lampião", que depois soube ter constituído uma das manifestações da inveja mesquinha e do ciúme alarmado da medicina rotineira e da política, ainda mais roncira, que se opunham com todos os ínfimos recursos de seu apoucamento às campanhas de saneamento do pestilento país, a que nos reduziram pelo atraso e inépcia originários. Com "carta branca" do Governo Rodrigues Alves, Oswaldo Cruz fazia vacinar obrigatoriamente a todos contra a varíola, que não só dizimava mas devastava as favelas de então, os cortiços, visitando e abatendo vítimas em todos os lares, por mais abastados. Assoalhou-se que os médicos vacinadores desnudavam mulheres para vaciná-las, esbordoavam gente e destruíam caasa ou móveis, para matar mosquitos (vetores da febre) ... "O Malho", como grande parte da imprensa e o Congresso legislativo, com suas leis de emergência, veentilavam e apoiavam o primeiro e grande movimento civilizador do Brasil. Diante de minha casa havia um combustor de iluminação a gás, que me permitira assistir ao "quebra" inicial. Um facho de luz, erguendo-se do cano decepado, me ficou

na memória como um deslumbramento ameaçador. Parecia-me impossível que o fogo não propagasse a tudo, dali.

"Charges" do "O Malho" rematavam esses sucessos, verberando as insídias dos renegadores do progresso. Até a filosofia dominante então, o Positivismo, se agulava para deter o Brasil na barbárie. Depois de contemplar o êxito final, pacífico, da campanha, nas residências inteiramente cobertas de pano branco, para a "defumação" um novo acontecimento vinha-se agravar em minha imaginação infantil e aparecer nas caricaturas do "O Malho": a revolta da Escola Militar, na Praia Vermelha. Aqui, porém, quanto a mim resultava numa impressão indireta: um carnaval com entrudo e tudo, a que me via privado, pela pouca idade, de praticar, mas assistia e a notícia do noivado de uma parenta com um dos comandantes mais destemidos da revolta dos cadetes, cujo romance se iniciara no momento mais trágico do motim, quando a tropa que "ia depôr o Governo" sofria a descarga inesperada, que a imobilizara, diante de sua casa. Quanto lamentei então o que fôra a maior sorte do País!

Com as glórias consecutivas de Oswaldo Cruz, recomendando à sua Pátria pelo sucessor de Pasteur no respectivo Instituto, de Paris; de Santos Dumont, realizando a única invenção prática, exclusivamente latina; com Ruy, criando em nome da Humanidade, em Haya, o direito das nações fracas... só se falava em "civilização" aqui. E foi essa a era do "O Malho" em sua origem...



MACHADO DE ASSIS

— O ONZE LETRAS

ELSE MACHADO

jadas as mulheres", traduzindo, talvez, a atração recíproca existente entre "o criador e as criaturas". E Alfredo Pujol, impressionado igualmente pelo carinho com que mestre Machado tratava o belo sexo, afirmou: "As suas heroínas, as mulheres dos seus romances e dos seus contos, mesmo quando não são perfeitas, não são também inteiramente más... A sua piedade e a sua indulgência encontram sempre na alma feminina algum traço que inspire uma simpatia, algum aspecto que imponha um perdão..."

Dentro da atração e da indulgência acima confirmadas, realço agora o interessante papel que ele desempenhou em nossas letras, como generoso protetor das aventuras femininas. Embora lembrando de leve os assuntos da sua vasta pro-

dução literária, é possível observar que o benevolente autor mobilizou um exército de homens e mulheres de confiança, pondo-os ao serviço das apaixonadas donzelas, viúvas ou senhoras cacadas do tipo sentimental.

Já não falando nas domésticas dedicadas e nas parentas de temperamento acolhedor e tolerante, veja-se como o nosso imortal romancista cria tipos masculinos que com muita decência e habilidade entram no seio das famílias, e diplomaticamente auxiliam as beldades machadianas.

Um irmão viúvo, um amigo comprovado, um padrinho de casamento, um pai adotivo, um escravo fiel, um agregado respeitoso, são os tais homens de confiança, que ou socorrem as meninas ingênuas ou apadrinham as donas maduras. São ajudantes leais e discretos, achando-se a postos para múltiplas emergências; eles acompanham as heroínas, levando-as a visitas e a passeios, entregando cartas, dando conselhos, desfazendo equívocos e promovendo encontros entre os pares enamorados.

Até os respeitáveis clérigos se incorporam ao exército de proteção ao sexo frágil. A missão do Padre Melchior, por exemplo, é bastante clara no drama de Helena e de Estácio; parece que o próprio Machado de Assis, metido literariamente nas vestes de um sacerdote, põe-se a contornar riscos e a evitar escândalos, conquistando o beneplácito dos leitores.

Mas, como é do conhecimento público, a missão dos "onze letras" não é muito fácil. E, inegavelmente, um tanto perigoso, porque em presença das Iaiás, Lolós, Capitãs, Marcelas, Madalenas, Helenas, Virgílias, Fidélias, e de outras deliciosas primadonas, os intermediários ficam perturbados não são apenas os homens jovens que apreciam os encantos de suas protegidas, pois os indivíduos idosos e austeros também não conseguem neutralizar a força dos fluídos românticos. Contemplando as bonitinhas e as bonitonas, os "onze letras", gente de carne e osso como qualquer mortal, aprendem que com Cupido ninguém brinca...

Para provar que as graças da feminilidade bolem com o juízo dos casamenteiros, leia-se o depoimento do Conselheiro Aires em "MEMORIAL DE AIRES". Dizem os críticos que Machado de Assis se encarna no Conselheiro; e o pobre sexagenário, diante da sedutora viúva Fidélia, faz os mais fantásticos castelos no ar... Aludindo várias vezes a um poema de Shelley, datado de 1821, em que o poeta inglês se confessa incapaz de amar, o Conselheiro declara a sua idêntica impossibilidade; e combate, como pode, as derradeiras veleidades de Dom João, os quais se abrigam em sua alma de velho guloso: "O ofício de amar não cansa nem morre", mas "a velhice quer descanso", e para ela não devem subsistir os cuidados do amor. Então, o desenganado pseudo-Romeu vai perdendo "o ciúme e a inveja" de ver a viúva casada com outro; e, sem que ninguém o incumba, ele voluntariamente se transforma em "onze letras" de Fidélia e de Tristão.

Acomodando-se às duras realidades da vida, o Conselheiro acompanha paternalmente o idílio amoroso da "saborosa e vistosa" moça; e filosofa sobre as travessuras de Cupido: "Aquêle drama de amor, que parece haver nascido da perfídia da serpente e da desobediência do homem, ainda não deixou de dar enchescentes a este mundo... O drama é de todos os dias e de todas as formas."

Estando a vida íntima de Machado de Assis, que se mostrou marido pacato e dedicado, concluiu-se que a sua proteção aos amôres femininos foi gesto de pura compensação emotiva. E tal gesto, sem dúvida, dá-lhe um lugar devéras simpático e galante na literatura brasileira.

Haverá, escondido por aí, algum outro notável "onze letras", desejoso de socorrer discretamente e diplomaticamente as desprotegidas amorosas do século vinte?

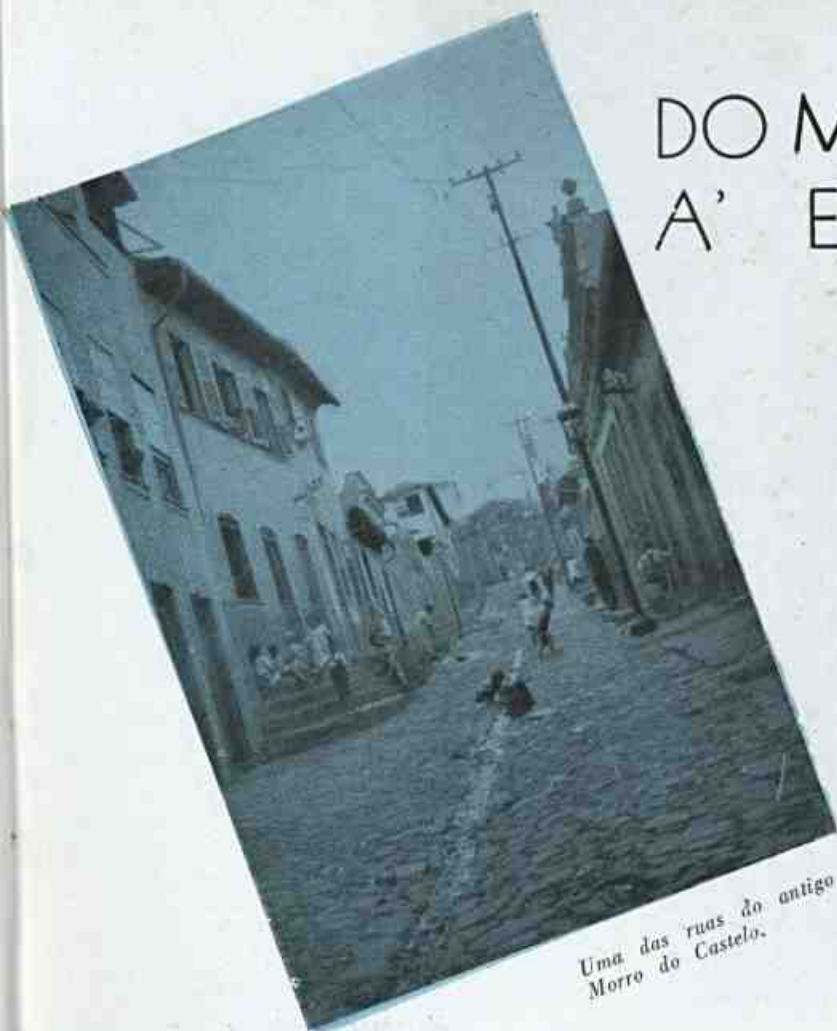
Se houver, é favor que não tarde a exercer o seu ofício.

O comparcimento de Machado de Assis ao aniversário de "O Malho" é justa homenagem que desejo prestar a um ex-tipógrafo; um ex-tipógrafo que depois que se fez revisor, e um revisor que se tornou jornalista e escritor de alta classe. Seu destino foi uma completa consagração à letra de fôrma; portanto, é indispensável a sua figura nas festas aniversárias da imprensa carioca.

Hoje ele vem, de mãos dadas comigo, ocupar uma coluna desta revista que se faz cinquentenária; e, tornada assim uma das "super-balzaquianas" do jornalismo brasileiro, a revista "O Malho" quase que se pode comparar com a última super-balzaquiana descrita por Machado de Assis; refiro-me à dona Carmo, do "MEMORIAL DE AIRES", que era "afável e deliciosa com todos", possuía "um poder de atrair as pessoas", e fazia "casar nela todas as idades"...

Apresso-me em explicar o título deste artigo, onde não pretendo desprestigiar e sim engrandecer, mais e mais, o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras. Apresento-o, pois, não como um "alcoviteiro" vulgar e depreciável, mas como um autêntico Santo Antonio casamenteiro, sempre disposto a simpatizar com os anseios amorosos das filhas de Eva. Sabe-se que em linguagem familiar a designação de "onze letras" substitui e disfarça a de "alcoviteiro", palavra exatamente composta de seis vogais e cinco consoantes. Estou certo de que, se fosse vivo, Machado de Assis gostaria da inocente brincadeira que neste momento faço em torno de sua proverbial adoração pelas mulheres, pelo menos por aquelas que apresentou em seus livros. Graça Aranha notou, acertadamente, que o recatado Joaquim Maria, como escritor, tornava "dese-

DO MORRO DO CASTELO A' ESPLANADA



Uma das ruas do antigo Morro do Castelo.

N O Morro do Castelo existiu a primeira cidade do Rio de Janeiro. Foi daquela colina que desceram os moradores para os aterrados da redondeza. Numerosas ruas cortavam o altiplano e subiam as encostas, do lado da Misericórdia, perto da antiga Sé, e das bandas da Ajuda, onde havia a Chacara da Floresta, no ponto em que se encontra hoje o edifício da Escola de Belas Artes. O Museu, dirigido por Osvaldo Teixeira, ocupa exatamente um pedaço de terra que dava fundos para a famosa chacara. E Osvaldo Teixeira nasceu ali mesmo, naquele morro. Muitos dos grandes da cidade residiram naquelas alturas, em casas sólidas e confortáveis. O pai do Visconde de Sepetiba lá teve o seu palácio. Moraram ainda no Castelo: o general Labatut, Floriano Peixoto, quando estudante, o general Sampaio, o poeta Laurindo Rabelo, a poetiza cega Delfina da Cunha. Quem primeiro cogitou do arrasamento do morro foi o bispo José da Cunha de Azeredo Coutinho, há mais de um século. Em seu livro "Ensaio Económico" pregava êle a necessidade de remover-se aquela terra por motivos de estética e de higiene. Em 1853 o visconde de Barbacena obtinha do govêrno concessão para o arrasamento do Castelo e do Santo Antonio. Em 1873 um decreto do Legislativo fazia idêntica concessão a Joaquim Fernandes Pinheiro. Antes desses, porém, Conrado Jacob de Niemeyer, (pai do marechal do mesmo nome) e Pedro de Alcantara Bellegarde (futuro general do Império) em 1838 endereçavam ao parlamento um longo e fundamentado pedido de concessão para arrasar o morro, e conseguiam o seu designio. É interessante destacar um trecho do documento em que os dois pretendentes se propõem a

Trecho da Avenida Antônio Carlos





*Falta de beleza e
miséria de ontem.*

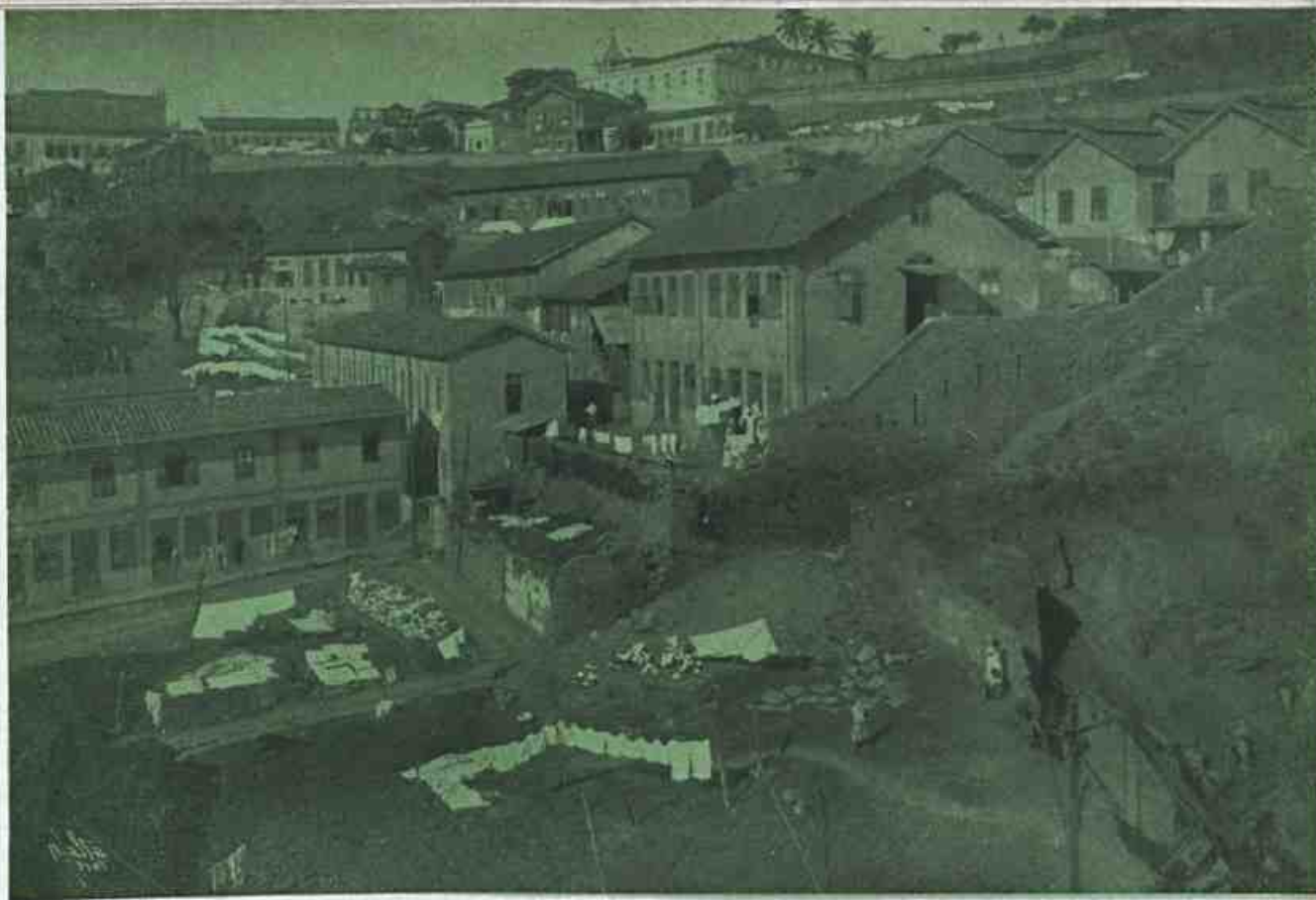
tamanha empresa e lhe exaltam as vantagens: "Arrasado o morro do Castelo centenas de capitalistas ali afluirão a edificar as suas propriedades em local desafogado e salubre, onde se agregará grande comércio, já pela continuidade do seu centro atual, já pela comodidade que oferece a vizinhança do mar."

Nem esses postulantes, nem outros que lhes seguiram a pegada conseguiram realizar a obra sonhada. Mas um dia, em 1922, um Prefeito, Carlos Sampaio, enfrentou a audaciosa iniciativa e em pouco tempo se abria a nossos

*Majestade, opulência
e beleza de hoje!*



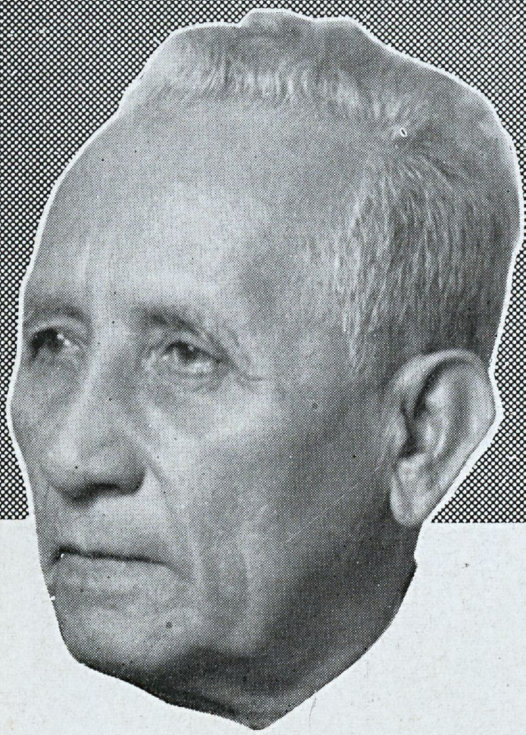
*O Morro do Castelo,
passado e recorda-
ção...*



olhos a planície enorme, exatamente o que Niemeyer e Bellegarde imaginaram. Avenidas, arranha-céus, palácios do governo, ali ostentam as suas linhas arquitetônicas. Em quase tudo os dois acertaram, menos na parte da ventilação, porque os prédios, mais altos do que o antigo morro, impedem a boa distribuição dos ventos que sopram do mar. Por aí se verificará que quem estava com a razão era Varnhagem que sustentava ser o morro, com árvores plantadas no alto e nas fraldas, um elemento de recreio e de saúde na cidade abafada...

*Esplanada, obra do presente que busca
a altura do antigo morro...*





DESCOBERTA DO DESBRAVADOR

SEBASTIÃO FERNANDES

N O relatório apresentado pelo então Tenente-Coronel Candido Mariano da Silva Rondon — designado chefe da comissão para estudar a instalação de linhas telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas, conta êle o curioso episódio de difusão duma revista carioca.

Foi em 1909. A turma de exploradores entrara por aquêl mundo inédito que é a bacia amazônica.

Passando além do Rio Machado ou Rio Gy-Paraná, deparou ela, junto da cachoeira Dois de Novembro, próximo a barra do Urupá, com rincões em que toda espécie de mistério desafiava os mais ousados. E já se aproximava da Bolívia.

A lenda e o verídico, o irreal e o verdadeiro, juntavam-se num bailado em que os mosquitos, borboletas e pássaros formavam uma farândola ao qual não eram estranhos a mãe-d'água, o boto, a cobra-grande e outras aparições do nosso folclore e das páginas da Hofmann...

As cachoeiras e corredeiras desmantelavam os batelões e via-se a serra das Onças; e a luta era maior porque o alimento era mel, castanha, cocos, caitetés, mutuns e macucos.

A vastidão do vale tropical, e toda a floresta eram um convite para decifrar segredos nos emarinhadados das matas onde se abriam picadas a facão e levava-se muito tempo andando sem pisar terra, pois os pés só tocavam samambaias, capins e arbustos — rasteiro — numa estranha esmeraldina.

De quando em vez uma parede glauca, compacta, parecendo desafiar os mais ousados caminhantes com volumes negros; a selva no seu esplendor sob cobertura vegetal de copas grandiosas, veladas, ensombrando tudo, impedindo de se ver o céu.

Depois aparecem os atalhos, quase trilhas, aberturas fáceis que são como braços abertos em tapetes veludosos, convites que fazem duvidar se cairia em algum labirinto ou arapuca.

Quando em canôa, a quilha do barco desliza pelo rio que abruptamente apresenta bôcas, canais, afluentes, os mais variados furos aquáticos, provocando rotas incertas e perigosas para depois parar em lagos quietos, remansos sem murmúrio, coalhados de vitórias-régias, sabendo-se também que lá está a cobra-grande para engulir o aventureiro, quando não é a própria água, tempestuosa, barulhenta, rolando enfurecida, na côr negra da borrasca, pororoca que tudo arrasa, destrói e mata.

E nas hervas, arbustos, parasitas, onde as folhas, galhos, flores, espinhos, apresentam o ambiente silvestre, cheio de perfumes e odores, é onde a botânica do meridiano, mas cambiantes fortes do sol, mostra ainda nos cantos, gritos, assobios, coaxos, bater de asas, quedas de frutos e galhos, galopar os patas — um cenário que aniquila o homem.

Teatro em que não falta o fundo falso para as aparições fantasmagóricas, os seres mais estranhos, ora em vôos rápidos, em saltos, perigosos, em grito de susto, surgindo e desaparecendo como em espetáculo de mágica.

A natureza tem um limite e em pouco é o cansaço que domina pelo esforço de marchas, o estontear de sobressaltos e as distâncias sem fim. Ora é o arrepio dum vento cortante, o despregar de frutos; ora são os galhos, folhas e chão encarcados húmido de orvalho como uma gruta, ora é o calor escaldante, num sol de arrebentar em mil bôcas de fogo.

As noites são imensas, cheias de murmúrios, pios, gritos, urros, cantos, assobios, miados, e o vento que passa carregado de sons, levando folhas como se aquela escuridão não quisesse acabar mais.

Mas depois duma longa caminhada mais uma novidade se depara: dentro duma clareira um rancho. Um pequeno roçado em que aparece um nosso semelhante que, mesmo sendo pequeno, se afigura um portento de força capaz de afrontar tantos seres que tentam aniquilar o desbravador.

Nem parece que aquele ser humano sabe que há outro mundo ou que tenha contacto com outros semelhantes. É o caboclo amazense que tem vida nômade, vive mudando-se em migração porque está ao sabor das estações, segundo a colheita. Muda-se para a zona da castanha ou da borracha ou ainda procura o pau-rosa e, como não pode estacionar, apresenta sempre o aspecto da fome e da miséria.

No rancho de paxeuba, coberto de palha dos seringueiros, lá está nosso irmão defumando as bolas de borracha. No tempo da cheia a vida se modifica, na solidão da floresta, existe o trabalho duro e insalubre do nosso semelhante desprotegido de todo e qualquer amparo e no entanto é dele que vem a produção da borracha. É o leite, o latex retirado daquela árvore de vinte metros de altura, é o cultivador da seringueira que parece um aventureiro e de quem todos sugam o suor, o verdadeiro trabalhador e não existe uma única lei de proteção para esse operário.

Pois foi aí, em 1909, bem nos confins do mundo, região inhospita, depois duma peregrinação de oito meses artavés de sertões de natureza virgem onde só se julga encontrar o índio, foi aí que, numa palhoça, em aparição que espanta, deparou alguém folheando as páginas da revista O MALHO.

E até pregada nas paredes, para melhor publicidade, mostrando quanto é difundida, vê-se a querida revista O MALHO que por longos anos ainda é um repositório de nossa atividade.

Zeferino da Costa — "São
João Batista"

Como em todos os países novos, a formação da arte no Brasil, ficou sujeita às influências das nações mais avançadas na conquista da técnica.

Por todo o século XIX, a terra privilegiada no domínio das artes, foi a França. De tal sorte, não seria possível conceber-se a evolução da pintura brasileira, neste cinquentenário, sem um ligeiro exame das influências de escolaridade exercida pelos mestres franceses sobre os artistas brasileiros, que, com o prêmio de viagem, iam beber àquela fonte poderosos ensinamentos.

Assim, se estabelecessemos, de princípio, uma espécie de pentagrama da pintura, no fim do século XIX e começo deste, deveríamos assinalar os nomes de Pedro Américo, cujo falecimento data de 1905.

E' na aurora do século. Mas sua poderosa influência, como veremos mais longe, foi quase absorvente. Pedro Américo se inicia como um clássico; depois se tornou mei-realista, havendo recebido os influxos fascinantes de Ingres, e, particularmente de Horácio Vernet que sobre sua composição, principalmente de pintura histórica e de batalhas, terá sempre uma preferência sugestiva e tutelar.

Por 1915, falece Zeferino da Costa, mestre de modelo vivo, cuja pintura cerrada nas linhas



MEIO SÉCULO DE PINTURA BRASILEIRA UM PENTAGRAMA ELUCIDATIVO

POR FLÉXA RIBEIRO

PROF. CATEDRÁTICO NA ESCOLA NACIONAL DE
BELAS ARTES

brilhantes, no colorido, e encorpada na pasta, atestava um conhecimento profundo da forma, e onde a influência clássica se mistura com a romântico.

De seguida, teremos de mencionar Henrique Bernardelli, de influência italiana, mas cujo espírito se afeiçãoou aos temas nacionais. Faleceu em 1933.

Nessa ordem de letalidade, devemos mencionar depois, 1941 — Rodolpho Amoedo, cujos altos méritos de artista se demonstram, principalmente na composição elegante, unida, de construção sóbria. Revela-se também um harmonista sutil, de tons delicados. Rodolfo Amoedo no fundo era um romântico, com vestígios de neo-clássico. Pro-

funda influência de Ingres e, posteriormente, de Bonyn, se enaltecem em várias de suas obras, como "Cristo em Carfanaum", "Narração de Filletas" e na "Partida de Jacob".

Finalmente, para concluir esta introdução do pentagrama que traçamos, dá-se a morte de Eliseu Visconti (1944). Foi um artista variado, assimilando diversas tendências estéticas, assenhoreando-se de diferentes escolas plásticas, desde o



Antonio Parreiras — "As Esmeraldas"

domínio do neo-clássico, do romântico, tendo até se influenciado pelo movimento da "Rosa Cruz". Por fim, se fez "divisionista", e, de seguida, se as-

semelhou ao Impressionismo, na feição Manet.

Num sentido especial, devemos reconhecer que desse pentagrama, os três nomes de maior teor artístico são: — Pedro Américo, Rodolpho Amoedo e Eliseu Visconti.

Quase que se poderia assinalar: Um "clássico", um "romântico" e um "impressionista". Procuremos analisá-los de maneira sucinta.

Em Pedro Américo há riqueza verbal, eloquência fácil, às vezes retórica. Sente-se que ele procura quase sempre a tônica teatral.

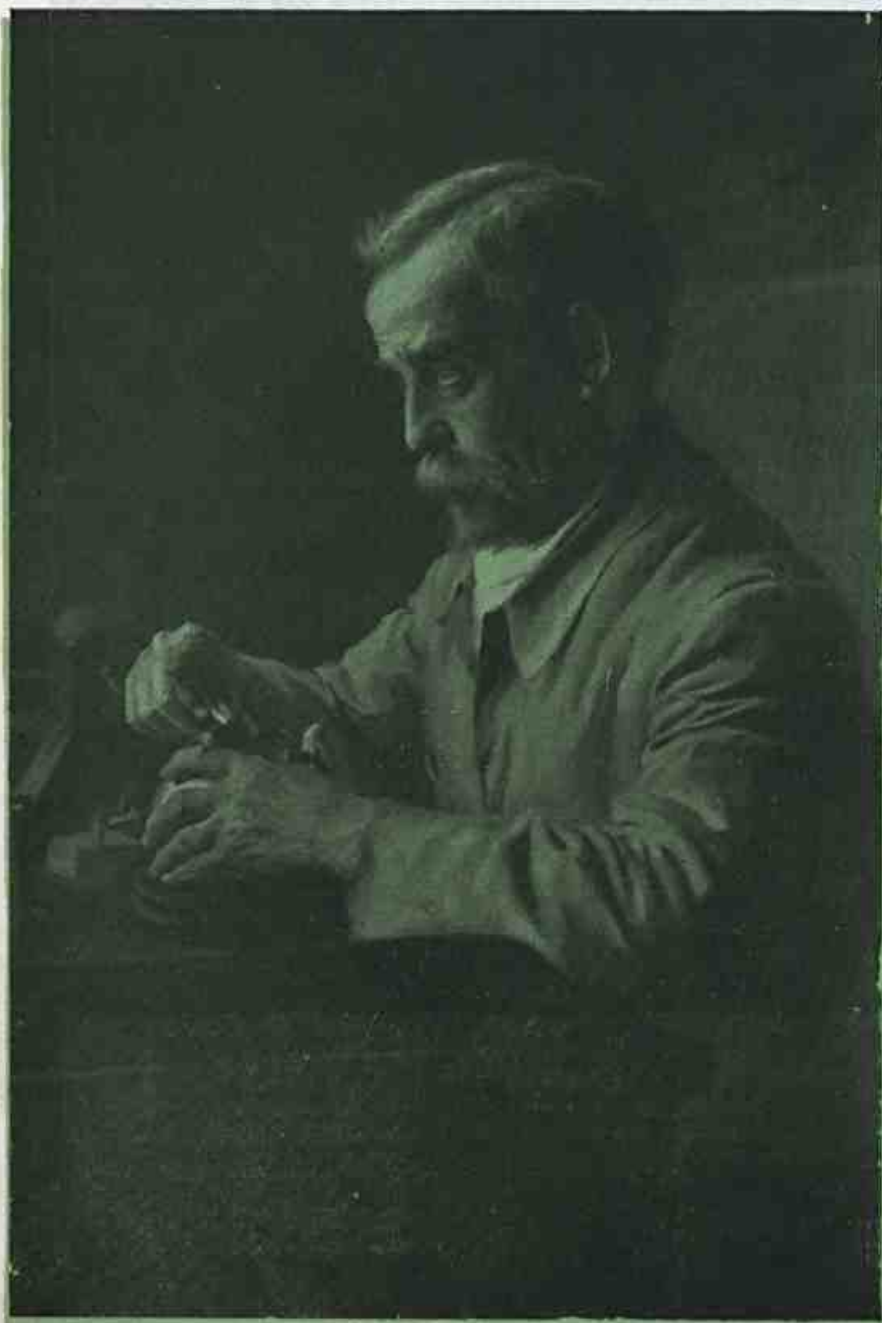
Deixa que o observador se empolgue pelo efeito óptico, espetacular da composição. O seu improviso compositivo é de efeito decorativo.

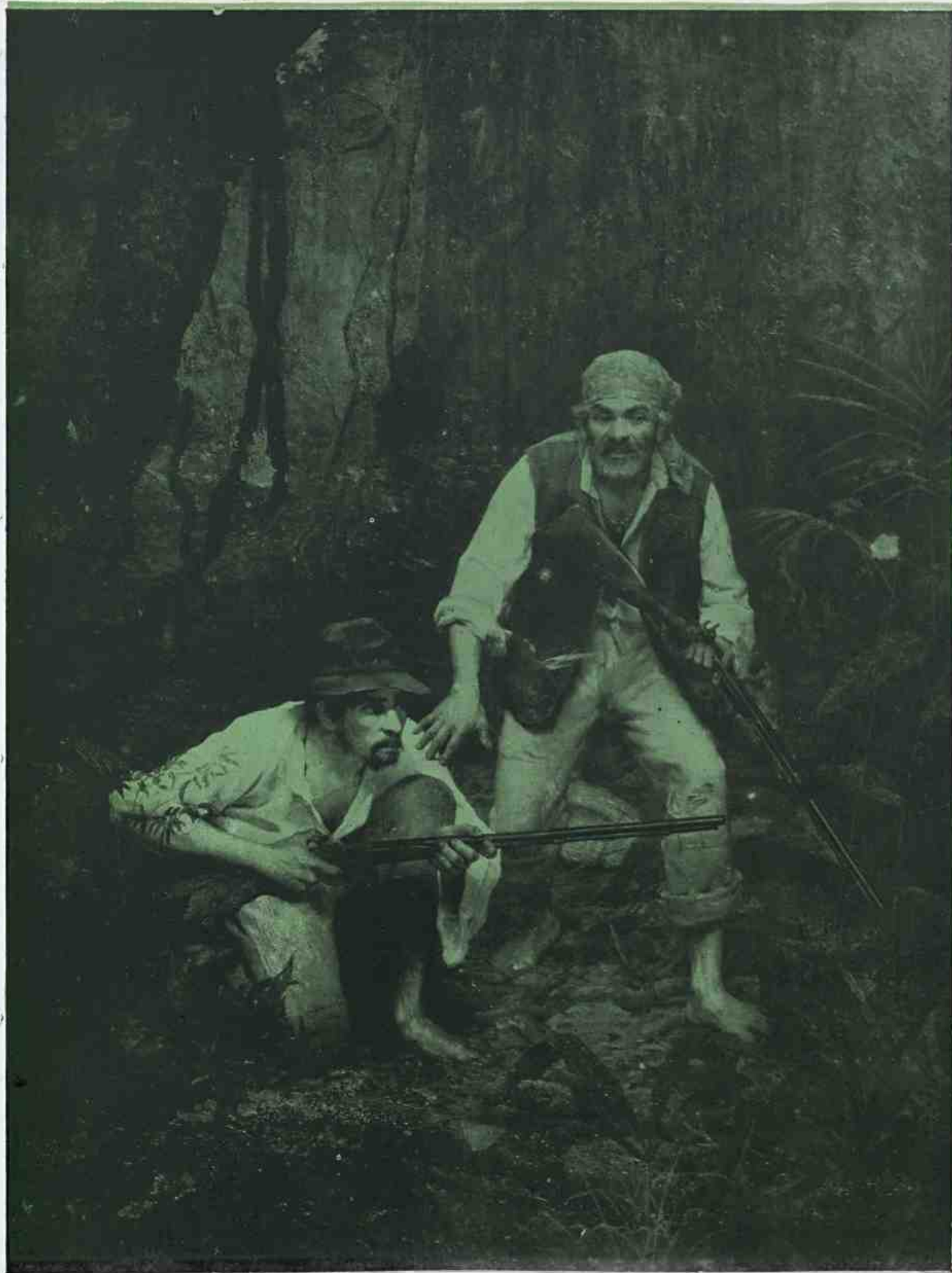
Apesar de sua imaginação pictural ser transbordante, há equilíbrio arquitetônico nas suas composições de aparato, como em seu mestre Horácio Vernet. Seus grupos plásticos possuem unidade isolada. Quase toda sua composição parece obedecer a uma ordem ternária de apoio.

Em geral toma os pontos extremos e os fixa. Uma linha catenária liga esses dois pontos formando um arco. A flecha, em geral, marca o ponto médio que é variável como importância. Só depois, segundo parece, é que o artista dá a tonal, a dominante óptica da composição, a focagem maior, de irradiação e centralização, ao mesmo tempo.

Rodolpho Amoedo, ao contrário de Américo, é um refletido: não é um dramático; é um lírico.

Rodolfo Amoedo —
"Augusto Girardet"





Almeida Junior — "Caipira negociando"

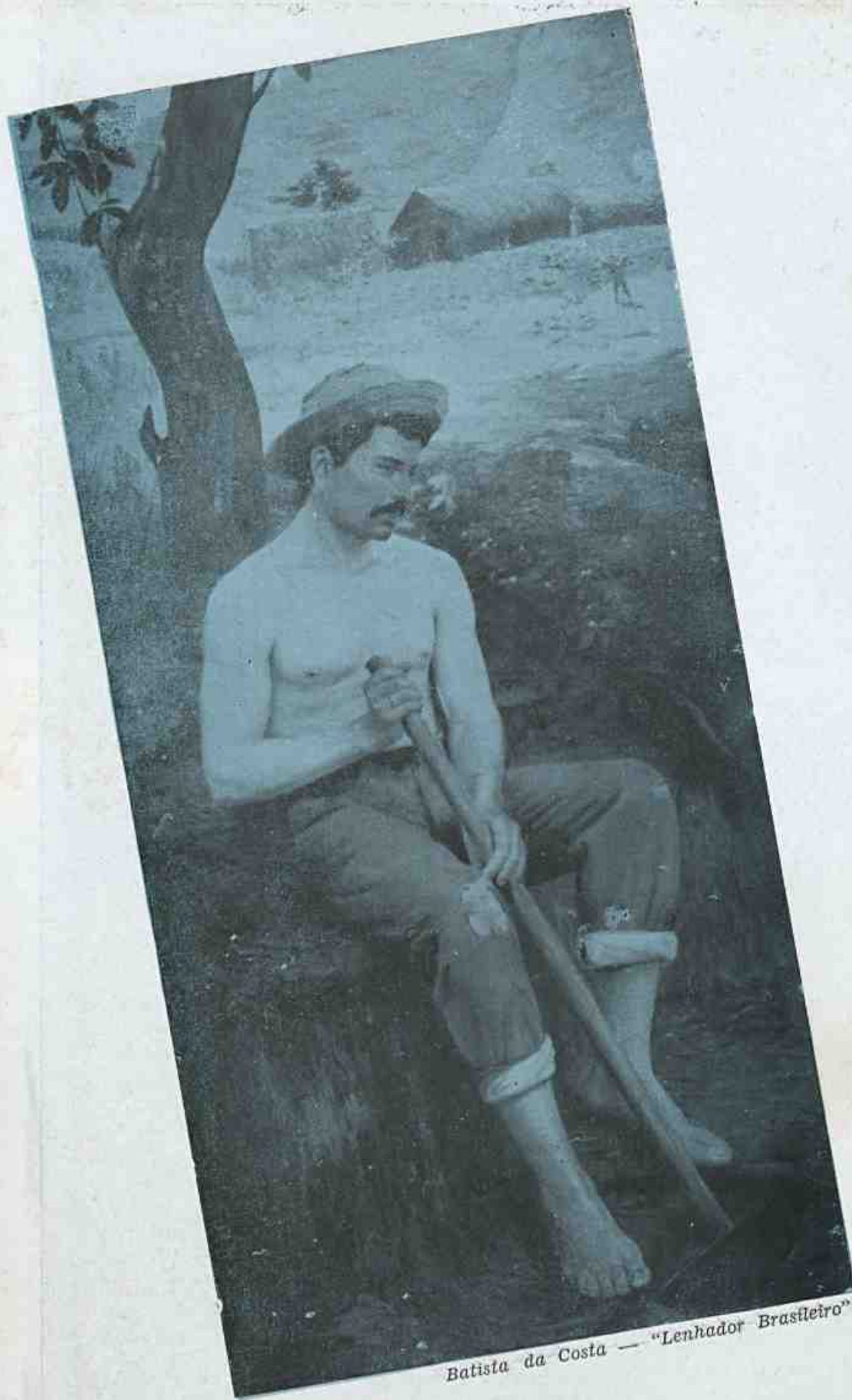
Sua criação quase sempre de gráu maior, — resulta de longa reflexão.

O sentimento poético o leva a uma visão espiritual do conjunto.

Tôda anedota tem, individualmente, três estágios: exposição, desenvolvimento, conclusão.

O sentimento poético o leva a uma visão espiritual do conjunto.

Há uma sensualidade visível no modelo da for-



Batista da Costa — "Lenhador Brasileiro"

ma, no jogo do claro-escuro, onde as sombras são quentes, vibrantes. Em Amoedo perdura o sentido absorvente do conjunto com expressividade plástica.

Já em Visconti vamos perscrutar um temperamento variável, uma capacidade prodigiosa de assimilação, uma inquietação na mudança da técnica.

O mais curioso, na sua evolução plástica, é que Eliseu Visconti se torna impressionista, depois de ser "divisionista".

biblioteca Nacional. No decurso deste meio século, são essas as figuras centrais da pintura brasileira, a cuja categoria também pertencem, Bartista da Costa, Belmiro de Almeida, Lucilio de Albuquerque e Rodolpho Chamberland.

Dexendo-se, por final, e nos dias de hoje, apenas mencionar a arte variada, — por vezes incongruente — de Candido Portinari, mas na qual se desvenda, com frequência, as qualidades próprias, definidoras de um verdadeiro artista.

Como se sabe, o grande movimento de renovação da técnica foi precisamente o realizado pelo grupo chefiado por Monet e não por Sourat.

Por mais de um título, como se compreenderá, Eliseu Visconti tem destacado lugar na arte brasileira.

O mestre, conforme já afirmamos em outra oportunidade, era um "politécnico", no legítimo sentido do termo.

Não seria difícil encontrar os marcos de sua evolução, nesse particular, em cinco estágios que poderiam ser assim classificados:

a) período inicial: — caracteriza-se por influências disciplinares que se reúnem na expressão italo-francesa até 1890;

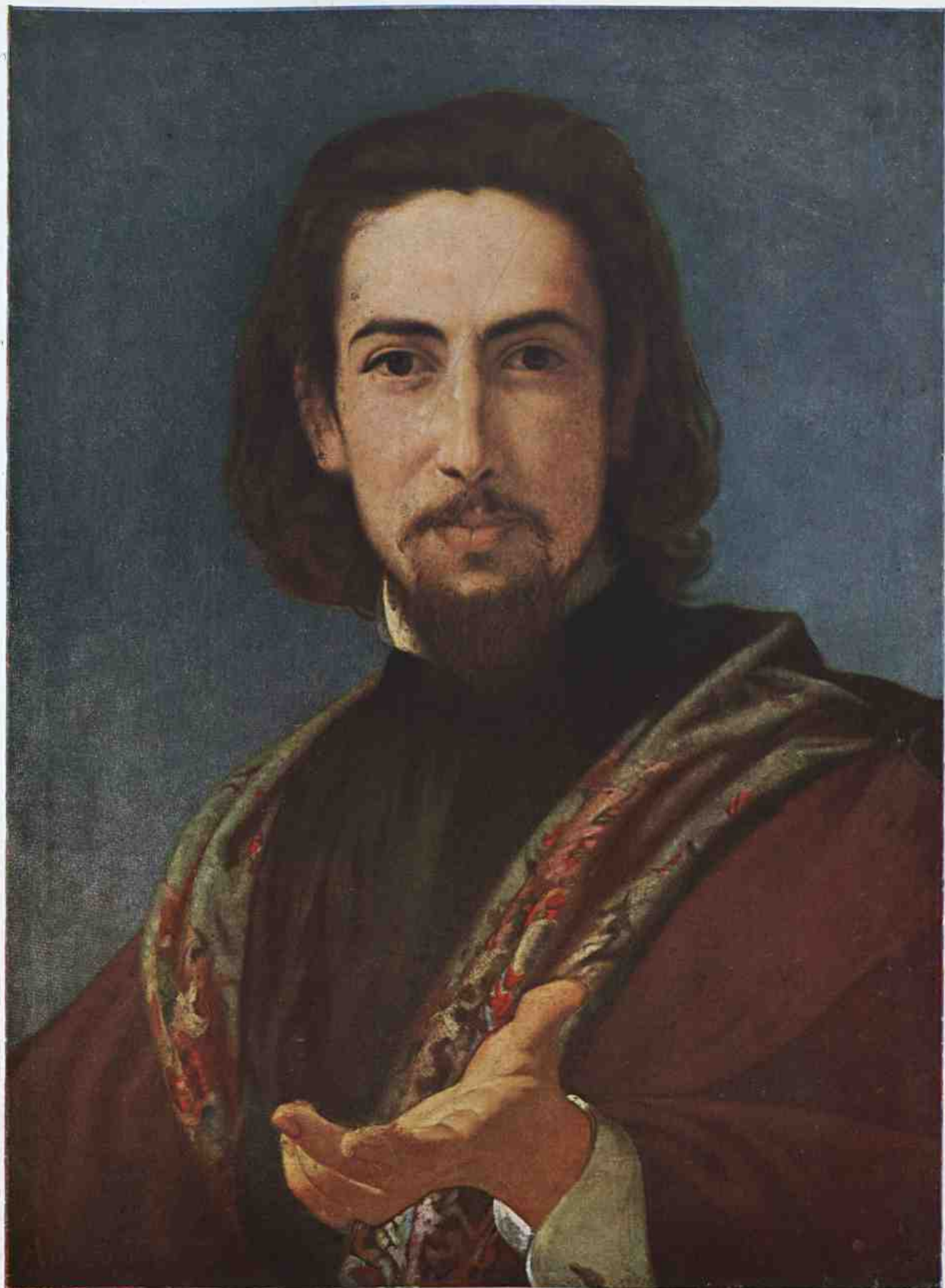
b) — período preraphaelita mas de manifestação francesa, lado "Rosa Cruz", teoria de Sar Péladan e prática de Odilon Redon e de François Flameng, até quase os últimos anos do século;

c) — período divisionista (predomínio decorativo) tendência Sourat, Signac e, particularmente, Henri Martin, a partir dos primeiros anos deste século;

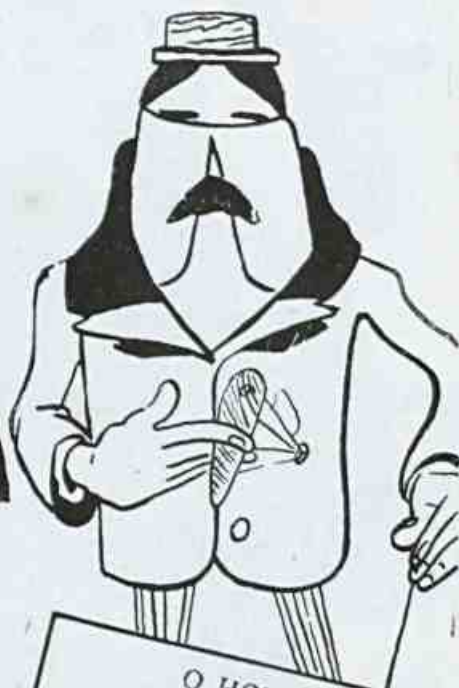
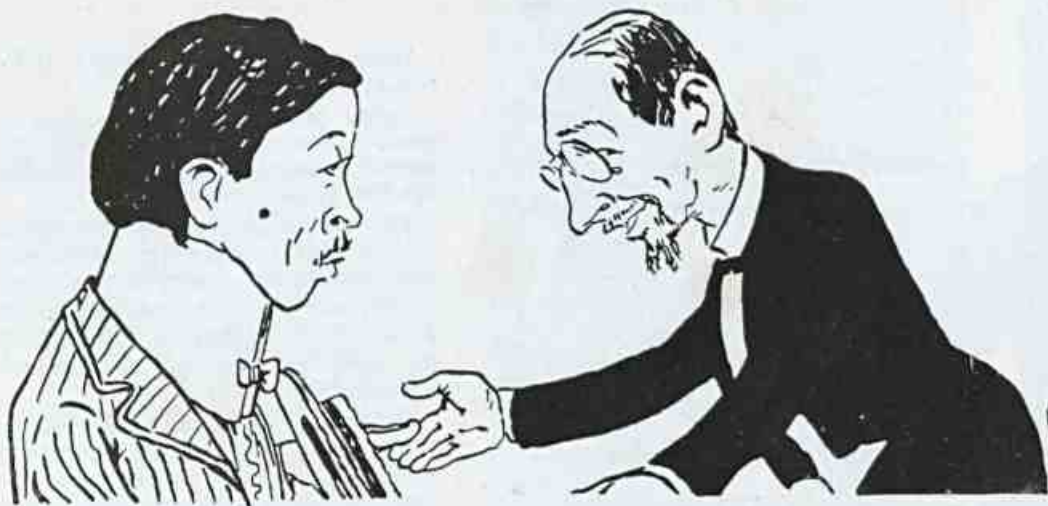
d) — período impressionista (propriamente dito), e que se divide ainda em duas fases:

1.º — ramo Manet, de feição espanhol no sabor da pasta por obscura interferência de Velasquez;

2.º — ar livrismo, feição Claude Monet, e que em diversas alternativas, o acompanha até o fim, com aplicação ora do divisionismo, ora do impressionismo, conforme a natureza da pintura. Na decoração parietal, Visconti engrandeceu o gênero com sua obra monumental que enobrece o Teatro Municipal e a Bi-



"LUIZ NICOLAU FAGUNDES VARELA" — Tela de PEDRO AMÉRICO



A Recepção de Santos Dumont em 1903

TODA a vida do Rio de Janeiro, há 50 anos passados espelha-se fielmente nas páginas bem humoradas e despretenciosas do *O Malho* de então.

A visita que, em setembro de 1903, realizou Santos Dumont ao Brasil, após suas gloriosas conquistas em Longchamps, está, por exemplo, profusa e pitorescamente documentada nas nossas edições daquele mês. Caricaturas numerosas e amáveis de Calixto, Raul e Renato — tais como as que se reproduzem nesta página — mostram-nos expansões de alegria com o povo acolheu o glorioso patriota e os cumprimentos oficiais, rasgadíssimos, de Rodrigues Alves, frisando todas, com muita graça, os traços mais característicos do "ingenheiro argonauta": — o famoso chapéu de Panamá, a cabeleira abundante, o colarinho altíssimo... E, no texto, multiplicam-se as piadas, os trocadilhos, as poesias, as músicas — tudo mobilizado para a justa exaltação de Santos Dumont. E tem-se, também, notícia bem viva dos grandes e exuberantes festejos de recepção: — muitos banquetes, muitas sessões cívicas, muitas visitas e, sobretudo, muito e muitos discursos, discursos em penca, aos borbotões, quase todos em medida e sem nexos... E tão abundantes e prolixos eles se anunciavam que um poeta do tempo, talvez Artur Azevedo, impressionado, chegou até a suplicar assim aos santos da devoção do festejado inventor:

Deuses! fazei com que esse que ora aí chega,
Esse que todo aos seus balões se entrega,
Hábil, empreendedor, audaz e bom,

Feliz conquistador da velha Europa
Não sucumba aos discursos dessa tropa...
Tende piedade do genial Dumont!





O vendedor de miúdos de boi



O Mascate 1730

dim envolto numa deliciosa sombra verde das árvores, nesse cair de tarde carioca.

Dessa tarde inesquecível já se passaram quase dez anos.

Agora Mme. Copin, para mim e para, minha família é a Charlotte, querida amiga, que chega sempre em boa hora à nossa casa.

Ela não muda. Com os seus olhos esverdeados e brilhantes, como um lago ensolarado, conserva, há quase dez anos, a mesma expressão de graça, de vivacidade e inteligência, da tarde em que nos conhecemos casualmente.

Ontem fui vê-la, no mesmo apartamento da Glória onde pela primeira vez mostrou-me os seus álbuns, a camera fotográfica, o seu pequeno mas eficiente laboratório, as suas porcelanas, o seu pequenino mundo.

Quando a sua porta abriu-se para mim num abraço afetuoso e naquele beijo fraterno que é, para nós dois, apenas um selo de amizade.

— Que milagre!...

— Não há milagre... Charlotte é que preciso de ti, quero merecer-te um favor, preciso dos teus álbuns...

— Estão aí, a tua disposição...

— Mas não te assustes, quero

OS ÁLBUNS de Mme. COPIN

apenas consultá-los, procurar algumas sugestões para uma crônica.

— Vais sair?

— Estou terminando uma tradu-

O ceboleiro

SUBTAMENTE vi-a em situação crucial. Qualquer excitação seria a morte.

Num salto, tomei-lhe o braço com energia e decisão e, quase suspendendo-a, galgamos, os dois, o meio-fio, do outro lado da rua.

Só então olhei-a. Estava pálida, imensamente pálida, ofegante de lábios tremulos.

— Sente-se mal?...

— Procurando refazer-me do susto brutal, mas com a voz entrecortada e num sotaque indistintamente francês, respondeu.

— Muito obrigada, o senhor é muito "gentil"...

— Creio que qualquer outra faria o mesmo.

— O senhor machucou-se muito... O Rio está um horror... Falo como carioca.

— Julgava-a francesa...

— De nascimento, mas com trinta anos de Rio, já sou carioca...

Nesta altura, estávamos andando, maquinalmente, um ao lado do outro, entabulada a conversa...

Com mil olhos, atravessamos a rua num delicioso jogo floral de pensamentos e de frases e atingimos o jar-

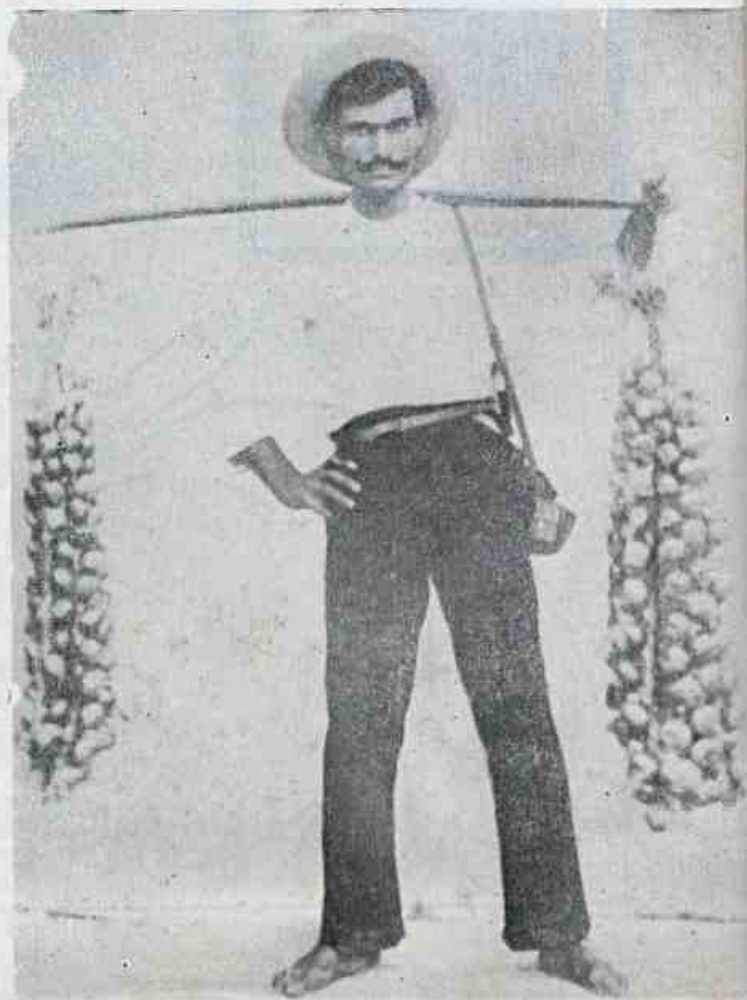
Distraímo-nos na conversa. Faramos. Ela contou, com vivacidade, mil coisas.

Quando nos despedimos o relógio da Glória estava nas sete menos doze. A conversa dilata o tempo. Já era noite. Apressei o passo e subi a ladeira, fazendo, mentalmente, este retrato ou melhor este esquisse de Mme. Copin.

Francesa, quarenta e sete anos, viúva, simpatia irradiante, vivaz, sutil, altamente inteligente.

Desencantada do amor e da vida, mantendo-se a custa do trabalho de todos os dias... honesta.

Nessa altura todo o nosso entusiasmo calou, como um pingo de chuva sobre uma flor de cera. Só uma coisa ficara aguçando a nossa curiosidade. Os vinte dois álbuns de Mme. Copin.



ção e daqui a cinco minutos estarei às suas ordens...

Ao acaso spanhei um dos albums. "N.º 16" — Como estava conservado. Aqueles albums se não eram a felicidade dela representavam o seu único entusiasmo, o último reduto para viver.

Anestesiara o seu passado nessa coleção formidável de todas as curiosidades cariocas. Desde quando o navio em que chegara transpuzera a Guanabara, Charlotte batera a sua primeira fotografia no Rio.

Deixamo-nos a filosofar sobre o romance de Charlotte. Depois instintivamente abrimos o album N.º 16 que havíamos escolhido ao acaso.

Logo no rosto estava como impresso — "Tirios Cariocas".

Tendo chegado em 1913 ao Rio essas fotografias já tinham quarenta anos aproximadamente.

Representavam já, qualquer coisa de antigo e de saudade, digno de ser revista com esses olhos de calendoscópio, criados pela nossa imaginação, mais ou menos.

Logo na primeira página dois garotos jornaleiros (figura n.º 1). Bem diferentes do pequeno jornaleiro que Fritz modelou para a "Noite".

Ah! "O Paiz"! Aquele "O Paiz" do Lage. Do João Lage jornalista consumado que escrevia seus tópicos

O vassoureiro



O chapelleiro

assinalando-os por três estrelinhas características "O Paiz" de Jarbas de Carvalho que ainda hoje, graças a Deus, é o mesmo "gentilman", entusiasta das iniciativas de arte, do belo — (principalmente do belo sexo — é claro). Jarbas não perdeu o seu velho "aplomb" de jornalista e esteta. "O Paiz" de Flexa Ribeiro, grande crítico de arte e príncipe da blague.

Em 1922, Flexa Ribeiro criou, em "O Paiz", uma seção que intitulou, se não me falha a memória, de "Guarda-Comida". Logo na primeira nota, Flexa Ribeiro contou a história de dois membros da Academia que ao saírem de uma sessão foram, displicentes olhar os pavilhões estrangeiros da exposição. Ao depa-
rarem o belo pavilhão italiano, um deles que fôra ministro, perguntou ao outro eminente filólogo, apontando para a loba romana que encimava o atico do edifício "Dr. que bicho é aquele?"



Dois garotos jornalheiros

— E' a loba romana!...
 — A loba romana?...
 — Sim, a loba romana...
 — Mas eu vejo uns garotinhos mamando na loba...
 Que é que eles representam?
 — Respondeu o outro, com uma perversidade delirante.

Vendedora de rendas e bugingangas



— Oh! Todo mundo sabe — Romeu e Julieta.

E' escusado acen-
 tuar que João La-
 ge, a pedido de mu-
 lta gente boa expli-
 cou ao Flexa que,
 pelo amor de Deus,
 fechasse, para sem-
 pre, o "Guarda-Co-
 midas"....

Flexa Ribeiro ain-
 da bate de ombros
 conosco, como gran-
 de critico de arte.
 Professor emérito,
 jornalista da pri-
 meira plana e po-
 deria contar coisas
 adoraveis de "O
 Paiz" ao qual deu
 tanto brilho dos
 seus talentos.

Outro remanes-
 cente é o Magalhães
 — Manuel Maga-
 que o "Jornal do
 Comércio" mono-
 polizou e para o
 qual ele dá o que
 melhor pode de sua
 inteligência viva e
 operosa de seu co-
 ração magnifico.

O outro jornalsi-
 nho é de "A Noti-
 cia" — Ainda "A
 Noticia" cor de ro-
 sa, do "Rochinha".

Foi Jartas de Carvalho que nos contou dele esta
 ccisa "sul-generis".

"A Noticia" com aquela cor-de-rosa de suas páginas,
 diziam — reflete a alma do Rochinha.

Certa vez ele explicou que não tinha coragem de
 escrever que 2 1/ fosse igual a 4...

— Por que?

— Para não desgostar 3 1/1 1 que é a mesma coi-
 sa...

Naqueles bons tempos, inegavelmente, havia mais
 sensibilidade nos meios jornalisticos e mais solidariedade.

Quando morreu o Mandarino chefe dos jornalheiros,
 e decano de todos, com banca na esquina da Rua do
 Ouvidor com 1.º de Março a imprensa fez-lhe um en-
 terro apoteótico.

Diretores e Secretários de quase todos os jornais e
 revistas compareceram, acompanharam, o feretro até
 o cemitério e lhes pegaram as alças do caixão.

Era assim aquela gente...

Turma de boemios impertinentes mas de muito es-
 pírito e muito coração...

Ah! este album de Charlotte!...

Ó reminiscências! Ó saudade!...

Depois de alguns minutos viramos-lhe a folha.

O Mascate! 1730!... (Fig. N.º 2).

Quem seria? Turco, sirio, árabe como os demais...

Sempre esse tipo em todo o Brasil.

Mascate no Rio, "Teque-Teque" no Norte, ele é o
 mesmo em todos os quadrantes. Sempre vendendo tudo
 barato — "Jura bra Deus, não ganha nada!..."

Vendia chitinha de cinco tostões o metro, peças de
 rendas de mil e quinhentos, carreteis de linha de um
 tostão. Vendia também espelhinhos de duzentos réis,
 garrafinhas de "Água Florida", cartas de alfinetes, pa-
 péis de agulhas, pós de arroz "Aglaiá" e loções francê-
 sas de três e quinhentos o vidro.

E esses marotos com toda essa tralha nas costas,
 batendo com uma régua no metro mal aferido, no seu
 eterno — "jura bra Deus que não ganha nada" — acaba-
 vam felizes e ricos (Fig. 3). A seu lado a vendedora de
 rendas e bugingangas, num cesto pequeno de alças.

Sem a "sabedoria" do mascate, lá iam elas de casa
 em casa, chorando a luta da vida... Viuva, com filhos
 para criar e educar... Tudo pela hora da morte...
 Carne de oitocentos réis o quillo, feijão de duzentos e
 quarenta e farinha cento e vinte! Um horror!...

Quem podia tomar café a mil e duzentos o quillo?
 Tudo perdido. O Brasil estava a beira do abismo...
 Era um "salve-se quem puder"...

A seguir encontramos com os vendedores de ga-
 linhas (Fig. 4). Era isso que aí está.

Um era "o primo feliz". — O capitalista, já de chi-
 nelos de lã trançada, com pose, carregando ao colo um
 galarote caro que — "ninguém mo leva por menos de
 cinco e oitocentos... E' o menor preço pra quem o
 quizer".



O S garrafeiros

O outro, o patueiro "chegadinho", ainda descalço, com o peso de certo, encimado por um peru médio, pedindo forno, por vinte mil réis, caríssimo!

E lá se iam enfiando uma rua na outra, cantando — alguns, até com voz bem afinada: —

O... ga... li... nhas gor... d... Ninguém entendia bem o que eles diziam mas todos já sabiam que eram galinhas gordas...

Charlotte tivera uma idéia extraordinária.

De fato esses albuns que durante anos organizara, valiam uma fortuna.

Passamos a outra página (fig. 5). Era só o tempo se enfarruscar, surgia no bairro, como por encanto o vendedor de guarda-chuvas.

Português, já com alguns anos de Brasil, de alça, colete e paletó, corrente grossa, de ouro do porto, preso por argola à beira, de um dos botões do colete e na outra extremidade o relógio de prata Roskoff, "tipo cebola".

Não apregoava mas se encontrava alguma crioulinha bem parecida, oferecia-lhe uma "sombrinha", insistindo — "baratinha... olhe que é de graça... de graça, menina... é de graça"...

Reparem, agora nestes dois tipos do Rio antigo que ainda correm as ruas de hoje (fig. 6).

"Os garrafeiros" são que chegam da santa terrinha, sem encontrar no cais o compadre amigo generoso que lhes dê a mão...



Vendedores de galinhas

Vejam-lhe os bigodes... os clássicos bigodões, à portuguesa, as ceroulas saindo pelas calças arregaçadas, mas a bolsa tira-colo prontinha para comprar as garrafas a tostão e os vidros a dois e três.

Ainda hoje, o refão é o mesmo. Ninguém entende o que dizem, mas pela toada, todos já sabem que "v... a... i... gar... v... v... v... a... las..." E' o garrafeiro".

Fomos seguindo o album aqui, o "ceboleiro", adiante o vassoureiro, noutra página, o funileiro, o vendedor de broas até que mais este e mais aquele, deparamos com o vendedor de miúdos E, com, êle, por associação de idéias, rememoramos os "grandes angús de quitandeira" que serviram de tema para Ernesto de Souza, o pai do nosso inesquecível Galtão Penalva escrever a sua célebre cançoneta "O Angú do Barão".

"Convidado um dia
só por cortezia
fui à casa de um Barão...
Era um velhinho curvo,
de olhar já turvo,
mas casado com um peixão".

Naquele tempo não havia os "rabos de peixe"... mas havia "o peixão" que era a dona toa... faceira, requebrosa, valdosa, cheia de mil e uma seduções, elegante, inteligente... enfim a dona boa!



Em frente do Senado na Praça da República.

Há íntima relação entre a arquitetura e a vida social, que se reflete nas casas, nos palácios, nas ruas, nas residências públicas e particulares, no estilo exterior e familiar. A soberania da arte grega e o luxo da arte gótica, transmitem ao espectador o gosto de duas épocas inteiramente diversas. Com a transformação da vida rural em vida urbana, os quiosques saíram dos parques para as ruas, utilizados por mercadores, que exibiam neles as suas habilidades comerciais.

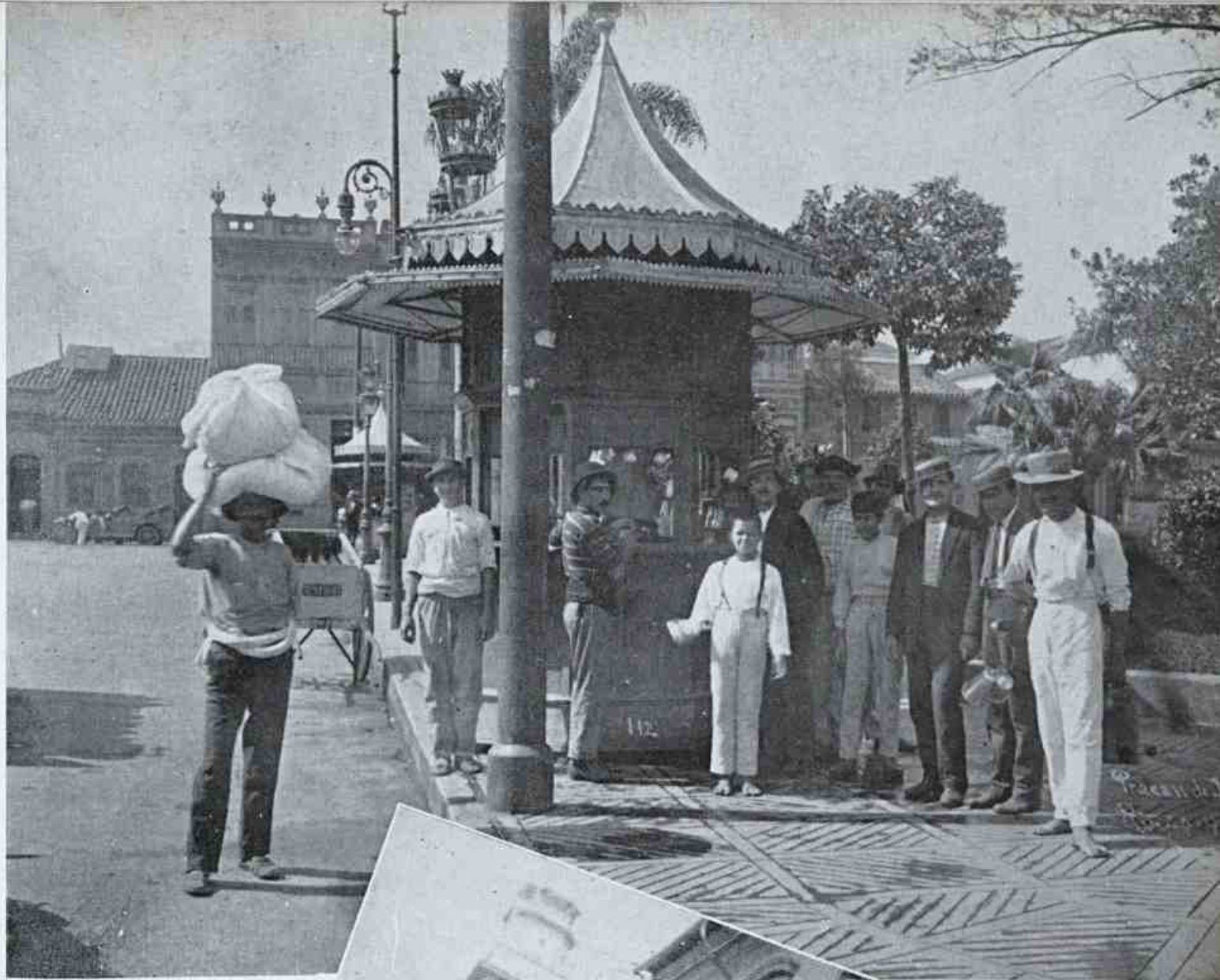
O Rio de Janeiro do tempo de Pedro I e Pedro II, viu em grande número o espetáculo dos quiosques, com as suas indústrias

QUIOSQUES

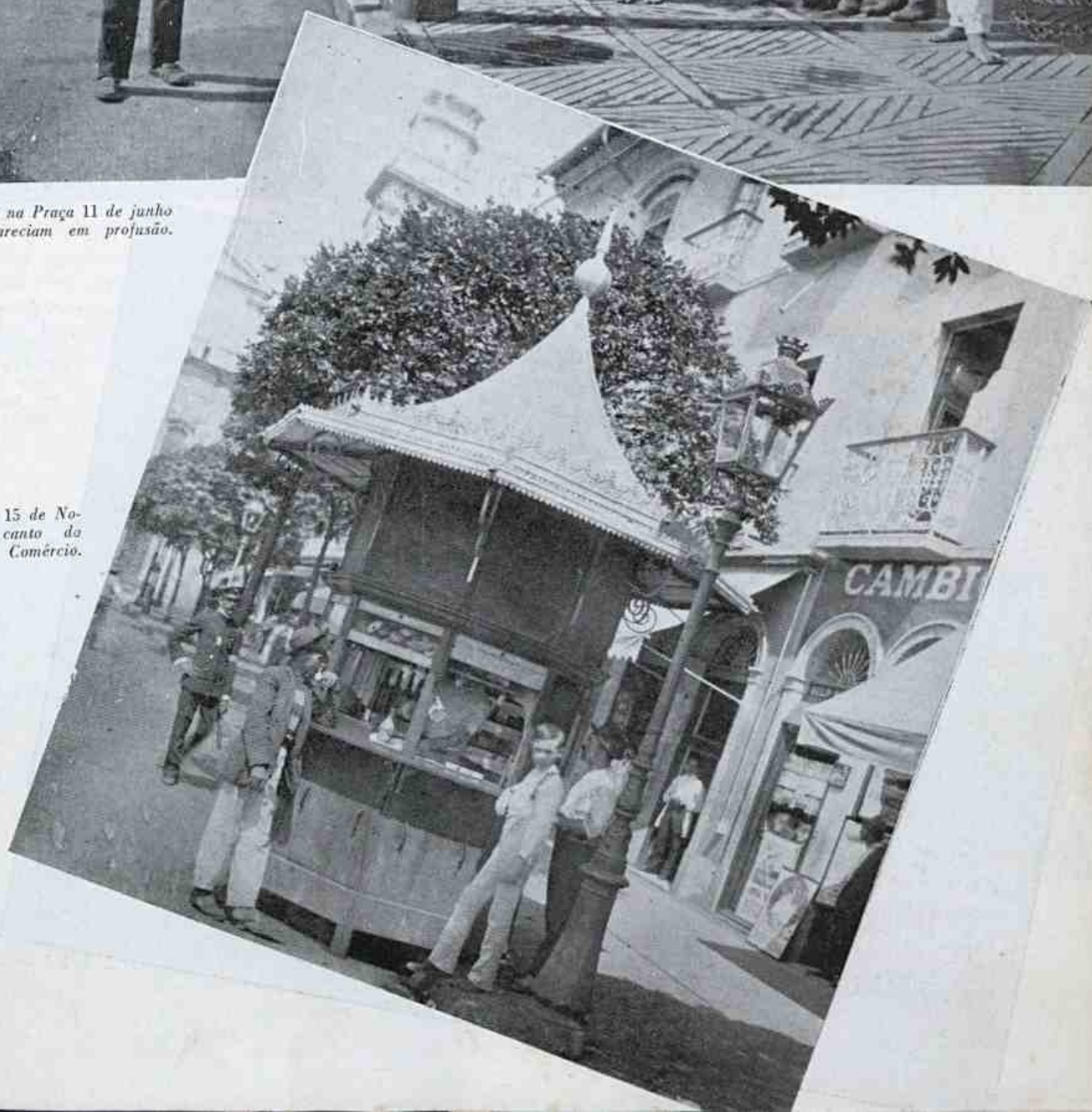
NA PAISAGEM URBANA DE OUTORA

Na rua Primeiro de Março esquina de Ouvidor, o quiosque enfeitado com lanternas e bandeiras

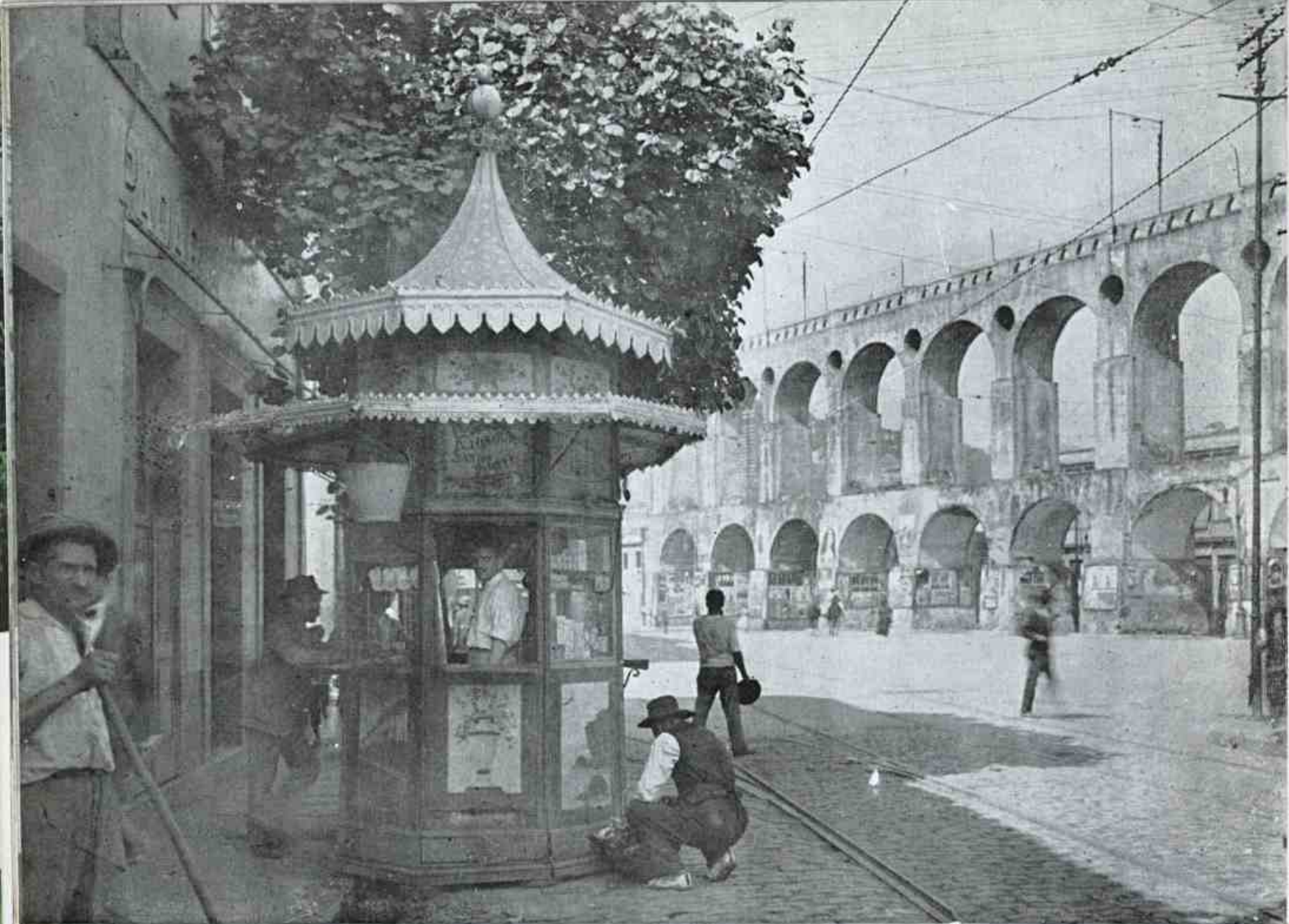




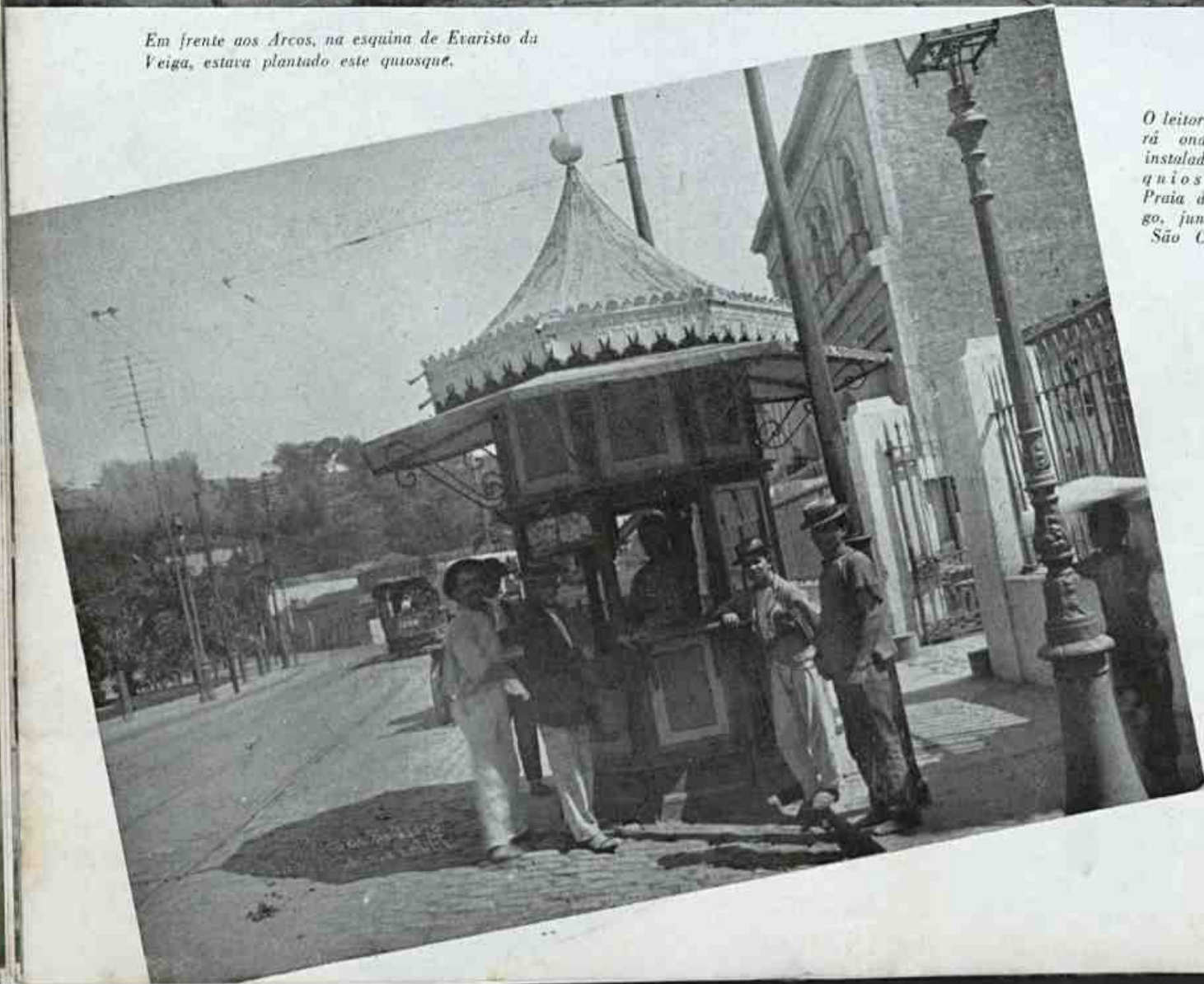
*Também na Praça 11 de junho
eles apareciam em profusão.*



*Na Praça 15 de No-
vembro, canto da
Beco do Comércio.*



Em frente aos Arcos, na esquina de Evaristo da Veiga, estava plantado este quiosque.



O leitor adivinhará onde estava instalado este quiosque? Na Praia de Botafogo, junto à rua São Clemente.

No largo da Lapa também, dominava um quiosque.

e quinquilharias que atraíam os transeuntes despreocupados. Espalhavam-se por toda parte, na Candelária, no Passeio Público, cujo jardim data do Vice Rei Luiz de Vasconcelos e Sousa, na rua do Cotovelo, muito conhecida pela luta dos capoeiras, na Lapa dos Mascates, no Largo da Carioca, em Botafogo e todos os recantos da cidade.

Antes do Prefeito Pereira Passos e da abertura da Avenida, os quiosques abundavam no Rio de Janeiro, dando-lhe a fisionomia de vida provinciana. Em torno desses pavilhões, reuniam-se os conservadores inescutíveis.

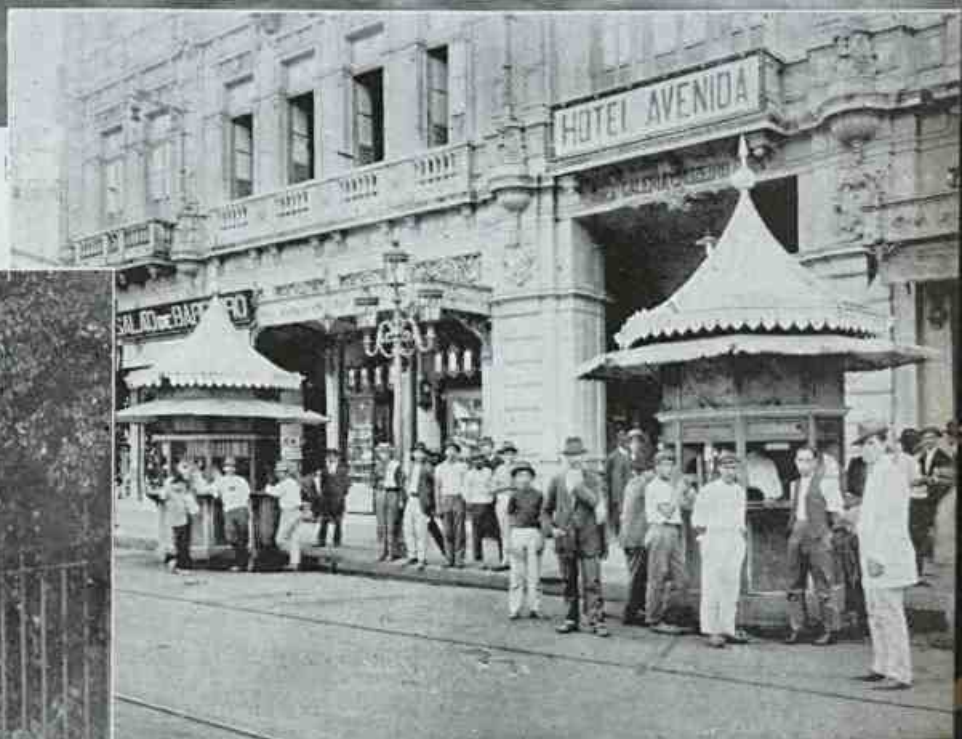
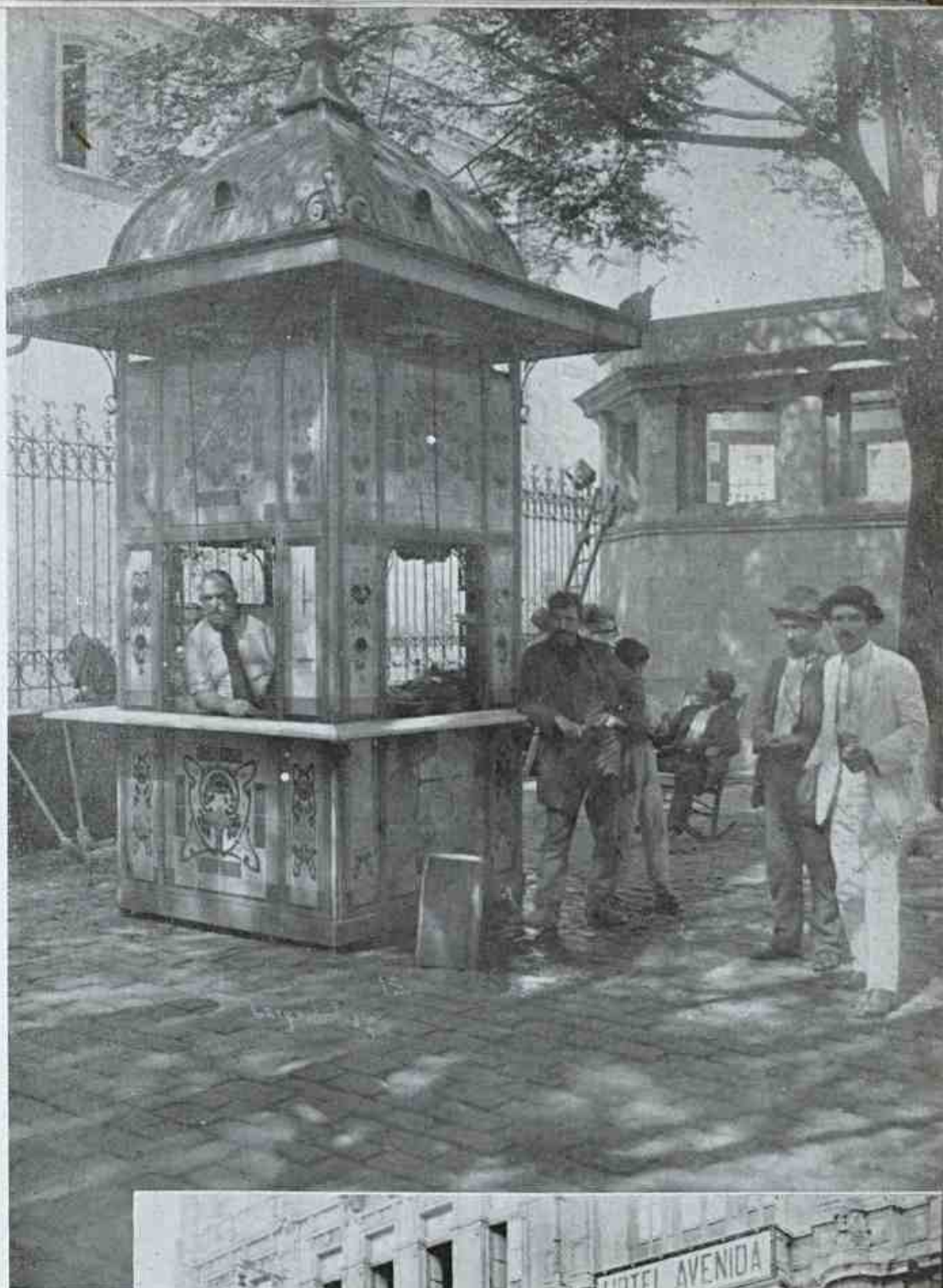
Dispostos os lugares frescos e sombreados, às vezes protegidos por mangueiras ramalhudas, os quiosques animavam as ruas pacíficas de outrora, com os seus burros sonolentos e os seus trovadores vadios. No espaço que hoje ocupa a Avenida Rio Branco, haviam quiosques que vendiam tudo, café, jornais, pipocas, rendas, caldo e rolete de cana, tapiocas, milho verde assado, cangica, a deliciosa pamonha e tantas outras coisas, de que nos falam os saudosistas. Contemporâneo do Chafariz das Saracuras e do Chafariz do Riachuelo, das procissões e dos festejos populares, das brigas de galo, das creoulas doces e dos tocadores de gaita, o quiosque morreu com todas essas antiquilhas, que lhe serviam de ambiente.

O Prefeito Passos começou a destruí-los quando transformou o aspecto da cidade.

Atualmente, eles vivem somente na saudade de alguns e nos aspectos fotográficos, com uma das características mais marcantes da vida e da paisagem urbana de outrora.

(Fotos Malta)

Este funcionava na Praça da República.



Dois, quase juntos apareciam em frente ao Hotel Avenida do lado da Carioca.



Olegário Mariano no seu gabinete de trabalho e sonho.

Olegário é nosso velho amigo. Reivindicamos mesmo, envaidecidos — nós de O MALHO — a glória de tê-lo revelado, um pouco, ao público. A 10 de fevereiro de 1906, publicávamos, pela vez primeira, o soneto “Ilusões Mortas”, dêste que um dia haveria de ter assento na Casa de Machado de Assis. Mais tarde, a 10 de março do mesmo ano, voltávamos a acolher em nossas páginas outra joia de expressão como “Olhos Ternos” e, finalmente, a 18 de maio de 1907, inserimos em nossa edição o soneto “Só”, indiscutivelmente um dos mais singelos de sua lavra.

Por tudo isso, agora, muitos anos decorridos, valemo-nos do ensejo que se nos depara para re-

QUANDO OLEGARIO ERA UM “NOVO”...

O LEGARIO Mariano! Quem não conhece o príncipe vivo dos poetas brasileiros, o Cantor das Cigarras? Qual o filho desta dadivosa terra não sentiu e viveu a beleza de seus versos, doces e amenos, algumas vezes, amargos e chorosos, outras tantas?

Não raro, nesta luta insana que é o viver cotidiano, procuramos refúgio nas estrófes de um poema. E é nos versos do imortal Olegário Mariano que vamos encontrar a tranquilidade íntima ansiosamente perseguida; é nêles que olvidamos as nossas agruras e refrigeramos o espírito nas águas frescas da ternura, do sentimento e da emoção.

lembrar os tempos de antanho. E, ao reproduzirmos, algumas das primeiras produções do consagrado vate da natureza, ressaltando que àquela altura foram elas publicadas de permeio à diversas outras evasões íntimas de diferentes autores, numa página especial que reservamos para os “novos”, como são hoje denominados, esclarecemos que o nosso intuito maior, em assim procedendo foi, sobretudo, o de homenagear uma das maiores figuras das nossas letras, documentando, concomitantemente, cinquenta anos de bons serviços prestados pelo O MALHO às letras e às artes.

ILUSÕES MORTAS

Ao deslizar do tempo, ao desmaiar dos anos
Quando o mundo já velho é triste e mortuário,
Eu gosto de evocar meus únicos arcanos
Das minhas ilusões o eterno santuário.

E vejo quanto é triste a sorte dos humanos:
Depois de longa vida e longo itinerário,
Ver suas ilusões nos largos oceanos,
Como velas de nãos ou tremulo rosário...

Como é triste chorar as ilusões fagueiras
Que após largo viver, como as aves ligeiras
Abandonam de vez o quente dos seus ninhos!...

Como é triste viver das ilusões futuras
Tão negras para nós, quando julgámos puras
As que foram morrer, buscando outros caminhos!...

OLEGARIO MARIANO

N. 178 de O MALHO — 10 de fevereiro de 1906

OLHOS TERNOS

Olhos ternos azues, humildes, inocentes,
Orvalhados de dor, da lágrima sentida...
Chorais, e com razão, os amores ausentes
Que são a vossa luz na estrada desta vida.

Chorais como dois lagos calmos, transparentes,
Refletindo a amplidão de uma tela estendida...
Olhos ternos azues, desmaiados, dormentes,
Vejo em vós o sofrer de uma monja sentida.

Chorai, olhos azues, qua a lágrima divina
Vale mais do que rir de boca pequenina
Que comece a falar, mil beijos implorando...

Prefiro a vossa luz inundada na mágu...
Olhos ternos azues, ao ver-vos cheios d'água,
Eu padeço também... mas vos amo, chorando...

OLEGARIO MARIANO

N. 152 — 10 de março de 1906

S Ó

Sinto-me só! As esperanças minhas,
Companheiras da vida no deserto,
Vejo-as fugindo como as andorinhas
Sem paradeiro... sem destino certo.

Vejo-as todas em lânguido concerto
Ebrias do céu das regiões marinhas,
Meu pobre coração deitando aberto
As da tristeza, virações daninhas.

Vejo-as partindo em branco fugidio...
Quem sabe as tempestades que as espera
Na longitude deste céu sombrio?!

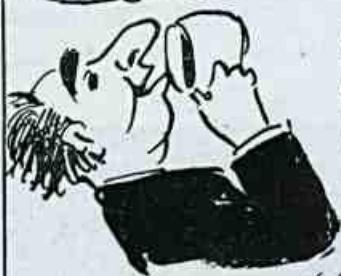
Talvez que voltem como a primavera,
Enchendo assim meu coração vasio
De quimera, quimera e mais quimera.
Do Lacrimario.

OLEGARIO MARIANO

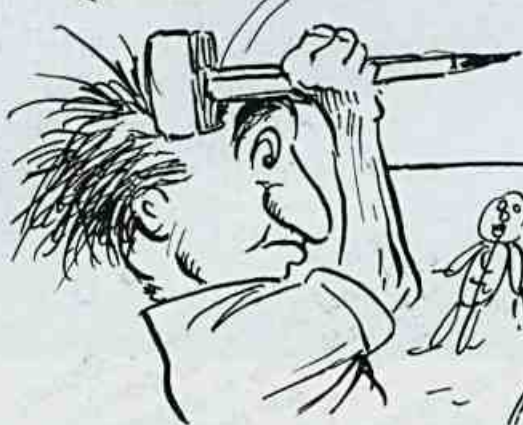
N. 244 de O MALHO — 18 de maio de 1907

MALHANDO EM FERRO FRIO

Que meio haveria
Para amolecer cabeças?
Alguem inventaria
Uma destas peças



Um tostão o cafésinho
E tão barato o pão
Um tostão o bondesinho
E pouco mais o feijão



DO 'MALHO' eu também preciso
Minha cabeça é dura.
Tenho de moer o juízo
Para fazer caricatura.



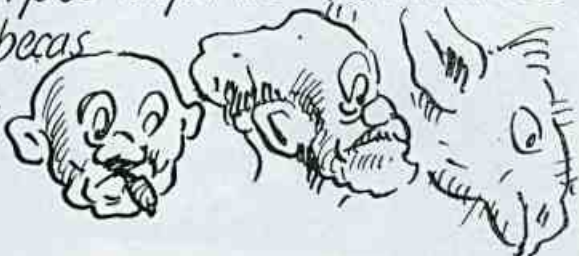
Terminada a obra mestra
Para conquistar louros e louca
Eis que o malvado Nanquim
Vira, e minha obra estoura.



Em principio
era

corpos informes tornaram-se
cabeças

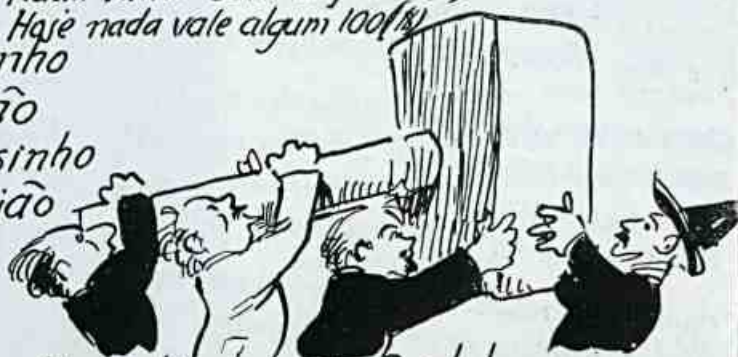
duras



E foi naqueles bons tempos
Ahh. que saudade do tostão!
Que tinha quando caía no chão

Nada valia sem algum (18)

Hoje nada vale algum 100(18)



Mas disse Luiz Bartolomeu
Não é BAR TOLO O MEU

ANDA, MINHA GENTE,
CARREGA "O MALHO" PARA A FRENTE

E o saudoso Cabuhy Pitanga.
Quando soltava o espirro
Largava os bois da canga
(Mais uma vitória de Pirro)

ATTCHUM



continua

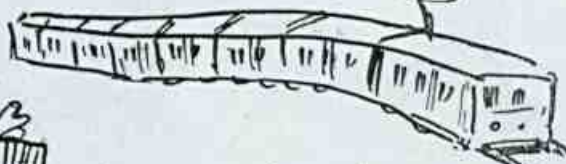
E houve uma guerra mundial
Mas, danado com a China
O Bento Ribeiro
derrubou os quiosques



Um tal de Kaiser
queria engulir o mundo
Mas, no fim
Morreu de indigestão



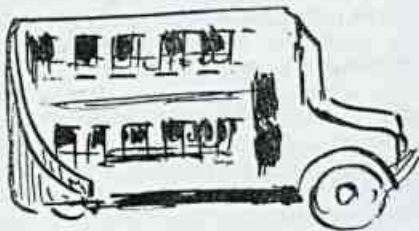
Aih, Filomena!
Se eu fosse como tu,
Tirava a urucubaca
Da careca do Dudu.



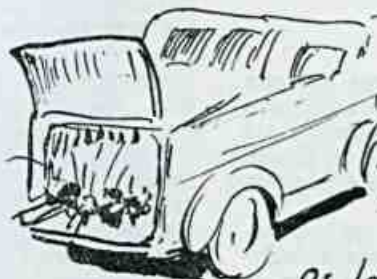
E mais uma guerra mundial
Arrebenta e só ficou...

HITLER MUSSOLINI
(e bombas atômicas
em BIKINI.)

Inaugurados os trens elétricos
(Morre-se, agora, eletricamente)



ONIBUS-SOBRADO
(Mas não sobrava
Quem em baixo ficava)
Agora, de repente...krack!
Em baixo do Cadillac



Era do gazogênio
(auto-fogão)
Mas, de vez em quando
O fogo vai pegando
No auto-
lotação

os ladrões progrediram



A tal da
"Espanhola"
pôs muita
cabeça a
perder



O leite continua a ser
batizado



Aperte o cinto, amigo
O que outrora gastavas
num mês para comer,
gastas hoje num dia
só p'ra beber.



Vou lá me preocupar
com a crise de
habitação!



(Mudo o cabo
Mudo o martelo, mas
sou
sempre
o
mesmo)



Os tubarões entraram em franca prosperidade

50 ANOS
MALHANDO... E
ESTOU LONGE DA APOSENTADORIA
(eu, também) Max Antok



Silverio Nery

NESTE cinquentenário d'O MALHO, que Crispim do Amaral, — com a graça irreverente do seu lapis ilustrou desde o seu primeiro número até morrer — pode-se reconstituir a vida do Brasil, viajando através do turbilhão das suas páginas frementes.

Lembra-nos que O MALHO, na prosa e na caricatura, mais nesta do que naquela, não deu nunca *habeas-corpus* às oligarquias, tidas como uma desgraça para os

Constantino Nery. Vamos esclarecer desde logo, — o primeiro, grande intelectual, nome internacional, residia em Paris. O segundo, morava no Rio de Janeiro, famoso nome de psiquiátra, sábio, diretor do Hospício de Alienados. Silvério e Constantino foram Senadores e Governadores do Amazonas.

Filhos dum velho oficial do Exército, que fizera com honra a guerra do Paraguai, rara é a família no Brasil que possa apresentar um quadro de valores tão alto como os Nerys do Amazonas. E é facilimo comprovar.

O Barão de Sant'Ana Nery sempre residiu em Paris, e fazia raras viagens ao Amazonas, e superiormente dedicou-se a elle. Escritor, jornalista, cientista, humorista, homem de sociedade, muito relacionado, elle era também um palestrador excepcional. De Paris, enviava semanalmente — e durante quinze anos, — os seus saborosos folhetins para o *Jornal do Comércio*, — "Vêr, Ouvir e Contar," que fizeram época. Uma outra sua seção, aliás bem interessante, era o recorte e comentário parisiense *Jornal dos Jornais*. Escreveu em outras folhas cariocas. Publicou uma obra invulgar, *Les Pays des Amazones*, em francês, inglês e italiano, vastamente ilustrada, e ninguém bem poderá conhecer a Amazonia sem consultar essa obra. Bem escrita, é um dos principais estados que se há feito sobre a região rica e virgem. Vastamente ilustrada.

Um fato singular, — esse homem que vivia em Paris, que lá educou-se, falava e escrevia maravilhosamente o nosso idioma. Era homem de estudo, de gabinete, embora vivendo na agitação de Paris, — *Le Folk Lore Brésilien* prefaciado pelo Principe Roland Bonapart; *Aux Etés Unis du Brésil*; *Le Brésil en 1899*; o *Dicionário Enciclopédico*. E como obra política, de *charge*, das melhores apreciadas no Brasil, *De Paris a Fernando de Noronha*.

E' a história do seu degredo na ilha celebre. O Barão de Sant'Ana Nery viera ao Rio de Janeiro matar saudades e visitar os amigos. Estes convidaram-o para escrever no seu jornal, o grupo que combatia o Presidente Floriano Peixoto. Fizeram uma tentativa de revolução abortada, e o Marechal prendeu a todos os que não fugiram. A policia foi a redação e lá encontrou somente o Barão, que chegara a uma semana. Nada tinha com os barulhos, e foi... deportado para Fernando de Noronha! Cumpriu a pena, até que foi anistiado, e escreveu este livro alegre sobre a sua prisão. Representou o Governo do Brasil, antes e depois de Floriano, em diversas Assembléias e Congressos, assim como o Amazonas. Fundou em Manaus, conosco e outros, a primeira Associação de Imprensa no Brasil. Prestou ótimos serviços ao País.

Vêm que a oligarquia dos Nerys está diminuindo. Esse nunca interferiu nos assuntos privados do Amazonas. E

A OLIGARQUIA NERY,

INTELIGENCIA, CULTURA, TRABALHO, CARATER

• RAUL DE AZEVEDO

Estados e assim para o País. Rara a edição antiga em que mestre J. Carlos, e os seus companheiros de traço humorista, não esfusavam contra famílias dominadoras que, com o seu chefe, diziam monopolizar algumas Províncias, entupindo cargos e nadando em alborques.

Não pesquisamos a verdade sobre o assunto delicado e complexo, mas cinquenta anos depois — nunca é tarde para um belo gesto! — viemos contestar a injustiça graciosa e risonha contra uma delas, a famosa oligarquia Nery do Amazonas, que esta revista e outras, e jornais muitos, viviam a combater, e por mal informados, ou na explosão de paixões regionais, alteravam muita vez os fatos. E não nos sentimos suspeitas, pois nos consideramos um pouco desta casa, pelos anos aqui vividos.

Os quatro vultos principais dessa chamada oligarquias eram, — o Barão Frederico de Sant'Ana Nery, o dr. Marcio Nery, o dr. Silvério José Nery e o General

elle bem podia dizer como Horácio — *non omnis morias*, eu não morrerei todo, porque a minha obra sobreviverá.

Outro oligarca que nunca se envolveu nos assuntos internos do Amazonas, — o sábio Dr. Marcio Nery. Um nome que é uma glória no Amazonas no Brasil e no estrangeiros. Especializando-se nos estudos e pesquisas psiquiátricas, Marcio Nery era um homem de laboratórios e gabinete. Médico notável. Deixou livros publicados e relatórios sobre as suas especialidades, e que até hoje são compulsados e citados. Foi raramente ao Amazonas, em visita a parentes e amigos, e a sua terra. Vêem que diminuiu a oligarquia.

O grande chefe politico foi o dr. Silvério José Nery. Esse era um parlamentar e um homem de Governo. Fora

militar, e reformara-se como tenente do Exército, ajudante de ordens do General Comandante da 1.ª Região Militar. Fizera o curso de agrimensor, Inteligente e culto, honrou sempre o brasão dos Nerys. Observador arguto, esclarecido, conhecia bem todos os problemas do Brasil político, social e econômico. Fez toda a carreira que a política pode oferecer. — vereador Municipal, deputado estadual, deputado federal, reeleito, senador da República reeleito, Governador do Estado, chefe de Partido. Sempre 1.º secretário do Senado do País, ou quase sempre muita vez presidiu as suas sessões. Não era um frequentador assíduo da tribuna, mas os seus discursos foram sempre serenos e com conteúdo, em defesa dos problemas do Amazonas, que conhecia como poucos, e do País. Era um agricultor. Amigos deram-lhe um sítio, em frente a Manaus. Plantou-o todo e colhia três vezes por ano.

Silvério José Nery era um jornalista atilado, um cronista risonho e um escritor seguro. Sempre colaborou nos jornais que fundamos e chefiámos no Amazonas, na sua capital, Manaus, ex-“cidade risonha” hoje dizem que é “cidade tristonha”, — o *Diário de Notícias* o *Rio Negro*, a *Folha do Amazonas*, e o *Globo*. Ou os que dirigimos ou fomos redator-chefe, o *Comércio do Amazonas*, *Amazonas Comercial*, a *Federação do Amazonas*, o *Estado do Amazonas*. Usava às vezes o pseudônimo de Yren.

Num dos nossos livros, *Meu livro de saudades*, há traçado, com certas minúcias, o perfil desse homem público, educadíssimo, viajado, vestindo-se à inglesa, elegante, na palestra, bem humorado. Revelou-se um administrador capaz.

Lembram-se da sua frase, que ficou célebre no País, no dia em que assumiu o Governo do Amazonas? — “Menos política e mais administração”. Receita para o Brasil de hoje.

A sua administração foi fecunda e salutar, e acompanhamo-la, com uma situação na Assembléia Legislativa e postos de confiança. Eramos o seu substituto na chefia do Partido. Logo ao assumir o Governo, baixou o decreto obrigando em Manaus o beneficiamento da borracha amazonense, que passava toda como paraense. Regularizou a matéria, que beneficiou moral e materialmente o Estado. Fez o maravilhoso porto flutuante de Manaus, que ainda hoje lá está, beneficiando a terra e os homens, através da empresa “Manaus Harbour”. Conseguiu a construção do edifício da Alfandega, cláusula contratual com a referida empresa. Cuidou dos problemas básicos do Estado e da Cidade, — serviços de água, luz, bondes, telefones, higiene, calçamentos, esgotos, plantando, arborizando, melhorando-os e fazendo os seus pagamentos em dia, cuidando das artes, e dando relevo à sociedade. Ao seu tempo, o “Teatro Amazonas” não se fechava. Construiu escolas e grupos escolares.

E teve uma grande e definitiva ação na questão do Acre. Sucessor do Vice-governador Ramalho Junior em exercício no cargo de Governador, ele foi também um dos maiores lutadores pela integridade do território nacional. Foi ele quem ajudou e auxiliou Plácido de Castro e Gentil Norberto na campanha sangrenta para que não tirassem o Acre do Amazonas e do Brasil. Na sua primeira *Mensagem* à Assembléia Legislativa ele tem uma página forte e feliz comprovando que o Acre era e é brasileiro. E a sua ação.

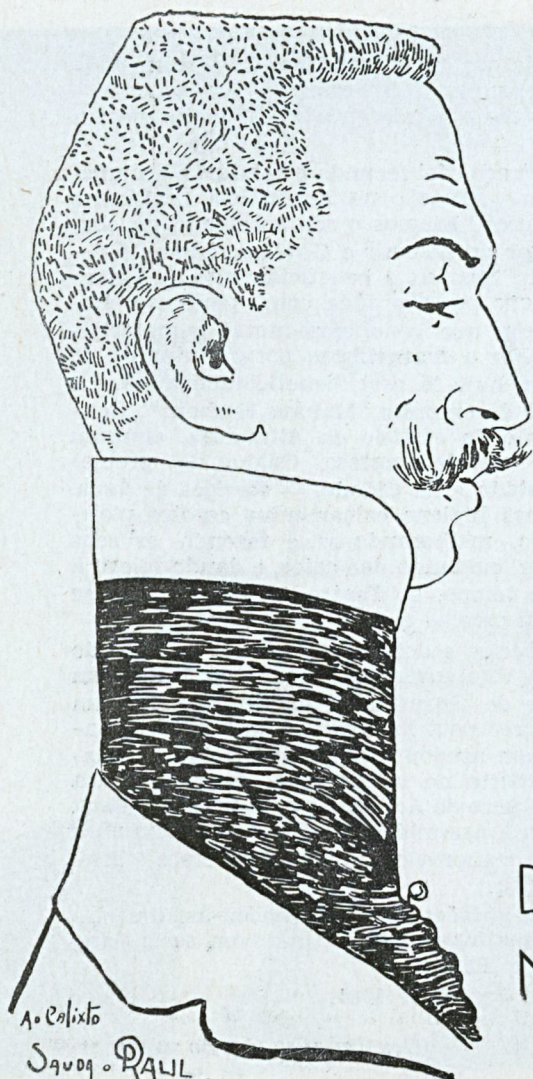
A época era de paixões, mas ele venceu-as. Um oligarca? Mas se todos fossem assim, que bom seria para os estados e para a Pátria!

Morreu a 23 de Junho de 1934.

(Continua no fim do número)

“Teatro Amazonas”





20-IX-903

DO NOSSO MUSEU

ODE AO PATRÃO

Bartolomeu. Não é questão de "O Malho".
Nem é questão do "molho", mas de milho.
Da vida o bonde, certo eu escangalho.
Se um vale o bonde não puser no trilho.

Este poeta não é nenhum bandalho,
Disto já sabes muito bem, ó filho!
Por isso, na ocasião de ti me valho,
E do arame já conto ver o brilho!

Com tal engrossamento, abres o olho,
E então dirás por certo: "Não me empulhas,
No "O Malho" tu já vais fazer rastolho".

Mas a espiga afinal firme debulhas
Em trinta grãos de temperado molho,
O'grulha dos patrões! Patrão dos grulhas!...

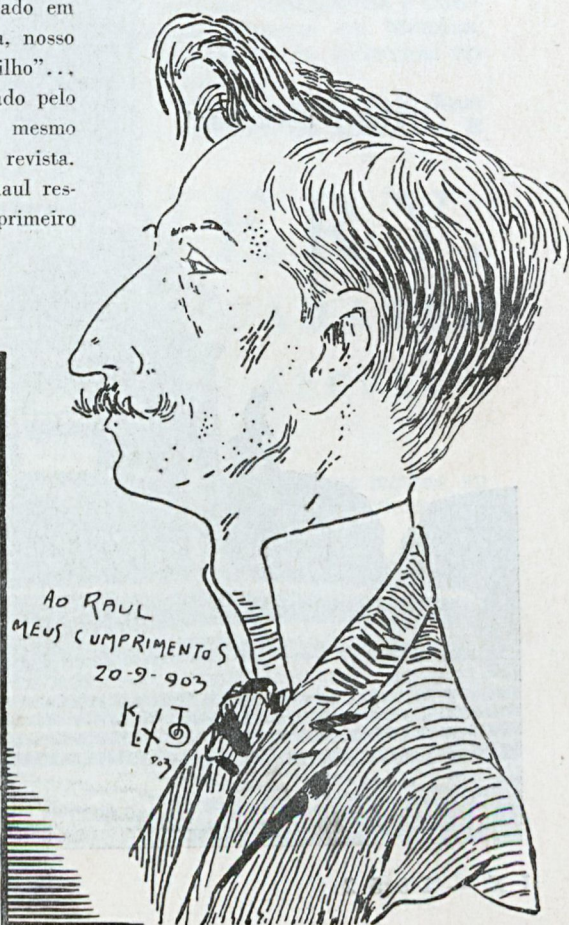
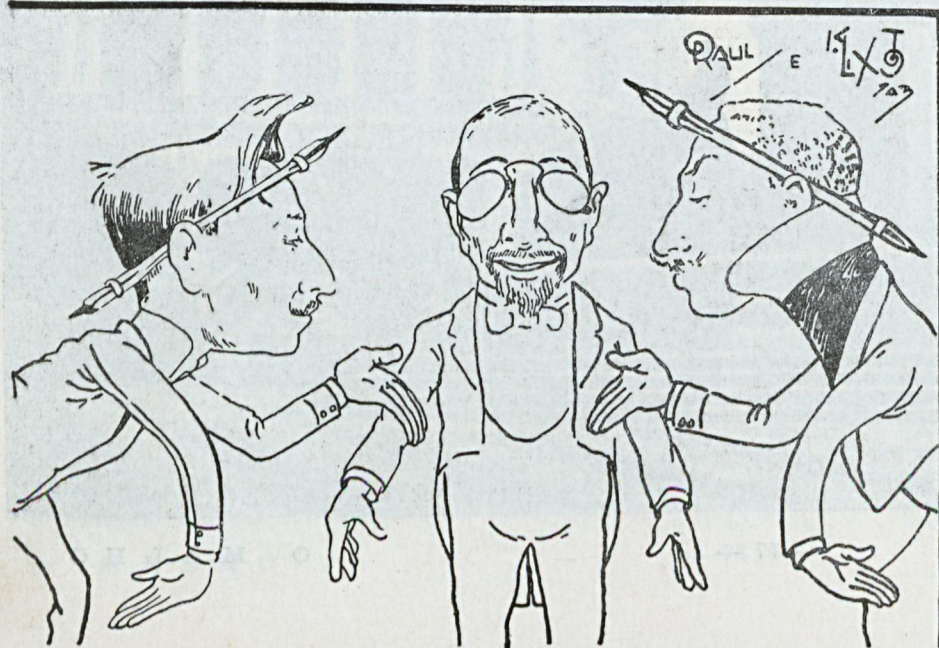
E' MILHO? OU EMÍLIO?

A história do "O Malho", nestes 50 anos de vida, está toda ela pontilhada de curiosos documentos literários e artísticos do mais vivo interesse. Nesta página apresentamos quatro de tais peças, das mais antigas e pitorescas do nosso "museu".

No canto alto, à direita, está um soneto humorístico de Emílio de Menezes publicado em agosto de 1903, reclamando, com muito espírito, de Luiz Bartolomeu de Souza e Silva, nosso fundador e co-proprietário, um vale de trinta mil réis — "trinta grãos de temperado milho"...

No canto inferior, à esquerda, estampa-se um retalho do cartão de felicitações enviado pelo "O Malho" ao Presidente Rodrigues Alves no dia de seu aniversário natalício naquele mesmo ano e onde aparecem, em medidas, Raul e Calixto, já então os diretores artísticos da revista.

Completam a página duas caricaturas de Raul e Calixto, de autoria de Calixto e Raul respectivamente e que constituiram a grande atração da edição com que foi comemorado o primeiro aniversário do "O Malho".



Ao RAUL
MEUS CUMPRIMENTOS
20-9-903
K. L. J.

DO RIO DE OUTRORA A FORMOSA CIDADE DE HOJE

DE MADEIRA DE MATTOS (Especial para O MALHO)



SEGUNDO nos informa o historiador Noronha Santos, "interesses da defesa militar, que aconselharam o estabelecimento regular de governos localizados na faixa do litoral, para cuidar do aprêsto de expedições e de medidas prontas e imediatas, parecem explicar a criação das primeiras municipalidades no Brasil".

Primitivamente, existiu, apenas, um rudimentar aparelho administrativo, no qual se misturavam em promiscuidade curiosa, funcionários municipais, contenciosos e judiciários.

Os ancestrais dos nossos prefeitos foram simbolizados nas figuras patriarcais dos *Procuradores* do povo que, em suma, nada mais eram do que experimentados delegados dos principais núcleos de população junto à Corte portuguesa.

Ainda no tempo do Brasil-Colônia, a administração municipal era exercida por uma Junta de três vereadores, eleitos pelos "homens bons" da localidade nos famosos Concelhos do Paço. Cada um deles, a começar do mais idoso, servia no decorrer dos três anos de mandato, após a eleição.

A Constituição de 1824 veio dar certa organização aos serviços municipais, mas só a reforma de 1828 definiu, com precisão, as relações entre as municipalidades e o poder central.

A rigor, porém, neste período, tivemos um único prefeito que se assemelhasse aos governadores dos dias que correm, pelo menos no que diz respeito às atribuições e aos atos praticados. Foi ele o dr. Ferreira Viana, notável figura de estadista que deu ao Rio as primeiras casas de caridade e hospitais e espalhou pela metrópole uma série de melhoramentos de vulto, do que nos dá uma idéia a fundação de escolas, feita no seu governo, o contrato de um serviço de limpeza pública e remoção de lixo das residências, o estabelecimento de regras sobre venda de gêneros alimentícios e funcionamentos de mercados, a regularização do tráfego de veículos, o calçamento e abertura de vários logradouros e a fundação do necrotério.

O PRIMEIRO PREFEITO DO RIO

Com a organização do Distrito Federal, em 20 de Setembro de 1892, foi indicado para administrar a cidade do Rio de Janeiro, o presidente da extinta Intendência Municipal, dr. Alfredo Augusto Vieira Barcelos que, tendo tomado posse a 3 de Dezembro, já a 16 cedia o lugar ao dr. Candido Barata Ribeiro, nomeado pelo presidente Floriano Peixoto.

Barata Ribeiro, que se pode afirmar, sem favor, ter sido uma das maiores figuras que já passou pela Prefeitura do Rio, teve, inexplicavelmente, sua nomeação rejeitada pelo Senado o que, todavia, não lhe impediu, durante os meses que esteve à testa dos negócios metropolitanos, de realizar uma obra administrativa digna dos maiores encômios.

A eles se sucederam o coronel Henrique Valadares, e os drs. Francisco Furquim Werneck de Almeida, Ubalino do Amaral Fontoura, José Cesário de Faria Alvim, Antonio Coelho Rodrigues, João Felipe Pereira e Joaquim Xavier da Silveira Junior.

PEREIRA PASSOS — O TRANSFORMADOR DA CIDADE

A 30 de Dezembro de 1902 — conforme noticiava com destaque O MALHO, já então circulando em nossa capital — tomava posse o engenheiro Francisco Pereira Passos.

O dr. Pereira Passos já se tinha notabilizado por seus trabalhos de engenharia em prol da cidade. Construtor da Estrada de Ferro Corcovado, por duas vezes diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil, Passos não desmereceu do ato que o fez prefeito. Muito ao contrário, assumindo o governo municipal já dispondo de leis especiais decretadas pelo poder federal, pôde Pereira Passos realizar o saneamento do Rio de Janeiro, medida que há muito se vinha impondo. Com a decidida colaboração de Oswaldo Cruz, Lauro Müller e Paulo de Frontin, Pereira Passos situou-se entre os cinco maiores e melhores prefeitos que já possuímos.

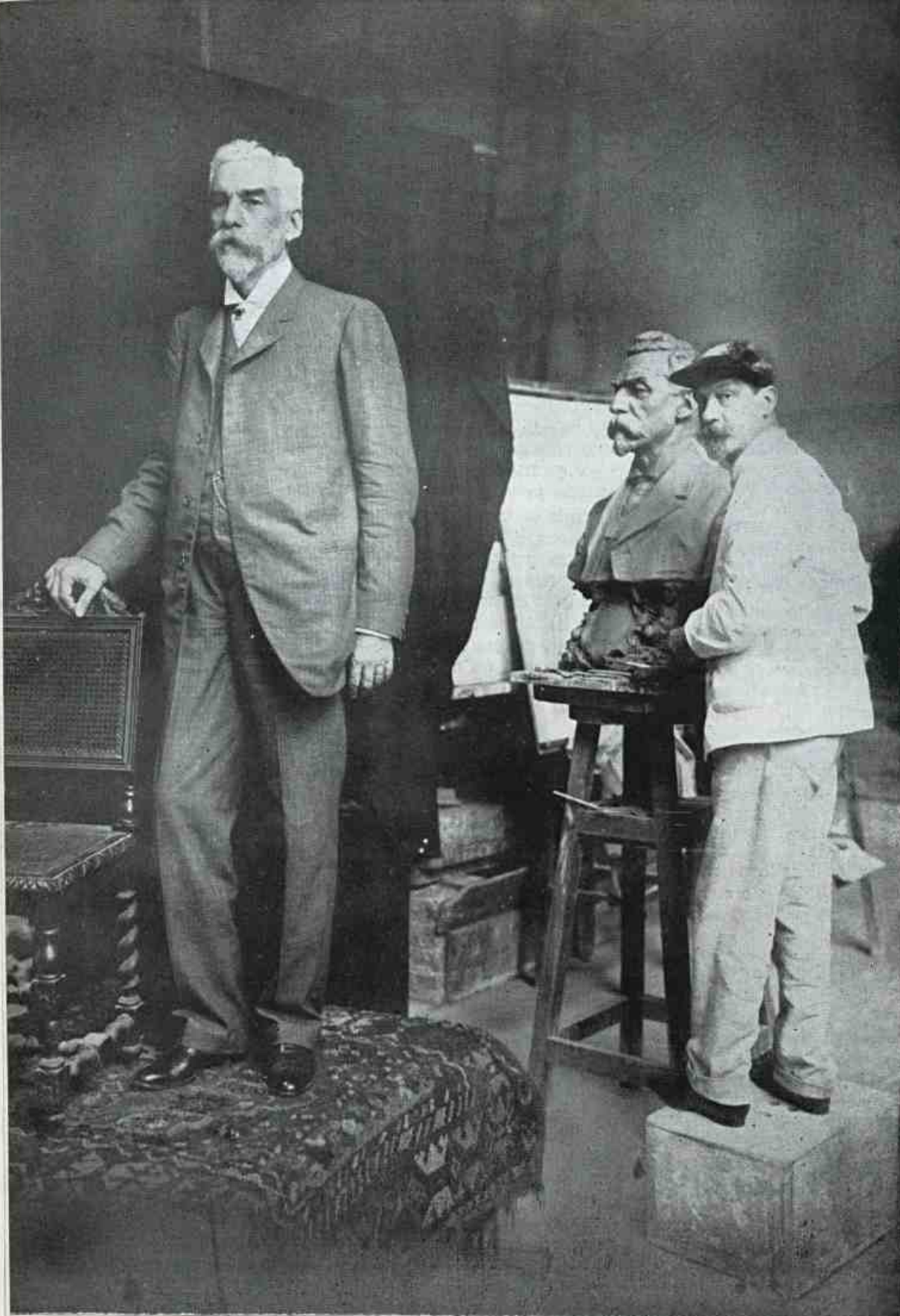
Tôdas as páginas desta edição seriam insuficientes se o redator quizesse pormenorizar a obra daquele que transformou a cidade feia e pestilenta na "cidade maravilhosa" que conhecemos. Passos, por seus trabalhos verdadeiramente ciclôpicos — mereceu dos historiadores o título de "Transformador da cidade", já que difícil se torna excluí-lo da lista dos realizadores integrais e planejadores inteligentes dos principais empreendimentos do Rio de outrora.

A ERA DOS MILITARES

A ele se seguiu um engenheiro militar — o general Francisco Marcelino de Souza Aguiar, que administrou de 1906 a 1909. O valoroso cabo de guerra soube, por seu turno, manter a Prefeitura num plano elevado, tendo representado o Brasil na Exposição Internacional de Chicago, no recinto da qual foi levantado um pavilhão para o nosso país, segundo o seu traço original.

Data de seu governo o contrato de eletrificação e tráfego mútuo das emprêsas de carris, representadas pela "The Rio de Janeiro Tranway Light and Power".





Francisco Pereira Passos posando para o escultor Bernardelli.

Antes de deixar o poder, o que se verificou logo após a morte de Afonso Pena, o general Souza Aguiar teve oportunidade de instalar postos de assistência pública, dentre os quais se destaca o atual Hospital de Fronto Socorro, na época Posto Central de Assistência, bem como inaugurou centros de fiscalização do leite e gêneros alimentícios, numa demonstração cabal de quanto lhe importavam as necessidades do povo.

Inocêncio Serzedelo Correia, outro general, foi o prefeito imediato. Com um passado de mérito, adquirido no Congresso Nacional — de que fez parte — e no Ministério da República, no exercício Floriano Peixoto, Serzedelo Correia recomendou-se pelo seu espírito de justiça e bondade.

A nossa capital deve-lhe a execução de importantes obras no bairro de Copacabana e na zona suburbana, além dos empreendimentos levados a efeito nas Ilhas de Paqueta e do Governador. Cuidou de escolas, inaugurou o serviço de tração mecânica para a coleta do lixo, plantou jardins e promoveu as primeiras festas cívicas, no Morro do Castelo.

O 12.º prefeito foi ainda um militar. Nomeado pelo Marechal Hermes assumiu a municipalidade, em 1910, o General Bento Manoel Ribeiro Carneiro Monteiro. Embora não tivesse se entregado a iniciativas de arrôjo e ousadia, foi um dos maiores amigos do comércio da cidade. Estabeleceu horários certos de trabalho para os empregados e as casas comerciais, garantindo, destarte,

O Prefeito João Carlos
Vital



repouso aos trabalhadores que a nada tinham direito. O traço marcante de sua passagem pela Prefeitura foi, aliás, a preocupação com os problemas dos empregados, do que nos dá uma comprovação, os seus decretos dispondo sobre férias e assistência médica aos comerciantes e ao operariado em geral.

QUATRO OUTRAS ADMINISTRAÇÕES

Rivadácia da Cunha Correia e Antonio Augusto de Azevedo Sodré foram os prefeitos que, nos dois períodos subsequentes, responderam pela direção da terra carioca. O primeiro deixou o cargo para tomar posse de um lugar no Senado Federal, para o qual fôra eleito,

tendo se evidenciado como administrador enérgico. A abertura da avenida Paulo de Frontin, o ajardinamento de diversas praças, a arborização das ruas e o calçamento de vias das zonas suburbanas, constituíram os pontos altos do seu governo.

Azevedo Sodré, empossou-se como prefeito interino. Antigo diretor da Instrução Pública, traçou vasto plano de reformas que, em virtude da ausência de recursos do erário, acarretou aumento de impostos o que, finalmente, acabou decretando a sua desistência do cargo tal a campanha sofrida.

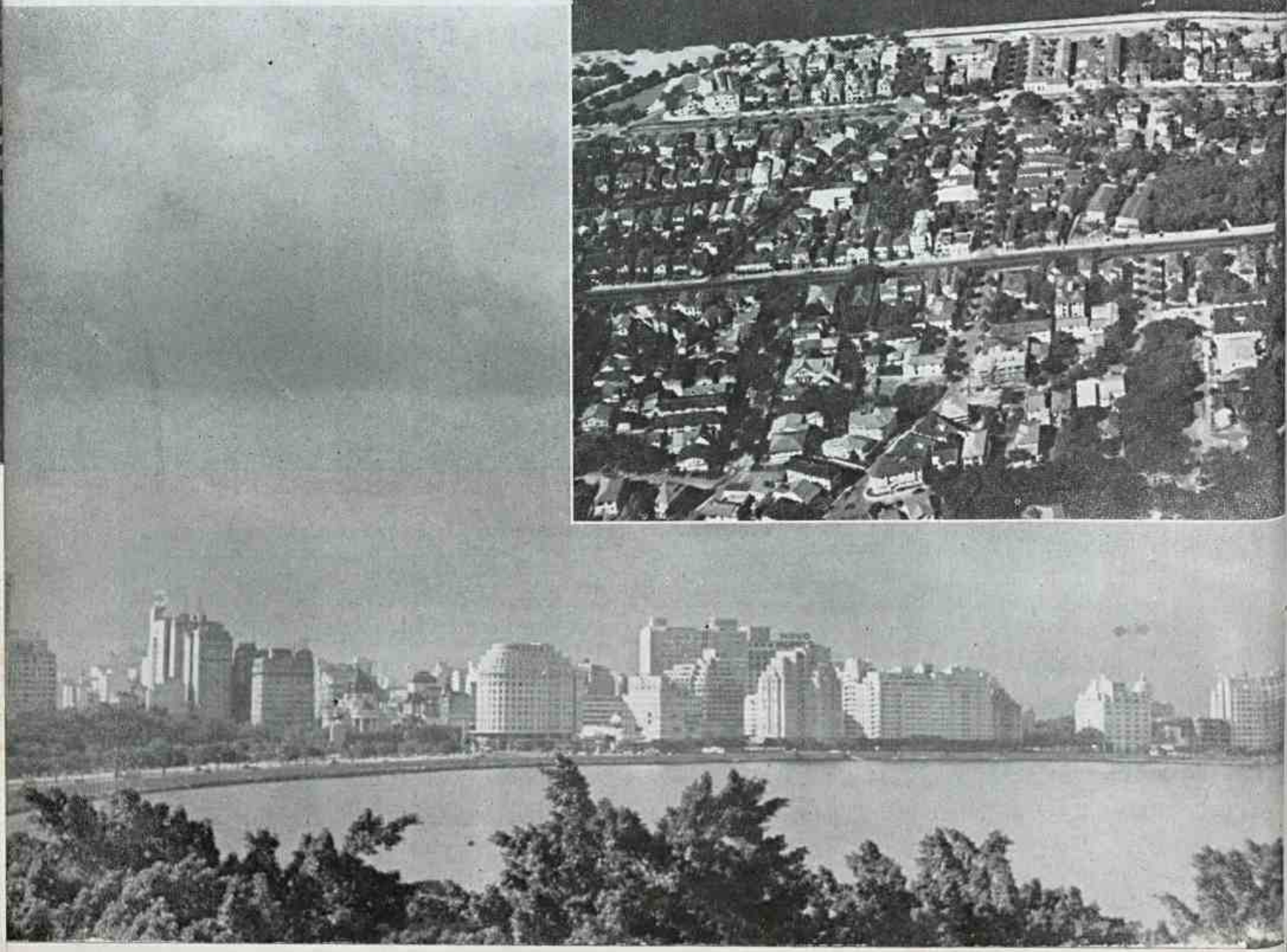
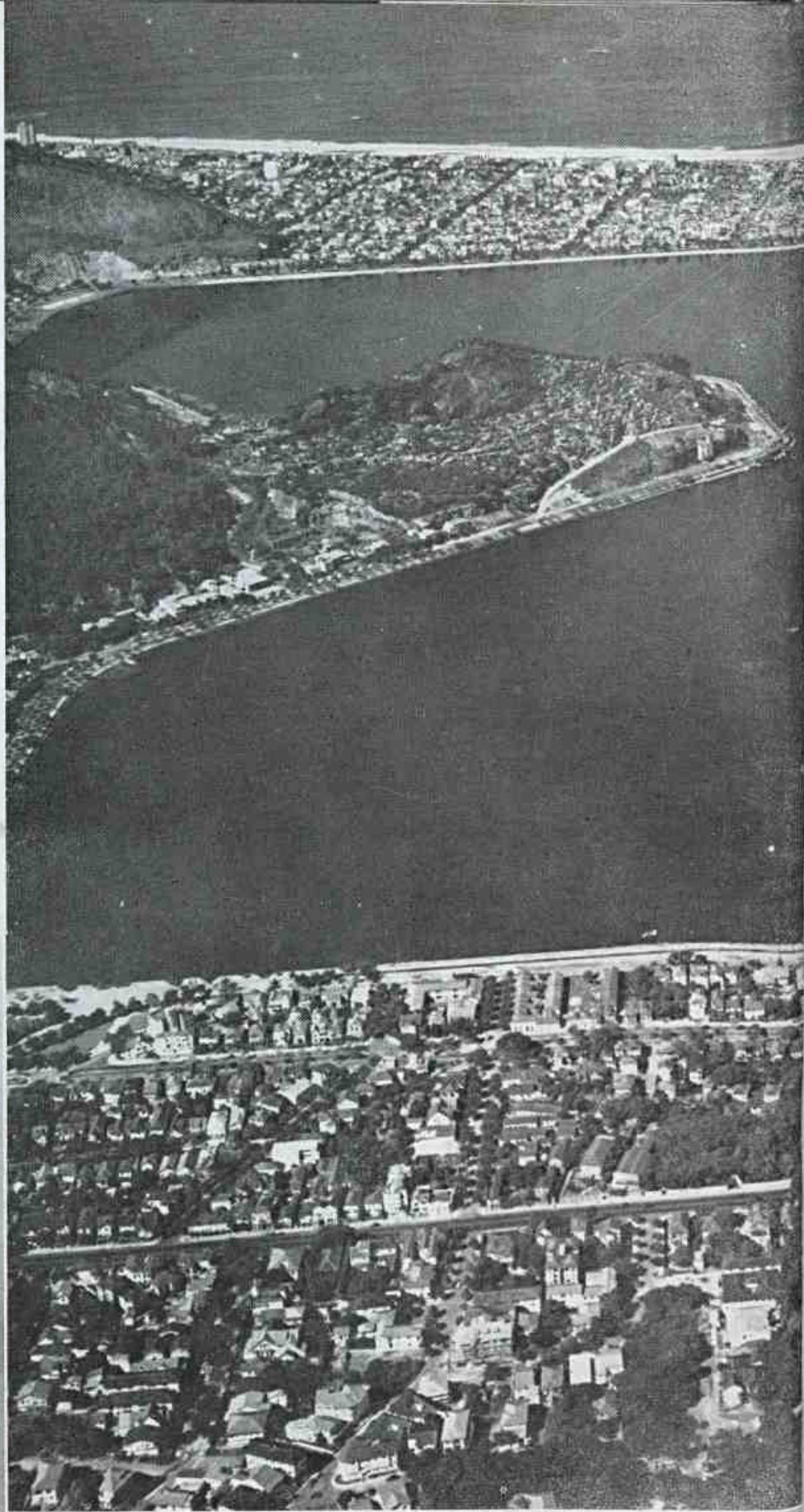
Na fase final da presidência Wenceslau Braz, assumiu o leme da cidade o dr. Amaro Cavalcante. Homem público com longa carreira, ex-senador, ministro, publi-

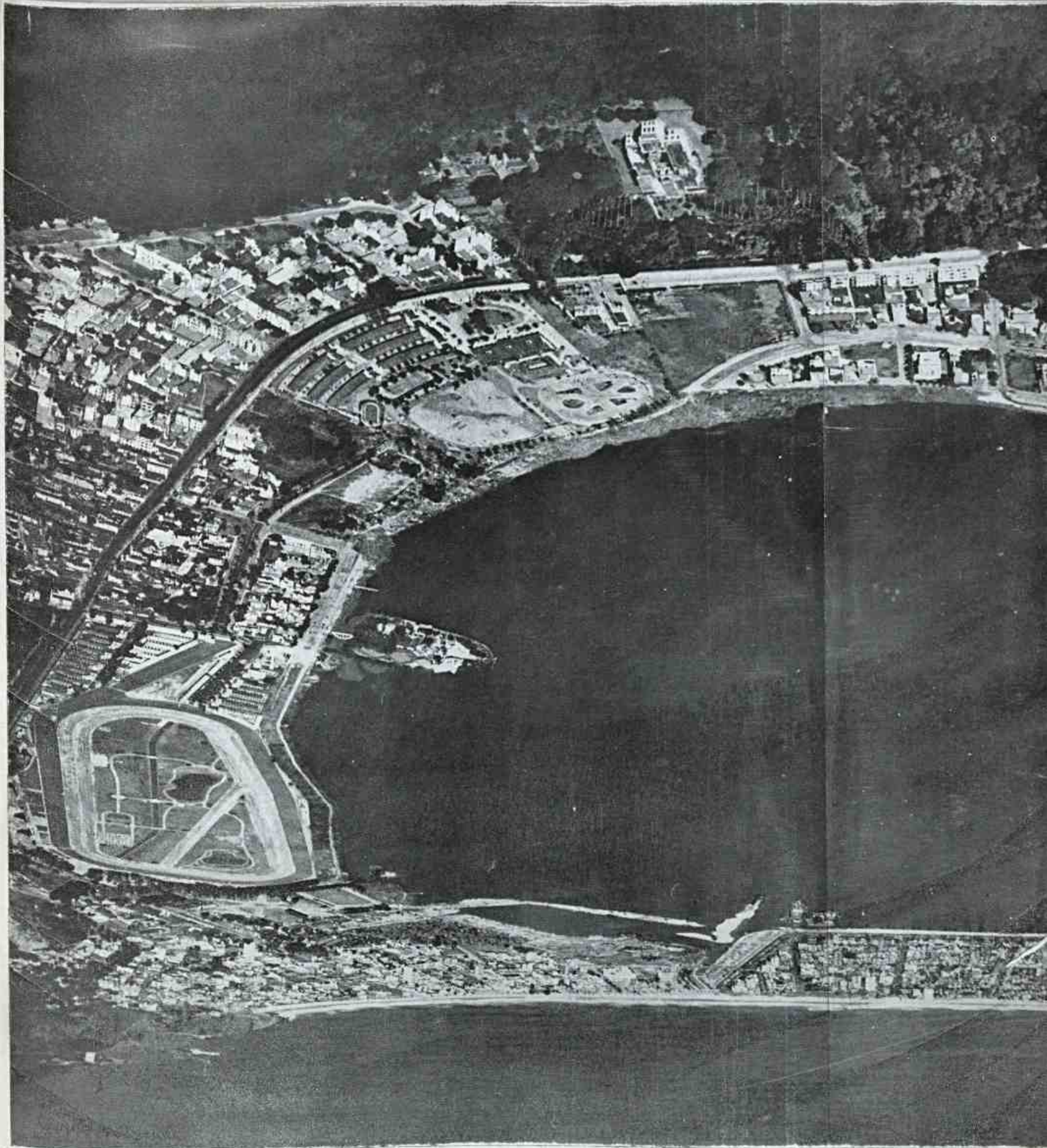
cista e escritor, deu aos seus munícipes uma lição de tenacidade e visão. Foi prefeito aos oitenta anos de idade — fato raro em nossa história — e marcou sua gestão com uma série de realizações de largo alcance.

A instrução, a assistência pública, a estatística e os melhoramentos citadinos, foram alguns dos pontos que mereceram a sua atenção. Amigo e bemfeitor das zonas pobres, suburbanas e rurais, repetidas vezes esquecidas, fez construir as principais estradas de rodagem que ainda hoje possibilitam o escoamento da safra da pequena lavoura do Distrito e das zonas fluminenses fronteiriças. Cuidou também, dos atrativos turísticos, determinando a abertura de estradas macadamizadas ligando os vários centros de interesse para os visitantes.

Reorganizou o arquivo municipal, salvando da destruição certa inúmeros documentos de valor para a história do Distrito. Foi substituído pelo dr. Manuel Cicero Peregrino — homem de gabinete, embora probo e honrado, mas que por isto mesmo não escapou à verruma ferina dos mais conhecidos caricaturistas que labutavam no "O MALHO".

Panorama da Lagoa Rodrigo de Freitas e um trecho da Avenida Beira-Mar.





FRONTIN — O CONSTRUTOR DA AVENIDA RIO BRANCO

Tivemos, depois, o dr. André Gustavo Paulo de Frontin, engenheiro civil de real mérito. Não obstante ter sido das mais rápidas a sua passagem pela Prefeitura, de meses apenas, Paulo de Frontin em pouco tempo mereceu os aplausos de seus governados.

Mestre de nossa engenharia, lente ilustre da Escola Politécnica, idealizador e realizador do sistema de abastecimento d'água, orador de escôl, construtor da antiga avenida Central, depois avenida Rio Branco, obra das

mais arrojadas para a época e que foi alvo de críticas e condenações, desbravador da Estrada de Ferro Melhoramentos do Brasil, hoje linha auxiliar da E. F. C. B., Paulo de Frontin levou a contento uma administração que teve entusiastas fervorosos mas que, concomitantemente, possuía adversários extremados, embora reduzidíssimos em número.

Além das grandiosas obras efetuadas em Copacabana, e por todos os quatro cantos da metrópole, Frontin não olvidou o funcionalismo municipal, estabelecendo aposentadoria e montepio para o mesmo, coisa absolutamente revolucionária para a fase da vida política

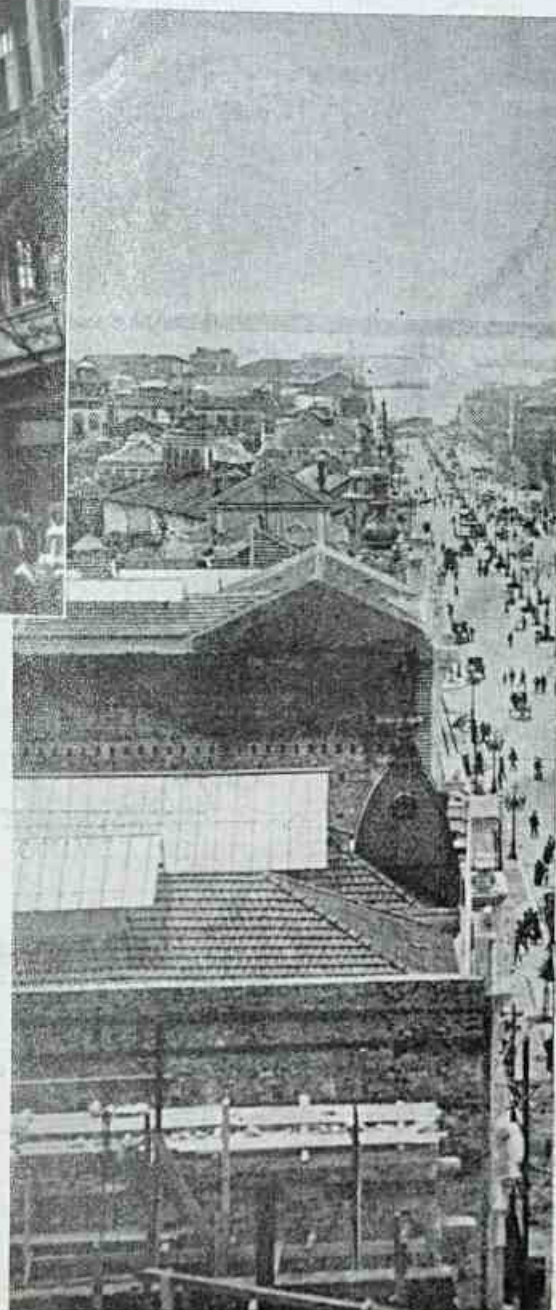


de então. Apesar de haver recebido do sucessor do presidente que o nomeara, insistentes pedidos para continuar na Prefeitura, Frontin preferiu, num gesto de altivez, deixar o cargo para combater, com o seu inigualável gênio parlamentar, o seu inimigo político, Epitácio Pessoa.

Milcíades Mario de Sá Freire, seu sucessor, começou por revogar o ato que amparara o funcionalismo, alegando o grande acréscimo de depósitos. Talvez por isto, apesar de operoso e incansável, não logrou consumir uma bela administração.

Suas economias forçadas foram, em parte, prejudiciais ao desenvolvimento da cidade. O caráter essencial de seu governo foi a defesa que fez, com acentuado conhecimento de causa, de interesses limitados da terra carioca, de que era filho, contestados pelo executivo do vizinho Estado do Rio.

A Avenida Rio Branco em 1908 e o mesmo trecho em nossos dias.



A Milcíades de Sá Freire sucedeu o dr. Carlos Cesar de Oliveira Sampaio, lente das Escolas Politécnicas e Naval e profundo conhecedor dos nossos problemas urbanos.

Carlos Sampaio, preparando-se para patrocinar o primeiro centenário de nossa emancipação política, fez derrubar o Morro do Castelo, obra de engenharia de grande envergadura, levada a bom termo em prazo relativamente curto. Cuidou, também, Oliveira Sampaio, do alargamento e prolongamento de importantes vias de comunicação, completando, assim, o que havia sido feito anteriormente por Pereira Passos, Amaro Cavalcante e Paulo de Frontin.

A velhice desamparada teve nêle um amigo incondicional e revelou-se um embelezador de projeção, conforme nos atestam as encantadoras avenidas Beira Mar e Atlântica, bem como diversos outros recantos de Ipã-nema e do Leblon.

ECONOMIA FORÇADA E PREJUDICIAL

Alaor Prata Soares foi o prefeito que a cidade conheceu sob o governo de Arthur Bernardes e que se manteve no poder durante todo o período presidencial do governante mineiro.

Sua gestão foi das mais criticadas e exercida com muita dificuldade, dadas as restrições que fez às principais obras em andamento. O traço predominante da administração Alaor Prata, foi, sem sombra de dúvida, a mais rígida economia dos dinheiros públicos, o que, dado o rigorismo adotado, em muito prejudicou o desenvolvimento da capital.

Com Washington Luiz tivemos, na direção do Rio, o notável prefeito Antonio Prado Junior. Exerceu o cargo até o advento da revolução de 30 e durante o seu período revelou-se um espírito devotado à causa pública. Mandou embelezar diversos lugares da cidade, destacando-se as obras que executou em frente ao Ministério da Guerra, na Praça da República, e a reforma e renovação de todos os jardins.

A Biblioteca Municipal e o imponente prédio em que funciona nos dias atuais o Instituto de Educação, são realizações do seu tempo. Revidando às críticas feitas acerca dos gastos com o levantamento do referido Instituto Prado Junior, ao regressar da Europa, aonde fôra em viagem de estudos, compareceu à Comissão de Sindicância e, num gesto ousado, ofereceu-se — homem de recursos que era — para adquirir o edifício pelo preço pago pela municipalidade. Posteriormente ficou comprovada a excelência do negócio realizado pela Prefeitura.

CS PREFEITOS DA REPÚBLICA NOVA

Com a revolução que acabou com a chamada República velha, assumiu a direção da cidade, o dr. Adolfo Bergamini, filho de família humilde, que se fez à custa de muito esforço e abnegação. Reorganizou várias repartições municipais e traçou um inteligente plano de melhoramentos das zonas suburbanas e rural.

Tivemos, depois dêle, o dr. Pedro Ernesto Batista, nomeado em Outubro de 31 pelo presidente Getúlio Vargas e, posteriormente, eleito pelo Conselho Municipal, de acordo com a Constituição de 1934. Protetor dos hu-



mildes, foi o prefeito mais popular que já tivemos. Fundou e botou em funcionamento o hospital que depois tomou o seu nome, melhorou a sorte de funcionários e operários, regularizou o pagamento de vencimentos ao funcionalismo, em atraso crônico, e governou, querido por todos, dentro dos mais amplos princípios de justiça social e de amparo aos menos favorecidos.

Em caráter interino, com a sua saída da Prefeitura, foi substituído pelo Cônego Olímpio de Melo, ex-vigário da Paróquia de Bangú, o qual exerceu o poder até a cassação da autonomia política de que desfrutava a cidade, de conformidade com o disposto na Constituição Federal. O Cônego Olímpio de Melo, foi um dos prefeitos que mais foi alvo dos caricaturistas, não tendo sido poupado pelo O MALHO.

Sempre que se apresentava a oportunidade lá ia, o Cônego para as páginas da nossa revista, com o que, aliás, não se aborrecia, verdadeiro espírito de homem público que era. Sofreu a mais violenta oposição de que temos notícia nos últimos anos e é unânime o julgamento dos historiadores, negativo à sua produtividade como administrador.

Com o golpe de Estado de 1937, foi nomeado para a Prefeitura, o dr. Henrique de Toledo Dodsworth, que esteve à testa da chefia municipal durante quase oito anos. Melhorou, sensivelmente, o sistema de arrecadação municipal, promovendo o aumento da receita, e cuidou de empreendimentos de vulto gigantesco como a abertura da avenida Presidente Vargas; médico, professor do Colégio Pedro II e da Escola de Medicina, exerceu com tolerância a Prefeitura, apesar de dispor de prerrogativas invulgares.

O Ministro Filadelfo de Azevedo foi o prefeito escolhido pelo governo provisório do ministro José Linhares. Com a posse do novo presidente eleito, general Eurico Gaspar Dutra, foi nomeado prefeito o engenheiro Hildebrando de Araujo Góes, saneador da Baixada Fluminense, que administrou com zelo a capital brasileira, melhorando diversos logradouros públicos e planejando estudos correspondentes às necessidades do Distrito. Técnico de reconhecida autoridade, dedicou sua atenção para um dos pontos que maiores dores de cabeça dá à população, ou seja, a falta d'água.

Construiu uma nova adutora e lançou as bases para a solução definitiva do problema. A bela e utilíssima avenida Brasil é obra de seu tempo, dispensando maiores comentários em virtude do

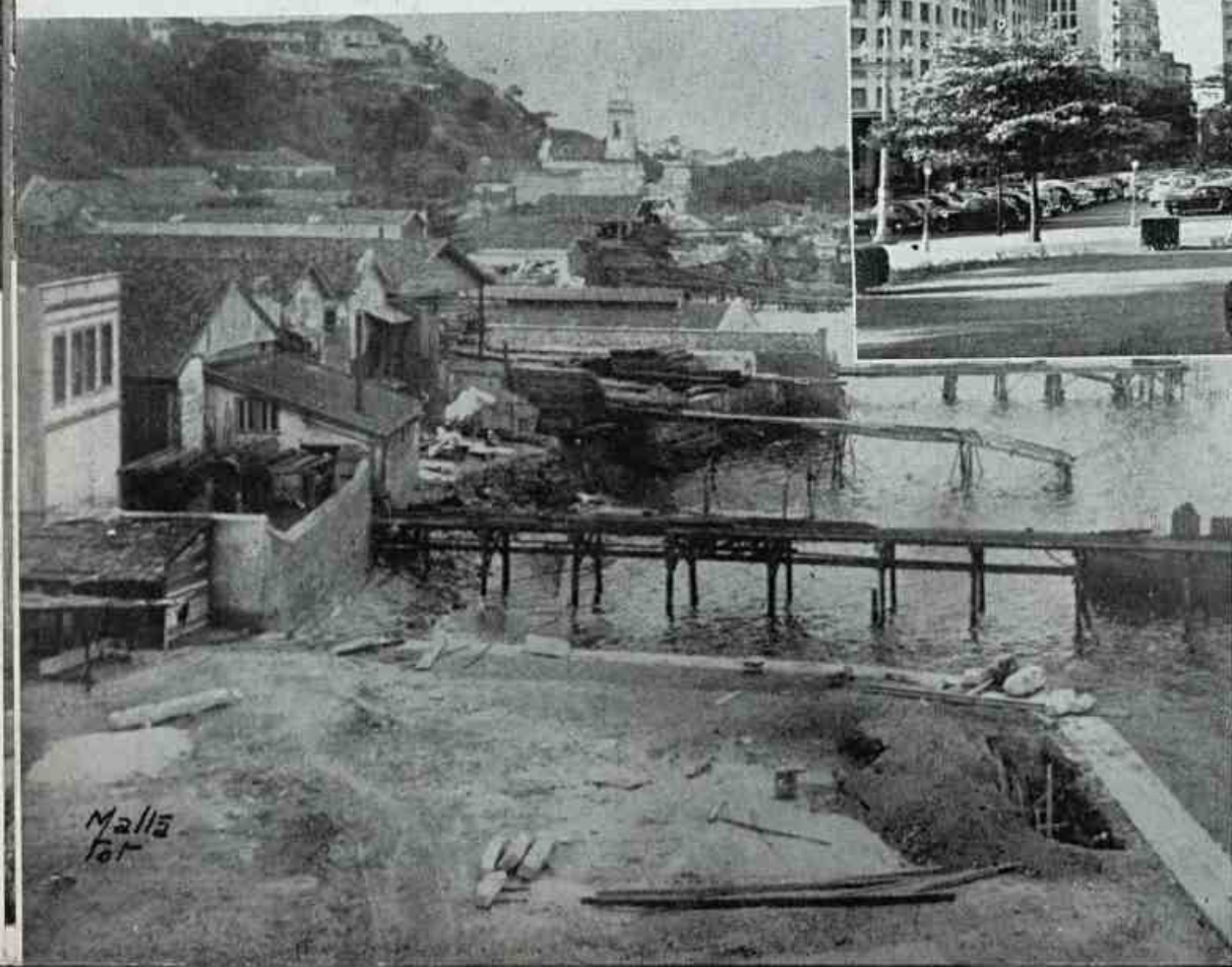
benefício incalculável que prestou aos milhares e milhares de habitantes dos subúrbios e das regiões distantes, além de fazer ligação com a moderníssima rodovia Presidente Dutra.

GANHA ACIDADE O COLÔSSO DO MARACANA

Muitos anos depois de Souza Aguiar, volta a Prefeitura às mãos de um militar, com a substituição de Hildebrando de Góis pelo general Angelo Mendes de Moraes. Também Mendes de Moraes a exemplo do seu antecessor, atravessou dois períodos como prefeito da cidade, uma vez que com a saída do presidente Dutra e consequente posse do atual governo, permaneceu no posto ao qual emprestou o brilho de sua visão e deu a colaboração da sua fecunda atividade. Reformou e embelezou os jardins públicos, alargou a Praia do Flamengo, construiu inúmeras escolas rurais, amparou o lavrador do sertão carioca, cuidou do prosseguimento acelerado das obras em andamento e, sobretudo, deu o Rio, atendendo às solicitações que lhe foram dirigidas, um dos seus maiores motivos de orgulho consubstanciado na ereção do monumental Estádio Municipal, o Colôssio do Maracanã, como é conhecido mundialmente. Ao general Mendes de Moraes — justiça lhe seja feita, — podem ser imputadas muitas falhas. Mas, é inegável haver comprovado operosidade, do que nos dá mostra ligeira o decidido apoio que prestou às festas populares, semi-esquecidas, e a fiscalização pessoal dos diversos empreendimentos municipais.

GANHA A CIDADE O COLÔSSO DO MARACANA

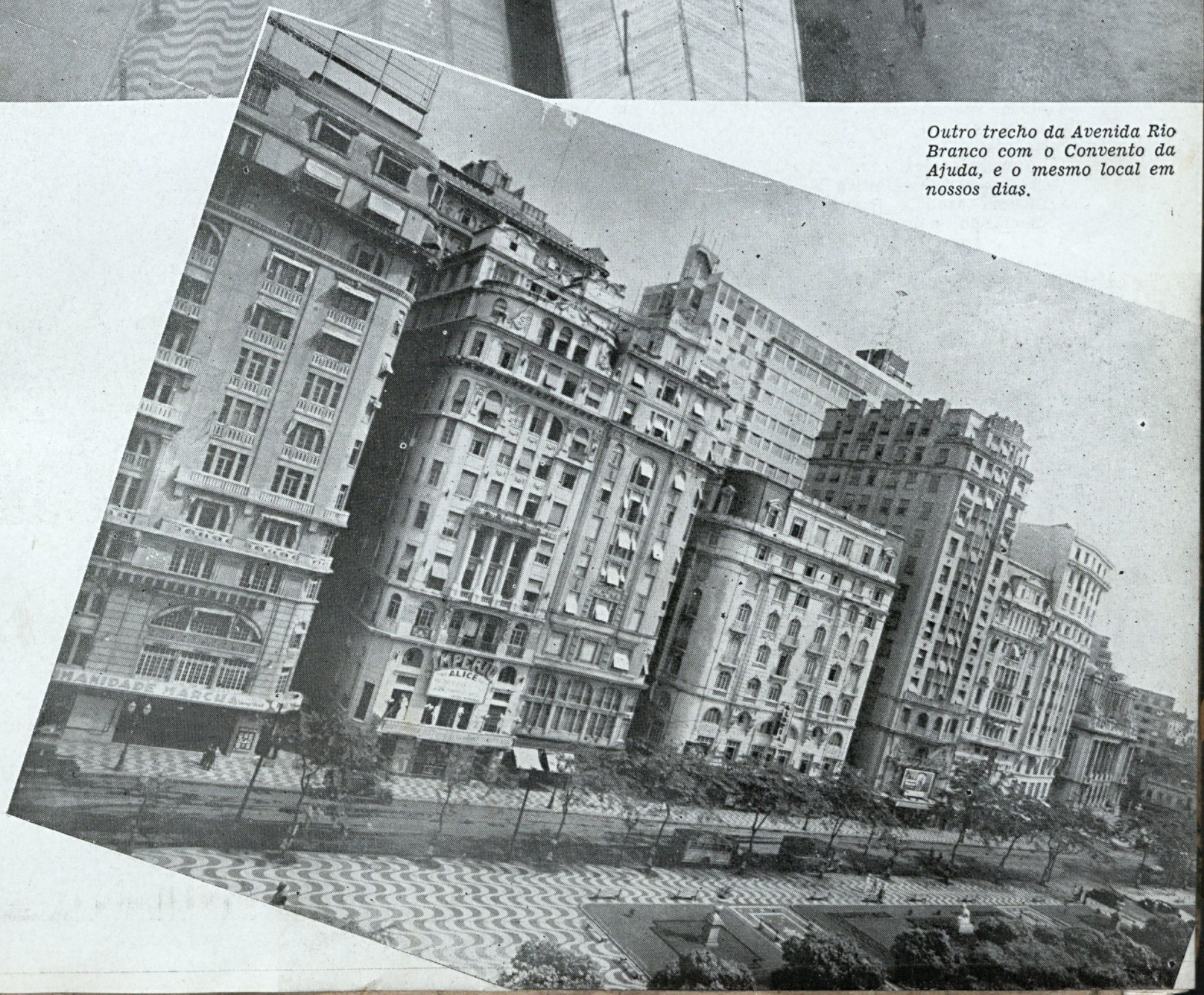
Pretendendo dar à cidade que tanto o ovacionou um prefeito à altura dos que ela já tivera e merecia, o novo presidente da República, dr. Getúlio Vargas, com a aceitação do pedido de demissão do general-prefeito, nomeou para a direção dos negócios municipais um homem que, deixando de parte os interesses políticos, efetuasse prestigiado pelo poder central, uma governança reco-



A Praia de Santa Luzia em 1907 e um aspecto atual do mesmo local.



Outro trecho da Avenida Rio Branco com o Convento da Ajuda, e o mesmo local em nossos dias.



mendável à admiração e ao respeito dos munícipes. E foi feliz o presidente Vargas, escolhendo o engenheiro João Carlos Vital, técnico de singular valor, que, alheio aos interesses contraproducentes ao desenvolvimento da cidade, vem realizando um trabalho de profundidade e sapiência. Ainda agora, os jornais acabam de noticiar um plano de autoria da Secretaria de Educação, que prevê a inversão de seiscentos milhões de cruzeiros na construção de estabelecimentos de ensino. A televisão Roquete Pinto, a segunda a ser instalada no Rio, também é planejamento de sua gestão, em fase final de estudos. O Túnel do Pasmado, iniciado há algum tempo, mas só agora concretizado, as obras e benfeitorias da Ilha do Governador, que de muito não sentia o efeito da gerência municipal sobre os seus limites, a não ser para o pagamento de impostos, o alargamento inadiável das pistas do canal da Mangue, iniciado recentemente a equiparação de vencimentos de inativos e jubilados aos salários que recebiam quando foram aposentados, o reequipamento e ampliação dos serviços municipais, assistenciais e educacionais, a instalação de cem parques infantis por recantos do Distrito nunca dantes lembrados, a melhoria justa de nada menos de oito mil funcionários, que desde 47 não conseguiam nenhum benefício, a reorganização das finanças municipais e a planejada abertura de quatro novos túneis que virão desafogar o tráfego, são algumas das atividades do atual prefeito e que com a ajuda de Deus e a colaboração dos habitantes não estacionarão no tempo.

O problema do abastecimento d'água tem preocupado

seriamente a administração João Carlos Vital. Os atuais reservatórios, deficientes e que vêm do tempo da Colônia e do Império, mereceram a sua atenção e para o aproveitamento eficiente dos mananciais cariocas têm sido elaborados planos que executados oportunamente produzirão um aumento considerável do volume do precioso líquido a ser fornecido à população metropolitana. Mas nesse assunto o que há de mais importante e em vias de conclusão é a nova linha adutora que deverá trazer a água do rio Guandú para determinados bairros da cidade. Dentro de breve prazo essa linha estará em condições de suprir boa parte das deficiências do atual serviço de águas. Trata-se de obra gigantesca que honrará uma administração. Além disso prosseguem os estudos do Metropolitano, a rede de caminhos subterrâneos que resolverá definitivamente o problema do tráfego na superfície da cidade. As sondagens têm sido feitas com segurança pelos técnicos, e não demorarão os primeiros atos para a concretização desse capítulo de um corajoso programa de melhoramentos urbanos destinados a proporcionar uma soma de benefícios ao povo, na altura da sua capacidade de contribuição para o progresso local e de acordo com as exigências da nossa civilização. Proibidade, sensatez e apoliticismo, têm sido as características essenciais deste homem que, ignorando a oposição de certas forças descontentes pela ausência de favores absurdos e apoiado num Secretariado de Técnicos e cientistas, inaugurou e vem mantendo, com calma e segurança, uma nova era de honestidade e produção na liderança do executivo da metrópole.

Majestoso panorama da Avenida Atlântica, em Copacabana.



PROVIDÊNCIAS DO MAIOR INTERESSE PÚBLICO

Estão, em 1952, sob estudo da Câmara dos Vereadores — O Metrô e o Código

Tributário, como problemas preeminentes

A sessão legislativa da Câmara do Distrito Federal realizava-se, anualmente, de 1.º de Abril a 31 de Outubro. Eram seis meses de atividades legislativas. Agora, os Vereadores passaram a trabalhar nove: por força do que dispõe a Lei Federal n.º 1.448, de 5 de Outubro de 1951, a sessão legislativa ficou sendo de 15 de Março a 15 de Dezembro.

A Câmara da cidade, assim, começou a trabalhar cedo este ano, e enfrentando desde logo problemas de excepcional magnitude, como o do Metrô, a ferrovia subterrânea que virá solucionar a crise de transporte, o maior flagelo da população no momento. Uma Comissão Especial de Vereadores estuda o projeto organizado pelos técnicos da Prefeitura. E dois Vereadores foram comissionados para estudar o problema do transporte nas grandes cidades dos Estados Unidos e da Europa: o ex-presidente João Machado e o Vereador Amandino de Carvalho, que exerceu o cargo de Secretário Geral de Viação e Obras do Distrito Federal.

Outro assunto de extraordinária importância que a Câmara estuda este ano é o Código Tributário do Distrito Federal. Há uma infinidade de leis sobre impostos, regulando a incidência, a cobrança e a arrecadação. Muitas dessas leis estão derogadas, ou revogadas. Impõe-se, assim, a codificação da legislação, de sorte a facilitar a aplicação e a consulta de seus dispositivos, em benefício não só dos órgãos arrecadadores, mas dos próprios contribuintes. É preciso sistematizar e simplificar. E é o que pretendem fazer os legisladores cariocas.

Os Vereadores trataram e ainda estão cuidando de muitas outras questões de interesse vital para a população — basta enumerar alguns dos projetos transformados em lei e outros em curso, na presente sessão legislativa, para que se possa fazer juízo sobre sua importância: dispondo sobre os enterramentos no Distrito Federal; autorizando a sessão dum terreno, para edificação de laboratório oficial, especializado no preparo de vacinas antivariolicas e antiamebicas; criando ambulatórios médicos na zona rural; instituindo uma creche para filhos de tuberculosos; ampliando e modernizando

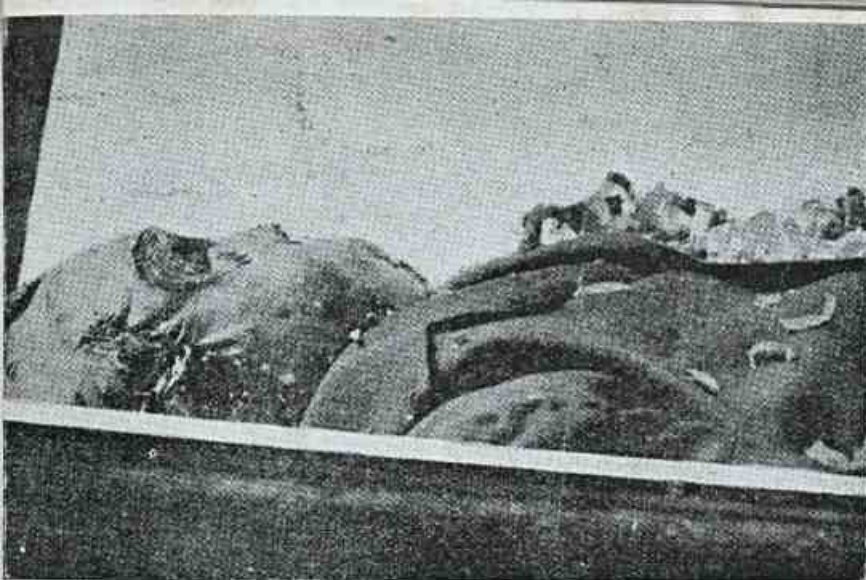
o Hospital de Curupaiti, (Para leprosos); promovendo a aquisição de ambulâncias para o Serviço de Assistência Domiciliar Post-natal; ampliando, em benefício das classes menos favorecidas, os serviços do Laboratório de Produtos Terapêuticos da Prefeitura; criando o Serviço Municipal do Trabalho Doméstico; criando outro mercado municipal; dispondo sobre o financiamento de crédito rural; adotando providências em prol da motorização da lavoura; promovendo a construção de edifício-garage, para estacionamento de automóveis; regulando a venda de combustível e lubrificantes; instituindo prêmios de literatura; criando 10 prêmios de teatro; instituindo 300 bolsas escolares; adotando o passe escolar; criando o Serviço de Educação Pré-vocacional; adotando o Serviço do Teatro Escolar; criando a Escola Popular Musical e Artística; instituindo nas escolas primárias o regime de semi-internato; ampliando o quadro de professores do Curso Primário Supletivo; modificando o regulamento do Ensino Normal; criando um Anexo ao Instituto de Educação; concedendo subvenção ao Museu de Arte Moderna; criando o Salão Anual de Caricatura; e oficializando o Concurso de Músicas Carnavalescas, etc.

Assembléia eminentemente popular, a Câmara tem mantido o mais estreito contato com o Povo, de que é evidência a recepção que ofereceu aos brasileiros Campeões Panamericanos de Futebol. A Câmara conferiu medalha de ouro, em nome da Cidade, a cada campeão panamericano.

E tem sido distinguida, no decurso de 1952, quando, sob a presidência do Vereador Mourão Filho, com a visita de figuras eminentes, dos cenários internacional e nacional, dentre elas se destacando as da Missão Cultural Portuguesa; a do Sr. German Rodrigues, Prefeito de Santiago do Chile; a do Sr. Hikozauro Okaysu, Vice-governador de Tóquio; a do Sr. João Carlos Vital, Prefeito do Distrito Federal; a do Sr. Nereu Ramos, Presidente da Câmara dos Deputados; a do General Espírito Santo Cardoso, atual Ministro da Guerra; cardeal D. Jayme de Barros Câmara; médicos portugueses, representando o seu país no Congresso de Jornadas Médicas Luso-Brasileiras.

Vereador Dr. Antonio Mourão Vieira Filho, Presidente da Câmara do Distrito Federal (Partido Trabalhista Brasileiro).





O CADAVER DE CARLUCCIO NO NECROTÊRIO — O rosto deformado pelos efeitos do estrangulamento e pela longa permanência nas ondas, semi-devorado pelos peixes é uma massa apavorante, que não conserva um só traço da fisionomia moça e insinuante da vítima.

O Crime da Rua da Carioca

AINDA está bem viva, dolorosa, irritante no espírito público a impressão do hediondo crime, cometido no domingo, 14 de outubro passado, nesta cidade.

Foi uma surpresa horrível a descoberta do infeliz Paulino Fuoco, adolescente, quase uma criança ainda, estrangulado selvagememente em um cubículo da loja da rua da Carioca n.º 53.

O crime demonstrou-se logo na mais repulsiva hediondez — um assassinato para roubar. Ladrões audazes e cúveis não tinha hesitado perante a uma vida feliz e sacrificar na ganância, de gozos fáceis, de lucros criminosos e, morto Paulino, haviam feito mão baixa na vitrine da joalheria, escolhendo as pedras mais preciosas, os objetos de maior valor.

E Carlos Fuoco? Carluccio, o irmão da vítima, aquele que tinha a chave com que os ladrões penetraram na loja? Desaparecera. E durante três dias, o público ansioso, febril, exaltado pelo caráter sombrio desse mistério, vivia na preocupação do paradeiro de "Carluccio". Espíritos ávidos de soluções romanescas chegaram a imaginar a cumplicidade de Carluccio, em conluio com os ladrões arrastado por amores aventureiros.

Só o assassinato de Paulino, o irmão querido, por Carluccio amparado e mantido com paternal carinho, deteve essas ardorosas imaginações. Era impossível que Carlos houvesse pactuado com o sacrifício do irmão. Mas dizia-se que esse assassinato fora uma consequência inesperada.

Mas assim não foi; no momento em que Paulino estava indefeso entre as mãos dos assassinos, já Carluccio vagava ao longo da costa, entre as ondas, informe, monstruoso, transformado pela mais horrível morte em pavoroso cadáver.

Reproduzimos neste número, na íntegra a maior reportagem publicada, no Brasil, sobre um dos mais sensacionais crimes cometidos nestes 50 anos. Realmente, tão forte impressão causou na opinião pública o famoso "Crime da Rua da Carioca" que "O Malho" se viu obrigado a tirar duas edições, que logo se esgotaram.

Nestas páginas, muitos revisarão aqueles momentos que abalaram o Rio.

Outros leitores, mais jovens, conhecerão a terrível trama do pavoroso crime.

Fôra ele a primeira vítima. Estava explicado o crime. Restava agora descobrir os criminosos, que pelos indícios deviam ser ladrões de profissão, hábeis e ardilosos.

Felizmente o tino policial, a atividade, a dedicação, o esforço do Dr. Caetano Junior, delegado da 4.ª Circunscrição urbana, fizeram com que, em oito dias, todos os criminosos presos, confundidos pelas provas acumuladas pela autoridade, tudo confessassem.

Era Eugênio Roca, "Carleto". Pengato, Epitácio e Berreta, os autores do revoltante atentado, e o principal criminoso, preso na madrugada de segunda-feira nas matas de São Francisco Xavier, tudo confessou.

CONFISSÃO DO CRIME

O ladrão Engênio Roca, preso e escoltado, não quis no primeiro momento fazer revelações. Obstinou-se em negar a sua participação no crime, e nessa atitude se manteve até chegar à Casa de Detenção, sendo recolhido à solitária.

Ali o foram ver o ajudante do administrador Benedito Machado, e os chefes dos guardas, Barros, que o interpelaram de novo, arrancando-lhe, afinal, pelo terror, a declaração de que ia dizer a verdade.

— Bem, disse Roca, eu quero falar com o Delegado. Levaram-no imediatamente à presença da autoridade. O ladrão estava acabrunhado, aniquilado.

ROCA QUER SUICIDAR-SE E DIZ A VERDADE

Humilhado, abatido, confundido, Engênio Roca começa por declarar que o insucesso do trabalho lhe abre as portas da morte.



O DR. CAETANO JUNIOR, ativo e dedicado delegado da 4.ª circunscrição e cujas inteligentes providências se deve a prisão dos criminosos.



SR. JACOB FUOCO dono da joalheria e tio das vítimas Carlos e Paulino.



CARLOS FUOCO, O CARLUCCIO Primeira vítima dos ladrões assassinos. Foi estrangulado em um bote, diante da Ilha dos Ferreiros e o seu corpo foi atirado ao mar amarrado a uma pedra.

Ele não se sente com coragem para enfrentar a vida e proclama decidido o propósito de suicidar-se.

Suas revelações, diz, são as de um moribundo.

Vai falar com franqueza, sem reboços e restabelecer a verdade, para que inocentes não sofram o castigo imerecido.

A calma renasce-lhe, sua voz já não hesita, ouve-se o timbre realmente simpático, grosso, cheio que dá à pronúncia um ar de firmeza e convicção.

As perguntas sucedem-se, e a todas ele responde com segurança.

Esboça primeiro um sorriso contrafeito, abre depois a fisionomia francamente e aí já temos o ladrão, o assassino em plena manifestação de maldade consciente, cínico, contando a sua empresa com um despreendimento, que indigna, que revolta até ao ódio por esse miserável.

— O trabalho é meu e de "Carleto" Pengato nada tem a ver com ele, nem Berreto, começa Engênio Roca a dizer.

Conta então com vivacidade o plano indigno, que arquitetou e do qual nos aproximamos nas narrações com que temos reconstituído o crime.

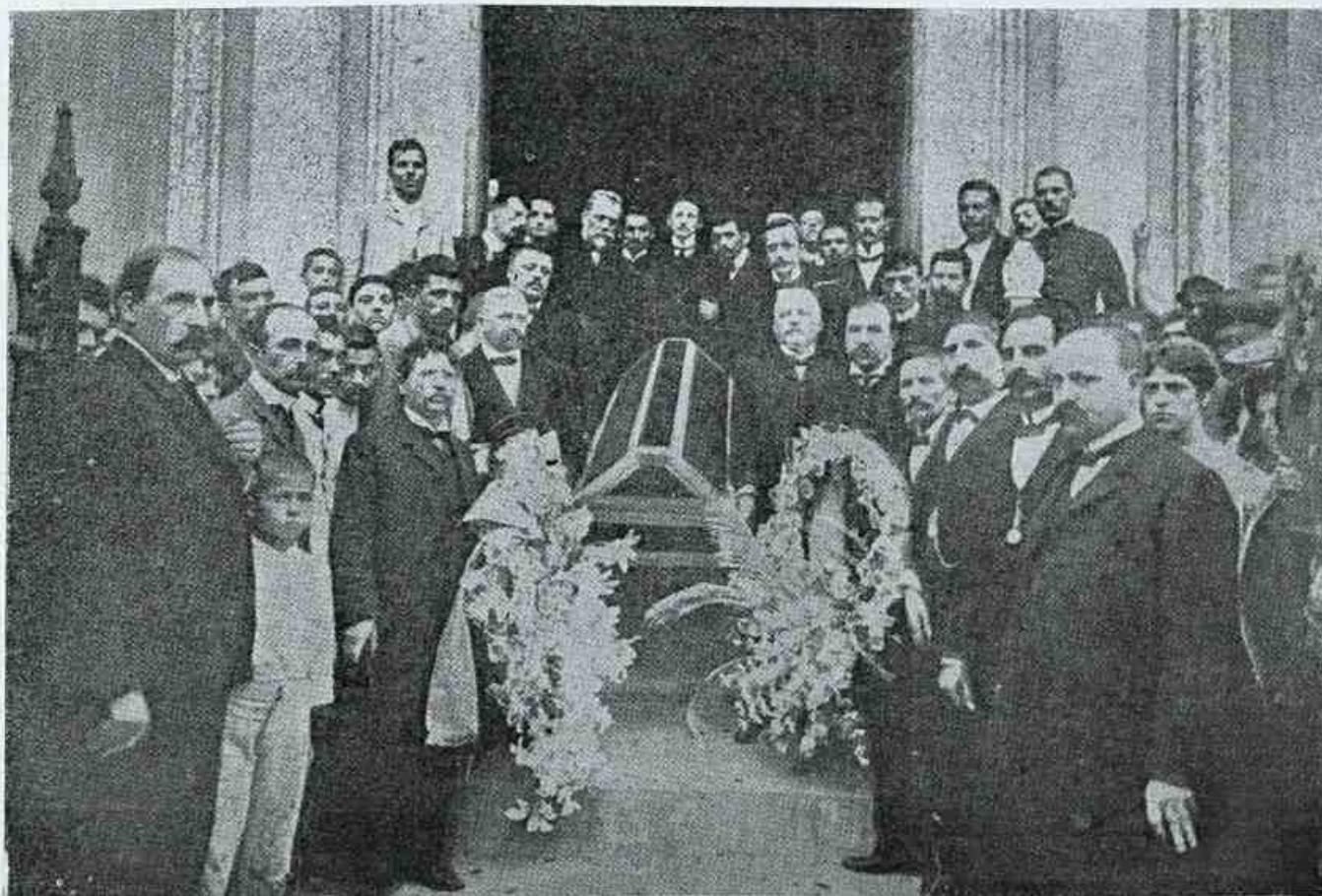
O pretexto foi efetivamente o lucro, que teria Carluccio no serviço que iria prestar.



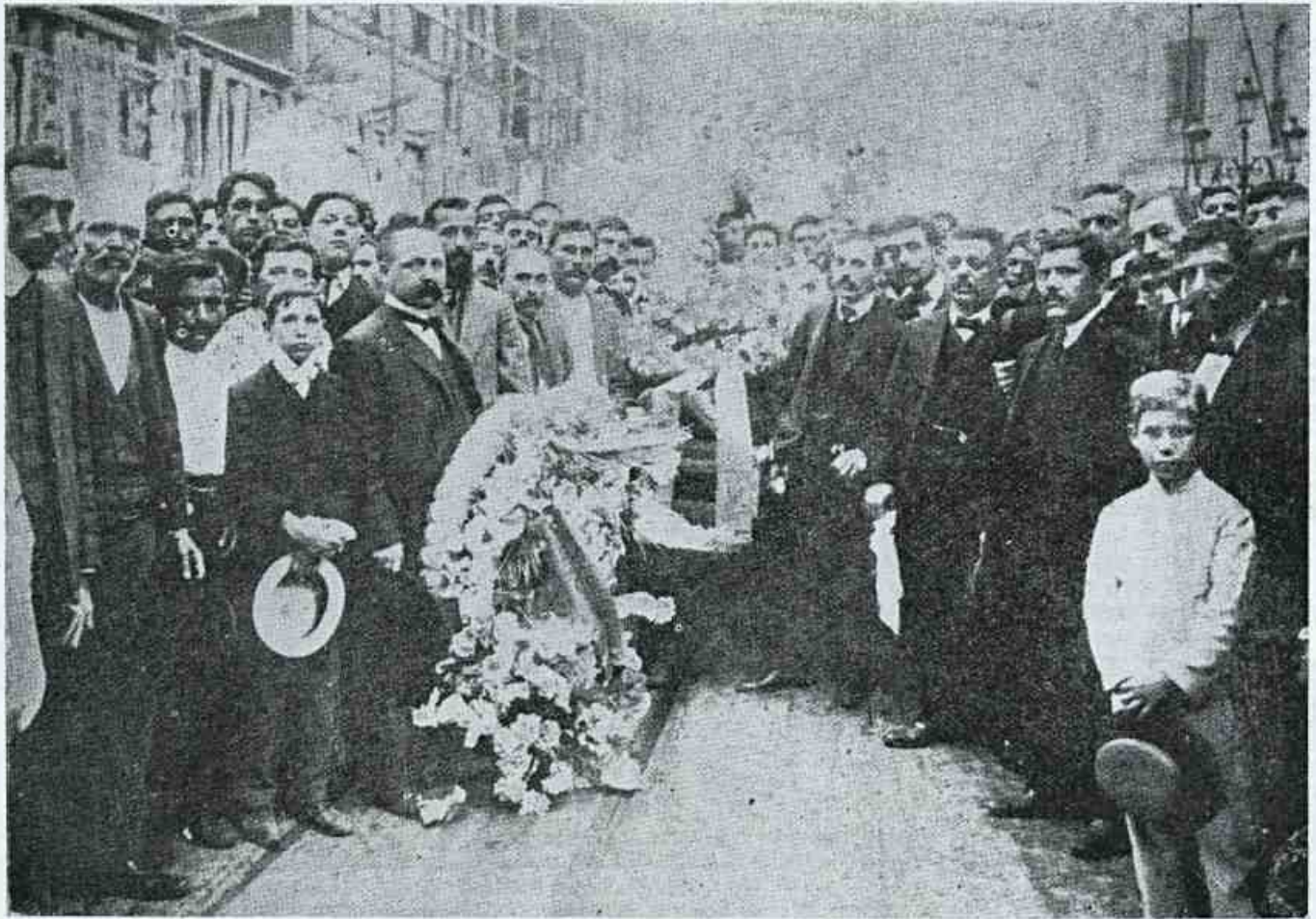
O cadáver de Paulino Fuoco tal como foi encontrado na casa da rua da Carioca

Roca combinara com "Carleto" o assalto à casa de Fuoco, mas a trama sinistra era outra. Eles levaria Carluccio, que seria despojados das chaves, que lhes abriam as portas da Joalheria. Carluccio seria amordaçado e abandonado num lugar deserto, que eles próprios denunciariam à polícia quando se tivesse posto a salvo. Mas houve necessidade de alterar o plano.

Roca procurou Carluccio à saída da pensão, depois



O enterro de Paulino Fuoco, saindo do Necrotério Público.



O enterro de Paulino Fuoco, ao passar pela rua da Carioca, onde parou, por alguns instantes diante da casa trágica

do almoço na rua da Assembléia. Convidou para ser avallador de um grande contrabando, que eles esperavam de um pacote, que devia entrar domingo.

Dar-lhe-ia pela tarefa cem francos. Carluccio aceitou.

— E aceitou, acrescenta Roca — porque ele, coitado ! ganhava pouco — 130\$000.

Desses, explicou ainda, ele dava 60 na pensão, 10\$000 à lavadeira, ficando-lhe assim, muito pouco.

Fengato fornecera o bote a "Carleto" a pretexto de um contrabando ou roubo que receberia 500\$000 pelo aluguel da embarcação, que lhes foi entregue na tarde de domingo, no cais da Prainha.

Fez ao largo a *Fé em Deus*, com a pressa que era "Carluccio" iludido pelos miseráveis.

Durante várias horas bordejaram pelos recantos do fundo da baía à espera do imaginário navio que traria a mercadoria ansiosamente esperada — jóias.

A noite, porém adeantava e "Carluccio" começava a desanimar.

"Carleto", quando o bote ia pelas alturas da Ilha dos Ferreiros, pediu a Carluccio as chaves da casa do tio. Este negou-se e pretendeu reagir quando as quiseram tirar a força.

Engênio Roca remava.

"Carleto" apressado, não querendo perder a ocasião própria agarrou a sua vítima pelo pescoço e bateu-lhe a cabeça de encontro a borda da embarcação.

Pobre "Carluccio" ! A pancada fôra violenta e ele perdera os sentidos. Mas cumpria terminar a obra nefasta.



O cadáver do desditoso Paulino Fuoco exposto no Necroterio.



A CENA DO CRIME. — Eugênio Roca e “Carleto” atirando ao mar o cadáver do infeliz Carlos Fuoco, depois do estrangulamento. Os bandidos despiram o cadáver para fazer desaparecer as roupas, “Carleto” atirou o corpo, Roca manteve a pedra, que o devia submergir, Pengato conservava-se ao leme, indiferente.

Roca levou remos e foi terminar a tarefa sinistra. Cortou uma corda do próprio barco e passou-a ao pescoço do desgraçado, que estendeu a fio sobre o fundo do barco, desacordado.

— Quem passou a corda e apertou? pergutámos.

— Ah! fez-la, isso não sei; foi um de nós.

— Mas Carluccio já estava morto quando o estrangularam?

— Não. O coração ainda batia, ele tinha só perdido os sentidos... Ele morreu porque quis reagir.

— Mas a corda que vocês ataram ao ventre de Carluccio era também do *Fé em Deus*?

— Sim, mas essa não contávamos que pudesse aparecer. O culpado foi “Carleto”. Eu bem queria outra pedra para amarrar o corpo. A que eu arranjei, sim. Ora! pesava para mais de vinte quilos, quase eu não podia carregá-la. (E à frase, ajuntou o gesto, com ambas as mãos, à altura do ventre, à maneira de quem faz um esforço imaginário). Morto o pobre Carluccio, aproaram a embarcação para a Ponta do Cajú, saltando nos terrenos desertos.

Já se haviam desfeito, em viagem nas proximidades da Ilha dos Ferreiros para a terra, das roupas de sua vítima, que picaram e jogaram à água, como fizeram com o chapéu, atirando também as botas.

O local em que desembarcaram, pelas declarações de Roca, pertence à Light, presume-se. Fica próximo à fábrica de tecidos Bonfim.

Foi ali que “Carleto” apanhou a pedra, que depois se encontrou presa ao cadáver. Concluindo a fúnebre tarefa seguiram então a ponte da igreja, desembarcando e tomando a pé o caminho do largo do Matadouro de onde vieram num bonde elétrico para a cidade.

Quando aqui chegaram eram onze horas e tanto.



A SURPRESA DE PAULINO FUOCO: — O pobre adolescente ao entrar na casa da rua da Carioca, alta noite, às escuras, foi barbaramente agarrado. Roca segurou-o pela garganta, “Carleto” passou-lhe ao pescoço uma corda, atiraram-no ao chão e estrangularam-no, espezinhando-o barbaramente.

Deram início ao roubo. Penetraram na joalheria para o saque. Ninguém se associava ao crime, nem dentro, nem fora da casa para o serviço de vigilância.

— Mas quem matou Paulino?

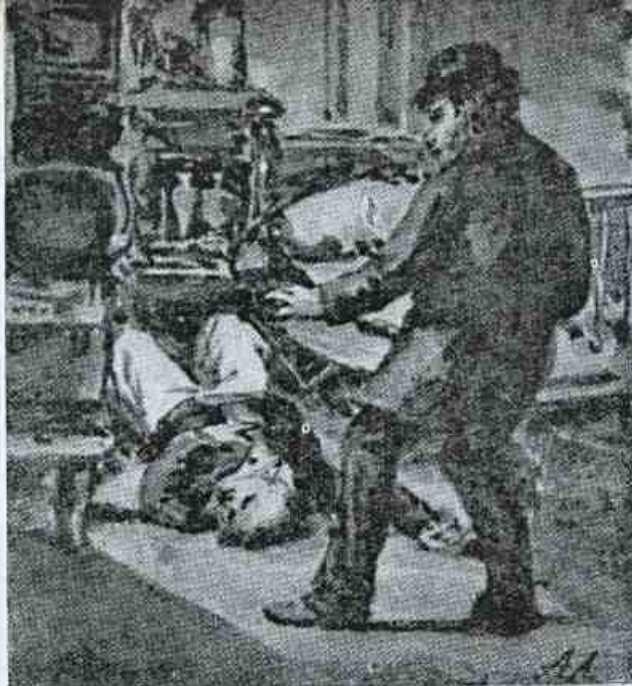
— Foi um de nós, fomos os dois, diz Roca, como a prestar pouca atenção a pergunta.

— Mas quem abriu a porta para ele entrar?

— Ah! foi ele mesmo...

— Como assim? Foi Paulino mesmo?

— Sim estava só com o trincó e ele tanto remexeu e parafusou, que abriu.



O tio das vítimas encontrando ao amanhecer o cadáver de Paulino Fuoco no quarto da casa da rua Carioca, n.º 53. A vítima estava caída junto à cama, tendo ainda no peito franzino as marcas das botas dos monstros assassinos.

— E se fossem vistos ao saírem? Resistiriam? Por onde saíram pelos fundos ou pela frente?

— Pela frente. Nos fundos a porta estava bem fechada, parafusada. Era pela frente mesmo. Se nos segurassem havíamos de enfrentar! Na confusão um podia escapar.

— Quem levou as joias?

— Foi o "Carleto", que as levou para casa. Depois faria a partilha.

— E se ele enganasse a você?

— Não, eu tinha confiança nele...



JERÔNIMO PENGATO — Preso como cúmplice do crime.



JUSTINO CARIO — "Carleto", co-assassino de Carlos e Paulino Fuoco.



EMILIO BERRETA, preso como cúmplice.

— E vocês onde estavam?

Nós não podíamos vir à loja.

Aberto a porta, que dividia a loja do compartimento em que eles dormiam e na qual havia um espelho, ele nos veria logo, pelo reflexo.

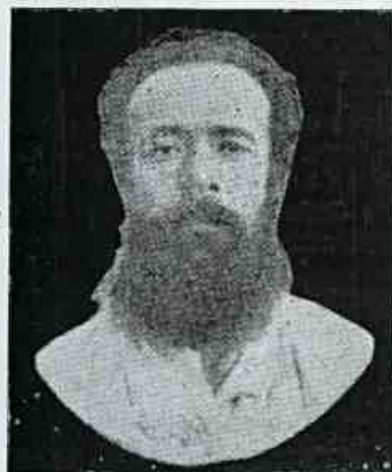
Havia luz no quarto; na loja não.

— Mas então como foi?

— Nós esperamos o pequeno no quarto. Ele abriu e entrou apressado, aborrecido, pois batia já havia duas horas e meia, e encaminhou-se para o quarto, pensando que lá estava o irmão. Então, o seguramos, cortou-se a corda, e de que foi estrangulado.

— Vocês saíram logo depois?

— Não. Só saímos da casa às cinco e meia horas da manhã. Havia muita gente e tínhamos receio de ser apanhados.



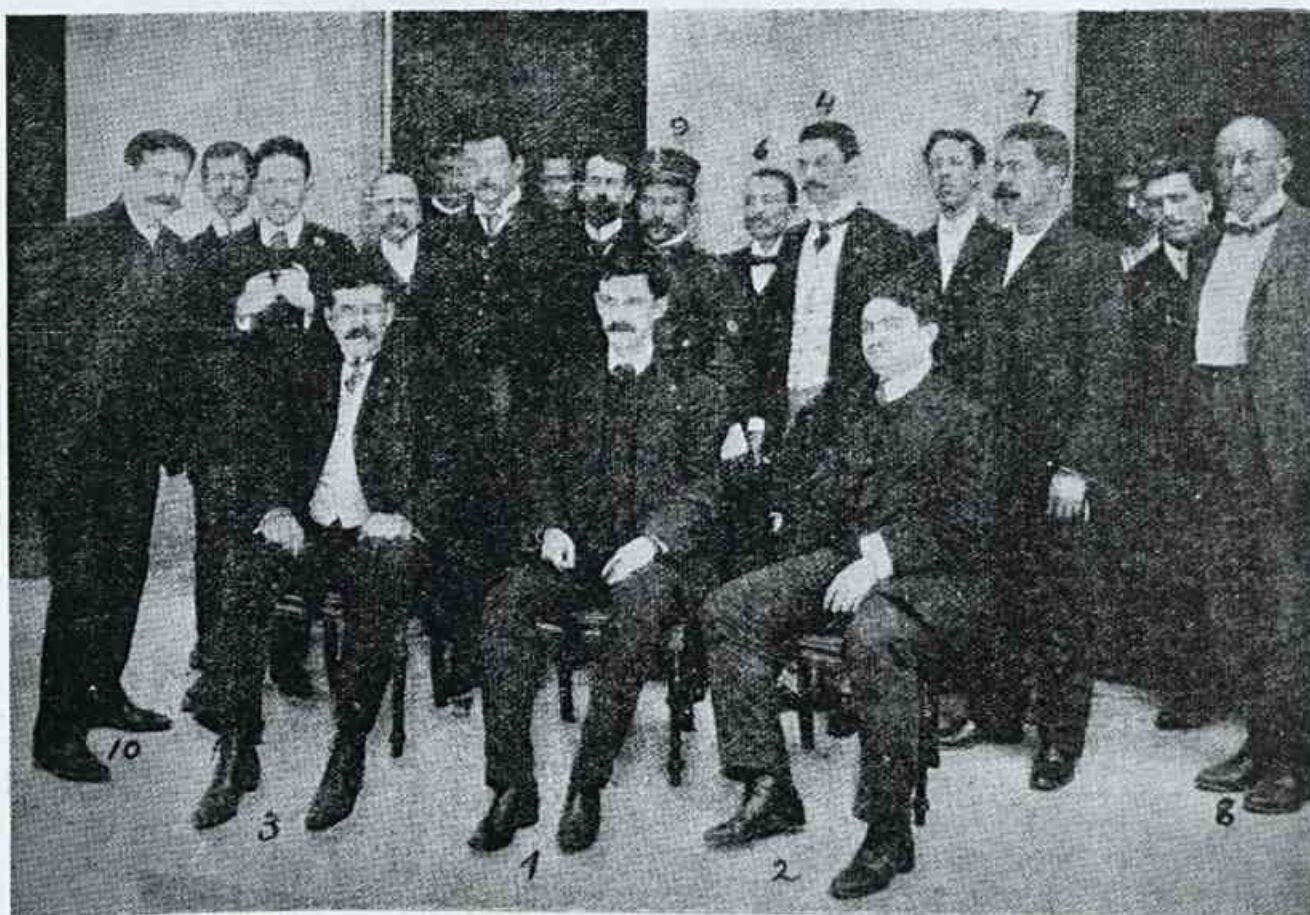
O ASSASSINO EUGÊNIO ROCA, retrato tirado na casa da Correção, na ocasião em que Roca ali esteve há três anos cumprindo pena por crime de roubo. Nesta época o assassino de Carlos e Paulino Fuoco usava a barba e os cabelos compridos e foi retratado com o uniforme da Casa de Correção.

A APREENSÃO DAS JOIAS

Confessado o crime e indicado o paradeiro das joias roubadas, partiu imediatamente para a rua do Livramento n.º 35 o sr. Dr. Tamborim, acompanhado de muitas outras pessoas pertencentes à Polícia.

Nessa casa é estabelecido no pavimento térreo com carvoaria, o sr. Manoel Vieira, português, casado, mas cuja família está ausente, na terra natal.

A hora matinal em que ali bateu a autoridade, todos dormiam. A entrada do dr. Tamborim, que disse rapidamente ao sr. Vieira, que veio à porta, a missão que ali o levava, houve verdadeira estupefação do dono da casa que a franqueou, entretanto, para a diligência.



NA DETENÇÃO: — Os homens do dia — delegado e auxiliares das diligências. Sentado, o dr. Caetano Junior, o jovem e benemérito delegado da 4.^a Circunscrição, tendo à direita o suplente Francisco Mota Junior, e à esquerda o suplente Edgard Borges, que foi encarregado da captura de "Carleto" em Jacarépaguá, e a quem o delegado daquela circunscrição negou licença para essa primeira diligência, com grande surpresa das autoridades. Sob o n.º 4, inspetor Machado; 5, escrivão Artur Guanabara; 6 o sr. Jacob Fuoco; 7, Teodoro Horta; 8, agente José Boas; 9, o cabo Sabino; 10, Rubens Braga, rep. d' "A Tribuna"

Subiram, então, todos os sobrados, humilde, modesto, constituído apenas por dois compartimentos à frente, separados por um tabuado, e ocupados, um pelo carvoeiro, outro pelo sr. Firminio Antônio de Souza, casados há apenas dois meses e quatro dias. Esse casal repousa tranquilamente e despertado bruscamente informou que a mala que procuravam ali estava. Os olhos ansiosos da autoridade pousaram efetivamente no objeto procurado, deposto sobre uma mesa tósca, de madeira, cujos pés eram cavaletes.

Arrombada imediatamente a mala, entre roupas que ali se achavam entulhadas, encontrou-se a valise que devia conter o produto do roubo. Não estava fechada senão com um trinco ligeiro, facilmente aberto.

No interior da valise, um volume pequeno cujo envoltório era um guardanapo, e uma caixa de biscoitos, fabricação Leal & Santos, fechada.

Retirada a tampa deste e desenrolado o guardanapo, surgiram numa fascinação sinistra, a luz mortífera do lobrego aposento, as joias para cuja posse não recusaram dois monstros na prática de um crime hediondo.

O sr. Dr. Tamborim imediatamente à apreensão, deteve os moradores da casa, que mandou conduzir para a casa de detenção para ulteriores providências.

As joias apreendidas são as seguintes:

Sete relógios de ouro para homem; vinte para senhora; quatro relógios de prata; dois de aço. Medalhas: três de ouro, sendo duas com brilhantes e uma de diamante; duas sem brilhantes, sendo uma um formato de coração com brilhantes; dois berloques de ouro; e um de prata dourada. Correntes: sete de ouro, quatro de plaquet, duas de prata oxidada. Cordões: quatorze de ouro, quatro de prata dourada e dois de prata. Pul-

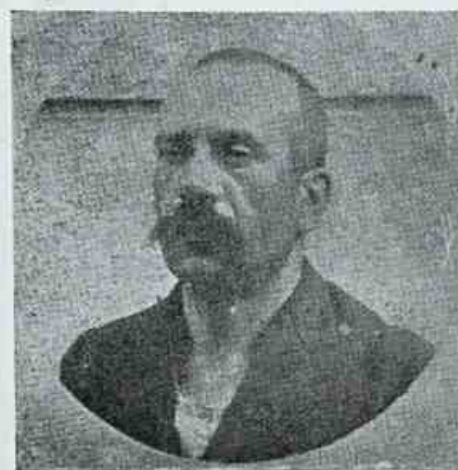
seiras: sete de ouro, sendo duas com brilhantes e as outras com pedras finas. Grampos para chapéus: três de ouro. Alfinetes para gravata.

Joias soltas: alfinetes de ouro, duas figas de coral branco, quatro alianças, duas fosforeiras, sendo uma de ouro e outra de agate. Bichas de ouro: noventa, entre algumas de brilhantes e pedras finas.

Anéis: trinta e sete com brilhantes e com diversas pedras.

Outras joias: duas chateleines de ouro, um botão de ouro, um colar com pérolas e nove botões de ouro para punhos. Broches: oito de brilhantes e diamantes, oito de ouro e pedras finas e metade de uma mascote.

O sr. Fuoco de momento precisou que o valor destas joias anda aproximadamente por perto de vinte contos de réis.



EUGÊNIO ROCA, após haver confessado tranqüila e clinicamente o hediondo crime. Com essa mesma expressão foi que ele escarneceu da Justiça de Deus, inocentou Pengato e pronunciou a célebre frase: "eu sou um monstro".

PASSEIO PÚBLICO,

REFUGIO DE POESIA E DE AMOR

Alberto
Nepomuceno

ALÉM das inúmeras belezas naturais que tornam a Capital da República uma das cidades mais lindas do mundo, outras artificiais existem, recantos pitorescamente encantadores, construídos e conservados pela Municipalidade como finos e ricos adornos da maravilhosa terra carioca.

Ao lado das famosas obras da Natureza, polidas e adereçadas pela mão do homem como o Pão de Açúcar, Corcovado, Alto da Boa Vista, Cascatinha e Paquetá, o Rio ostenta também, e com orgulho, a primorosa e elegante praça Paris, com os seus artísticos jardins e fontes luminosas; a praça da República, espelhada nas tranquilas águas de seus lagos; Quinta da Boa Vista, com o Museu e Jardim Zoológico; Parque da Cidade, Jardim de Alá a romântica Lagoa Rodrigues de Freitas e ainda o secular Jardim Botânico do tempo de D. João VI, perpetuado nas suas esguias palmeiras imperiais.

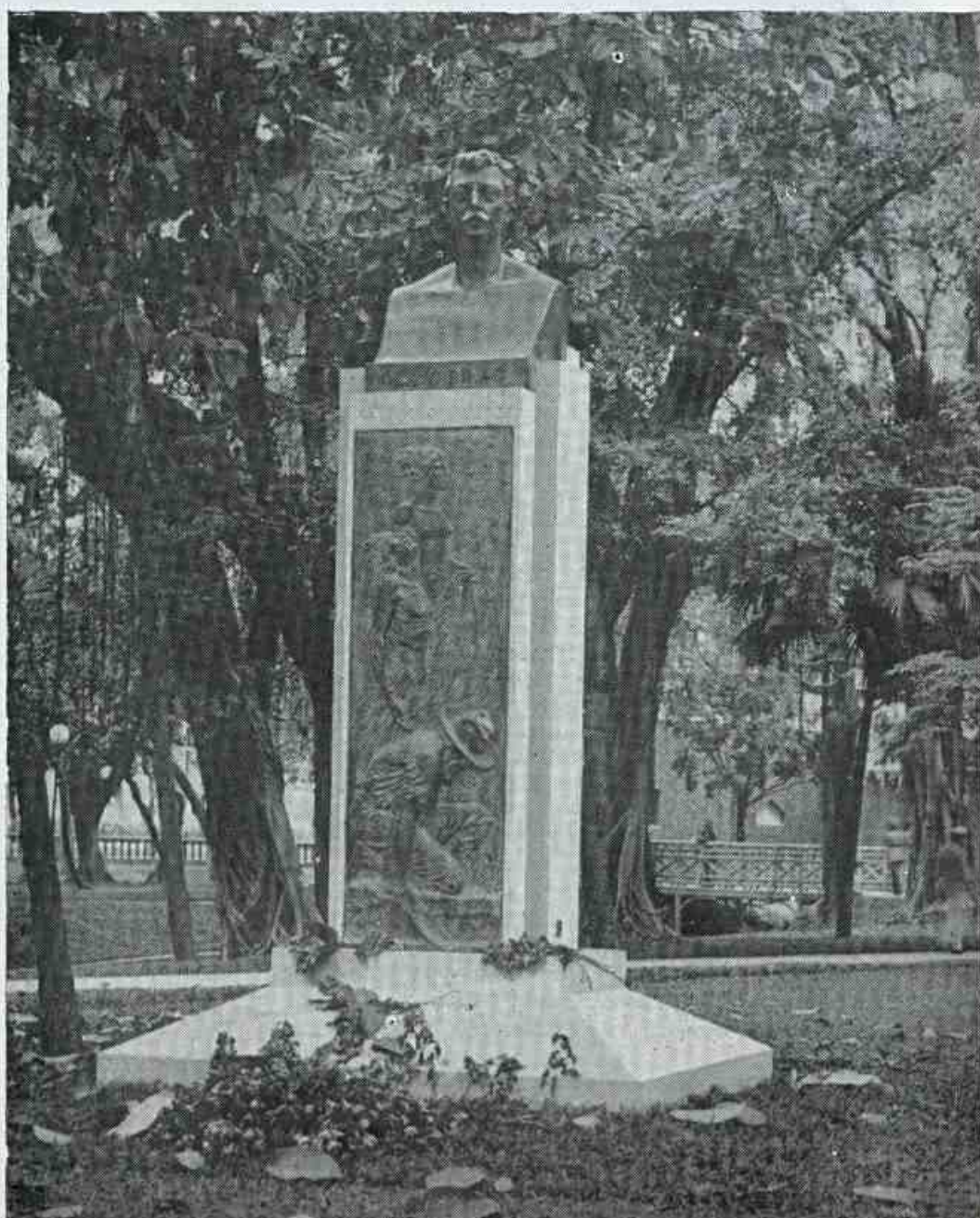
De todos esses logradouros, um dos mais antigos e tradicionais, é o velho e querido Passeio Público, encravado bem no coração da Metrópole. De frente para o mar, diante as poéticas águas da Gua-

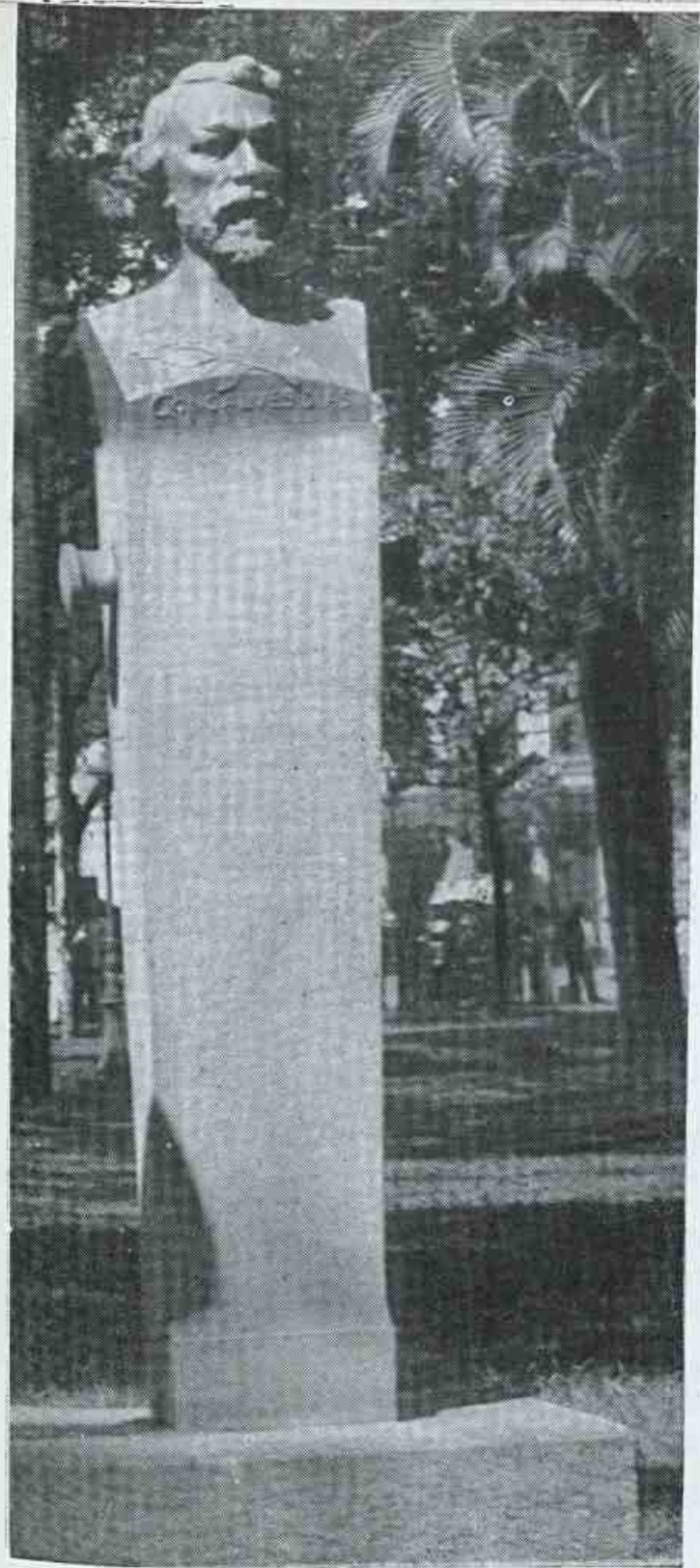
nabara, localizado entre o místico outeiro da Glória, bem perto do antigo morro do Castelo (hoje a moderníssima Esplanada) e dando com os pés no fagueiro rôsto da Lapa turbulenta e trigueira.

Caracterizando-se pela beleza secular de suas árvores, a abundância de sombras, paz e tranquilidade, o Passeio Público é um recanto de poesia e de amor. Enquanto fervilha a tumultuosa Cinelândia e a aglomeração humana e de veículos agitam terrivelmente a Avenida Rio Branco, o Passeio Público balbucia arrulhos de amor na voz de seus casais de nomorados românticos, meigos e silenciosos, que para ali se vão e se perdem horas a fio em confissões e juras...

Fugindo ao borborinho irritante da cidade, o viajor solitário vai encon-

Olavo Bilac





Gonçalves Dias

trar refúgio nos silenciosos bancos do Passeio Público. Ali, sob as poéticas sombras de suas copadas árvores, entre hermas de músicos, pintores e poetas, o forasteiro que chega se rejuvenesce de corpo e de espírito para a meditação e o amor.

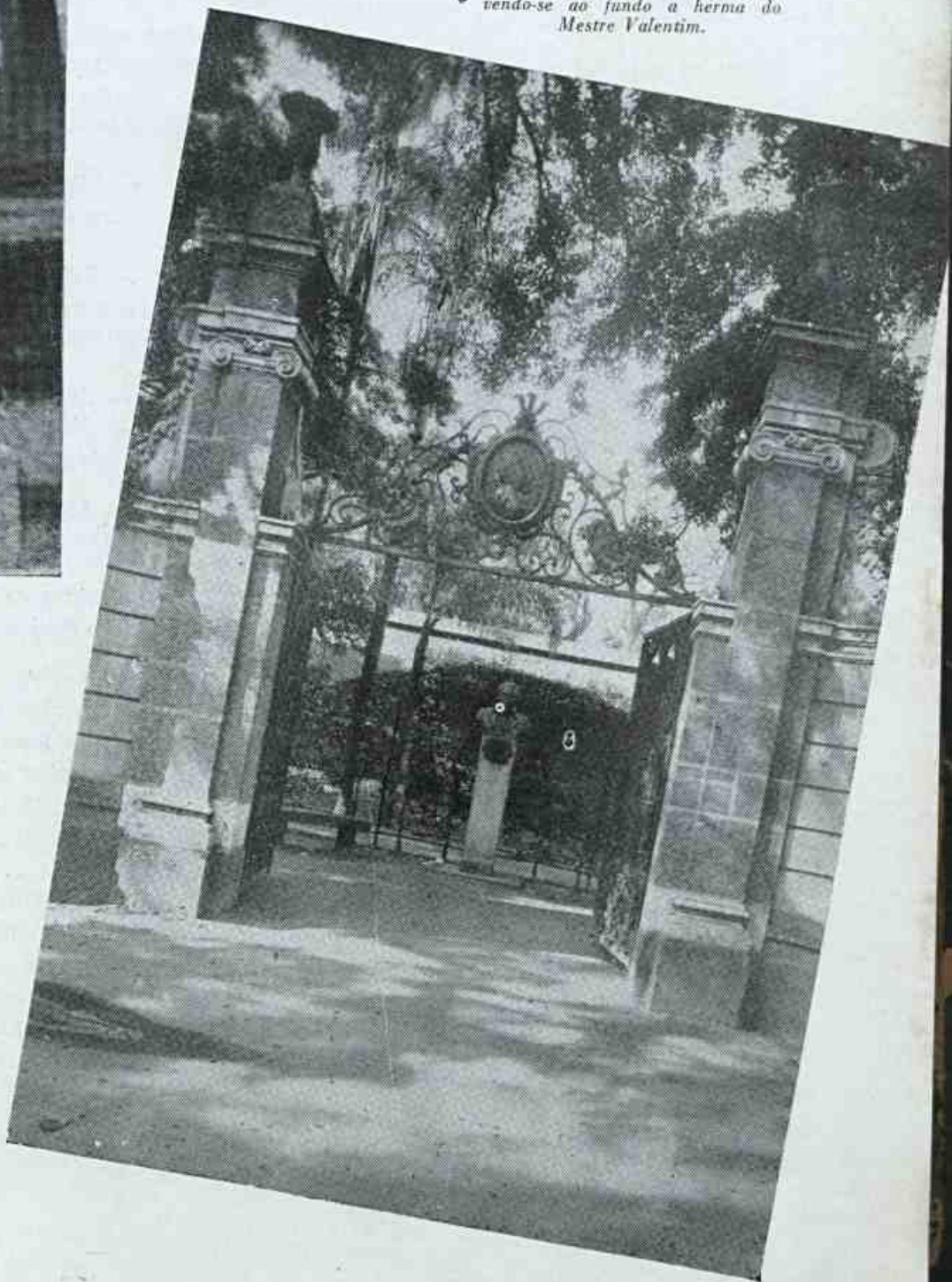
E' o recanto predileto dos poetas e artistas.

Na sua maioria, as hermas do Passeio Público são de vates, eternos

enamorados do sonho. Aqui é Bilac, parecendo dizer, parecendo falar nos seus admiráveis versos das Sarsas de Fôgo ou do julgamento de Frinéia; ali é o indianista Gonçalves Dias, primeiro e grande poeta do Brasil adolescente; mais adiante é o mavioso maestro Nepomuceno das notas indeléveis de suas imortais composições musicais.

Artistas, poetas e namorados se confundem e confraternizam no ambiente quieto do Passeio Público.

*O velho Portão do Passeio Público,
vendo-se ao fundo a herna do
Mestre Valentim.*





Catulo

A ALMA DE CATULO CEARENSE

CATULO Cearense foi um grande poeta. Ele viveu como uma larga força da terra: os seus poemas eram tão naturais quanto as árvores, os rios e as montanhas. Sentia-se em suas imagens um sabor de resinas, de terra molhada e de sol quente. O Brasil estava em seus versos. Estava e está. E não há neste país quem não reconheça o que representa o notável bardo telúrico de "Meu Sertão" e "Mata Iluminada" para a nossa Pátria e mesmo para Portugal.

Por isto é que outro grande poeta, Murilo Araújo, resolveu escrever a sua história. Nesse livro, sob o título "Ontem ao luar", Murilo Araújo veio nos contar, apenas, o que foi a alma de Catulo, enquanto ele viveu neste mundo. Só a alma de Catulo. Que importa o que teria sido a vida material desse extraordinário boêmio que fazia das cordas do seu violão a escada com que subia aos astros?

"Ontem ao luar", graças ao talento de Murilo Araújo, é uma biografia suave que não feriria a sensibilidade de um Musset. Ali, o autor de "Cidade de ouro" e de "Sete Côres do Céu" recolheu o que havia de mais puro na vida sentimental de Catulo.

Sem dúvida alguma, "Ontem ao luar" é um poema, um admirável poema de delicadeza espiritual. As frases, naqueles períodos, parecem não pousar bem sobre as páginas, inquietas por se libertarem da prosa para se transformarem em versos... Transcrevemos nesta página um capítulo de "Ontem ao luar".

E correr a vida. Correr tanto, que chegara o fim do caminho.

"Sim, como correr!" — pensava o Poeta já ancião, nêsse dia, meio embalado na sua velha e remanesca cadeira de balanço. O violão descansava a seu lado.

Sobre os joelhos tinha as provas de um dos últimos poemas — "Um Boêmio no Céu" — livro sincero, saudoso e irônico, do qual preparava uma nova edição.

O domingo arvorara a tenda real de um céu adamantino, delirante de alegria, de pureza e de sol.

As folhagens do pequeno jardim, em tórno, pareciam de um verde mais sensual e mais rico. E os passarinhos, ébrios de tão farto azul, modulavam mais inspirados a sonatina de ternura.

O Poeta entreceitou os olhos.

Em seu coração e em seus ouvidos sussurrava a aria de "Ontem, ao Luar".

E aos compassos da velha canção, seu pensamento foi se adelgaçando em sonho...

Via-se jovem outra vez, num milagre, como nos dias de sua juventude.

Coleira, moça e radiosa, desfolhava como outrora uma rosa para compor, com as pétalas, seu nome.

Cruzaram olhares e sorriam então.

A moça fez um aceno mágico... e as pétalas voaram para suas mãos novamente e reconstituíram a rosa. Ela ofertou-a ao seu Poeta.

Mas no instante em que ele quis apanhá-la a flôr se transformou num ramo de louros...

E o vestuário que a jovem trazia se mudou na túnica das musas!

E Catulo lhe dizia no sonho:

— Sei agora quem tu és!... E sei porque te amo, Coleira: é que tu és a Poesia!

Sem responder a moça fugia, brincando graciosamente.

Catulo corria com ela segurando o violão. Foram por um extenal de jardim, em rampa, que se elevavam cada vez mais... Depois por uma escada entre nuvens... e ela desapareceu então.

E o Poeta parou ofegante diante de um muro azul, com uma abertura em arco, tôda envolta em resplendores. Era a porta do Paraíso.

E ele trocou então com São Pedro palavras de seu poema "Um Boêmio no Céu":

— "Em que País do mundo tu nasceste, com teu estro bravio e senhoril? —

— Num Paraíso esplêndido — o Brasil.
E o meu País, Senhor, tem muitas coisas que o Céu não tem e nem, talvez, terá.

— Aponta-me uma só e bastará!
— Minha terra tem palmeiras
onde canta o Sabiá.

— Aqui no Céu há pássaros divinos
que o Brasil não ouviu nem ouvirá!

— As aves que aqui corjeiam
não gorjeiam como lá."

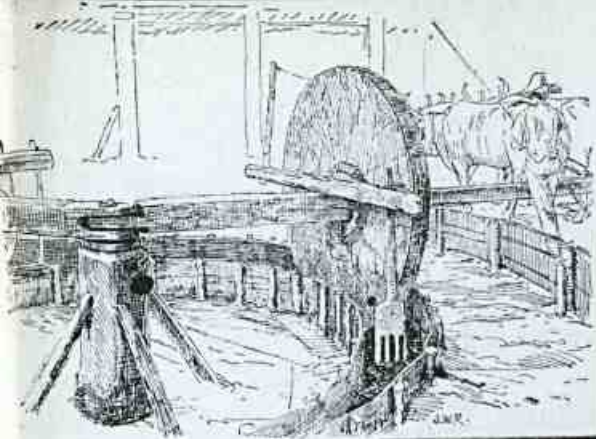
Então, do violão, que o Poeta pousara perto, saltaram alguns passarinhos que gorjearam em tons límpidos o "Luar do Sertão".

Os anjos apuraram o ouvido — os anjos que vinham chegando — e entoaram em cântico a melodia, que se avolumou, triunfante, com os harmônios do Céu...

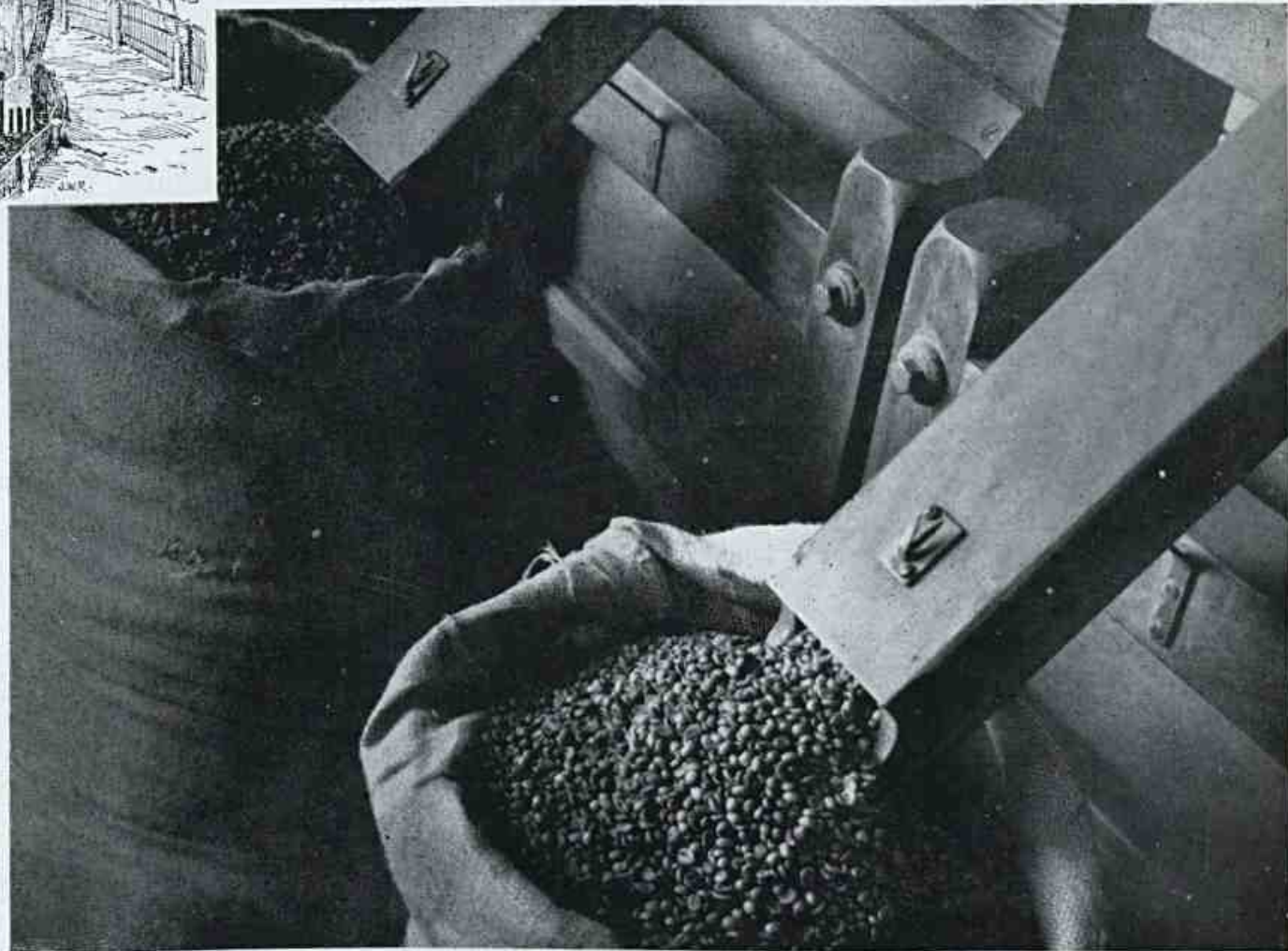
Ora, enquanto o Poeta assim sonhava, caíra um régo crepúsculo.

E viera a noite enfim. Noite de maravilha com uma Lua de assombros, divina como o impossível...

E nessa noite, na salinha de Catulo o violão tombou... E o Poeta subiu alto no Céu, porque o homem deixou de existir.



"Carretão" ou "ribus", primeira máquina fabricada para o beneficiamento do café.



Ensacamento do café

O CICLO DO CAFÉ

N E S T E S 5 0 A N O S

CARLOS MATHEUS

O aparecimento a 20 de Setembro de 1902 do primeiro número de uma revista ilustrada de âmbito eminentemente popular que se intitulou "O MALHO", cujo nome expressivo definia de logo o seu caráter — espancar, escarnecer. Mas em contradição se apresentava sua sugestiva capa que era uma alegoria à Arte, à Literatura, à Política e à Imprensa. Constituindo desde o início um grande êxito jornalístico, justamente porque marcava em sua aurora, o começo de uma esplendente jornada na imprensa brasileira.

Após meio século de perlustre, a sua singela história pode ser descrita numa série de campanhas encomiásticas do período republicano no Brasil, onde se agrupam coleções que constituem sagrado nicho verdadeiro forte explicativo.

As páginas de "O MALHO" de setembro de 1952 traz aos seus leitores em comemoração ao seu jubileu, a história do ciclo do café em nossa pátria.

Perde-se nas brumas do tempo a notícia exata do primeiro uso do café pelo homem, sabendo-se apenas que foi na ETIÓPIA que teve sua origem.

Só depois do século XIV começou a ser conhecido na Europa, e ainda por notícias de viajantes que regressavam do Oriente entre os quais se conta o médico e botânico alemão Leonardo Raunolf.

Tão afastado está o tempo do seu uso como bebida, que sua procedência se apresenta sob a forma misteriosa da lenda. No ano de 1875 já era vulgar na Pátria. Várias foram as versões que a fantasia lendária criou em torno da origem do uso do café, destacando-se a seguinte: Um pastor apascentava seu rebanho, quando notou que este em determinadas ocasiões se mostrava mais alegre, saltitando com mais vivacidade. A repetição do fato aguçou-lhe a observação e o pastor notou que a vivacidade de suas ovelhas se manifestava, quando pastavam lugares onde abundavam uma determinada planta, cujo

fruto comiam. Instintivamente compreendeu que aquilo era efeito da ingestão da referida planta. Curioso, fez uma experiência, bebendo uma infusão que executou com os frutos do arbusto. Sentindo depois, um reforço de energias, bom humor, alegria e melhor disposição.

Segundo os relatos, as primeiras sementes introduzidas no Brasil, foram transportadas da Guiana Francesa em 1723 ou 1727, pelo Sargento-Mór, Francisco de Melo Palheta, que as recebera como ddiva, da esposa do governador daquela possessão, Mme. D'ORVILLE.

Plantadas na cidade de Belém, do Pará, foram depois cultivadas no Amazonas e Maranhão, de onde o cafeeiro foi trazido para o Rio de Janeiro em 1770 pelo magistrado J. A. Castelo Branco. Fizeram-se as primeiras plantações na chacara dos frades barbadinhos e na quinta do alemão HOPPMANN. Cultivando-se mais tarde em Inhauma, Campo Grande e Resende. Propagando-se pelos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Supoz-se a princípio que o cafeeiro fosse originário da Arábia, e a classificação arábica que lhe deu Linneu, mostra que estava convicto disto.

Estudos posteriores fixaram, definitivamente a prática do café na Abissínia — em KAFFA, sendo levado para a Arábia no século XV, onde se fez uma infusão denominada KAHWAH ou CAFÉ.

O café teve inimigos incoercíveis, mesmo entre os árabes, pretendendo alguns que era uma bebida contrária às leis do profeta.

Mas, o café venceu essa resistência, e um escritor árabe dizia que suas propriedades, eram consideradas pelos doutores do Alcorão.

rão, como "maravilhosas" para favorecer a digestão, alegrar o espírito e afastar o sono.

A libertação dos escravos, registrou a primeira fase da crise econômica do café no Brasil. A lei aurea que redimia a terra de Santa Cruz do labéu da escravatura, sofrera 7 anos antes o combate dos economistas da época, na ante-visão da crise em sinopse, batiam-se contra a alforria do braço servil, numa tentativa para conjurar um colapso de ruínosa consequência nas lavouras do café.

A efervescência da luta político-social, deflagrada na imprensa e no próprio Parlamento pelo idealismo de homens de indômita coragem e determinação inabalável, minava os alicerces do regime monárquico, levando os estadistas do império ao abismo. A doutrina magnânima de abolir a escravidão era como que uma impetuosa ventania num prenúncio de tempestade que fugitava a opinião pública. Silveira Martins sintetizava na tribuna do Senado, numa frase inolvidável o sacrifício dos escravos pelo regime — "O Brasil é o café e o café é o negro"! Positivamente, a libertação deslocaria as bases econômicas do país pela fuga em massa dos escravos que nasciam, viviam e morriam presos aos cafezais.

O Brasil apesar de desconhecido, não era desejado por nenhuma corrente migratória, o tráfico dos negros e as leis restritivas da condição dos estrangeiros, afastavam-nos de nossa pátria. Somente o robusto negro de tempera áspera e de mentalidade retrógrada poderia recurvar de sol a sol espalhar pelas montanhas, desbravando florestas, semeando o agreste, enfrentando os imensos perigos, martirizado pelo sofrimento e humilhação, estender o infinito oceano verde, pioneiro e sustentáculo da civilização e do progresso do Brasil.

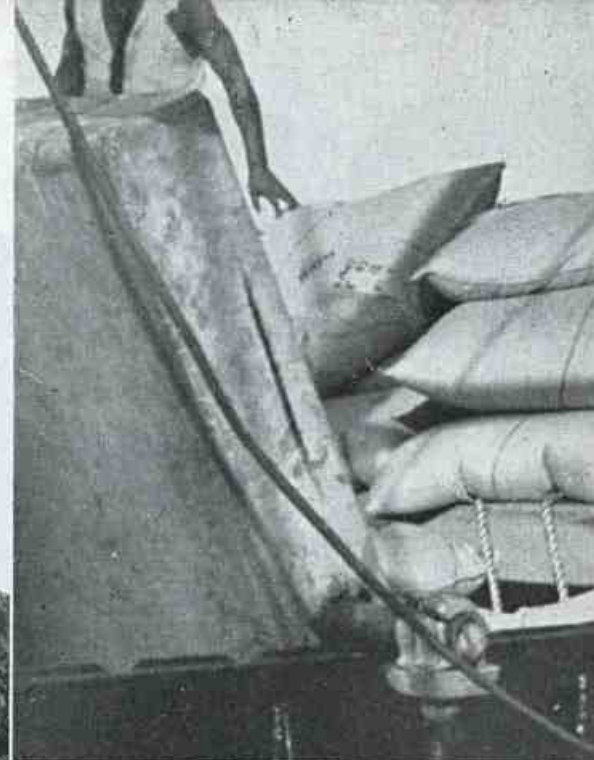
Mas, a abolição era uma calamidade pública, desaparecidas as senzalas mecanismo propulsor da vida nacional, a condição rural tornou-se um veio extinto, do cravos eram os únicos lavradores, tuco qual dependia todas as artérias vitais da nação. O café era mesmo o negro. Os esdependia de seu esforço muscular e de seu automatismo inculto. Os senhores só sabiam mandar e açoitar... Porém a abolição tinha que ser consumada. Era um destino histórico. Promulgada em 1888 pela princesa Isabel, desorganizou profundamente a economia nacional. Deixara o Brasil sem possibilidade de nova e eficiente organização racional do trabalho, dessa irregularidade resultou o desequilíbrio da economia interna, subsistindo por muito tempo.

A república defrontou esse inquietante panorama, com a desvalorização monetária. O encarecimento do custo da vida, decorrente da pobreza aquisitiva da moeda e esfacelada a lavoura do café — verdadeira tragédia econômica, agravada com o aumento do custo da produção, em consequência de uma diferente organização nas atividades agrícolas.



Colheita do precioso "ouro verde".

Embarque da nossa principal riqueza



Diminuia, também o preço do café. Mantinha-se as culturas com grande sacrifício e enorme onus. Retraía-se o crédito, não obstante, o plantio continuava a expandir-se, numa tentativa dos fazendeiros em manter e elevar o patrimônio vegetal que era "o sangue do Brasil".

Era forçoso paralisar a derrocada do preço. Previa-se a evidência da crise. Valorização parecia a única solução e artificialismo econômico, como recurso para afastar a borrasca, que se tornou histórica no marco experimental das valorizações — o Convênio de Taubaté — onde se estabeleceu medidas proibitivas de exportação para os tipos inferiores e de má qualidade, associadas a um programa de propaganda, capaz de conquistar novos mercados e fomentar o aumento de consumo, solucionaria o problema das cifras excessivas que se mostravam cada vez mais complexo. Entretanto, a crise se precipitava intensa.

A safra 1906/7 alarmava o governo em seu volume. Fora excessiva, temia-se que o alude degenerasse o preço do produto. São Paulo, Minas Gerais e Estado do Rio reuniram-se para um acordo de nova política.

São Paulo, leader do movimento, assumia com os financiadores estrangeiros o compromisso de não tentar outras valorizações durante o período determinado para a liquidação do empréstimo.

Essa política não afastou a crise, aliviou, apenas a situação, constituindo para o governo, operação lucrativa, desde que já em 1913 o empréstimo estava liquidado. Procedeu-se em 1918 nova valorização, vitoriosa em virtude do término da guerra mundial e os cafeeiros, prejudicados com a geada.

Nascia daí o grande mal que atingiria o seu "climax" no crack de 1929. Ecoara o momento gravíssimo da ruptura. Impossibilidade de enfrentar os desembolsos cada vez mais crescentes, o governo abandonava o mercado. Precipitou-se a queda estrondosa. A confusão, o pânico.

A formação da nacionalidade, os rumos políticos, o desenvolvimento agrário, o estabelecimento da indústria estiveram sempre na dependência do café; à sua pujança que alcatifava de vestuário verdor nossas colinas, e ornavam com suas perfiladas alamêdas nossos vales, fizeram da província do Rio de Janeiro o colorido da nobreza imperial, e de São Paulo o estado dinâmico e progressista transformado hoje no parque da indústria brasileira.

A necessidade do escoamento de seu produto, tornou-se primeira e limitada ferrovia do Brasil, a penetradora, que ao eco de seu apito despertava e sacudia o dorso de vastas regiões para uma jornada de esperançoso futuro.

O café, venceu a guerra do Paraguai, aboliu a escravatura, proclamou a República, estendeu estradas de ferro, modernizou e saneou o Distrito Federal, construiu a esquadra e a própria grandeza da pátria, a revolta de 1930, esse mesmo café que desde 1920, ao influxo de valorizações periódicas, obteve preços em nível assencional, e de

1929 a 1930 vertiginoso declínio — se encontra no turbilhão desastroso com as consequências da libertação de seu comércio.

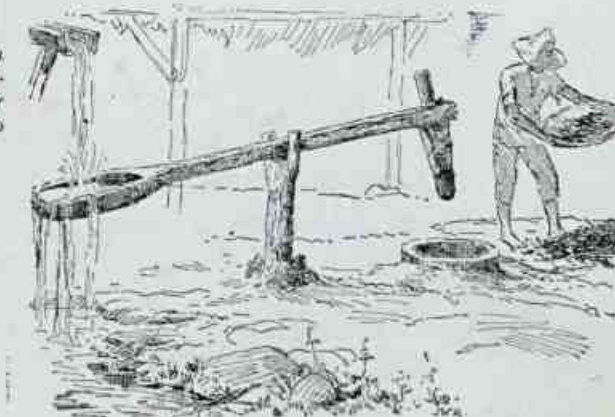
O Conselho Nacional do Café criado pelo convênio de 24 de abril de 1931, transformado depois em Departamento Nacional do Café, a fim de sistematizar e defender a economia do produto básico, os interesses legítimos do país, procedendo a regulamentação periódica dos embarques, exercendo vigilância no preço, reprimindo as especulações bolsistas, mantendo em níveis razoáveis a valorização, o D. N. C., embora assoberbado pelo complexo de tantas providências, ainda atendida ao problema da melhoria qualitativa, estimulando com prêmios em dinheiro e facilidade de embarque, o preparo de tipos finos, de boa bebida, procurados pelos mercados de escol. Os processos de cultura e benefício eram rotineiros, arraigados ao empirismo, intensos, por comodismo ou falta de maquinaria adequada, às exigências da boa técnica; o Departamento Nacional do Café, corrigindo essas deficiências, construiu usinas de beneficiamento em território fluminense e capichaba, enquanto desenvolvia, através da imprensa de todo país, uma campanha educativa de ampla extensão.

Os partidários obstinados das valorizações artificiais caluniarão a instituição.

Rodearam-na, discórdias e inconfessáveis interesses. Hostilizaram-na, combateram-na e consumaram a extinção.

Honestamente, não se poderá afirmar que foi uma ação moralizadora, e tampouco em benefício do cafeicultor, e de resultados favoráveis à economia nacional, ao invés uma dissipação, um assalto ao grande patrimônio e uma tremenda injustiça a seus funcionários que ainda agora sofrem jogados à rua da amargura.

O atual governo dando cumprimento à sua plataforma política, enviou mensagem ao Congresso pedindo a criação do Instituto Brasileiro do Café — onde se encontra aguardando se consubstanciar em lei — enquanto a maior e balisar lavoura de nossas glébas, abandonada à sua própria sorte, definha, estiola e perece pela morosidade dos parlamentares que talvez esqueçam que o fundo de nosso pavilhão estampa e drapeja a riqueza, o "ouro verde", lastro indestrutível de nossa estabilidade econômica, fundido no labor escravo, retemperado no intercâmbio comercial e padrão de nosso progresso industrial.



"Monjolo", comum muito usado nas fazendas do interior do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

De mês a mês



TEM estado em grande atividade a Diretoria da Associação Comercial do Rio de Janeiro, por motivo das providências que vêm sendo adotadas pelo governo, especialmente no setor exportação-importação.

*

Transcorrendo o aniversário de fundação da Polícia Especial, seu comandante, major José de Almeida Ribeiro, destacou os trabalhos da mesma, durante as festas comemorativas.

*

Brilhantemente celebrada a memória do grande poeta Moacir de Almeida, uma das mais belas expressões da inteligência e da sensibilidade nacionais.

*

Eleito, para o cargo de vice-presidente executivo da Standard Oil Company of Brasil o sr. Carlos Dunaway.

*

Evocado o lançamento do Manifesto dos Educadores (em . . . 1932), documento de importância pedagógica, redigido pelo prof. Fernando de Azevedo, autor de Sociologia Educacional, Na Batalha do Humanismo, Princípios de sociologia.

*

Entregue, ao dr. Francisco Eiras, o diploma de Professor Emérito da Faculdade Nacional de Medicina.

O M A L H O

*

O Instituto Brasileiro de História da Medicina levou a efeito uma solenidade em louvor de Leonardo da Vinci, o gênio universal do Renascimento. Orador, o professor José Messias do Carmo.

*

Chefe do Departamento Político e Cultural do Itamarati o ministro plenipotenciário Vasco Tristão Leitão da Cunha.

*

Lançada a pedra fundamental do grande conjunto residencial que a Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro fará construir na Avenida 28 de setembro.

*

Teresina, a graciosa capital do Estado do Piauí, festejou o centenário de fundação.

*

No Salão Nobre do Liceu Literário Português foi inaugurado o busto de Afrânio Peixoto, que tanto concorreu para maior compreensão luso-brasileira.

*

Altamente satisfatórios os resultados do Primeiro Congresso de Proteção à Infância, efetuado em Belo Horizonte sob os auspícios da Associação Brasileira de Ajuda ao menor, entidade que é dirigida pela sra. Adalgisa Néri Fontes.

*

O prefeito João Carlos Vital conseguiu que fôsse melhorado o

serviço de coleta de lixo na cidade.

*

Fundada em S. Paulo a "Casa da Menina-Moça", instituição de assistência social destinada ao reajustamento das jovens que podem ser reintegradas na sociedade. Contam-se, entre os elementos mentores da útil organização, as senhoras Leonor Mendes de Barros, Maria Carmelita Leme de Oliveira Garcez e Eucharis Salzano.

*

A Fundação Getúlio Vargas promoveu brilhante curso de Conferências sobre a Constituição Brasileira.

*

Celebrou a Escola Técnica do Exército mais um aniversário de criação, havendo falado o professor Morales de los Rios.

*

Magnífica a idéia, e ótimos os frutos, da convocação de secretários de fazenda, feita pelo sr. Horácio Lafer.

*

O Saps, sob a direção do dr. Edison Cavalcanti, inaugurou o novo restaurante do Ipase.

*

O Governador Lucas Nogueira Garcez declarou que o Estado não terá jornais, norma altamente democrática, digna de ser imitada.



"JUVENTUDE" — Têla de ELISEU VISCONTI

RECORTES DE

"O MALHO" DE 1902

Por FRAGUSTO

As Trocas com Rodrigues Alves

QUANDO surge o primeiro número de O MALHO, a 20 de setembro de 1902, o governo de Campos Sales está a menos de dois meses de seu término. A 15 de novembro inaugurar-se-ia o novo quatriênio, com a posse do Conselheiro Rodrigues Alves na Presidência da República.

Logo de início a revista põe-se a brincar com o velho político de Guaratinguetá. Ao desembarcar na estação do campo de Sant'Ana não perdoa O MALHO o seu "ar patético de provinciano solene", "as suas calças cor de pinhão" o seu indefectível "chapéusinho de côco..." Um dos motivos de grande número de trocas com o novo presidente é o apêgo exagerado que ele, segundo se dizia, votava ao sono. Dormia em demasia, todo o mundo afirmava... Era nisso, bem diferente do peru, gracejava o semanário de Crispim do Amaral. E explicava: o peru dormia para morrer e o Conselheiro morria para dormir... Num epitáfio irreverente é também glosada a soneira do novo "Papai Grande":

Não estranhou a partida
Para o céu ou para o inferno
Pois se foi durante a vida
Suplente do sono eterno.

Outro mote preferido, nos discretos gracejos de O MALHO, é a condição de viúvo do Conselheiro. — "Eu sou um viuvinho da banda de além...", cantava Rodrigues Alves numa hilariante charge de Calixto... E numa série de alegres sextilhas um poeta anônimo assim versejava, aludindo a Martinho que havia sido

O Movimento Literário do Tempo

NOS quinze números publicados pelo O MALHO em 1902, semana por semana, está bem viva a imagem do movimento literário daqueles três meses finais do ano. Luiz Edmundo estreitava com *Turris Eburnea* que foi o primeiro livro recebido pela revista. O piauiense Jonas da Silva, amigo e discípulo do popular B. Lopes, lançava o seu volume de versos *Uhlanos*. Dois livros póstumos de inspirados poetas paulistas eram anunciados: *Livro de um morto* de Artur Andrade e *Campanulas* de Angelo de Souza.

I X — 1952



Rodrigues Alves, numa caricatura de Raul.

ministro famoso de Campos Sales, famoso e solteiro:

Se um ministro por ser celibatário
Traz consigo tão grande inconveniente
E levanta em redor tal escarcêu,
Calcule o conselheiro que Calvário
Teria de subir o presidente
Se do crime de inupto fosse réu!

Eram quase sempre desse tope — pasmem os leitores de hoje! — os gracejos políticos de há 50 anos atrás... Ou os políticos eram mais sinceros, ou os humoristas mais inocentes...

Júlia Lopes de Almeida, já chamada a "rainha das nossas escritoras", que, em outubro vira, pezarosa, desabar-se o pavilhão que Morales de Los Rios lhe construía no Campo de Sant'Ana para uma exposição de flores que planejava realizar, lançava em dezembro o romance *Ansia Eterna* que mereceu do MALHO esta saudação alvisareira:

Cessa, ó Musa da Troça, o tom jocoso
E perfila-te agora em continência!
Vamos! que as festas do Natal formoso,
Este ano tem outra benemerência.

Curva-te agora em gesto respeitoso,
Cumprimenta com toda a reverência!
Pois vais saudar um vulto magestoso:
— Das nossas escritoras, — A Exelência!

Musa! rebusca a rima sempiterna,
E que com ela o ideal perfil hissope
Da artista incomparável da *Ansia Eterna*!

Desde a rasa planície aos altos topos,
Que a Natureza se engalane terna,
Para o Nome Imortal de Júlia Lopes.

Outro fato literário a que O MALHO dá o devido relêvo é o aparecimento do primeiro número do *Almanaque Brasileiro Garnier*, no gênero Hachette, e que feito sob a direção de Ramiz Galvão chegava, impresso, de Paris.

Nas páginas do semanário vamos também encontrar, com frequência, produções, antigas ou inéditas de Artur Azevedo, Aurélio de Figueiredo, Guimarães Passos, Múcio Teixeira, Luiz Murat, Luiz Pistarini e Azevedo Cruz. Do poeta do *Bandolim* — o romântico Pistarini — cabe ao MALHO divulgar no seu número de 15 de novembro o expressivo soneto *Bilhete de doente* feito dois meses antes:

Recebi, minha flor, com muito agrado,
O mimo, que, entre beijos te agradeço;
Beijos... de longe, que, outros, não mereço,
Principalmente neste triste estado...

Tu nem sabes, talvez, quanto padeço!
Mas vivo, há dias, tão desalentado,
Que, com o mínimo excesso — impalideço,
Desmaio, tombo exânime, prostrado...

Não me visites, pois. Não. Tem paciência,
— Ninguém resiste à tentação que adora,
E o doutor me proíbe essa imprudência...

Perdoa. Mas, dispenso-te a visita.
— Para quem sofre, como eu sofro agora,
Faz muito mal uma mulher bonita.

E há ainda uma *Galeria*, onde sonetos humorísticos e bem feitos, estampados sem indicação de autoria, aludem ou retratam, de quando em vez, a um ou outro escritor do tempo, Felix Pacheco, Henrique Castriciano, Pelino Gueles, Crasticiano é descrito como um "Demostenes genial de sobremesa"... Pelino é o "supimpa e ciclópico Pelino"...

Capítulo dos Anúncios

RETRATO bem nítido dos costumes e das limitações daqueles idos é dado por alguns anúncios que O MALHO publica. Há o atelier do Teixeira Bastos que tira fotografias "mesmo nos dias chuvosos". Há o celeberrimo Hotel Globo, na rua 1.º de março, que proclama as excelências de sua cozinha em três idiomas. Na rua do Lavradio está o Frontão Fluminense que apregôa "sensacionais quimelas, todas as noites, às 8 horas".

O anúncio de página inteira da Casa Edison é realmente saboroso: há gramofones, grafones e zonofones de todos os tipos; há fonogramas, grandes e pequenos, com óperas ou com modinhas e lundus, de Geraldo, Baiano, Campos ou Cadete e há chapas, impressas dos dois lados, com músicas de bandas nacionais e também com modinhas.

A Ipanema aristocrática do Rio de hoje, e simplesmente, a bucólica Vila Ipanema, em Copacabana, que começa a ser vendida em lotes, a prazo e sem juros, com todas as facilidades.

A voga dos anúncios em verso vai no auge. Quase tudo é apregoadado à custa do metro e da rima. O laboratório famoso prefere as quadras curtas — certamente mais em conta e talvez até de efeito comercial mais seguro — para louvar os méritos de seu sabão e de suas drogas:

Ao doutor uma vez me queixando
De ter preso o meu ventre cruel,
O doutor m'o soltou receitando
Cascarina de Orlando Rangel.

Mas é o soneto que predomina de modo avassalador. Tudo cabe nos 14 versos do modelo famoso de Petrarca: a casa de modas e a de "vinhaça e mantimentos"; a loteria e o restaurante; a loção contra calvície e o leite Palmira;

Como Andava o Teatro

NOS primeiros números do O MALHO a crônica de teatro tem o título "Monologando" e é toda feita em correntios versos assinados por J. F. J.

Pelo que nos conta J. F. J., no primeiro Monologo, o problema da época parece não ser muito diferente do de hoje... Ouçamo-lo:

A peça, que agora o povo
no palco público ensaia,
é um drama que pede vaia,
por não ter nada de novo.

Velha peça, realcada
nos moldes da indiferença,
por mais que a condene a impren-

continúa a ser bisada.

Ganha a Réjane dinheiro,
a Darclée dinheiro ganha
se o Celestino tem manha;
Sansone é cabra matreiro.

O Casino é frequentado,
Guarda-Velha está na ponta
e isso sem entrar em conta
muito mambembe quebrado...

Só tu, meu palco querido!
— pobre teatro desta terra!

O Valor do Mil Réis

A vida no Rio era fácil e barata em 1902. Apenas com duzentos réis tinha-se O MALHO. No consultório famoso do Silvino de Matos, cobrava-se cinco mil réis por uma extração de dentes sem dor e com 20 e 40 mil réis qualquer um enriquecia a sua dentadura com uma coruscante corôa de ouro do melhor quilate...

Para maior conforto das classes remediadas proliferavam os populares clubes de sorteios que vendiam, em prestações semanais, relógios Omega, ternos de roupa, máquinas Singer e até uma célebres "móvilias de canela cirê art nouveau"...

Os pais da pátria do tempo — os Heredias, os Pires Ferreira, os Buenos de Andrada, os Esmeraldinos Bandeira — venciam, por dia, a fortuna de 75 mil réis...

"PINTA-MONOS" GRANDES E PEQUENOS

o chocolate Andaluza ou os perfumes do Quarré.

Há também um despachante da Prefeitura, Leite Mendes, que em todos os números publica um anúncio assim:

ou sofres do povo a guerra,
ou passas despercebido!!!

E o povo, que anda firmado
num parecer de altas vistas,
diz que te faltam artistas
e que tu estás liquidado.

[sa, Pois se queres um conselho,
dou-t'o da melhor vontade:
muda-te desta cidade,
vai pôr na estranja o bedelho.

Ator aqui é matuto;
mas, se volta do estrangeiro...
caspite! que o brasileiro
é tal qual como o charuto:

Para ser considerado
só pago por alto preço;
para merecer apreço,
carece ser viajado.

Oh! vós que com a Prefeitura,
Negócios diversos tendes
Sabeis que é fonte segura,
Das 10 da manhã em diante
Conversar com o despachante
Leite Mendes.

"Pinta-Monos" Grandes e Pequenos

NAS páginas nas movimentadas do O MALHO de 1902, desde logo a todos os bons artistas, há charges e desenhos assinados por muitos "pinta-monos", grandes, médios e... pequenos. Crispim do Amaral, diretor artístico da revista, Raul Pederneiras e Calixto Cordeiro são os azes efetivos do traço e da troça. Renato —

Renato Vilaflor, parece — é também desenhista de real mérito e constante. Outros colaboradores são R. Casanova, Grisalvalos, Dumlense, Dico, F. Aurelio, A. Thoreau, P. Isais, alguns firmes no traço mas pouco assíduos, outros talver espirituosos mas ainda bem incipientes no desenho. De espaço a espaço uma colaboração avulsa de dois grandes amigos da casa: — Belmiro de Almeida ou Hélios Seelinger.



As assinaturas dos pinta-monos que ilustram os primeiros números do O MALHO

Valsas e "Schottischs"

SEM dúvida uma das grandes atrações da nova revista é a seção em que se estampam as músicas para piano mais em moda. Quase todas, valsas ou "schottisch". De quando em quando uma cançoneta ou uma polka. Em homenagem à revista recém-nascida aparecem as produções Malhando e Malho de Ouro. Duas cançonetas bem expressivas vêm com suas letras. Ernesto de Souza é o autor de uma delas, Quem inventou a mulata:

Se a mulata não houvesse
Era preciso inventar.
Quem inventou bem merece
Um trono, um cetro, um altar.

Foi um invento sublime
Não tem mais tarte nem guarde;
Ela entorta como o vime,
Entorta, mas não se parte...

Do maestro Costa Junior, A Quitandeira, tem esta letra maliciosa e brejeira:

Tenho frutas saborosas.
São frutinhas de primor
Tão gostosas
Que é de ver com que calor
Os rapazes à porfia,
Hoje em dia
Perseguem meu taboleiro,
Que tem cheiro
Deixando a confeitaria
Só porque, cousa magana,
Querem comer noite e dia
A frutinha da baiana.

Um Bom Motivo: Lopes Trovão

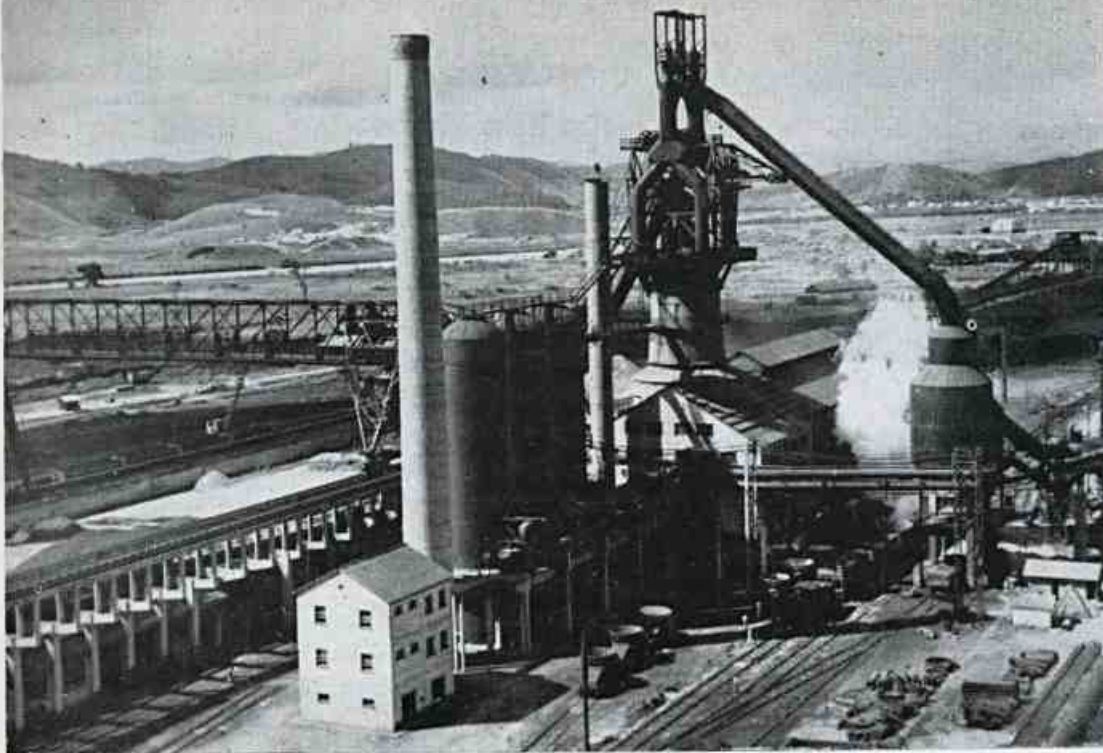
DEPOIS de Campos Sales e Rodrigues Alves, a personalidade política mais caricaturada nos primeiros meses do O MALHO é, talvez, o tribuna Lopes Trovão. Seus mirabolantes projetos contra a malandragem, o jôgo e o álcool são considerados apenas "pour épater les bourgeois", na legenda ferina de uma notável charge de Calixto...

Quando o velho republicano apresenta o seu projeto regulando a situação do mulhério, dito de vida fácil, que infesta então a rua do Resende, abrem-se contra êle os fogos



Lopes Trovão visto pelos mestres caricaturistas Raul e Calixto.

dos caricaturistas. Charges repetidas, surgidas nos números de outubro e novembro, gloriam o episódio sob todos os ângulos... Calixto e Raul se rivalizam ao caricaturar, com os lápis magistrais, o conhecido tribuna que a isso, aliás tanto se presta quer pelo tipo, anguloso, desgrenhado e altíssimo, quer pelas verdadeiras "bombas" que frequentemente lança.



O alto forno

ÊXITO TÉCNICO E SOCIAL DE VOLTA REDONDA

O êxito econômico-social da Usina de Volta Redonda cada vez mais se projeta em todo o país através de sua inestimável contribuição ao desenvolvimento nacional, e de tal maneira que, na esteira desse empreendimento vitorioso, outras entidades têm as suas vistas voltadas para a organização que se estabeleceu no Vale do Paraíba.

Fato importante na vida de Volta Redonda é a sua preocupação constante de aprioramento. Os produtos da C. S. N. desfrutaram sempre no país de um prestígio merecido, oriundo de um aproveitamento racional de materiais e maior eficiência de operação. Reflete-se tal progresso no rendimento alcançado, que na produção obtida, aumentou em cerca de nove por cento o índice previsto de 1950 para 1951.

Assim é que, no ano passado o total de produtos de aço atingiu a 342.561 toneladas, superando em 19,3% o rendimento conseguido em 1950.

Para o ano em curso, foi programado uma produção de 360.000 toneladas mas, tomando-se os índices atingidos no primeiro semestre, tudo leva a crer que o alvo será superado. Basta assinalar que até junho, a C. S. N. laminou 182.183 toneladas. No

setor de trilhos foram produzidas 34.214 toneladas, enquanto em todo o ano passado, em consequência da falta de encomendas, foram fabricadas 42.243 toneladas.

No ritmo em que se encontra a produção de trilhos, numa média mensal de 7.200 toneladas, Volta Redonda deverá atingir o máximo da sua capacidade até o fim do ano em curso.

VOLTA REDONDA CRESCE

Em vista da constante solicitação dos produtos de Volta Redonda, estão em curso dois projetos de expansão da Usina. O primeiro em pleno andamento, prevê a elevação da produção para 680.000 toneladas de lingotes de aço, através da instalação de mais um alto forno, fabricado aliás com o próprio aço de Volta Redonda recentemente embarcado par aos Estados Unidos, mais dois fornos de aço 21 baterias de coque, além de equipamento subsidiário.

Com essa expansão instalar-se-á também uma Fábrica de Estruturas Metálicas com o propósito de abastecer o mercado de estruturas do país.

O segundo plano, cujos estudos se completam, pretende elevar a

produção a um milhão de toneladas de aço em lingotes. Esse projeto, chamado "Plano do Milhão" foi autorizado pelo Presidente da República em consequência, já em fevereiro deste ano, técnicos de importante firma norte americana de engenheiros consultores iniciaram estudos para o estabelecimento do mais adequado plano de trabalho para a concretização da 2.^a Expansão da Usina. Volta Redonda cumpre assim a sua finalidade: fornecer aço ao país em quantidade requerida pelo seu progresso vertiginosamente, atendendo também o lado social do empreendimento que se reflete na grandeza da Cidade do Aço.

O HOMEM DE VOLTA REDONDA

A nossa legislação social, dentro do seu aspecto avançado, encontrou em Volta Redonda a sua mais perfeita aplicação, levando-se em linha de conta os benefícios que a C. S. N. distribue aos servidores, quase sempre muito além do estabelecido no texto da lei como por exemplo o pecúlio por morte, inteiramente gratuito numa importância que varia de Cr\$ 10.000,00 a Cr\$ 50.000,00.

No ano passado, só nesse setor, Volta Redonda pagou Cr\$ 310.000,00. Há também a complementação do salário do trabalhador doente, quando a Companhia paga a diferença de salário, suplementando o que o Instituto segurador dispense nesses casos. Enquanto isso, desenvolve-se um grande programa de construção de casas, construindo-se este ano cerca de oitocentas, de ereção do grande Recreio do Trabalhador e outras iniciativas de vulto. Afóra esses serviços sociais prestados espontaneamente, além dos limites legais, é preciso salientar o preceito da participação direta dos trabalhadores no lucro, prêmio que a C. S. N. vem distribuindo desde 1948, cumprindo por conseguinte dispositivo constitucional ainda não regulamentado.

O PROBLEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO

NA sessão inaugural da Reunião dos Reitores de Universidades, em S. Paulo, a 17 de abril do corrente ano, o ministro da Educação e Saúde, sr. dr. Ernesto Simões Filho que presidiu a assembléia, proferiu um discurso cuja importância e oportunidade não precisamos de realçar. É uma página de observação rigorosa da situação que atravessamos em matéria pedagógica, rica de sugestões para os destinos da nossa cultura universitária, e plena de ensinamentos aos que têm sobre os ombros as responsabilidades técnicas de encaminhar a lei de "Bases e diretrizes da Educação Nacional". Não é um canto de otimismo exagerado nem uma afirmação de pessimismo em face das deficiências de nosso ensino público. Pelo contrário, nesse discurso o ilustre gestor da Educação traça roteiro seguro e revela as necessidades que serão atendidas nos limites das nossas possibilidades na hora presente. É o seguinte o importante discurso do sr. Ernesto Simões Filho:

"SENHORES:

Neste momento, sem dúvida, dos mais críticos da vida da família humana, dividida entre as esperanças de um bem estar pela primeira vez acessível a todos os indivíduos e as apreensões de uma catástrofe próxima, bem é que nos reunamos, os que mais agudamente sentimos as responsabilidades da época, para examinar as nossas instituições, sobretudo as educacionais, e apreciar até que ponto estão elas cumprindo a sua missão e satisfazendo as necessidades novas. E concordareis, por certo, que, assim, amplie o âmbito dos nossos problemas, enfeixando na mesma emergência os nacionais e os internacionais, pois não há como separá-los, representando uns e outros aspectos da mesma imposição, que é a de consolidar e expandir o regime democrático, que os antepassados nos legaram e que nos cumpre preservar e aperfeiçoar.

Toda grande crise histórica é uma crise de educação e a de hoje, mais do que qualquer outra, apresenta, a despeito de seus aspectos reivindicativos e políticos, uma face indisfarçável de renovação ou reinterpretação dos valores morais e intelectuais da nossa civilização, vale dizer, dos seus valores educativos.

Ora, os que aqui se reúnem, sob a convocação do Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo, são os Reitores de todas as nossas universidades, isto é, as mais altas autoridades da educação, da ciência e da cultura entre nós, para o debate e a análise, não apenas dos problemas de suas universidades, mas de toda a educação brasileira, aos quais



Ministro da Educação e Saúde, Sr. Simões Filho

buscará dar direção e encaminhamento a lei de "Bases e Diretrizes da Educação Nacional".

Nenhuma reunião poderia ser mais oportuna e a nenhuma outra poderia eu presidir, como Ministro da Educação, com maior desvanecimento. Confesso mesmo que a convocação me encheu de simpática expectativa, confiante em que não faltarei ao Governo da República com os conselhos mais esciarcidos, que sabereis retirar de vossa experiência e da lição esplêndida que oferecem as instituições educativas de São Paulo, sem dúvida, as mais severas e as mais ricas de recursos materiais e humanos de todo o país.

Não possuímos, nêle, como bem sabeis, uma vigorosa tradição educacional em que se possam apoiar seguramente as nossas iniciativas, para projetar os lineamentos do futuro nacional. A organização educativa da monarquia foi frágil e tênue, não chegando a se constituir num sistema compreensivo de formação nacional. E a República, a despeito de muitos ensaios e de um considerável crescimento quantitativo de suas instituições escolares, não pode inscrever no seu crédito a criação de um sistema nacional de educação. A quantidade e o número superaram de muito os aspectos intrínsecos de organização e de qualidade, caracterizando-se o nosso progresso educacional como e de um desenvolvimento desordenado em que os verdadeiros padrões foram substituídos pela uniformidade de requisitos puramente formais, com o que se vem descurando a substância e o teor da educação e do ensino.

A verdade é que nos deparamos, hoje, com um ensino primário abreviado nos seus períodos de

tempo, congestionado em seus prédios, que funcionam em dois e três turnos, e com um professorado sacrificado no desempenho de suas graves funções de formador do caráter nacional, por essas estreitezas de tempo e de espaço. No ensino secundário, singularmente expandido pela imposição das circunstâncias e do crescimento do País, refletem-se as deficiências do ensino primário, agravadas com a relativa ausência de formação regular do professor e a consequente imperfeição da literatura didática a serviço desse nível de ensino. O ensino superior, herdeiro direto de tal situação, há de sofrer, forçosamente, as suas consequências.

Não me parece, assim exagerado dizer que não temos uma tradição educacional em que nos possamos, convenientemente, apoiar para a segurança e o acerto dos prognósticos que ireis proferir, em vossos estudos e debates. A nota otimista, neste quadro um tanto sombrio que vos descrevo, estaria na força improvisadora do nosso povo, que, a despeito das condições adversas e difíceis, vinga ainda, mau grado o despreparo escolar, revelando-se capaz, suprindo com diligência, esforço e expediente as deficiências de sua formação. Isto, por um lado. Pelo outro, os exemplos, sem dúvida notáveis, dos contrastes, das instituições educativas excepcionais, como muitas deste grande São Paulo, em que o País se afirma em padrões que nada ficam a dever aos mais altos existentes, hoje, no mundo.

De modo que há, nitidamente, duas forças a atuarem no cenário educacional, uma de seriedade, pequena ainda na área por que se estende, mas, resistente e profunda; outra, mais ampla e generalizada, cheia de complacências e de concessões, contra a qual se ergue a primeira, embora sem apóio significativo da opinião pública.

É sobre este fundo que se tem de trabalhar para a construção de uma lei de bases e diretrizes, que revigore e revitalize as condições favoráveis à eclosão das forças criadoras e responsáveis, e desencoraje e enfraqueça as forças de improvisação e de utilização parasitária das atuais facilidades puramente formalísticas do sistema vigente.

Porque, não há como não reconhecer, que o atual sistema, a despeito de suas intenções superiores, viu-se fraudado em seus objetivos. Visando a uma uniformidade rígida e extrema, a despeito da realidade de condições as mais diversas, tudo que vem conseguindo é substituir uma real uniformidade do ensino pela uniformidade dos papéis que legalizam esse ensino, tornando, por isto mesmo, possível o simulacro que caracteriza tantas de nossas instituições educativas.

Parece tornar-se necessário uma revisão corajosa, que restabeleça um regime que as escolas e colégios sejam julgados pelo seu mérito e não pelo cumprimento das formalidades. E isto também parece-nos óbvio — exigirá flexibilidade de condições para atender a diferentes situações e um sistema de responsabilidade devidamente assegurado, pelo qual o colégio se veja compelido a apresentar resultados equivalentes e não papéis uniformes.

Todos sabemos que tal regime será mais difícil de controlar do que o atual de identidade puramente formal, mas, em educação não cumpre tentar o fácil senão o eficaz, na expressão lapidar de um dos nossos mais sisudos educadores, o professor Anísio Teixeira. Felizmente, o próprio cresci-

mento da educação já está a criar, no País, um começo de emulação e as escolas, nos centros mais adiantados, dão sinais de sensibilidade quanto à qualidade da educação que ministram. Não são raros, hoje, os colégios que defendem os seus padrões, recusando alunos despreparados ou excluindo, resolutamente, aqueles que não logram atingir os níveis a que o estabelecimento se vem, voluntariamente, impondo.

A situação, como se apresenta, é um desafio à nossa inteligência e a nossa confiança no povo brasileiro. A essência dos males da educação nacional parece estar no sistema formalista que adotamos, aliado às condições de natural imaturidade de certos elementos que ao invés de servi-lo, buscam aproveitar-se de suas fraquezas. Como, pelo sistema, currículo, programa, instruções, formalidades, tudo é rígido e uniforme, cria-se uma situação propícia à passividade, irreabilidade e a consequente irresponsabilidade. Não sendo possível realizar substancialmente o prescrito, pois as condições materiais, os recursos em professorado e o equipamento didático não o permitem, não há outro meio senão o de buscar suprir as falhas substantivas com os rigores de um formalismo puramente exterior, o que não é o mal maior porque ainda mais graves são as consequências sobre os alunos e professores, que se deixam, assim, habitar a um regime que, na sua essência, é uma simulação e uma fraude.

A solução tem de ser corajosa, pois, há que restabelecer o regime de liberdade e reponsabilidade, pelo qual se possa distinguir o mau do bom e se passe a julgar a educação pelos seus resultados. Estes é que têm de ser equivalentes, embora, não rigidamente uniformes. Para tanto teremos que tentar cursos variados e flexíveis e a verificação dos resultados pelo *exame de Estado*, senão em todas as séries, pelo menos, nos anos terminais dos diferentes ciclos adotados pelo sistema.

Mas, não bastará a flexibilidade e variedade dos cursos, de acordo com as condições diversas de meio e de recursos, será necessário, ainda, descentralizar o controle do ensino. Devemos dividir com os Estados a responsabilidade pela boa execução das leis do ensino, passando a competir ao Governo Federal mais uma ação normativa e inteligentemente fiscalizadora, do que executiva. Além dos benefícios que daí advirão, com a difusão estimuladora do regime de responsabilidade, teremos o Ministério, aliviado de sobrecarga de trabalho quase sobrehumana, em condições de se entregar às tarefas muito mais importantes, ou sejam os estudos, verificações e inquéritos sobre as condições reais da educação, estabelecimento de normas eficazes de controle objetivo e assistência material e técnica ao ensino do País, por meio de fornecimento de pessoal devidamente treinado aos Estados, de elaboração de guias e compêndios de ensino e de uma ação supervisora alta e eficiente.

Não se tratará, assim tanto de uma reforma do ensino, quanto de uma mudança de objetivos e métodos de controle, pelo qual se busque mais estimular o progresso e a qualidade da educação do que, repetimos, a uniformidade dos seus registros e papéis.

Revitalizada e revigorada, assim, a educação primária, média ou secundária, chegamos ao limiar

da educação superior em que mais se afirma a vossa responsabilidade. Se a verdadeira formação nacional, no caráter e qualidade dos seus homens, se deverá completar naqueles níveis do ensino, é no superior que se preparará o quadro de suas elites e se formarão os profissionais e especialistas destinados a promover o progresso material e intelectual do País.

Nas condições de crescimento e transformação em que se encontra a nação, em meio à grande crise contemporânea, não será possível exagerar a responsabilidade desse ensino superior na ordenação do desenvolvimento nacional e ainda menos a das suas universidades, que representem o ensino superior em suas condições mais integrais e satisfatórias.

Além das suas funções mais características de guardiães do saber e da cultura humana e de promotoras do seu desenvolvimento, temos hoje a salientar os seus deveres de preservar e aperfeiçoar a democracia, que é o regime político e social baseado no saber e na virtude, de que devem ser as universidades a mais alta expressão.

Com efeito, nenhum outro grupo profissional, mais do que o universitário, é obrigado, por dever de ofício, à ética mais rigorosa em relação aos seus deveres para com a verdade e os métodos de descobri-la. Deste modo, nenhuma escola de democracia será mais perfeita do que a universidade e a autonomia que todos lhe devemos é, sobretudo, a efetivação da condição essencial para que ela desempenhe o seu supremo dever.

Temos, pois, que zelar por que as Universidades sejam as meninas dos olhos da República, nada lhes negando e tudo lhes exigindo, exigindo, sobretudo, que sejam as nutrizas do nosso espírito público e as garantias do nosso progresso intelectual e moral.

Tôdas elas são jovens universidades, mesmo a do Brasil, que melhor se chamaria do Rio de Janeiro, e a de São Paulo, pois, também nesse setor o nosso desenvolvimento é recente, mas, nem por isto, lhes devemos fixar menos altos os estalões dos seus deveres para com o País e o povo brasileiro. A nossa falta de tradição universitária nos permitirá traçar-lhes de bloco a missão e tudo fazermos para que nelas se intale em sentimento de dever para

com o espírito, a cultura e a ciência sem mescla de rotina ou de preconceitos.

Senhores reitores de Universidades aqui reunidos, grande é a vossa responsabilidade ao traçardes a vossa carta de direitos e deveres. O Governo da República espera que o façais com a severa consciência de que a contrapartida da autonomia é a responsabilidade, e que vos cumprirá regular a vossa independência com os freios e contrafreios indispensáveis para que a vossa alta missão seja desempenhada com liberdade, mas também com serenidade e eficácia. Sôis os guardas da verdade, da virtude e da democracia no Brasil. Ao saudar-vos, alimento a esperança de que dareis cumprimento integral a êsse supremo dever."

Ministério da Educação





O Ministro da Viação expressa suas impressões sobre a significação do desembarque das duas locomotivas Diesel

O reaparelhamento da Central do Brasil

O esforço silencioso e contínuo do Cel. Eurico de Souza Gomes, ilustre dirigente da nossa principal ferrovia, vem perfurando, pouco a pouco, a rocha granítica do ceticismo e pessimismo daqueles que, não tendo fé no milagre do trabalho sob a chama do mais puro patriotismo, não creem no reaparelhamento da Central do Brasil. Blidando o seu espírito dinâmico com a armadura da fé no glorioso destino da importante ferrovia, Cel. Eurico de Souza Gomes prossegue, impávido, na sua obra construtiva cujo êxito começa a se positivar com o recente recebimento de duas das cento e vin-

te locomotivas Diesel destinadas a melhorar consideravelmente o tráfego ferroviário.

As fotografias desta reportagem expressam melhor que comentários a evidência desse êxito absoluto que constitui, sem dúvida, acontecimento marcante na administração serena e profícua desse homem corajoso que jamais se furtou aos debates públicos para o esclarecimento da verdade nem procurou ocultá-la sob o já famoso manto diáfano da fantasia...

Destinar-se-ão as cento e vinte locomotivas Diesel às bitolas larga e estreita, beneficiando o trá-

fego para as capitais paulista e mineira, cujos percursos sentirão, evidentemente, a influência dos grandes melhoramentos da Linha do Centro e da próxima inauguração das últimas variantes do Ramal de São Paulo, que são o do Parateí, e de Taubaté que constituem a maior obra ferroviária do Novo Mundo.

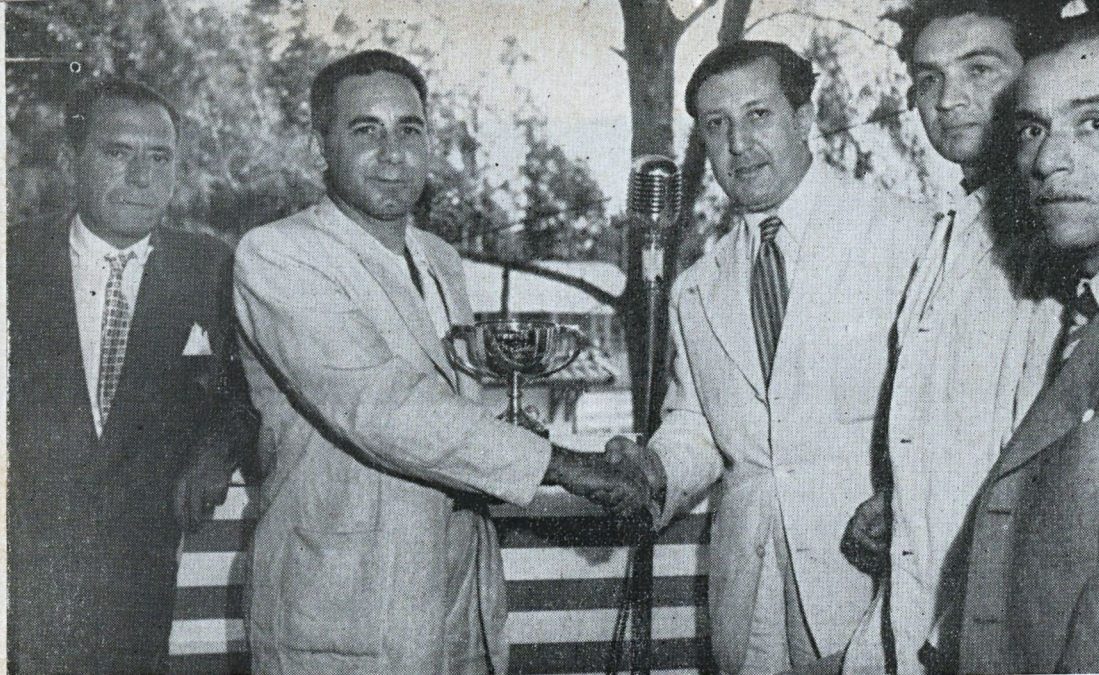
Está, portanto, o grandioso programa de reaparelhamento da Estrada de Ferro Central do Brasil, determinado pelo Presidente Getúlio Vargas, na sua fase inicial com a chegada das duas locomotivas Diesel recepcionadas por figuras de expressão

em nossos meios administrativos, destacando-se a presença do Ministro da Viação, Eng.^o Souza Lima, senador Napoleão Alencastro Guimarães, Eng.^o Angelo Mario Croseto, chefe do gabinete do titular da Viação além de jornalistas e todos os chefes de serviço da ferrovia, tendo à frente o Cel. Eurico de Souza Gomes Filho.

Foi, como se vê uma recepção à altura da significação que possuem para os destinos da nossa grande ferrovia as duas locomotivas Diesel, que precedem promissoramente, as cento e dezoito que ainda chegarão.

Expressando sua intensa satisfação através do seu clássico sorriso de confiança nos destinos da Central, o Cel. Eurico de Souza Gomes, ladoando o sr. Ministro da Viação, procede à ligação de uma das locomotivas Diesel.





O Dr. Heitor Grillo, secretário geral de Agricultura quando entregava ao sr. Jonas Passos Soares, presidente da Intendência do Rio da Prata, a taça "Rhodia", atribuída à entidade agro-pecuária que obteve o primeiro lugar no computo geral dos produtos da terra carioca, exibidos na V Exposição Agro-Pecuária do Distrito Federal.

EMULAÇÃO ENTRE OS AGRICULTORES

O local escolhido para a exposição — a Fazenda Modelo — da Prefeitura sediada em Guaratiba — veio atender aos interesses dos agricultores que puderam, na zona rural, es-

MIL E QUINHENTOS PRODUTOS CARIOCAS EXIBIDOS

Na V Exposição Agro-Pecuária do Distrito Federal, realizada pela Secretaria de Agricultura — Emulação entre os agricultores — Afluência fora do comum ao local onde se realizou a mostra — Entrega dos prêmios conferidos.

I NAUGURALA pelo Prefeito João Carlos Vital a 9 de Agosto, encerrou-se uma semana depois, com a presença do Secretário de Agricultura, sr. Heitor Grillo, outras autoridades, lavradores e criadores do Rio de Janeiro e dos Estados, a V Exposição Agro-Pecuária do Distrito Federal a qual veio demonstrar o desenvolvimento da produção carioca o que o cooperativismo, entre os

criadores e agricultores cariocas, obtendo considerável desenvolvimento.

Das 35 cooperativas existentes na capital da República, 22 participaram do certame, expondo produtos da melhor qualidade.

NÚMERO DAS INSCRIÇÕES

Foram inscritos 1.477 produtos, havendo 515 inscrições individuais, além da participação das entidades agrícolas já mencionadas. A variedade dos produtos constituiu uma das notas de destaque da exposição. Por outro lado, dez firmas representantes de máquinas agrícolas participaram da mostra, possibilitando aos agricultores o conhecimento e a compra de maquinárias, no próprio local da exposição.

Belo exemplar da raça Nelore, de propriedade do Sr. Durval Garcia de Menezes, que obteve o primeiro lugar na V Exposição Agro-Pecuária do D. Federal.

tabelecer uma espécie de competição, cada qual procurando expor um produto de melhor qualidade e, ao mesmo tempo, adquirir novos ensinamentos tendentes ao aperfeiçoamento de suas culturas.

Não apenas durante a realização da exposição agro-pecuária, mas de um modo permanente, vem a Secretaria de Agricultura da Municipalidade estimulando, orientando e amparando os lavradores cariocas, através de financiamentos, de assistência técnica no campo e de reuniões que se efetuam nas cooperativas, com a assistência de agrônomos e veterinários da Prefeitura.

FREQUÊNCIA FORA DO COMUM

Levando-se em conta a distância em que se encontra o local da exposição a cerca de hora e meia de automóvel do centro da cidade, foi realmente fora do comum a frequência de visitantes observada na mostra, notadamente lavradores.

Aproximadamente duas mil e quinhentas pessoas percorreriam, diariamente, os diversos "stands" e demais dependências da Fazenda Modelo.

O interesse dos diversos visitantes se voltava para a pequena indústria do açúcar, do expositor João de Deus, consistente na demonstração de fabricação de rapadura, alfinim e me-





laço, assim como nos "stands" apícolas, onde o apicultor Celso Didier apresentou várias inovações de grande vantagem para a apicultura no Distrito Federal.

ANIMAIS EXPOSTOS

Foram expostos 24 bovinos, 37 suínos, 35 coelhos, 24 gansos, 38 marrecos, 3 patos brancos, 36 pombos, 31 perús e 297 galinhas.

Todos esses animais pertencem a raças selecionadas.

Várias remodelações e adaptação se efetuaram na Fazenda Modelo, que hoje dispõe de 31 "stands", de um lago artificial, além das outras instalações anteriormente existentes.

Houve, em larga escala, a venda de tratores e reprodutores.

OS PRÊMIOS CONFERIDOS

A Companhia Química Rhodia Brasileira ofereceu uma taça à entidade que obtivesse maior número de pontos, no computo geral dos prêmios atribuídos aos diversos produtos.

Conquistou a referida taça a Intendência Agrícola do Rio da Prata, que obteve 212 pontos.

Em 2.º lugar, foi classificada a Intendência Agrícola da Estrada do Rio Grande, com 127; em 3.º, a Intendência Agrícola do Cachamorra, com 93 pontos.

Os demais lugares foram conse-

Um casal de coelhos da raça "Branco de Nova Zelândia", de propriedade do sr. Acácio Zzecky, premiado na V Exposição Agro-Pecuária do D. Federal.

dos, na ordem decrescente, pelas seguintes entidades agrícolas: Cooperativa dos Lavradores e Criadores da Ilha de Guaratiba, Cooperativa dos Agricultores e Criadores do Mato Alto Ltda., Intendência Agrícola do Realengo, Intendência Agrícola Santa Eugênia e Intendência Agrícola da Posso.

JULGAMENTO DOS PRODUTOS DE INDÚSTRIAS RURAIS

Dentre os que expuseram produtos de indústria rural, coube ao sr. José Raimundo de Oliveira o 1.º prêmio referente ao melado, idêntico prêmio no que se refere à batida e 1.º prêmio com louvor, na apresentação de rapadura.

Foram atribuídas duas menções honrosas, à sra. Elizabeth Lydia Blochfield, relativos ao requeijão e à manteiga pertencentes a essa expositora.

Apim gigantesco exibido na V Exposição Agro Pecuária do D. F., na Fazenda Modelo de Guaratiba. O produto do sertão carioca que tanto interesse despertou, aparece no clichê sendo segurado da esquerda para a direita, pelo diretor do Abastecimento, sr. Blanc de Freitas, pelo sr. Diógenes Tourinho, diretor do Departamento de Indústria e Comércio, sr. Hugo Frota, diretor do Serviço de Horticultura e Correia da Silva, diretor do Departamento de Agricultura e no segundo plano o veterinário Paciano Aguillo, chefe do Serviço de Inspeção dos Produtos de Origem Animal.

JULGAMENTO DOS PRODUTOS AVÍCULAS

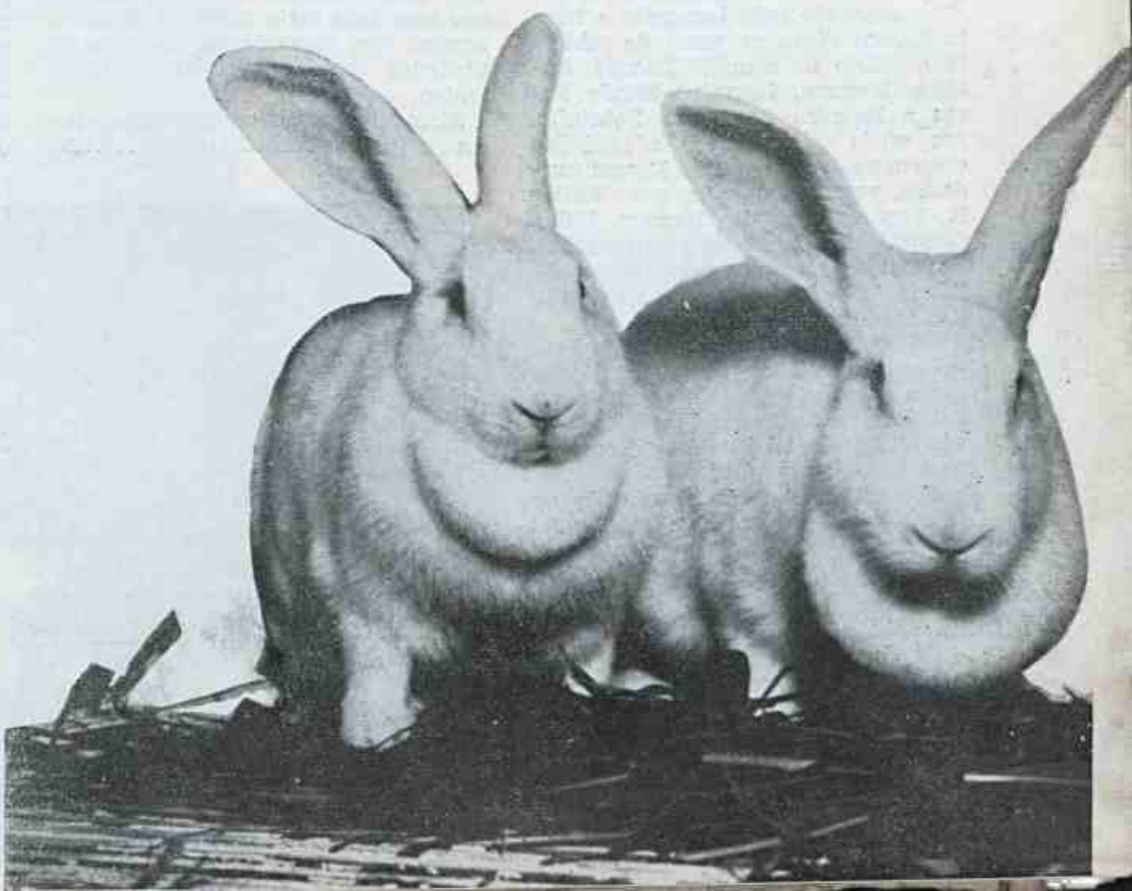
Obtiveram os primeiros lugares, nos diversos produtos avícolas, os seguintes expositores: José Leal Ferreira, Mendo Corrêa da Silva, Pelegrino Tolomoi, Frederico Lund, Celso Didier, Mário Pinto da Costa, Antonio de Araujo Lima, Joaquim Marques Ferreira, a Granja 13, da Estrada do Mendanha, sendo que esta granja conseguiu vários primeiros prêmios.

No julgamento dos produtos apícolas, couberam os primeiros prêmios aos expositores Francisco C. da Fonseca e Celso Didier.

PRODUTOS DE INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

Entre a raça zebú, couberam o 1.º, 2.º e 3.º lugares de Nelore à Fazenda Indiana Ltda., do sr. Durval Garcia

(Continúa na página 131)





UMA PINTORA NOTÁVEL SENHORA LILI SEDLAK

Entre os melhores pintores do Brasil está a sra. Lili Sedlak, que se impôs ao público pelos seus talentos, a sua vocação e o seu saber, aliados a um verdadeiro temperamento artístico e emotivo. Os nossos *Salões de*

Arte têm exposto quadros seus de valia, e retratos, natureza morta e em outros setores, ela tem sido bem julgada pela crítica equilibrada e capaz e pelo grande público. A sua exposição-1952 foi uma consagração à brilhante artista, que austriaca de nascimento é uma brasileira de coração. Na mostra recente da festejada pintora, com três quadros na exposição-1952, da respeitada Associação dos Artistas Brasileiros, de que é competente Diretor o dr. Oswaldo de Souza e Silva, ela foi merecidamente festejada. Uma dessas telas, com o seu último retrato, figuram ao lado desta nota. *Natureza* foi um quadro muito gabado, pela observação segura e desenho correto. E numerosos salões e salas do Rio de Janeiro, e São Paulo, assim como no estrangeiro, há muitas telas de Lili Sedlak, — principalmente as suas rosas, que ela sabe pintar com flagrantes verdadeiros e com a sua bela alma de artista.

R. A.



A 15 de Agosto p.p., transcorreu a data natalícia da Dra. Judith Boirou que, pela sua notável personalidade de mulher e médica, recebeu do largo círculo de suas relações, nos meios científicos, literários e espirituais as mais calorosas manifestações de carinho, bem como as homenagens de grande número de admiradores do vizinho Estado do Rio.

COMPLETANDO O JUBILEU PUBLICITÁRIO

O aniversário da Associação Brasileira de Propaganda foi assinalado pelo banquete e Pôrto Ramos Pinto na sede) de jubileu publicitário de Almério Ramos, Antônio Herrera, Georgino Sande Peres e Belmiro de Souza Sobrinho, aos quais foi entregue a medalha comemorativa do evento. Foram saudados, respectivamente, por Walter R. Poyares, Antônio Herrera Filho, Genival Rabelo e João Guimarães, que exaltaram as indiscutíveis qualidades morais e profissionais de tão destacados publicitários.

Fixando um dos aspectos do ágape, queremos frisar a antiga colaboração que nos deu Belmiro de Souza Sobrinho, e continua a fazê-lo através da Rio Publicidade, cujo conceito é justamente sólido.

Homem de coração iluminado, de inteligência ampla e de incansável dinamismo, ele honra a classe e a dignidade humana ao lado de seus companheiros Rui Paim Cunha, José da Cunha Lira, José Azevedo e Plínio Grimaldi, daquela acatada agência. Fazendo este registo, não esque-

cemos o valor dos outros homenageados; simplesmente, realçamos aquele que tem tido mais contacto conosco, sempre com elevação na maneira de proceder como publicitário e como amigo.

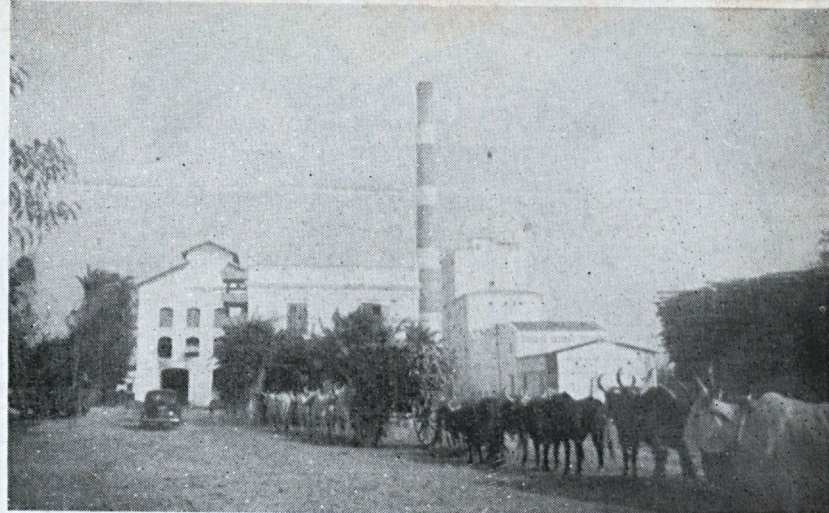
Elementos como os que completaram o jubileu consolidam o prestígio

da Associação Brasileira de Propaganda. A fotografia mostra o momento em que falava, a respeito de Belmiro de Souza Sobrinho, o nosso colaborador, professor João Guimarães, que tem à sua direita a esposa do homenageado, sra. d. Ermelinda de Souza Sobrinho.



A economia canavieira está sob regime de intervenção estatal desde 1932. Ao assumir o Governo da República em 1930, encontrou o Presidente Vargas a agro-indústria do açúcar em situação de descalabro. Uma crise de proporções inéditas ameaçava liquidar os produtores, sem maiores vantagens para os consumidores. Definiu, então, o Presidente da República a chamada política do equilíbrio estatístico, isto é, da produção ajustada ao consumo. Dêsse modo, foram liquidados os excessos de produção que perturbavam o funcionamento normal das usinas e assegurado o seu trabalho regular e remunerador.

Graças à política do equilíbrio estatístico, a produção foi crescendo sem sobressaltos, embora de forma segura e capaz de atender, inteiramente, às exigências do consumo. Ao mesmo tempo, surgiu no



Usinas modernas e em permanente aperfeiçoamento tecnológico moem, cada safra, milhares de toneladas de cana, para fabricar o açúcar usado em todo o território nacional.

Consideravel aumento da produção ♦ ♦ de açúcar e álcool do país ♦ ♦

país uma nova indústria, a do álcool anidro, para fins carburante, tendo sido instaladas, em pontos vários do território nacional, numerosas destilarias, sendo que as maiores, as chamadas Destiladoras Centrais, de propriedade do I. A. A.

Os números atestam o acerto da política traçada pelo Presidente Vargas e que hoje adquire novo impulso com o chamado preço único para os produtores, que o I. A. A. está aplicando, sob a direção do sr. Gelson Dé Carli, presidente da autarquia açucareira. A produção de açúcar usina passou de menos de nove milhões de sacos, na safra de 1933/34, quando iniciou suas atividades o I. A. A., para cerca de trinta milhões de sacas atualmente. Também a produção de álcool, especialmente a de álcool anidro, subiu espetacularmente. Os 100.000 litros, na safra de 1933/34, a fabricação de álcool anidro chega hoje à casa dos 50 milhões de litros.



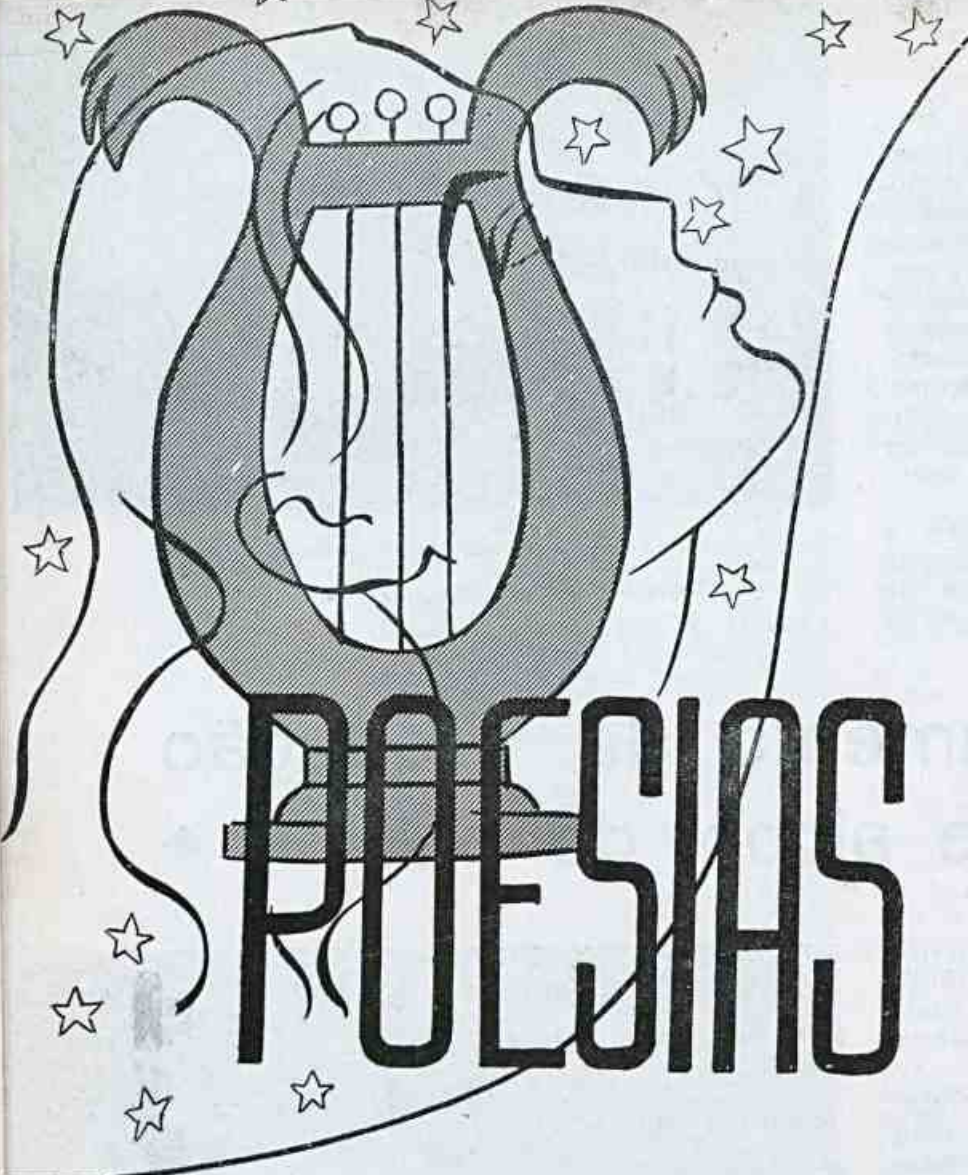
A política de assistência social aos trabalhadores açucareiros e suas famílias absorve anualmente grandes somas para a construção e instalação de centros assistenciais e casas de residência para os trabalhadores, que, dêsse modo, dispõem de habitações confortáveis e higiênicas.

O interesse votado pelo I. A. A. à parte de assistência social explica o surto de progresso observado neste particular, a se traduzir em construções novas, destinadas a ampliar as facilidades oferecidas aos que trabalham na agro-indústria da cana.



As destilarias Centrais do I. A. A. iniciaram nova fase na indústria do álcool e no seu emprego como carburante. Hoje, numerosas destilarias particulares seguem o exemplo dado pela autarquia açucareira e alcooleira e produzem, cada safra, consideráveis volumes de álcool, quer hidratado, quer anidro.





POESIAS

O LOUCO

Carregando a visão que aterra,
Caminha em demanda de um ponto
Que, abstrato e nebuloso,
Descobre na treva densa
Do câos interior.

Na máscara de linhas desiguais,
Lutam os músculos contorcidos,
Estrangulando pensamentos
Mal nascidos...

Na ânsia febril brotam monstros
Que se debruçam do olhar
Aberto, imenso como o luar
Solto no espaço,
Enquanto a boca trêmula,
Como folhagem na ventania,
Mastiga pensamentos retalhados,
Formando estranhos mosaicos
De idéias e imagens desiguais...

Degrediam no caleidoscópio
Do íntimo do ser
Deuses e demônios,
Na luta da treva e da luz,
Onde, alternadamente, morrem
Como vencidos
E renascem como vencedores
No mundo dissonante
Do nada e dos horrores.

LUIZ GOULART

SAUDADE

Que coisa estranha é sentir saudade!

O tempo que passou e que não volta;
aquilo que se quis, e que não veio;
o amor que se sonhou e, certo dia,
noutros braços se foi...

Entanto,
nem sempre o que se foi teve alegrias,
e aquilo que se quis representava
a riqueza de um sonho;
e o amor, que se partiu em alheios braços,
foi por outro trocado, simplesmente...

Mesmo assim,
a saudade vem doce, de mansinho,
quebrando as asperezas, que feriram,
os acúleos pungentes, e deixando
uma doçura de óleos e de plumas,
e o brilho de uma lágrima rebelde...

Que coisa estranha é sentir saudade!

LEONOR POSADA

RECORDAÇÃO DE CABOCLA

Foi no mês de setembro
Bem me lembro agora
Termina a novena
De Nossa Senhora da Glória.

A lua lá fóra
Alumiava como se fôsse dia!

Tu táva lindo caboclo
Metido na tua farda nova de soldado.

Nisto a banda principiou
A tocá aquele dobrado:
"Nós somos da pátria amada"
Aí... eu fui ficando entusiasmada
E tu veio caminhando... caminhando...
Direitinho pro meu lado
E sem dizê palavra
Tu me agarrô na cintura
E me beijô na boca com tamanha quentura
Que a lua camarada,
Tapô depressa o carão
E o arralá de Santa Clara
Ficô numa escuridão... !

ARLETTE CORRÊA NETTO

A ARTE

Surgiste outr'ora Deusa Soberana,
Dos remotos abismos mais profundos,
Para glorificação de etéreos mundos
E máxima perfeição da espécie humana.

Na lide rude, empedernida, isana,
Vergastando o torpôr dos iracundos,
Trouxeste vida nova aos moribundos
Condenados ao sono do Nirvana.

Com perfumes de rosas e verbenas
Dulcificaste as vis paixões terrenas
Na evolução febril do pensamento...

E agora, em vez de ricas oblações,
Tú recebes das novas gerações
Os golpes rudes do apedrejamento!

PATRICIO GUERRA

SALOMÉ

(A sensibilidade artística de EROS VOLUSIA)

Desejando a cabeça de Batista
para exercer melhor cruel vingança,
Salomé interrompe a grande dança
do véu, na qual é mais que exímia artista.

Depois, a passos lúbricos, à vista
de quantos são presentes à festança,
olhando Heródes mansamente avança
para dizer: "à morte o Evangelhista!"

Antipas deslumbrado ante a beleza
pagã daquela carne maravilha,
ordena o sacrifício um tanto aréu...

Dego-la-se o profeta com presteza.
Heródias satisfeita beija a filha,
rasgando-lhe no corpo o fino véu!

GUIMARÃES MORAES

SERENATA...

A lua já saiu para o passeio;
Pelo caminho do céu, todo estrelado,
Lá vai, serena, a aconchegar no seio,
O aureo beijo do sol, seu namorado.

Branca e redonda assim, nesse recreio,
Põe todo o azul distante alvoraçado...
E seu doce vagar é um devaneio
Do céu de pontos doiro marchetado.

Sob o suave condão da luz da lua,
De rapazes em grupo anda na rua,
Com flautas e violões em serenata.

Para as estrélas soe uma canção...
E torturado pela evocação,
Medito, onvindo, ao longe, a voz de prata.

PLINIO DE ALMEIDA

ANCIÃO

Se a dar suspiros e a falar sozinho
na minha sombra o triste olhar eu ponho,
estou lembrando que no peito aninho
um sonho antigo mas um belo sonho.

Aurora inspira o canto ao passarinho
com os esplendores do arrebol risonho;
Era gentil, gentil como o carinho;
ainda me inspira os versos que componho.

Os olhos estilando-lhe a doçura,
a graça que era um dom da Natureza,
o riso perfumado de candura;

tudo recordo imerso na saudade.
Com a vida simples à saudade presa.
não posso, nunca mais, ter liberdade.

HORMINO LYRA

ÍCARO

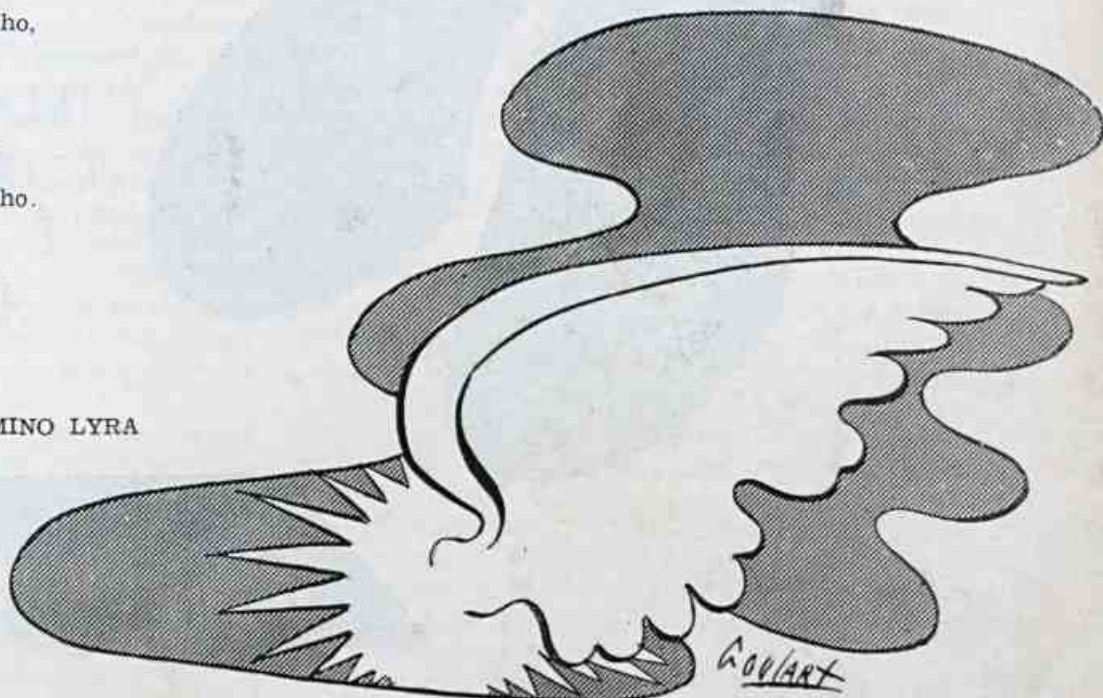
Buscar no alto um refúgio — voar!
mesmo que seja apenas o aflito
gesto de asas domando o infinito
que sob elas procura escapar;

em poliedros massiços de ar
ter afinal todo o seu corpo inscrito,
dissolver-se no céu como um grito
que não há de à garganta voltar.

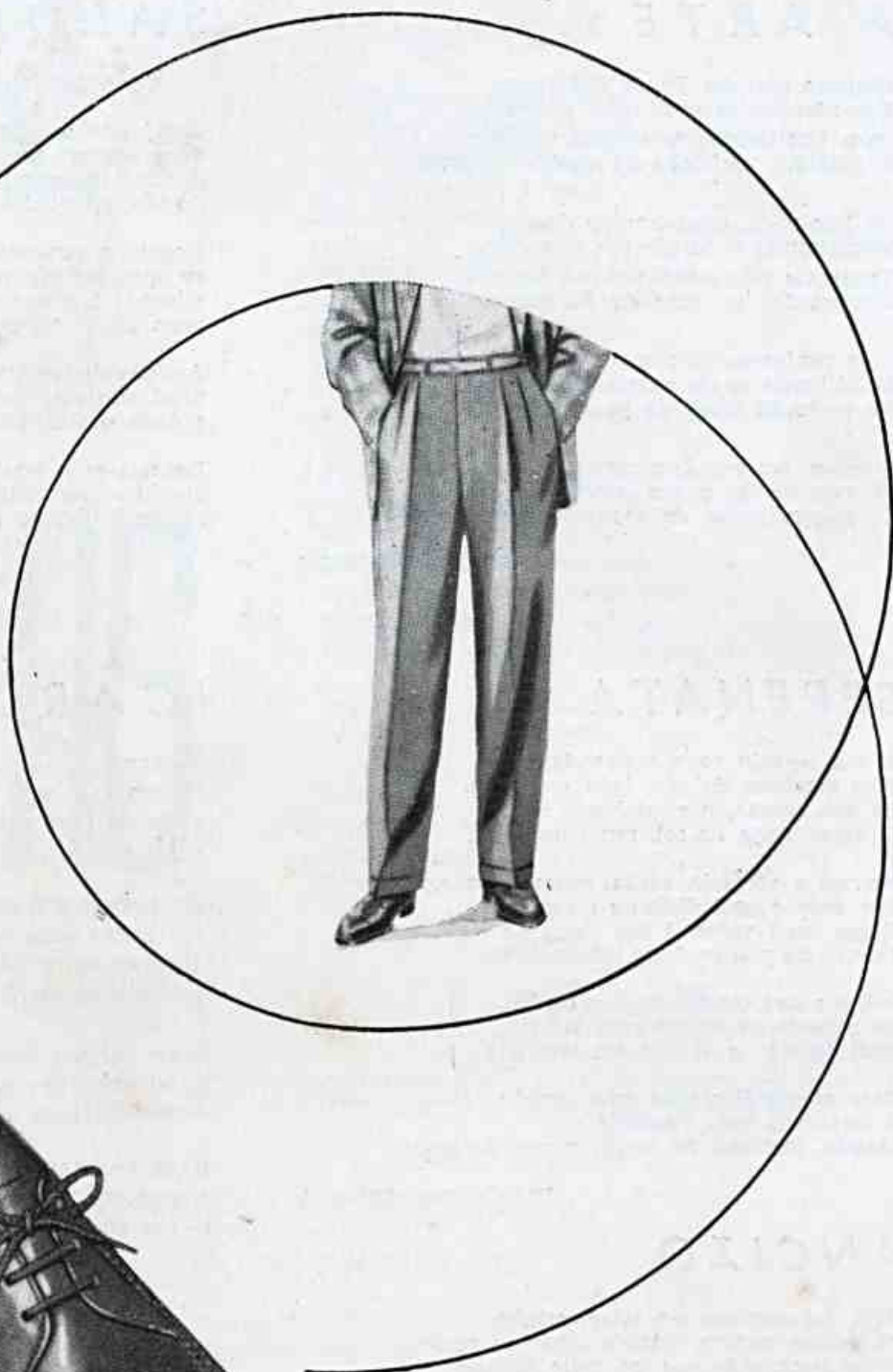
Voar: mesmo esse voo distraído
do albatroz que acompanha o perdido
bergantim cuja estrêla faltou.

Ir de azul em azul procurando
a resposta ao "por que, donde quando"
— que a'gum anjo por certo guardou.

GEIR CAMPOS



O CALÇADO DA



É INEXCEDIVEL,
É INIMITAVEL,
É INCONFUNDIVEL,
É INEGUALAVEL,

POR SER
O MELHOR DO MUNDO



BELO HORIZONTE

MENINA RICA DE MINAS GERAIS

● JORGE AZEVEDO

Confesso que amo esta garota e estou irremediavelmente apaixonado. Isso até parece loucura mas é verdade, sei lá se feliz ou infelizmente. Certo é que, encontrando-a de manhã tomando o seu banho de sol, sorrindo pelo verde de sua vegetação e provocando a gente com a frescura de sua temperatura perfumada — beijo-a com os olhos gulosos e abraço-a toda com esses braços elásticos que tenho no pensamento.

Menina rica, tendo à sua disposição nos Bancos o dinheiro que quer, põe em exibição no corpo bem talhado novos enfeites que lhe dão sempre uma graça nova. Namora modernamente da manhã à tarde, nas ruas, nos escritórios, nas lojas e nos bares e, à noite, nos amplos jardins que a tornam deliciosa. A linda menina rica possui parques paradisíacos onde namora disfarçada em cosinheira pobre ou datilógrafa sonhadora, desesperada para desencantar o príncipe que é, hoje, em dia, uma figurinha difícil.

Mas o gozo maior é vê-la de "maillot" nas piscinas do "Minas" ou "Iate" fazendo pôses provocantes para cronistas basbaques e tendo cuidado para não se molhar. E tenho "uma dó" muito grande, podem crer, quando a vejo toda granfina, linda na sua toilette dominical, horas e horas em pé nas filas dos nossos cinemas provincianos campeões de exibição de "far-west", ou então dentro de um ônibus sacolejante a receber pisadas calcadas de trocadores mal remunerados.

E' aí que o meu amor se transforma em ternura. E

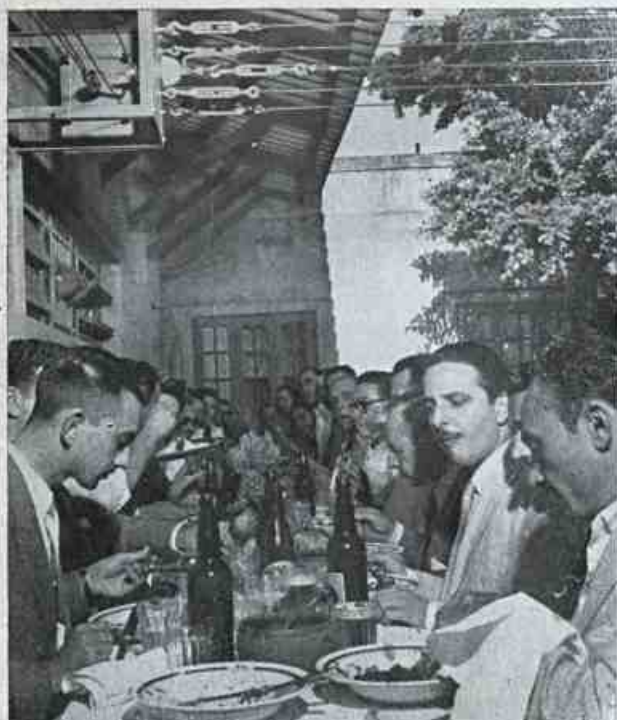
vira piedade quando a vejo procurar, ansiosa, na Avenida Afonso Pena ou na rua da Bahia, um local decente para lanchar com as amiguinhas e encontra bêcos sórdidos em que se entra se expremendo toda contra marmenjos mascarados de galanteadores e sujando a toilette nas mesas imundas.

Gosto de vê-la é ao sol caricioso que desce de um céu que tirou patente pois outro céu azul não há tão macio. Gosto de vê-la sobraçando pastas escolares e tecendo intriguinhas de amores adolescentes na Avenida. Gosto de surpreendê-la, atraente na sua simplicidade e sensata na sua timidez, realizando compras leves na Caetés.

Gosto dela poetisa, criando versos de amor e sonhando com a Academia Mineira de Letras para quando os "imortais" tomarem "Eno". Gosto dela sempre, e "demais", seja nas boates ou nos salões de beleza, sob a doçura do sol nos parques ou sob a benção da nave das igrejas. Gosto dela porque onde esteja é sempre a mulher que se quer ou se espera: toda doçura, toda discrição e toda modéstia.

Belo Horizonte — minha querida menina rica de Minas Gerais — que segredo é esse que você possui no olhar — doce e envolvente como o luar — para nos prender? E que maciez de veludo é essa que você traz nos braços para nos apaixonar?

Teria você herdado o sortilégio de Marília de Dirceu numa nova encarnação de Heliodora?



A feijoada que a Rádio Guanabara ofereceu por ocasião da inauguração de seu novo transmissor Phillips de 10 Kwts, ocorreram personalidades do rádio e da imprensa. Temos aqui um aspecto da mesa principal, vendo-se, em primeiro plano, o Sr. Paulo Mourão, diretor administrativo da Emissora do Edifício Darke de Mattos.

No dia 9 de julho p. p. a Rádio Guanabara ofereceu uma feijoada especial aos cronistas radiofônicos da capital do país por motivo da inauguração de seu novo transmissor Phillips de 10 Kwts.

O acontecimento foi memorável. Ao transmissor da PRC-8, situado na Avenida dos Democráticos, em Bonsucesso, compareceram os principais cronistas radiofônicos da imprensa carioca, abrilhantando àquêle evento.

A cerimônia de bênção do transmissor foi efetuada pelo Bispo D. Pedro Massa, ilustre representante da moderna Igreja católica brasileira.

Depois da bênção foi servida a feijoada em panelinhas de barro, onde estava escrito com tintas pretas o nome do comensal. Como é natu-

Da esquerda para adireita vemos Carlos Brasil, diretor executivo da PRC-8, Attila Nunes, programador, Manoel Barcelos, presidente da ABR, e o General Euclides de Figueiredo, presidente da Rádio Guanabara, quando se preparavam para inaugurar o novo transmissor da Emissora do Edifício Darke de Mattos.



A RÁDIO GUANABARA TEM NOVO TRANSMISSOR



Manoel Barcelos, diretor-presidente da Associação Brasileira de Rádio, abrilhantou a festa da Rádio Guanabara com sua presença. Carlos Brasil foi o anfitrião e, como tal, foi perfeito. Grande número de cronistas de rádio também compareceram.



O Dr. Ruy Calazans, à convite de Carlos Brasil, bota no ar o novo transmissor Philips, de 10 Kwts., da Rádio Guanabara, inaugurado no dia 9 de julho p. p. Com este novo transmissor a PRC-8 inicia uma nova fase.



O Major Guilherme Manes, diretor-técnico da Rádio Guanabara, não consegue esconder um sorriso de satisfação por este grande empreendimento da Emissora do Edifício Darke de Mattos. Vêmo-lo cercado por amigos que ali foram levar-lhe seus abraços.

ral, cada um levou sua panelinha como "souvenir". Após a feijoada, o General Euclides de Figueiredo, presidente da Rádio Guanabara S/A, falou em nome da PRC-8 agradecendo a presença de todos.

A inauguração do novo transmissor da Rádio Guanabara veio coroar os esforços dos dirigentes desta emissora, que se vem empenhando em melhorar cada vez mais a Emissora do Edifício Darke de Mattos, dando ao público um rádio melhor.

Quando principiámos a dar atenção a cousas de letras, quer dizer, livros e revistas, as primeiras publicações ilustradas com que travámos conhecimento, porque, no género, eram as que havia ao tempo, foram o "Tico-Tico" e "O Malho". Somos dois anos mais velhos que este, cujo cinquentenário se comemora no corrente ano, informação que nos prestou, faz pouco, o confrade D. Antônio de São Payo, da "Ilustração Brasileira" e dele. Não temos à mão um exemplar do "Tico-Tico" para saber-lhe a era, mas deve andar beirando os quarenta e cinco, porque foi um dos nossos diletos companheiros de infância.

Havia também uma revista tipo "Copacabana", "Riso" ou cousa parecida, de que o pai do que ora escreve gostava bastante. Certa vez, num canto da sala, o velho se desmanchava em gargalhadas. Um de nossos irmãos, intrigado com a alegria do leitor, perguntou à velha: — De que tanto ri meu pai, mãe? — De uma revista senvergonha que ele não devia trazer aqui para casa... "O Rio Nú".

A informação "revista senvergonha" despertou-me a curiosidade e, por diversas vezes, tanto o que isto escreve como os irmãos mais velhos, procuraram descobrir onde o pai guardava os exemplares, mas nunca foi possível; era cousa "imprópria para menores", o velho não deixava a revista à-toa. Em compensação, tínhamos "O Malho" e o "Tico-Tico", este para crianças, aquele, para adultos mas não impróprio para menores, pois, embora os pequenos não entendessem a maioria dos assuntos nele tratados, achavam muita graça nas caricaturas de políticos e outros figurões que enchiam suas páginas. A revista infantil, porém, era lida e relida por todos e, para falar com franqueza, as melhores lições de moral e civismo que assimilamos, na juventude, vieram das páginas do "Tico-Tico". As histórias, as ilustrações, tudo, nessa publicação, encantava nossa curiosidade incipiente. Ainda agora, sempre que nos vem às mãos, tornamo-nos crianças, passamos, durante alguns instantes, a ter 8, 9, 10 anos e "aderimos" francamente a Chiquinho, Lamparina, à turma toda, que conhecemos de longa data. "O Malho", como a "Caretta", sempre nos divertiu imenso.

UM VELHO AMIGO

MESQUITA NETO

Era, antes de 1930, a melhor publicação ilustrada sobre assuntos políticos, literários e artísticos.

Com a vitória da revolução, foi ele violentamente suspenso.

Os reformadores dos costumes político-sociais invadiram-lhe oficinas e redação, quebrando e queimando o que entenderam. Passa-se algum tempo, e ele resurge. Não vem com o mesmo vigor, a mesma verve, o mesmo espírito desembaraçado de outras épocas. Até mesmo a apresentação gráfica deixa muito a desejar em relação ao passado. A pouco e pouco, felizmente, vai melhorando, fortalecendo-se, de modo que hoje é o mesmo "O Malho" de antes de 30. Não é possível ser melhor. Os políticos da atualidade, com as mesmas virtudes e defeitos dos de outros tempos, estão presentes em suas páginas, em caricaturas e "charges" gozadíssimas. Velho amigo, que somos, da revista que, com "A Careta", no festilo, forma uma dupla extraordinária, tendo-lhe acompanhada a trajetória, brilhante desde a primeira década do século, sentimos a maior satisfação em vê-lo comemorar o cinquentenário em perfeita forma com vigor igual ao daqueles tempos. "O Malho", justiça se lhe faça, nunca se amesquinhou, quanto à linguagem nem no serviço de ilustração. Empregando o espírito, a inteligência, em vez de graça sem compostura, tão do agrado dos escrevinhadores incultos ou devassos, o nível intelectual e caricatural adotado pelo "O Malho", como por essoutra revista acima nomeada, é a sua maior recomendação. Os prejuízos que sofreu com o advento do regime discricionário, com a revolução, foram devidos ao ódio político, à estupidez dos que achavam que o novo regime não deveria deixar pedra sobre pedra, "O Malho" não era simpático aos "salvadores" da pátria, como também não o eram alguns jornais, por isso foram marcados com empastelamentos e incêndios ("vae victis!").

Brevemente, teremos a edição comemorativa do aparecimento dessa revista, dos cinquenta anos de trabalhos, de atividades de tantos operários, escritores, desenhistas ilustres, cujo pensamento os caracteres, a tinta e o papel registraram para a imortalidade porque o pensamento não morre, e "O Malho" representa meio século de labor e lutas, sob vários aspectos, do país.

O DIA DA PÁTRIA NO HIPÓDROMO DA GAVEA

A Diretoria do Jockey Club Brasileiro está de parabéns. Organizou uma belíssima festa hipico-social no Hipódromo da Gávea, na data comemorativa da Independência do Brasil, domingo último. A parte social constou de um chá dançante ao qual compareceu a elite carioca, que superlotou os salões, dando à festa intensa animação. Artistas de valor executaram interessantíssimo "show" que muito contribuiu para a alegria do ambiente. Quantos compareceram a essa reunião não regatearam elogios. Relativamente à parte hipica, o desenrolar do programa foi empolgante. A assistência era igual a das grandes reuniões do Hipódromo: numerosa e entusiasta. Os dois maiores páreos do dia foram: Grande Prêmio Jockey Club Brasileiro e Independência do Brasil, este em homenagem a maior data da nossa nacionalidade. Um outro páreo, pelo seu inéditismo, despertou a máxima atenção e simpatia. Foi o consagrado à

Sociedade Hípica Brasileira, páreo em que participaram cavaleiros amadores, sócios da Hípica e lementos da alta sociedade do Rio. Eram 13 rapazes, exímios cavaleiros que disputaram a palma da vitória. Foram ven-

cedores, em 1.º lugar, o Sr. Maurício de Andrade Ramos, que pilotou o cavalo "New Comer", e o seu irmão, Sr. Sérgio de Andrade Ramos, em 2.º lugar. A assistência aplaudi-os, assim como a todos os seus companheiros com o maior entusiasmo.

O páreo "Sociedade Hípica Brasileira", para amadores, teve como vencedor o jovem cavaleiro Maurício de Andrade Ramos, que se vê na fotografia acima, logo após a repezagem, depois de se ter vitoriado no dorso do cavalo "New Comer", de Stud Verde Preto.

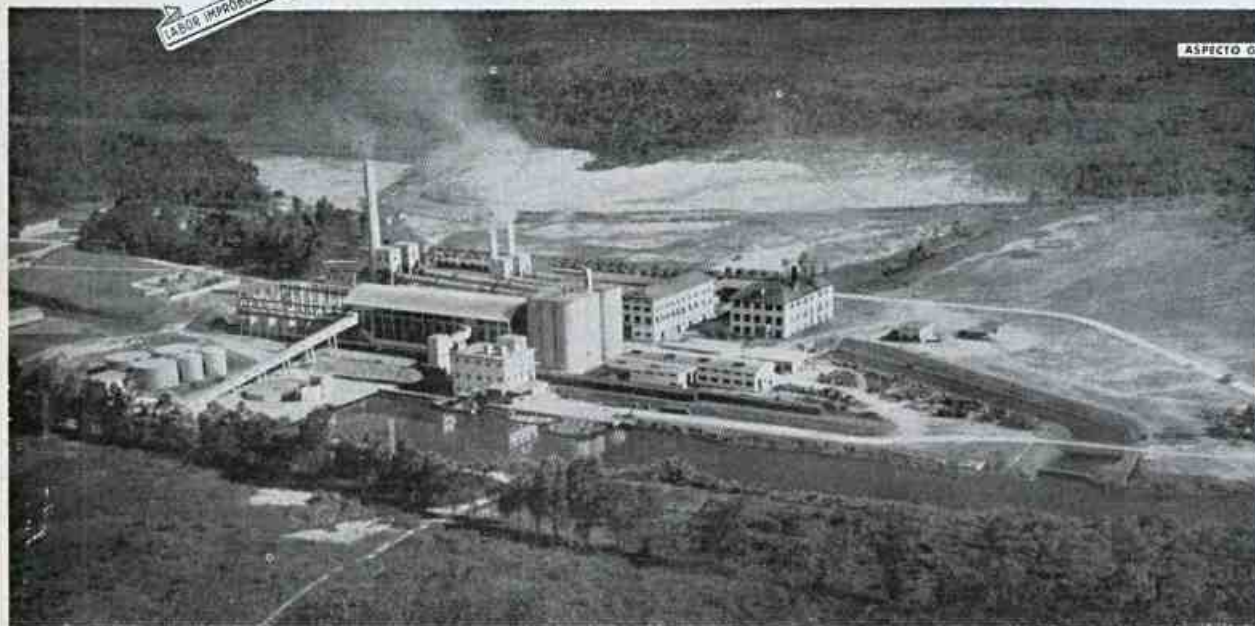
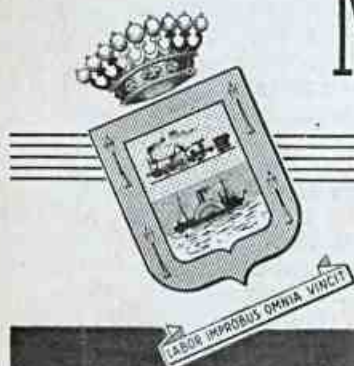


MAUA...

UM NOME, UM PADRÃO DE ALTA QUALIDADE!

Ao lançar em 1933, nos mercados do país, um produto manufaturado sob os processos mais modernos e que supera as especificações de cimento Portland do mundo inteiro, a Companhia Nacional de Cimento Portland, homenageando a memória do Visconde de Mauá, adotou seu nome ao seu cimento, e é com justificado orgulho que pôde declarar que sob tão insigne patrono, tem empenhado para o engrandecimento da indústria nacional e conquistado um justo renome entre os consumidores em geral, pelo padrão uniforme de sua alta qualidade e sente, desta forma, que o seu produto, tem feito jus ao nome do grande estadista que tanto contribuiu para o engrandecimento da Pátria!

COMPANHIA NACIONAL DE CIMENTO PORTLAND



ASPECTO GERAL DA FÁBRICA EM GUAXINDIBA

O cimento Portland Mauá supera as especificações para cimento Portland no mundo inteiro.



A OLIGARQUIA NERY

(Continuação da página 77)

Seguiu-se ao seu Governo o do seu irmão General Constantino Nery, Engenheiro militar, notável. General dos mais valorosos. Fez a campanha de Canudos, sendo louvado por atos de bravura e então promovido. Publicou a respeito um livro fidedigno, interessante e curioso, com poucas repercussões. No momento foi lançado os *Sertões*, de Euclides da Cunha, — livro ímpar, que é uma glória do Brasil cultural.

A este oligarca — *voilà!* — Manaus deve o seu saneamento até hoje. Na capital havia o paludismo e a febre amarela. O mosquito tudo invadia.

O Rio de Janeiro tinha sido saneado sob a orientação sábia e dinâmica de Oswaldo Cruz. E o Governador Constantino Nery conseguiu que Oswaldo Cruz, com os seus auxiliares ilustres, saneasse a bela capital do Estado do extremo Norte. Que obra monumental! Mata-ram todos, todos, os mosquitos inumeráveis da cidade imensa! Os bilhões deles. Nem mais febre amarela, nem mais paludismo. Antes de Oswaldo Cruz fôra uma Companhia Portuguesa de Comédias para o Teatro Amazonas com cinquenta pessoa voltou somente uma! Depois de Oswaldo Cruz uma outra Companhia Portuguesa de revistas chegou para o Teatro Amazonas com oitenta pessoas, e voltaram oitenta e uma... Certa artista tivera um filho.

Só esta obra de saneamento daria para abençoar uma oligarquia como esse dos Nerys. E Constantino Nery fez mais, — os edifícios da Biblioteca Pública, a Penitenciária e outros. Deu grande impulso a rede de esgotos, e estradas.

Era um homem inteligente, modestíssimo, simples e forte. As vezes fazia humorismo. Duma feita, no fim do seu governo, a cotação da borracha caíra brutalmente. Três meses de atrasos nos pagamentos. Do

Quartel da Polícia, que era modelar, começaram a desertar as praças... E o comandante foi ao Governador, alarmado, comunicar-lhe o fato, e pedir dinheiro urgentíssimo... E o general calmo:

— Não há renda. E compreendo a fome, mas não se pode fabricar dinheiro. Assim, quando tiver fugido a última e o último oficial, feche o portão do Quartel e traga-me a chave.

Um mês depois, com uma pequena alta do quilograma da borracha e a subida do preço da castanha, pagava a força pública e o funcionalismo estadual. Os fugitivos voltaram, e ele perdoou a todos.

Outro irmão era o Dr. Raimundo Nery, engenheiro competente, que morava em Paris, e que vinha ao Amazonas de visita a parentes. Foi eleito Deputado Federal pelo Amazonas, e residia, então, no Rio de Janeiro durante três anos, naquela época tempo duma legislatura. Nunca se emiscuiu na administração do Estado.

Onde a fortuna deles? O senador Silvério José Nery era um homem que vivia, há trinta anos, a demarcar terras no interior, ainda hoje inhóspito, do Amazonas. Três vezes viu-o chegar seriamente doente, com paludismo. Tinha uma casa confortável, quando assumiu o Governo, e umas cinco casas pequenas — para toda uma vida, de demarcador de terras. O Barão de Sant'Ana Nery, o general dr. Constantino Nery, o dr. Raimundo Nery, o dr. Marcio Nery, — não nos consta que tivessem deixado fortuna, ou górdos dinheiros. Outros irmãos ocupam lugares modestos.

Um família de Governadores... Um filho de Silvério José Nery, o ilustre dr. Julio José da Silva Nery foi Interventor no Amazonas, na administração do Presidente General Eurico Dutra. Esse mesmo moço casou-se com uma filha do coronel José Cardoso Ramalho Junior, que habita o Rio de Janeiro com os seus oitenta e seis anos e foi Vice-Governador do Amazonas em exercício nas funções de Governador. Outro Interventor do Amazonas, oficial do Exército, hoje coronel Floriano Machado, sobrinho de Silvério. Uma família ilustre. Uma oligarquia benemérita. Pensou no futuro do Amazonas, no amanhã, na terra. Já dizia Virgílio, — *carpent tua poma nepotes*.

Não disfarce!

Corrija as

imperfeições

da sua pele!

Confie na

**Base
Medicinal**

do Leite de Colonia

para eliminar

*Manchas, Sardas
Espinhas e Cravos*

Além de artificializar sua beleza, o "maquillage" exagerado para disfarçar as imperfeições, é prejudicial à vital respiração da pele! Somente um produto de base científica tem ação curativa sobre as erupções da cutis. Confie, pois, na base medicinal do Leite de Colonia para eliminar manchas, sardas, cravos e espinhas. Aplique-o sobre o rosto, colo e braços. Use-o também como fixador do pó de arroz e como protetor da cutis. Exija sempre Leite de Colonia para tornar sua pele mais linda e mais jovem!



Leite de Colonia

É preparado pelo médico Dr. Arthur Studart





AS
MODAS
PASSAM...

mas ...
a preferência
continua sendo
a mesma.

MATERIAS PRIMAS,
RIGOROSAMENTE SELECIONADAS
FABRICAÇÃO ESMERADA,
FAZEM DO
SABÃO DA MARCA
"PORTUGUÊZ"
O PREFERIDO DE TODOS



UM PRODUTO DA UNIÃO FABRIL EXPORTADORA

SENHORA

SUPLEMENTO FEMININO POR *Socière*

As vezes pensamos que o inverno continua sobre a terra os dias de temperatura suavíssima admitindo o uso de vestidos e costumes de lã, veludo e outros tecidos apropriados ao frio.

Mas lá vem uma sequência de dias quase estivais. Então, do fundo da gaveta, tiramos alguns trajes que cuidadosamente guardamos para o verão futuro, naturalmente com a preocupação de lhes transformá-los, utilizando um pequeno nada suficiente a um novo aspecto.

Pano tão bom e de tão caro custo, natural é que o conservemos desde que vai bem à silhueta e pesa pou-

co no orçamento que convém acuar telar nos tempos bícudos que vivemos.

Em Agosto, então, vimos as praias superlotadas durante as manhãs ricas de sol e nada frias, e o desfile de roupas francamente estivais durante a tarde.

Ah! inverno carioca.

Também, de repente volta. Basta que chova um bocadinho para que a temperatura desça e os costumes

e "sweaters" de lã voltem ao corpo esbelto da carioca.

Que chova mesmo.

Porque a falta d'água aflige pobres e ricos, remediados e favelados.

E uma casa sem água para beber, para fazer comida ou lavar-se é fator decisivo na alta pressão do estado de nervos do povo que ora vive, ou vegeta, nestas horas de absoluta inquietação.

São problemas do governo, dirão as leitoras, e fóra de foco numa crônica de modas.

Sim, até certo ponto. Porque é pouco provável que se mantenha um aspecto sadio, alegre sem o necessário benefício e "relativa" despreocupação.



Vestido de "faille" de seda pura. Majestoso modelo para casar. (Russeks — New York).

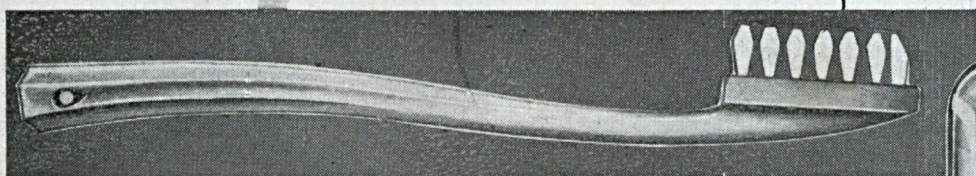


MANTENHA A SUA BÔCA

SEMPRE FRESCA E SADIA USANDO A

TRÍADA BUKOL

Experimente a TRÍADA BUKOL e V. terá resolvido facilmente o problema da higiene perfeita de sua boca! A escova Bukol, tecnicamente preparada, lhe permite atingir todos os dentes, tornando-os limpos e claros. A pasta Bukol, purifica o seu hálito e dá à sua boca a agradável sensação de frescor. E o aromatizante Bukol, refresca, tonifica as gengivas e a mucosa bucal.



**Faça portanto a higiene
total da boca com a**

TRÍADA BUKOL



laboratório capivarol ltda.

RUA BARÃO DE ITAIPÚ, 91 - RIO DE JANEIRO

EDÉSIO
ESTEVEZ
APRESENTA

O FACADINHA



O LADO PERFEITO DA CREATURA HUMANA

— DIALOGO — POR BELARMINO VIANA — ESCRITOR ESPIRITUALISTA

Personagens:

CHIRON e WANIA

Do diálogo em pensamento elevado entre ambos, resultou a compreensão do maior aspecto da vida: o amor.

Chiron procura entrar em contacto com a fonte da bondade, inteligência e valor que descobriu em Wania.

CHIRON — Wania, não te sei transmitir o sentimento que se apodera de mim, quando vejo o teu rosto, quando ouço a tua voz. Que explicação me ofereces?

WANIA — Não pode ser outro sentimento, que o de simpatia comum e passageiro, motivada pelo hábito de viver alegremente nos círculos onde a coqueteria das mulheres atrai a atenção dos homens, nos momentos de festas, de reuniões familiares ou públicas. Tão depressa gostas de um rosto como de outro que ofereça impressão de simpatia.

CHIRON — Não! Não se trata de impressões passageiras em todos nós. Tenho outro sentimento, desconhecido dos apaixonados comuns. O sentimento que me faz olhar para ti não tem lugar nas paixões comuns, onde impressionam as formas e não o espírito. Mulheres e homens são passivos das formas, mas estas são atrativos somente para os olhos. Não é este o sentimento que se apodera de mim ao te ver. São tuas maneiras, é a tua placidez de alma sensível ao afeto, ao valor, à bondade, à inteligência, à beleza. Queria explicar-te com mais clareza o que para mim é a expressão do teu espírito, do teu rosto.

Wania — Também percebo, em certos momentos, o sentimento de que falas, e às vezes sinto-me dele prisioneira. Mas, é tão sutil e passageiro na minha mente, que mal posso retê-lo neste mundo chelo de atitudes mentais decepcionantes, que me fazem lutar por motivos nem sempre agradáveis. Não achas que seremos inúteis ao nosso meio se nos deixarmos entregues a aqueles sentimentos superiores que transcendem os hábitos comuns?

CHIRON — Por certo, Wania. Viver os sentimentos superiores, os da inteligência pura, é difícil. Mas, se já percebemos a sua beleza, como nos poderíamos firmar só nos outros sentimentos que nos expõem a tantas surpresas? É um fato, na vida comum, não sermos donos de nós mesmos. Somos conduzidos sem o sentirmos, pela força dos compromissos produzidos pela ambição, a inveja, a vaidade, o desprezo e a vingança. Por isto, vivemos em choque numa sociedade insatisfeita. Admito Wania, poderes compreender com independência os dois aspectos que movimentam as almas; o da paixão cega e o do belo, do verdadeiro sentimento da evdade. Essa compreensão eu a tenho: é felicidade, é liberdade pelo entendimento.

WANIA — Parece-me certo o que dizes mas não sei pensar continuamente dessa maneira. A cada instante o centro do meu pensamento muda de direção, pousando atitudes opostas, diferentes. — Presumo ser isto a causa da minha insatisfação e incerteza quando me proponho criar algo novo ou sempre que desejo assegurar o sucesso das minhas atitudes. Será que tens a segurança nos teus sentimentos quando realizas os teus propósitos? Gostaria de agir como sugeres para obser-

"É necessário compreender o seguinte nos ensinamentos de Krishna-murti. ELE diz: há duas espécies de realidades: uma horizontal, outra vertical. Uma evanescente, outra eterna. Ambas são manifestadas pela mente do homem. A realidade horizontal significa desejo, vaidade, ódio, ambição, inveja, paixão, crueldade ou ignorância. A realidade vertical significa "compreensão", bondade, afeto, "discernimento, apercebimento", intrepidez, inteligência ou amor. Uma vez apercebido deste ensinamento, está o homem em condições de interpretar sentimentos e ações de outrem". (Belarmino Viana)

var o resultado. Mas, tenho medo de ser prejudicada, de perder tempo, de não acertar, medo do ridículo, quando não puder recompor minha atitude, quando minha ação ultrapassa os meus intentos, as minhas responsabilidades pessoais.

CHIRON — Bem; agora a coisa está clara. Já podes compreender que o teu modo de agir na vida é semelhante ao de uma pessoa que ao atravessar uma floresta profunda e escura, tem que fazê-lo sem uma luz no seu caminho. A vida, sem o sentimento do afeto, sem o uso da inteligência, é semelhante a uma floresta escura, onde o medo supera as surpresas. Só o sentimento de pura beleza nos ajuda a atravessar a floresta da vida, sem amarguras e incertezas. Dos sentimentos de que te falo, resulta a certeza, a segurança, a confiança nas próprias ações. Como pode ter medo e tristeza quem não alimenta suas causas? Certa e firme é a segurança do afeto, da bondade nos espíritos sem paixão pelos aspectos e formas grosseiras da vida. Creio que só pensas nesses sentimentos e a eles te prendes por uma questão de responsabilidade no ambiente, onde te ves prisioneira dos compromissos criados pela sociedade. Não é fato isto. Se pudessemos refletir um pouco verificaríamos que viver num mundo mental de apreensões, criadas por interesses sugeridos pelo próprio meio. Estou te falando de sentimentos não cultivados, mas espontâneos, descobertos por cada um de nós. Depois de termos atravessado caminhos escuros, chegamos aos claros da única verdade: a Beleza do sentimento. Wania, estou apenas tentando uma descrição ante o sentimento que me transmite. Penso que não estás apercebida da tua verdadeira riqueza. Possuindo eu essa percepção, a ti procuro demonstrá-la. Conheço os sentimentos da selva profunda e, escura da vida, mas por eles não estou dominado. Que dirás, ao te afirmar: sinto a serenidade das coisas inefáveis que nos fazem felizes somente por compreendê-las nas outras pessoas? Falo-te com aquele sentimento, com aquela visão da beleza suprema através a qual entrei em contacto com o teu espírito. Nas outras pessoas, procuro sempre o aspecto que em ti encontro. Mas, é muito difícil. Quase todos estão atravessando o emaranhado da dúvida e da tristeza. Vejo, porém, entre os teus sentimentos aqueles de natureza sublimado.

WANIA — Sim, meu amigo. Estamos procurando entender os aspectos mais profundos da vida. Estamos falando mutuamente da natureza das almas. É útil e agradável compreendermos esses motivos que trazem tão tristemente movimentada a existência. Concebo o que me dizes como sendo um novo caminho, uma nova inspiração de liberdade. Sinto aproveitável esse caminho para os que podem pensar um pouco além do co-

(Continúa na página 136)



MIL E QUINHENTOS PRODUTOS CARIO- CAS EXIBIDOS

(Continuação da página 115)

de Menezes; da raça Jersey, ao sr. Luiz Pedro Saisso e da raça Guernsey ao sr. Nelson Corino. Foram concedidas menções honrosas aos criadores general Con-robert Pereira da Costa os srs. Francisco Amond e Jose Morena.

ENCERRAMENTO

Encerrando a Exposição, sr. Heitor Grillo foi homenageado com um churrasco de frango, oferecido pelos avicultores do Distrito Federal, na Fazenda Modelo, durante o qual recebeu manifestações de apreço e agradecimento por parte de diversos lavradores e criadores do sertão carioca reconhecidos à obra da Secretaria e da Prefeitura. A seguir, o Secretário de Agricultura procedeu à distribuição dos prêmios aos expositores.

De Camilo Castelo Branco...

As ações de cada pessoa são boas ou más consoante a maneira como as outras as conceituam.

Em coisas insignificantes é que um verdadeiro amigo se avalia.

Quem pode ver insensivelmente o alheio infortunio, ignora que há dores.

Os abismos só se cavam aos pés de quem os anda palpando.

Onde a vergonha morre, nascem os expedientes des-honrosos.

O homem não acha em si os alívios da razão, quando os vícios lh'a degeneram.



PAPEL PARA JORNAIS, REVISTAS E LIVROS, EM — BOBINAS E FARDOS —

IMPORTAÇÃO E FORNECIMENTO DE "STOCK"

FORNECEDORA DESTA REVISTA



TETO FEITO COM INSULITE



As chapas rijas super-isolantes INSULITE, de fibra de madeira, isolam o calor, frio e ruídos. E' de aplicação fácil, econômica e rápida.

CONSULTEM O NOSSO DEPARTAMENTO TÉCNICO, PEÇAM AMOSTRAS

— S. A. MERCANTIL ANGLO - BRASILEIRA —

RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO

ESCRITÓRIO DA MATRIZ: RIO DE JANEIRO, RUA DA CANDELARIA, 9
6.º ANDAR EDIFÍCIO DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL — TEL.: 43-0920 (mesa)



PERFEITO **BUSTO** *Hormo Vivos*

Produto científico para embelezar os seios. O Hormo Vivos n.º 1 é aconselhado para os seios pequenos ou flácidos (moles) e o Hormo Vivos n.º 2 para os seios grandes, volumosos.

Inofensivo e sadio - Fórmula de absoluta confiança

JOGOS E PASSATEMPOS

Direção de Chô-Chô

4.º TORNEIO — Agosto - Setembro, 1952

22

LOGOGRIFO EM VERSO — 25

2.ª Parte

*

Ele estuda (10-2-3-4-11) qualquer (7-6-3-8-11) coisa deste lado (5-11-3-8-6) do convento (7-11-4) como quem procura (1-9-4-8-11) uma probabilidade.

Ralvo Iltas — Rio

Sabendo que um boticário,
Lindas galinhas criava,
Em seu uso quase diário,
Uma velha o ocupava.

O Homem vivendo tonto, 8-5-10-6-7-8-9-10
Com tanta consulta fútil,
Resolveu, já neste ponto,
De "pancada" ser inútil. 5-4-2

Não achou dificuldade 1-2-3-10-7-9-10
Em despachá-la de vez,
Dizendo toda a verdade,
Na sua crua nudez!

— Frequentemente, lá em casa, 8-2-6-4-9-1
Minhas galinhas — de azar,
Rodam, gritam, batem a asa
E viram de papo pro ar!

— O senhor que tem curado,
O que isto quer dizer?
Diz ele, já amuado:
— Que acabaram de morrer...

João Fogaça (Mendes)

CHARADAS NOVISSIMAS

11

3-1 — A sertaneja não confia em pessoa de ânimo vingativo.

Sinhô — Rio

12

2-2 — A notícia é proveniente de uma facção dissidente da religião protestante.

Dr. Lyn — Rio

13

2-3 — Não passa de um coverde, mas logo termina o seu giro pelas tabernas, transforma-se em valentão.

Lord — Goiânia

14

2-3 — Mais tarde, acabado todo o dinheiro haverá lamentações e palavrado inútil.

Miss Tila — Rio

15

2-2 — Numa esquina, alguém trocava do menino que não acertava no alvo.

Imara — Rio

16

1-3 — O único indivíduo realmente justo que até hoje conheci, era excessivamente delicado.

Telmo — Rio

17

1-2 — Deus é a generosidade em sua expressão mais simples.

Padre Chagas — P. Alegre

CHARADAS SINCOPADAS

18

3 — Só o caminho do bem foi por Jesus indicado. 2

Lord — Goiânia

19

3 — Não tenho ânimo para suportar esta paixão. 2

Mineirinha — B. Horizonte

20

3 — Essa argola de borracha é brinquedo infantil. 2

Paraná — Rio

21

3 — O chistoso foi banhar-se e furtaram-lhe a roupa. 2

Fusinho — Rio

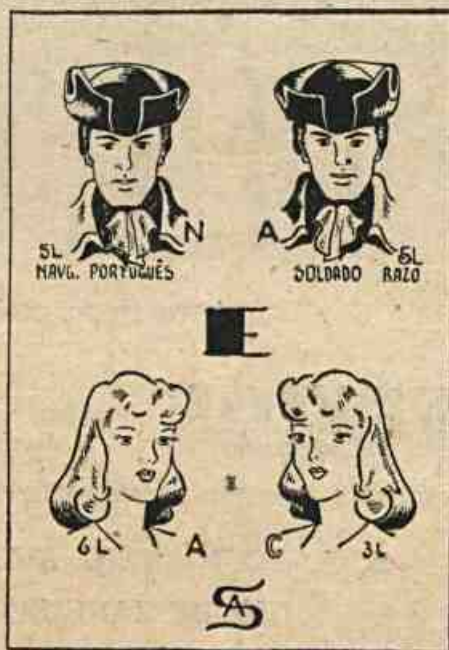
CHARADA EM VERSO — 23

Receba este pagamento — 2
Nem mesmo por pensamento.
Desejo comprar fiado.
Não me "queixa" do vendeiro — 2
Que à prestação, sem dinheiro,
Tem me facilitado.

Euclides Vilar — Campina Grande

ENIGMA FIGURADO — 24

Dr. Zangado — S. Luiz



DR. ZANGADO

MMH

JOGOS E PASSATEMPOS

.Cupão de Inscrição.

Nome

.....

Pseudônimo

Aniversário - Dia Mês

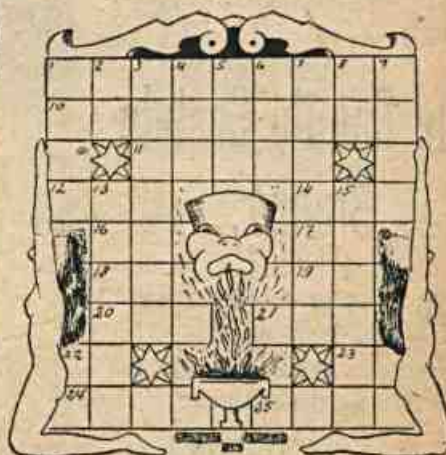
Residência

Cidade

Estado

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N. 2 — Fusinho — Rio



Horizontais: 1 — Estertorar em agonia. 10 — Espécie de carruagem. 11 — Sujeitar, abater. 12 — O vinho. 14 — Íntimo. 16 — Invocação mística dos índios. 17 — Conj. De outro modo. 18 — Contrária à virtude. 19 — Tempo. 20 — Nome próprio masculino. 21 — Paraná, água. 22 — Em psicanálise, o substrato instintivo da psique. 23 — Ninfa convertida em ilha. 24 — Planeta telescópico. 25 — Valente, competente.

Verticais: 1 — Ramo sêco de pinheiro. 2 — Rio da Sibéria. 3 — Vaso de vidro com bojo e gargalo largo (PL). 4 — Planta da fam. das leguminosas Papilionáceas. 5 — sólido prismático. 6 — Jogo antigo. 7 — nome que em Portugal se dá aos crioulos e às pessoas de cor. 8 — De ambos os lados. 9 — Ataque de doença. 13 — Vagabundo. 15 — Mulas. 22 — Suf. equivale a "al"-não. 33 — Ditongo.

Carvalho S/A.

ORGANIZAÇÃO COMERCIAL E IMPORTADORA

Sucessores de CARVALHO & CIA.

FUNDADA EM 1928

CAPITAL REGISTRADO — Cr\$ 40.000.000,00

EDIFÍCIOS ALMARE E ALMARE-ANEXO

Avenida Guararapes, 154

Caixa Postal, 465 — Telegramas: ALMARE

Telefs.: 6130, 7328, 7329, 7217, 6852

Recife — Pernambuco

IMPORTAÇÃO EM GERAL

Arame de Ferro, Aço e Cobre — Cabos de Aço —
Ferro e Aço em Barras. Vergalhões, Cantoneiras,
Chapas Pretas, Galvanizadas, Cobre e Latão.
Tubos de Latão, Cobre, Galvanizados, Pretos para
Vapor e Caldeiras. Eletrodutos — Metais em
Geral — Solda Elétrica — Gachetas de todos os
tipos e dimensões — Aço Rápido para Ferramentas
Motores — Máquinas — Bombas

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

KAISER-FRAZER EXPORT CORPORATION

Automóveis de Luxo das famosas marcas:
KAISER, FRAZER e HENRY J.

AUSTIN MOTOR EXPORT CORPORATION

Automóveis, caminhonetes, ambulâncias e
carros de entrega: **AUSTIN.**

INTERNATIONAL

HARVESTER MÁQUINAS S. A.

Caminhões, Tratores, Máquinas Agrícolas, Moto-
res a Gazolina e Oleo Diesel, Grupos Geradores,
Maquinismo para Construção e Conservação
de Estradas de Rodagem.

**VISITEM AS NOSSAS EXPOSIÇÕES
PERMANENTES**

Materiais de Construção, Azulejos, Louça Sani-
tária, etc. — **EDIFÍCIO ALMARE**

Seção Técnica e International Harvester:—
EDIFÍCIO ALMARE-ANEXO

— * —

FILIAL NO RIO DE JANEIRO

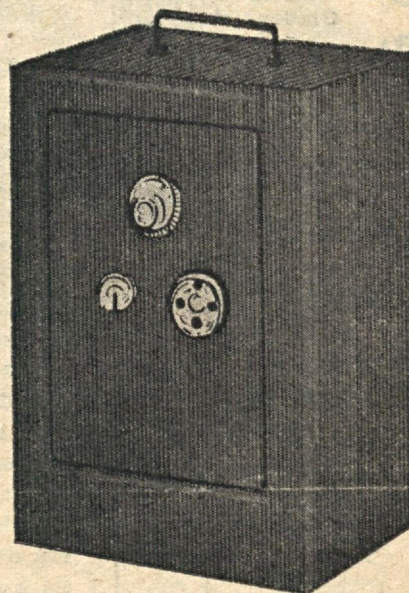
**CARVALHO S/A - ORGANIZAÇÃO COMERCIAL
E IMPORTADORA**

Avenida Rio Branco, 35/37

Distribuidores exclusivos dos automóveis
KAISER-FRAZER-HENRY J.

Banco Comercio e Indústria de Pernambuco S. A.

**UM BANCO DE PERNAMBUCO E PARA
PERNAMBUCO**



COFRE DA INFANCIA

*Uma artistica reprodução em "miniatura" de
um cofre verdadeiro*

**Este cofre é FEITO PARA VOCÊ,
PARA VOCÊ FAZER o futuro do seu
filho-!**

A economia é a base para o futuro

Economizar é enriquecer!

SEDE: — AVENIDA RIO BRANCO, 193

Enderêço Telegráfico **CASAFORTE**

CAIXA POSTAL 444

RECIFE — PERNAMBUCO

TELEFONES:	Gerência	9681
	Inspeção	9745
	Sub-gerência	9024
	Contabilidade	9558
	Geral	9085



"PRIMEIRAS LETRAS"

da COLEÇÃO SETH

CARTILHA PRÁTICA COM
DESENHOS QUE TORNAM
MAIS FÁCIL A ALFABETIZA-
ÇÃO DAS CRIANÇAS E
ADULTOS.

19.^a EDIÇÃO

PREÇO CR\$ 10,00

Distribuidores: S.A. "O MALHO"
Senador Dantas, 15 - 5.^o and.
Rio de Janeiro

LEIAM

"ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA"



Arte e Decoração CORTINAS TAPETES E MOVEIS



A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
65 - RUA DA CARIOCA - 67
RIO

O "83" DE LUIZ BARTOLOMEU

(Continuação da página 36)

— Aquele pobre diabo é doido, mesmo, e assim será capaz de dar cabo da canastra; e eu não quero ficar, a vida inteira, com o remorso de haver contribuído, com a minha recusa, para a sua morte!....

E o "maluco" voltou, sendo aceita sua colaboração como dantes.

MEIO SÉCULO DE TRABALHO

Agora que O MALHO completa seu meio centenário de vida, venho render a homenagem da minha saudade a Luiz Bartholomeu, muito bem representado nas pessoas dos continuadores dos seus esforços — seus sobrinhos Dr. Oswaldo e Antonio de Souza e Silva — bem como à memória do meu prezado mestre Crispim do Amaral, fundador dessa antiga revista, da qual, eu fui, por muitos anos, o encarregado da Caixa... d' O Malho, o temível Dr. Cabuhy Pitanga Neto; Caixa que era o terror dos poetrastros sem poesia e dos prosadores sem gramática.

MEIO SÉCULO DA ACADEMIA

(Continuação da página 42)

refeito do Brasil-Colônia, estamos cada vez mais longe, felizmente, da rigidez arcáica e dos preconceitos iliterários. As nossas Academias nunca foram jardins de Academus: eram apenas oásis num ermo, pequenos oásis da inteligência, e da cultura, em que se reuniam caminheiros sedentos, derredor de uma fonte pro-

CORPO ESBELTO E FACEIRO...

VINHO CHICO MINERO

Não! não faça regime para emagrecer. Tome de hoje em diante Vinho Chico Mineiro, usado há mais de meio século! A pele da pele é natural, não faz mal e não provoca rugas. Basta no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delicadas adquirindo forma elegante independente da mulher moderna.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E
PERSONALIDADE

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de dormir. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, penas e cratos tornando-a lisa, macia, arejada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

CRIOIR A EMBALAGEM VERDE

É sempre-se que o segredo de uma bela
cabeleira sem caspa e

CABELOS BRANCOS
está em

EUTRICHOL ESPECIAL

Experimente-o e verá

MULTIPARMAS

Rua Direita, 181 - 8.^o - S. PAULO
Remessa pelo Recembulo Postal

ROUGE LÍQUIDO

RAINHA DA HUNGRIA

De Almeida Campos

DA ÀS FACES UM ROSADO
INCOMPARÁVEL

À VENDA EM TODA A PARTE

videncial no adolecer inquieto das letras sul-americanas esses grupos abertos ao espírito das novas gerações tentam formar o núcleo de uma tradição literária constituem principalmente oportunidades sociais para o culto do Belo em países novos, onde somente agora começam a enraizar-se os loureiros acadêmicos e atenienses. Somos na realidade os plantadores de uma espécie ultracivilizada, entre os cardos bravios de uma flora inculta.

Dr. UBALDO VEIGA

Especialista em doenças de pele
e sífilis

Chefe desta clínica na Beneficência Portuguesa

CONSULTAS

Rua do Ouvidor, 183-5. - s. 504
Das 2as, 4as e 6as. - Das 10 às 17,30

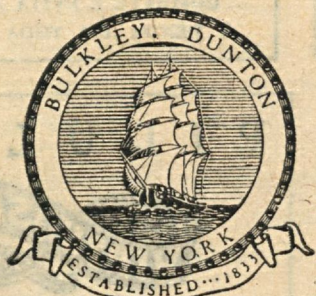
CASEMIRA E TROPICAL

PERI PERI

"O PANO QUE NÃO ACABA"

O P A P E L

couché e imitação couché aplicado neste número foi fornecido por



REPRESENTANTES:

COMP. IMPORTADORA SUECA LTDA.

AV. RIO BRANCO, 39 — Fone 23-0632

— RIO DE JANEIRO —

OBRAS ESCOLHIDAS

De valor excepcional para todas as profissões é o "Vocabulário Técnico", de Francisco J. Buecken, reunindo 20 mil palavras em português, inglês, alemão e francês! Obra de enorme utilidade que honra a nossa cultura e o trabalho patriótico das Edições Melhoramentos! Da mesma consagrada editora são: "Velho S. Paulo", monumento de Afonso de E. Tunay ao 4.º centenário bandeirante, fortemente ilustrado; "Expedição aos Martírios", lenda, história e recreação, do notável escritor Francisco Marins, autor da série Taquara-Poca; "Modelos para bordados em vagonite", álbum que o belo sexo aproveita para execução de blusas, aventais, toalhas... etc.

UM TESOURO PARA A SUA MENTE



LIÇÕES
ROSACRUZES

PEÇA O FOLHETO "EL DOMINIO DE LA VIDA, QUE LHE SERÁ REMETIDO GRATUITAMENTE"

TIS, DIRIGINDO-SE A: - ORDEM ROSACRUZ (AMORC) PARQUE ROSACRUZ SAN JOSÉ, CALIFORNIA, U. S. A.



Todos pedem, todos desejam

"Tiquinho", a revista infantil.

— Nós queremos "Tiquinho" — repetem as crianças de todo o Brasil.

UMA TRADIÇÃO JORNALISTICA...



O LADO PERFEITO DA CRIATURA HUMANA

(Continuação da página 130)

mum. Parece liberto, pela compreensão dos entraves dos que lutam por viverem com inteligência. Embora confusa e perturbada, às vezes compraz-me sentir a presença dos aspectos espirituais de que me falas. Com estes abandonamos as esperanças vãs mas ficamos com a certeza das possibilidades da nossa própria compreensão: o afeto e a bondade. Percebo que a expressão dos sentimentos superiores é tarefa individual, e que, só assim, terão valor os nossos atos. Vejo o teu intuito não é aumentar as nossas crenças, mas despertar a compreensão para o estado comum em quase todas as pessoas: o de paralisia da inteligência. Compreendo, agora, as possibilidades de interpretação diferente para os nossos problemas, sempre ligados aos preconceitos, aos aspectos obscuros da alma.

CHIRON — Acabo agora de receber a prova que esperava do teu espírito. Estava certo de que a tua compreensão não era superficial, presa aos fatos externos da vida. Sempre senti no teu ser uma compreensão não limitada pela posse, mas uma inteligência que é bondade e entendimento das solicitações da vida. Fico alegre por teres descoberto que a grandeza do ser humano está na compreensão, única maneira de obter liberdade e felicidade.

DR. OSWALDO SERRA

da Faculdade Nacional de Medicina.
DOENÇAS DA PELE E SIFILIS.

Tratamento especializado da cutis, cravos, espinhas, manchas da pele, verrugas, sinais congênitos (nevus), extração de pêlos da face.

Tratamento de varizes, úlceras, acromas trônicos e alérgicos urticárias, doenças dos cabelos e unhas.

Tratamento dos angiomatos e cânceres da pele, pelo RÁDIUM (Radioterapia).

ONDAS CURTAS, ULTRA-VIOLETA, INFRA-VERMELHO, NEVE-CARBONICA, DIATERMIA, RÁDIUM.

Consultório — rua 13 de Maio, 23 —
Edifício Darko 7.º andar, salas 723/4
Consultas diárias das 16 às 19 horas
exceto aos sábados



As crianças adoram "Tiquinho"
a revista infantil diferente.

Dê também, hoje, ao seu garotinho,
a revista dos tiquinhos de gente.

CREME DE MASSAGEM RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campus
COMBATE E EVITA AS RUGAS
À VENDA EM TODA A PARTE

PILULAS



[PILULAS DE PAPAÍNA E
PODOPHYLINA]

Empregadas com sucesso nas moléstias do estomago, fígado ou intestinos. Essas pilulas, além de tónicas, são indicadas nas dispepsias, dores de cabeça, moléstias do fígado e prisão de ventre. São um poderoso digestivo e regularizador das funções gastro-intestinaes.

À VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS
Deposítarios:

JOÃO BAPTISTA DA FONSECA
Vidro Cr\$ 5,50 pelo Correio Cr\$ 6,50
Rua Acre, 38 — Rio de Janeiro

O MAIS

DIFÍCIL

FIGURINO, NÃO TEM MAIS SEGREDO

para mim!

MÉTODO DE CORTE E ALTA COSTURA
"TOUTEMODE"
DE ENSINO SEM MESTRE

AUTORIA DO PROFESSOR J. DIAS PORTUGAL

O Método "Toutemode", organizado e impresso em belíssimo livro, magnificamente encadernado, contém cerca de 400 figuras, que esclarecem com facilidade a execução de qualquer modelo de figurino, por mais difícil que pareça, acompanhando o texto com claras e simples explicações.

Lições completas sobre vestidos, golas, mangas, pijamas, casacos simples e de "tailleurs", "manteaux", roupas de crianças, roupa branca de senhoras, pontos de adorno e roupa branca para homem.

O preço de cada exemplar do livro, com excelente encadernação, é de Cr\$ 150,00

A venda em todas as Livrarias do Brasil.

PEDIDOS AOS EDITORES: — "S/A. O MALHO" Rua Senador Dantas, 15, 5.º andar Caixa Postal, 880 — RIO
Enviamos pelo Reembolso - Postal.

O Prof. J. Dias Portugal, autor desta importante obra, mantém Cursos por Correspondência e nas Academias "Toutemode", com diplomas para Modistas e Professoras. R. Ramalho Ortigão, 6, 1.º andar. Telefone 22-8635 — RIO DE JANEIRO



O PREPARADO QUE DA'

"It"

esse não-sei-quê
maravilhoso e fascinante,
segredo do sucesso feminino,
entre nós celebrizou-se através
do Leite de Rosas, o preparado
que servindo à mulher em
todos os seus cuidados de
beleza, proporciona-lhe
ainda aquele misto
indefinível de graça
e sedução.

Envolve-se
no "it" de uma
pele perfumada e macia
e seja também
um tipo
- Leite de Rosas -

LABORATORIOS LEITE DE ROSAS LTDA. - RUA SÃO LUZ GONZAGA, 2085
TELEFONE: 48-7660 — RIO DE JANEIRO

Gráfica Pimenta de Mello Ltda. — RIO.